UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – UCS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO - UniRitter
PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS – ASSOCIAÇÃO AMPLA UCS/UniRitter

ROBERTO ROSSI MENEGOTTO

ENTRE O FAZER ARTÍSTICO E O CONTEXTO POLÍTICO: A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS EM JORNAIS DE CAXIAS DO SUL (1951-2000)

CAXIAS DO SUL
2021

ROBERTO ROSSI MENEGOTTO

ENTRE O FAZER ARTÍSTICO E O CONTEXTO POLÍTICO: A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS EM JORNAIS DE CAXIAS DO SUL (1951-2000)

Tese submetida ao Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter – como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Miranda Alves

CAXIAS DO SUL

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

M541e Menegotto, Roberto Rossi

Entre o fazer artístico e o contexto político [recurso eletrônico] : a história das histórias em quadrinhos em jornais de Caxias do Sul (1951-2020) / Roberto Rossi Menegotto. – 2021.

Dados eletrônicos.

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul em associação ampla UniRitter, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

Orientação: Márcio Miranda Alves.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: https://repositorio.ucs.br

1. Jornais - Caxias do Sul - História. 2. Histórias em quadrinhos. 3. História social. I. Alves, Márcio Miranda, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 070(816.5)(091)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

Entre o fazer artístico e o contexto político: a história das histórias em quadrinhos em jornais de Caxias do Sul (1951-2000)

Roberto Rossi Menegotto

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras. Área de Concentração: Leitura e Linguagens. Linha de Pesquisa: Leitura e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 11 de agosto de 2021.

Banca Examinadora:

Participação via videoconferência
Dr. Márcio Miranda Alves
Universidade de Caxias do Sul

Participação via videoconferência
Dr. Douglas Ceccagno
Universidade de Caxias do Sul

Participação via videoconferência
Dr. Nataniel dos Santos Gomes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Participação via videoconferência
Dr. Paulo Eduardo Ramos
Universidade Federal de São Paulo

Participação via videoconferência
Dra. Raquel Bello Vásquez
Centro Universitário Ritter dos Reis

Participação via videoconferência
Dr. Roberto Radünz
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo subsídio financeiro para a pesquisa e por oportunizar a minha formação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Márcio Miranda Alves, pela dedicação, incentivo, paciência e amizade ao longo de todo o percurso.

Ao Prof. Dr. João Claudio Arendt, pela amizade e por despertar, em mim, o amor pela academia.

Ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, por me receber com gentileza e fornecer as fontes de pesquisa.

Ao Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter, por acreditar nesta pesquisa e me dar a oportunidade de colocá-la em curso.

Aos excelentes professores, que compartilharam seus saberes e suas experiências comigo.

Aos colegas do Programa de Doutorado em Letras- Associação Ampla UCS/UniRitter, pelo compartilhamento de aprendizados e de divertimentos.

Aos amigos e familiares, que me apoiaram até o final.

A todos os outros que, de algum modo, contribuíram para a realização deste trabalho.

É hora de os quadrinhos nivelarem as balanças, verem o mundo e alargarem seus horizontes. E é hora, a começar por agora, de um novo conjunto de sonhos encontrar novos caminhos rumo a uma nova geração, numa forma além da imaginação.

Scott McCloud

RESUMO

A presente tese investiga a publicação de histórias em quadrinhos em jornais de Caxias do Sul, entre 1951 e 2000, com vistas a contribuir para o estudo sobre a relação entre HQs de temática socioeconômica e o processo histórico brasileiro. Inicialmente, a partir da conceituação de História Cultural, História do Tempo Presente e História Pública, bem como de um breve panorama da história das histórias em quadrinhos, realiza-se um mapeamento da impressão de HQs nos jornais do município, desde a inicial, em 1951, até o final do ano 2000. Após, é executada a análise do *corpus* levantado em três categorias: narrativas com temática socioeconômica referentes a eventos de escala mundial; histórias com temática socioeconômica relativas a acontecimentos brasileiros; e histórias em quadrinhos com temática socioeconômica relacionadas ao Rio Grande do Sul. Para tanto, busca-se estabelecer relações entre o contexto histórico, social e cultural das HQs destacadas e os jornais em que foram publicadas, a fim de verificar a forma como essas narrativas abordaram os eventos históricos do período. O aporte teórico é multidisciplinar, contemplando Estudos Literários, História, Sociologia, Comunicação Social e Artes Visuais. Os resultados obtidos permitem considerar que, por meio de disciplinas históricas que lançam um olhar atento às manifestações culturais, as histórias em quadrinhos são capazes de revelar a História de um espaço cultural, como o de Caxias do Sul. Ademais, tomadas como práticas culturais, as HQs atuam como representações do real, passíveis de manifestar as percepções que certos participantes desse espaço fazem acerca da realidade que os rodeia.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos em Caxias do Sul. História econômica e social. Jornais de Caxias do Sul.

ABSTRACT

This thesis investigates the publishing of comics on Caxias do Sul's newspapers, between 1951 and 2000, with the intention to contribute with the studies of the relation of socioeconomic themed comics and the Brazilian historic process. Initially, from the conceptualization of New Cultural History, History of the Present and Public History, as well as a short history of comics, it is made a mapping of the printing of comics on the town's newspapers, from the first one, in 1951, to the end of 2000. After that, the *corpus's* analysis is done, dividing into three categories: socioeconomic themed narratives related to worldwide events; socioeconomic themed narratives related to Brazilian happenings; and socioeconomic themed narratives related to Rio Grande do Sul. For this purpose, connections are established between the historical, the social and the cultural contexts of the highlighted comics and the newspapers on which they were published, in order to verify the how these narratives approach the historical events of the period. The theoretical basis is multidisciplinary, including Literary Studies, History, Sociology, Social Communication and Visual Arts. From the results, one can considerer that, based on cultural approached historical methods, comics are capable of revealing the History of a cultural space, like Caxias do Sul's. Furthermore, taken as cultural practices, comics act as representations of reality, being able to manifest the perception that participants of said space make of the actuality.

Keywords: Comics in Caxias do Sul. Social and economic History. Caxias do Sul's newspapers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - *M. Vieux-Bois*, de Rodolphe Töppfer 32
Figura 2 – *O garoto amarelo*, em preto e branco 33
Figura 3 – *Um contrato com Deus e outras histórias de cortiço*, de Will Eisner 36
Figura 4 – Página da primeira história em quadrinhos em um jornal de Caxias do Sul. 55
Figura 5 – *Boletim Eberle*, agosto de 1956 57
Figura 6 – "Histórias verídicas: a libertação da Guatemala" 58
Figura 7 – Críticas sociais em tempos de ditadura militar 62
Figura 8 – Mafalda nas páginas do *Jornal de Caxias* 63
Figura 9 – Quadrinhos inofensivos no *Correio Riograndense* 64
Figura 10 – A estreia de Radicci 66
Figura 11 – Quadrinhos no "Editorial" do *Correio Riograndense* 67
Figura 12 – Diversidade temática em *Folha de Hoje* 69
Figura 13 – Caxias do Sul como pano de fundo para aventuras 70
Figura 14 – *Radicci* e *Os bichos* no *Pioneiro* 73
Figura 15 – Quadrinhos na *Folha de Hoje* 74
Figura 16 – Tirinhas na *Folha do Sul* 75
Figura 17 – Biografia de Mark Twain – primeira e segunda partes 81
Figura 18 – Biografia de Eisenhower – sétima e oitava partes 83
Figura 19 – *Correio Riograndense*, 25/02/1953 85
Figura 20 – *Zé Caipira* e os terrores do comunismo 87
Figura 21 – Zé Caipira e a resistência aos soviéticos 89
Figura 22 – Resistência ao comunismo no mundo 90
Figura 23 – Risco ao *Correio Riograndense* 91
Figura 24 – O *Correio Riograndense* e a má imprensa 93
Figura 25 – A anatomia expressiva em *Zé Caipira* 96
Figura 26 – Capa do *Correio Riograndense*, 15 de abril de 1959 98
Figura 27 – A primeira crítica quadrinizada ao governo 107
Figura 28 – A inflação em foco, 1979 108
Figura 29 – A inflação em foco, 1982 108
Figura 30 – A primeira publicação após o fim da ditadura 111
Figura 31 – Descrença com a nova Constituinte, 1986 114
Figura 32 – Descrença com a nova Constituinte, 1987 115

Figura 33 – Descrença com a nova Constituinte, 1988 116
Figura 34 – Críticas à decadência econômica, 1986 118
Figura 35 – Críticas à decadência econômica, 1988 119
Figura 36 – Críticas à decadência econômica, 1989 119
Figura 37 – A insatisfação com José Sarney, 1987 121
Figura 38 – A insatisfação com José Sarney, 1988 122
Figura 39 – As eleições de 1989 – suplemento infantil “PioneiriM” 123
Figura 40 – As eleições de 1989 - rejeição a Collor 124
Figura 41 – A crise no período Collor, 1991 125
Figura 42 – Violência e insegurança em Caxias do Sul, 03/05/1975 130
Figura 43 – Pietà, na Igreja São Pelegrino 131
Figura 44 – Violência em Caxias do Sul e a chegada da Pietà 132
Figura 45 – A imagem negativa de Caxias do Sul – 28/06/1975 133
Figura 46 – O surgimento de Blequinho 134
Figura 47 – Insegurança em Caxias do Sul 135
Figura 48 – A luta pela reforma agrária 139
Figura 49 – A esperança pela reforma agrária 140
Figura 50 – A vagareza da reforma agrária 141
Figura 51 – Críticas ao governador, 1985 144
Figura 52 – A disputa pelo governo do RS, 1986 146
Figura 53 – Confusão com as eleições municipais, 1985 149
Figura 54 – *Tata e Lino*, em *O Pellegrino* 150
Figura 55 – Eleições municipais no fim do milênio, 2000 151

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Publicações em jornais caxienses na década de 1950 60
Quadro 2 – Publicações em jornais caxienses na década de 1960 60
Quadro 3 – Publicações em jornais caxienses na década de 1970 71
Quadro 4 – Publicações em jornais caxienses na década de 1980 71
Quadro 5 – Publicações em jornais caxienses na década de 1990 76
Quadro 6 – Publicações em jornais caxienses no ano 2000 76

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14

2 HISTÓRIA CULTURAL, HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E HISTÓRIA PÚBLICA: AO PÚBLICO O QUE É (DO) PÚBLICO 23

2.1 QUADRINHOS COMO PRÁTICA E REPRESENTAÇÃO DE UMA CULTURA 32

3 CAXIAS DO SUL: UMA VISÃO GERAL 46

3.1 O INÍCIO DO JORNALISMO NA CIDADE E O PRIMEIRO QUADRINHO PUBLICADO 50

3.1.1 Décadas de 1950 e 1960 56

3.1.2 Décadas de 1970 e 1980 61

3.1.3 Década de 1990 e ano 2000 72

4 POR UM MUNDO MELHOR: QUADRINHOS FORMADORES DE "CIDADÃOS DE BEM" 79

4.1 QUADRINHOS BIOGRÁFICOS NO *CORREIO RIOGRANDENSE* E NO *PIONEIRO* . 79

4.2 QUADRINHOS ANTICOMUNISMO NO *CORREIO RIOGRANDENSE* 85

5 NARRATIVAS DE UM BRASIL EM COLAPSO 100

5.1 CENSURA: A PUBLICAÇÃO DE QUADRINHOS DURANTE O PERÍODO DA DITADURA 101

5.2 PAÍS SEM RUMO: A PUBLICAÇÃO DE QUADRINHOS APÓS O REGIME MILITAR 110

6 O RIO GRANDE DO SUL EM PAUTA 128

6.1 VIOLÊNCIA URBANA EM CAXIAS DO SUL 129

6.2 REFORMA AGRÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL 136

6.3 POLÍTICA ESTADUAL 142

6.4 ELEIÇÕES MUNICIPAIS 147

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 153

REFERÊNCIAS 160

APÊNDICE A – TABULAÇÃO DO LEVANTAMENTO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS EM TODOS OS JORNAIS DO SÉCULO XX, EM CAXIAS DO SUL 168

ANEXO A – BIOGRAFIA DE MARK TWAIN EM QUADRINHOS 186

ANEXO B – BIOGRAFIA DE DWIGHT EISENHOWER EM QUADRINHOS 187

ANEXO C – *ZÉ CAIPIRA* 191

1 INTRODUÇÃO

Para delimitar o emprego do termo "história em quadrinhos", Will Eisner[1] (2010) cunhou a expressão "arte sequencial". Segundo o autor, isso ocorre a partir da utilização de imagens[2] e símbolos que, quando ordenados em sequência, passam a fazer sentido dentro de um sistema mais complexo, como uma narrativa em quadrinhos. Scott McCloud (2005) concorda com Eisner ao afirmar que, tomando individualmente um único quadro, ele não passa de desenhos. Porém, em um conjunto de dois ou mais, eles ganham a denominação de história em quadrinhos. Tal como qualquer outra forma de narrativa ficcional, os quadrinhos são estruturados por elementos como narrador, enredo, personagem, espaço e tempo, além, principalmente, do desenho. Eisner (2010, p. 2) afirma que "as regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente." Ainda, para McCloud (2005), a diferença entre histórias em quadrinhos e desenhos animados ocorre na disposição das ilustrações no espaço-tempo. Apesar de ambos serem compostos por imagens em quadros sequenciais, os desenhos que compõem uma animação ocupam o mesmo espaço no tempo, enquanto as figuras das HQs são justapostas em sua ordenação.

Porém, essas são apenas algumas das definições atribuídas aos quadrinhos. Cada vez mais tomados como objetos de estudos relevantes ao meio acadêmico, os *comics* recebem outras delimitações – algumas menos, outras mais abrangentes –, conforme o olhar de diferentes pesquisadores.

Roman Gubern (1979, p. 107) entende que o quadrinho é "uma estrutura narrativa formada pela sequência progressiva de pictogramas, nos quais podem se integrar elementos de escrita fonética[3]." Para ele, "estrutura narrativa" pressupõe, obrigatoriamente, uma sequencialidade inerente, atribuída por indicadores perceptíveis nos pictogramas, que são um "conjunto de signos icônicos que representam graficamente o objeto ou objetos que se intenciona designar" (GUBERN, 1979, p. 108). Já por "elementos de escrita fonética", Gubern

[1] Autor mais proeminente do mundo das histórias em quadrinhos, Will Eisner ganhou notoriedade ao escrever e ilustrar, entre 1940 e 1952, o herói *The Spirit* para diversos jornais americanos, além de se dedicar a treinar e profissionalizar novos quadrinistas. Em 1988 foi criado, em sua homenagem, o *The Will Eisner Comic Industry Awards*, que premia, anualmente, os melhores quadrinistas do planeta e inclui o Hall da Fama dos quadrinhos. Não parou de desenhar até a sua morte, em 2005, aos 88 anos. A trajetória do autor será tratada com mais detalhes no capítulo 2 desta tese.

[2] Para Will Eisner (2013, p. 19), em uma história em quadrinhos, "uma 'imagem' é a memória de um objeto ou experiência gravada pelo narrador fazendo uso de um meio mecânico (fotografia) ou manual (desenho)."

[3] No original: "Estructura narrativa formada por la secuencia progresiva de pictogramas, en los cuales pueden integrarse elementos de escritura fonética."

afirma que não são obrigatórios, visto a variedade de histórias “mudas”, mas, caso estejam presentes, devem estar integrados aos pictogramas.

Outro nome expressivo dos estudos sobre histórias em quadrinhos, Thierry Groensteen (2015) contesta as definições que tentam delinear excessivamente os elementos constitutivos das HQs, pois, para ele:

> toda generalização teórica cai nas armadilhas do dogmatismo. Longe de querer defender uma escola, urna época ou colocar uma corrente contra a outra, ou ainda de prescrever uma receita, empenhar-me-ei em reconhecer a diversidade das histórias em quadrinhos e poupar minha reflexão de todo caráter normativo (GROENSTEEN, 2015, p. 31).

O autor elabora o princípio da solidariedade icônica, condição essencial para que uma mensagem visual possa ser percebida como uma história em quadrinhos. Para ele, todas as HQs podem ser descritas como um sistema de ícones separados, mas solidários. Desse modo, Groensteen abdica de expandir excessivamente suas considerações, optando por tentar trazer à tona uma raiz comum a todas as histórias em quadrinhos, sejam quais forem as temáticas ou mecanismos utilizados na narrativa.

Moacy Cirne (2000) tem o mesmo entendimento da sequencialidade das imagens, mas sua definição de histórias em quadrinhos vai além, e coloca um protagonismo no próprio leitor, em que somente ele é capaz de promover a verdadeira realização de uma narrativa:

> Quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas. O lugar significante do corte – que chamaremos de corte gráfico – será sempre o lugar de um corte espácio-temporal, a ser preenchido pelo imaginário do leitor. Eis aqui a sua especificidade: o espaço de uma narrativa gráfica que se alimenta de cortes igualmente gráficos. [...] Isto é, seu espaço narrativo só existe na medida em que se articula com os cortes, que, assim, seriam redimensionados pelo leitor (CIRNE, 2000, p. 23-24).

Ao inserir o leitor como peça-chave, Cirne acrescenta um novo grau de complexidade ao gênero. Não somente as HQs são observadas pelo conteúdo impresso: particularidades comportadas pelo próprio ser humano devem ser acrescidas à observação, como questões culturais, sociais e psicológicas, desvelando uma infinidade de possíveis análises e acrescentando novos tópicos ao debate da definição de histórias em quadrinhos.

Mesmo com diferenças entre suas interpretações acerca do gênero, existe um ponto de convergência entre os autores apresentados anteriormente: o fato de que charges não fazem parte da categoria das histórias em quadrinhos. Apesar de serem constituídas de desenhos e/ou,

por textos, elas não dispõem da sequencialidade de imagens que caracterizam os movimentos espaço-temporais entre quadros.

Contrário às delimitações anteriores, Edgard Guimarães (2005) entende que as histórias em quadrinhos são muito mais abrangentes em relação ao que deve ser considerado parte do gênero. Para ele:

> História em Quadrinhos é a forma de expressão artística que tenta representar um movimento através do registro de imagens estáticas. Assim, é História em Quadrinhos toda produção humana, ao longo de toda sua História, que tenha tentado narrar um evento através do registro de imagens, não importando se esta tentativa foi feita numa parede de caverna há milhares de anos, numa tapeçaria, ou mesmo numa única tela pintada. Não se restringe, nesta caracterização, o tipo de superfície empregado, o material usado para o registro, nem o grau de tecnologia disponível (GUIMARÃES, 2005, p. 6).

Além disso, para Guimarães, novamente contrário aos teóricos apresentados até este ponto, fazem parte da categoria de histórias em quadrinhos até mesmo fotonovelas, charges e caricaturas.

Como se vê, a formalização dos estudos desse gênero híbrido oferece diferentes perspectivas e pontos de partida. De todo modo, consideraremos Edgard Guimarães como um ponto fora da curva e, ao longo desta tese, tomaremos a base teórica dos autores concordantes para sustentar os nossos argumentos em relação às histórias em quadrinhos.

No princípio de sua, ainda, curta existência, as HQs foram tomadas como simplistas e desprovidas de qualquer profundidade. Em razão de inúmeros estigmas – que serão detalhados no decorrer desta tese –, os *comics* sofreram rejeições, censuras e imposições esdrúxulas, fazendo com que a academia, tardiamente, lançasse um olhar sério e dedicado ao gênero. Embora houvesse princípios de teorizações ainda no século XIX, foi somente a partir de meados década de 1960 que ocorreu o início, mesmo que tímido, de uma pluralidade de estudos dedicados à valorização do meio e que não perderam o ímpeto até a contemporaneidade, agregando cada vez mais participantes de diferentes áreas do conhecimento. Antonio Luiz Cagnin (2014) entende que a leitura de histórias em quadrinhos não é limitada a uma única maneira: é dependente da perspectiva a ser tomada para o estudo. Segundo o autor, elas podem ser observadas sob o ponto de vista literário, histórico, psicológico, sociológico, didático, estético e/ou publicitário. Percebe-se, então, que o próprio enraizamento híbrido do gênero requere a participação de outras disciplinas para haja eficácia no projeto a ser empreendido.

Qualquer estudo sobre histórias em quadrinhos, seja qual a perspectiva tomada, tem aspectos culturais indissociáveis em sua base, visto que autores e leitores fazem parte de um

espaço cultural. Tomando a asserção de Edward Burnett Tylor (2009, p. 55), quando afirma que cultura, "tomada em seu mais amplo sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade", pode-se considerar as histórias em quadrinhos como legítimas produções culturais. Caracterizam-se como representações que autores criam, influenciados por suas próprias percepções da realidade do espaço onde se manifesta determinada cultura. Após, são disponibilizadas a leitores participantes daquele ou de outros espaços culturais, onde passam a integrar o conjunto de bens constituintes do arcabouço cultural. Segundo Antonio Candido,

> O escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público (CANDIDO, 2000, p. 74).

Apesar de a existência de histórias em quadrinhos datar de um período de quase 70 anos anterior à sua popularização, foi exatamente a percepção de uma oportunidade de mercado que fez com que o gênero fosse difundido em jornais estadunidenses, no final do século XIX, e tivesse sucesso quase imediato com o público leitor. A partir daquele momento, graças à mídia impressa jornalística, as HQs passaram a integrar o espaço cultural, tornando-se parte constituinte de processos modificadores da paisagem. Conforme Néstor Canclini (2008), os *comics* são um componente central da cultura contemporânea, aliando, de forma inovadora, a cultura icônica e a literária, e participando da arte e do jornalismo.

É na relação entre histórias em quadrinhos e jornais que reside o ponto de partida desta tese. De modo geral, a função do jornalismo é múltipla; desde a sua atuação como forma de vigilância dos poderes do Estado, na forma de difusão pública de informações acerca dos agentes de poder, passando por noticiar e analisar fatos sobre acontecimentos de interesse público, levantar questões úteis e problemáticas e, até mesmo, entreter o público leitor. Conforme Francisco Rüdiger:

> O jornalismo pode ser conceituado como uma prática social ligada ao movimento de posição da esfera pública; ou seja, dos processos de formação e informação da chamada opinião pública em uma sociedade. Destarte, conviria visualizá-lo sem lentes essencialistas; fugir dos juízos de princípio, que o rotulam ora de meio de manipulação, ora de meio de esclarecimento. Como atividade inserida em um campo de relações de poder, o jornalismo, sem dúvida, não pode ser dissociado desses

> aspectos, mas esses não lhe são intrínsecos, provindo antes do sentido conferido à práxis humana em cada época histórica (RÜDIGER, 2003, p. 121).

Assim, o conteúdo impresso em um jornal – não somente o de teor noticioso –, está intimamente ligado às práticas culturais de uma sociedade, atendendo, geralalmente, às demandas de uma comunidade ávida por tópicos relacionados e socialmente pertinentes à paisagem cultural em que está inserida. Não somente isso, mas o jornalismo também pode ser entendido como fundamentalmente relevante para a disseminação cultural, visto que abre caminho para que habitantes de diferentes espaços tornem-se conscientes das diferenças existentes e transitem livremente entre as fronteiras culturais, assumindo novas identidades e incorporando significações provenientes de culturas diversas (BURKE, 2003). De acordo com Kenia Maria Menegotto Pozenato e Loraine Slomp Giron (2004, p. 13), "as sociedades diferenciam-se na proporção das diferenças de suas culturas, e o grande papel dos veículos de comunicação é a divulgação dessas especificidades culturais. Hoje, são múltiplos esses veículos, que abrangem desde um simples panfleto até a internet."

Desse modo, tomando-se as publicações de histórias em quadrinhos em jornais de Caxias do Sul, pode-se perceber que, em grande número, a temática foi influenciada por acontecimentos relacionados ao momento histórico vivenciado pela sociedade, em relação direta com a pauta do próprio periódico em que estão impressas. Essas narrativas, muitas vezes por meio do humor, entretêm o público, mas, também, atuam como um complemento da visão editorial, reforçando a mensagem presente nas páginas do jornal. Por outro lado, apesar da pluralidade de estudos realizados com base em jornais de Caxias do Sul, verifica-se a ausência de uma pesquisa que tome as histórias em quadrinhos como eixo central de abordagem.

A pesquisa proposta nesta tese é de caráter inédito em Caxias do Sul. Embora as histórias em quadrinhos estejam consolidadas nos jornais da cidade, faz-se necessário um estudo do caminho percorrido por essa forma artística, desde a primeira vez em que foram publicadas no município, até sua posterior assiduidade no meio sociocultural. Além disso, entende-se que um olhar analítico sobre as HQs pode revelar aspectos fundamentais para compreender a influência da paisagem cultural no percurso trilhado para a concepção das temáticas das narrativas no decorrer dos anos.

Ademais, analisando-se o *corpus* proposto como escopo desta tese – o qual detalharemos na sequência –, averiguou-se a pluralidade de narrativas quadrinizadas com temática relacionada a questões socioeconômicas, cada qual influenciada pela paisagem cultural da época histórica de sua publicação. Tendo em vista a importância das histórias em quadrinhos como forma artística e comunicacional, além da difusão desse gênero em jornais

publicados em Caxias do Sul, questiona-se: de que forma a veiculação de histórias em quadrinhos de temática socioeconômica, em jornais de Caxias do Sul, entre 1951 e 2000, relaciona-se com o processo histórico brasileiro? Por sua vez, o objetivo principal desta tese é investigar a veiculação de histórias em quadrinhos em jornais de Caxias do Sul, entre 1951 e 2000, com vistas a verificar a publicação de narrativas de temática socioeconômica e a relação com o processo histórico brasileiro.

Para tal, ao longo de dois anos, entre agosto de 2017 e junho de 2019, realizou-se uma pesquisa em fontes primárias caracterizadas por todo o acervo de jornais disponíveis no Centro de Memória, da Câmara Municipal de Caxias do Sul[4], que reúne mais de 500 mil páginas correspondentes a 71 jornais da cidade, publicados a partir de 1897, no início da impressão do primeiro periódico na cidade. Propôs-se que fossem investigados todos os jornais disponíveis no acervo para que não houvesse falhas na determinação da origem das histórias em quadrinhos em jornais de Caxias do Sul. Após tal levantamento, determinou-se o ano de 1951 como o marco zero da publicação de HQs no município, conforme será detalhado no capítulo 3 desta tese. Além disso, optou-se por delimitar o *corpus* até o final do ano 2000, em razão de ser um ano simbólico referente ao fim do século XX e que, de toda forma, permite a análise de quase meio século de publicações – de 1951 a 2000. É evidente que a pesquisa poderia avançar além desse ponto, mas entendemos que o período proposto abrange uma grande lacuna temporal e é capaz de sustentar este estudo, oferecendo uma excelente perspectiva acerca da investigação empreendida. Cabe esclarecer, também, que a pesquisa não incorporou a publicação de charges, visto que, considerando as definições propostas pela maioria dos autores referenciados no início desta Introdução, há a necessidade da sequencialidade de dois ou mais enquadramentos para se constituir uma HQ. Da mesma forma, a investigação não englobou histórias em quadrinhos de cunho publicitário ou propagandista, visto que resultaria em um desvio teórico – direcionado às Teorias da Comunicação e da Publicidade e Propaganda –, externo ao que é proposto nesta pesquisa. Outro ponto a ser ressaltado é o de que esta tese trata somente das HQs publicadas, não de seus autores. Tal escolha ocorreu em razão da ausência de identificação de autoria ou da ilegibilidade das assinaturas em muitos dos quadrinhos publicados. O único autor mencionado será Carlos Henrique Iotti, visto que *Radicci*, sua principal criação, teve – e ainda tem – grande reconhecimento popular no espaço cultural, resultando na incorporação do personagem a representações sociais da cultura de Caxias do Sul.

[4] Fonte: CÂMARA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. *Centro de memória.* Disponível em: http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/. Acesso em: 15 ago. 2017.

Destacamos, ainda, que os objetivos específicos definidos para guiar esta pesquisa são: mapear e organizar a publicação de histórias em quadrinhos em jornais de Caxias do Sul, entre 1951 e 2000; organizar, em categorias, e analisar a publicação de histórias em quadrinhos de temática socioeconômica em jornais de Caxias do Sul, entre 1951 e 2000; discutir a relação entre histórias em quadrinhos e produção de conteúdo em jornais de Caxias do Sul, entre 1951 e 2000.

Para alcançar tais objetivos, optou-se por investigar o conteúdo do *corpus* segundo a análise por categorias descrita por Laurence Bardin (2016):

> Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida, eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples (BARDIN, 2016, p. 2001).

Após a reunião do *corpus*, que reuniu mais de 270 histórias em quadrinhos[5], foram selecionadas três categorias de abrangência das histórias em quadrinhos com temáticas socioeconômicas, percebidas como as mais significativas – abrangência mundial; abrangência nacional; e abrangência regional – para, individualmente, estruturarem o terceiro, o quarto e o quinto capítulo desta tese. Ademais, definiu-se uma abordagem pelo viés de três formas de pesquisa histórica voltadas à cultura, visto que a produção de histórias em quadrinhos pode ser compreendida como uma prática cultural, não participando diretamente dos grandes eventos que constituem a produção de história tradicional, mas, ainda assim, sendo influenciada diretamente por eles.

O segundo capítulo, "História Cultural, História do Tempo Presente e História Pública: ao público o que é (do) público" aborda os princípios, vantagens e desvantagens das modalidades de pesquisa histórica escolhidas para guiar esta tese, além de expor alguns dos momentos-chave da trajetória das histórias em quadrinhos – desde a sua criação até a consolidação como prática cultural de massa.

No terceiro capítulo, "Caxias do Sul: uma visão geral", observa-se o início do exercício do jornalismo em Caxias do Sul, retomando o contexto da criação dos dois principais periódicos

[5] Cabe informar que, com a consolidação da publicação de histórias em quadrinhos durante a década de 1990, reunimos apenas 10 por ano no jornal diário *O Pioneiro*. Caso contrário, o número de HQs reunidas para o *corpus* saltaria para mais de 1000, sem acréscimo qualitativo à pesquisa, conforme a nossa avaliação do material.

da cidade: *Correio Riograndense* e *Pioneiro*. Por fim, mapeia-se a publicação de histórias em quadrinhos em todos os jornais do município, desde a primeira impressão, em 1951, até o encerramento do século XX.

A pesquisa tem prosseguimento no quarto capítulo, intitulado "Por um mundo melhor: quadrinhos formadores de 'cidadãos de bem'". Nele, discutimos a campanha anticomunismo realizada pelo *Correio Riograndense* na década de 1950, bem como a publicação de uma história com tal temática, intitulada *Zé Caipira*. No mesmo capítulo, abordamos a série quadrinizada de narrativas biográficas intituladas *Histórias Verídicas*, no *Pioneiro* e no *Correio Riograndense*, na mesma década, e a relação com a linha editorial adotada pelos periódicos. Na argumentação dos quadrinhos analisados, apresentaremos um breve panorama histórico do período e a forma com que as narrativas selecionadas representam os eventos discutidos.

No quinto capítulo desta tese, "Narrativas de um Brasil em colapso", tomam-se histórias em quadrinhos de quatro diferentes jornais – *Correio Riograndense*, *Folha de Caxias*, *Jornal de Caxias* e *Pioneiro* –, nos períodos pré e pós-ditadura militar, para analisar a forma com que essas narrativas representam o cenário socioeconômico do momento histórico enfrentado pelo Brasil, desde o início das críticas, ainda durante a vigência da censura aos jornais, passando pela retomada do regime democrático e culminando nas eleições presidenciais de 1989.

Por fim, no sexto capítulo, intitulado "O Rio Grande do Sul em pauta", a análise será, novamente, voltada a HQs dos jornais *Correio Riograndense*, *Folha de Caxias*, *Jornal de Caxias* e *Pioneiro*. Porém, desta vez, a investigação será sobre narrativas que abordam temas relacionados a fatos ocorridos dentro das fronteiras gaúchas. São destacadas quatro instâncias – de certa forma, isoladas tematicamente – para realizar, em uma observação panorâmica, a (re)construção da realidade social por meio por narrativas relacionadas a eventos que, sob o viés de outras técnicas de escrita histórica, poderiam ser suprimidas da História.

Para que este estudo seja eficaz, optou-se por buscar amparo bibliográfico multidisciplinar oriundo de Estudos Literários, História, Jornalismo, Artes Visuais e Sociologia, com autores como: Antonio Candido (2000), Boris Fausto (2006), Carlos Fico (2002, 2004), Dan Mazur e Alexander Danner (2014), Enrique Serra Padrós (2009), François Bédarida (1998), François Dosse (2017), Glaucio Ary Dillon Soares (1989), Goida (2014), Jill Liddington (2011), Kenia Maria Menegotto Pozenatto e Loraine Slomp Giron (2004), Lilia Mortiz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling (2015), Maria Abel Machado (2001), Peter Burke (2003, 2005), Roger Chartier (2002), Roman Gubern (1979), Sara Albieri (2011), Scott

McCloud (2005, 2006), Thierry Groensteen (2015), Vania Beatriz Merlotti Herédia (1997, 1991), Will Eisner (2010, 2013)

Finalmente, reafirmamos a crença da necessidade de uma pesquisa que preencha a lacuna existente, tanto na trajetória das histórias em quadrinhos publicadas em jornais de Caxias do Sul, bem como na influência que receberam do meio social e da própria linha editorial das publicações em que se encontram presentes. Tomando as HQs como prática social e considerando a consolidação dessa forma híbrida nos periódicos do município, entende-se que o estudo presente nesta tese tem relevância acadêmica e histórica, acrescendo ao conhecimento já existente acerca da produção de jornais caxienses.

2 HISTÓRIA CULTURAL, HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E HISTÓRIA PÚBLICA: AO PÚBLICO O QUE É (DO) PÚBLICO

Até meados do século XX, a perspectiva histórica preferencialmente estudada era a que privilegiava a história à luz de influências políticas e econômicas, ignorando a cultura popular. Porém, na década de 1960, o conceito de história cultural que, segundo Peter Burke (2005), surgiu juntamente à cultura popular (*Volkskultur)*, na Alemanha do final do século XVIII, reapareceu. Se, pouco mais de dois séculos atrás, manifestações culturais populares, como danças, rituais, ofícios e artes foram relegados aos "amantes de antiguidades, folcloristas e antropólogos" (BURKE, 2005, p. 18), agora, com a ampliação dos campos de estudos históricos, tais expressões retornaram à pauta. Ainda conforme Burke (2005, p. 19), na década de 1960 houve uma reação contrária à abordagem histórica tradicional "em que as pessoas comuns são deixadas de fora." Os membros de sistemas culturais à parte de grandes movimentos políticos e/ou econômicos perceberam-se relegados ao papel de coadjuvantes nos movimentos históricos, embora o sentimento de que deveriam, sob alguma perspectiva, ser protagonistas.

A expressão "História Cultural" (HC), entretanto, só foi cunhada no final da década de 1980. De acordo com Burke (2005), em 1989, a pesquisadora norte-americana Lynn Hunt publicou a obra *Nova História Cultural*, com um compilado de ensaios apresentados dois anos antes, na Universidade da Califórnia, em Berkeley, nos Estados Unidos. Com a popularização do trabalho de Hunt, adotou-se a História Cultural como forma primária de história praticada atualmente. Burke (2005, p. 48) afirma que "a palavra 'cultural' distingue-a da história intelectual, sugerindo um ênfase em mentalidades, suposições e sentimentos e não em ideias ou sistemas de pensamento."

Trabalhar com história cultural permite maior liberdade ao pesquisador, visto que, para Burke:

> A ideia de cultura implica a ideia de tradição, de certos tipos de conhecimentos e habilidades legados por uma geração para a seguinte. Como múltiplas tradições podem coexistir facilmente na mesma sociedade — laica e religiosa, masculina e feminina, da pena e da espada, e assim por diante — trabalhar com a ideia de tradição libera os historiadores culturais da suposição de unidade ou homogeneidade de uma "era" — a Idade Média, o período do Iluminismo ou qualquer outra (BURKE, 2005, p. 27).

Ao observar determinada cultura, o historiador cultural procura observar dois pontos fundamentais: as práticas e as representações. Por práticas, entende-se que a análise deve fazer

um recorte sincrônico de uma cultura e tomar como ponto inicial um determinado costume que é posto em ação por membros pertencentes àquele espaço cultural. Tais práticas atuam como representações, pois constroem ou produzem uma realidade identitária[6] social dentro do espaço, posto que exibem uma maneira própria de pertencimento ao todo e demarcam simbolicamente uma ideologia. Outra função das representações é a de instrumento simbólico que relaciona uma imagem presente a um objeto ausente. Ou seja, a imagem permite que se reconstitua em memória e a postule tal como seria. Conforme Roger Chartier:

> A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social e construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado (CHARTIER, 2002, p. 16-17).

Portanto, deve-se observar as representações que os grupos modelam acerca de si mesmos e dos outros, visto que a HC recai sobre as estratégias que estabelecem posições e relações "e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um 'ser-apreendido' constitutivo da sua identidade" (CHARTIER, 2002, p. 23). Assim, sobre a História Cultural, o autor entende que:

> É preciso pensá-la como a análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social não são um dado objectivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objecto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como reflectindo-o ou dele se desviando (CHARTIER, 2002, p. 27).

Desse modo, diferentes representações – cada qual com um valor simbólico distinto, conforme percepções do meio social – disputam espaço de reconhecimento. Chartier (2002) afirma que não há discursos neutros nas percepções do social: todos eles produzem estratégias

[6] Por identidade, entenderemos as considerações de Kathryn Woodward (2000, p. 39-40), que afirma que as "identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios."

com vistas a impor um posicionamento em detrimento de outros. Pode-se dizer, então, que os discursos do campo social travam uma disputa pelo poder simbólico de representar. Conforme Pierre Bourdieu (2011), os símbolos são instrumentos de agregação e segregação social, capazes de criar uma conformidade de sentido em relação ao mundo social. Dessa forma, compreende-se a existência de um poder simbólico como:

> poder de constituir dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. [...] O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é a da competência das palavras (BOURDIEU, 2011, p. 11, grifo original).

Ainda conforme Bourdieu (2011), todos aqueles que participam de um espaço ficam sujeitos a ações submetidas à maioria, tornando infrutíferos os desígnios de agentes individuais. Assim, as representações e práticas culturais desviantes são reprimidas, garantindo uma pretensa homogeneidade. Tal uniformidade pode ser entendida como o *ethos* de um povo, que, para Clifford Geertz (2015, p. 93), "é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete." Consoante o autor, a comunidade concebe uma espécie de fotografia mental sobre a ordenação adequada dos fatores que abrangem sua realidade.

Quando um historiador fixa seu olhar sobre uma cultura, ele não deve entendê-la como estática. Segundo Geertz (2015), os sistemas culturais podem ser entendidos como sistemas semióticos em forma de "teias" de significados. Essas teias, tecidas pelos indivíduos e fundadas em suas experiências de vida dentro de uma região cultural, necessitam ser analisadas e interpretadas por meio de seus signos particulares e dentro do contexto em que são empregadas, visto que comportamentos, acontecimentos sociais, instituições e processos não fazem parte do campo da casualidade. Geertz (2015, p. 10) entende que os componentes culturais "podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade."

Os feixes das teias depreendem de trocas incessantes de experiências, em que participantes de um mesmo sistema cultural são capazes de decodificar os significados e significantes e reagir com o *feedback* adequado para a situação. Além disso, deve-se considerar que, em vistas de não haver fronteiras culturais intransponíveis (com exceção de grupos hermeticamente fechados, como os Amish), o contato entre praticantes de diferentes culturas resulta em possíveis trocas, apropriações e modificações em ambas. Para Geertz, o olhar deve

ser voltado – com exatidão – para o comportamento, pois é através da ação social que as culturas têm articulação. Mas, não somente o comportamento, o olhar também deve procurar perceber artefatos e estados da consciência, que são resultados de toda a complexidade cultural.

Cabe, portanto, ao historiador cultural, perceber os pormenores que caracterizam uma cultura, de modo a definir parâmetros de escolha das representações específicas que serão sustentáculo do estudo, uma vez que ele terá o poder de legitimar e/ou de excluir práticas sociais.

Entretanto, a História Cultural não é a única das novas perspectivas históricas que terão grande valia para a pesquisa realizada nesta tese. Para uma melhor análise do *corpus* reunido, optou-se por agregar princípios de outras duas concepções de pesquisa histórica que, assim como a HC, também surgiram na segunda metade do século XX: a História do Tempo Presente e a História Pública.

A noção de História do Tempo Presente (HTP) surgiu na França, em 1978, no Centro Nacional de Pesquisa Científica[7] (CNRS). Dirigido por François Bédarida, o Instituto de História do Tempo Presente[8] (IHTP), antigo Comitê de História da Segunda Guerra Mundial, estava associado "a uma verdadeira mudança epistemológica marcada pela ascensão da dimensão memorial, a busca ansiosa da identidade e a crise dos paradigmas utilizados nas Ciências Sociais, bem como uma crescente incerteza sobre o presente e o futuro" (DOSSE, 2017, p. 15). Tal incerteza é a linha guia da HTP, visto que a construção do presente ao longo do tempo é o grande problema de pesquisa dessa vertente histórica e, ao contrário da história imediata[9], exige um dever de mediação. Conforme François Dosse:

> Dessa mudança historiográfica resulta uma ampliação do conceito de "tempo presente" que não é mais considerado um simples período adicional mais próximo. O conceito remete em sua acepção extensiva ao que é do passado e nos é ainda contemporâneo, ou ainda, apresenta um sentido para nós do contemporâneo não contemporâneo. A noção de "tempo presente" se torna nesse contexto um meio de revisitação do passado e de suas possíveis certezas, como também as possíveis incertezas. A distância temporal que nos separa do passado se transforma, porque até então considerada uma desvantagem, ela se transforma em uma sedimentação de camadas sucessivas de sentido que expandem o seu alcance graças à maior profundidade (DOSSE, 2017, p. 23).

De modo geral, a História do Tempo Presente demanda que se identifique e avalie tendências do passado, tornando evidentes os processos formadores e sustentadores do contexto

[7] Centre National de la Recherche Scientifique, na língua francesa.
[8] Institut d'Histoire du Temps Présent, na língua francesa.
[9] Campo que pesquisa, analisa e escreve eventos históricos imediatamente à sua ocorrência.

do presente analisado. Dada a pluralidade e a desordem das informações disponíveis sobre acontecimentos passados, especialmente das acessíveis nas grandes mídias, cabe ao historiador do Tempo Presente sistematizar as evidências para encontrar uma ordem lógica no decurso dos processos que resultam no que é contemporâneo, ou seja, segundo Enrique Serra Padrós (2009, p. 33), "a análise do Tempo Presente demanda, mediante pressupostos teóricos, o dimensionamento, a hierarquização, a contextualização, a inserção e a relação dos eventos com o processo histórico." Além disso, ainda conforme o autor:

> é preciso apontar que o especialista do presente, dadas as características do próprio cenário do Tempo Presente precisa ser um historiador *generalista*, ou seja, aquele que, terá como objetivos fundamentais a procura de uma compreensão que vá além da superfície do que é visível (mesmo sabendo que, pela urgência da sua atuação, o grau de profundidade da sua análise seja diferente daquele historiador que trabalha com objetos já sedimentados dentro de uma lógica temporária de maior duração) e que, acima de tudo, procure fazer as conexões possíveis (temporais, geográficas, sociais, econômicas, etc) (PADRÓS, 2009, p. 33).

Ademais, a História do Tempo Presente tem duas grandes características fundamentais:

- O recuo ao passado em análise não é longo. Efetivamente, ele não tende a preceder em muitos anos a nascença do próprio pesquisador, de forma que grande parte dos eventos tenha transcorrido no período de vida do historiador. Ou seja, tomando esta tese e o nosso nascimento em 1988 como exemplo, torna-se possível a análise do *corpus* referente à segunda metade do século XX;
- Consoante François Bédarida (1998), tem-se a presença de outras testemunhas vivas além do historiador, que podem contestar e acrescentar aos dados levantados.

Consideradas essas grandes particularidades da HTP, entende-se que ela não é uma disciplina "egoísta". É um fazer histórico em constante construção e remodelação, aberta a outros olhares e percepções, sempre visando ao acréscimo de novos fatos que possam contribuir com a análise. Segundo Lucilia Almeida Neves Delgado e Marieta de Moraes Ferreira (2013), a História do Tempo Presente é associada à noção de conhecimento provisório, que pode sofrer alterações com o passar do tempo. Ou seja, ocorre um processo de escrita e reescrita constante, via acréscimos, revisões e correções, conforme novos materiais são analisados e novas variáveis são adicionadas à equação. Outro ponto a ser considerado é que o historiador do Tempo Presente deve ter cuidado para não supervalorizar os acontecimentos do presente, visto que ele pode estar diretamente envolvido, como testemunha, dos eventos concomitantemente à sua ocorrência.

A antiga noção de que somente grandes eventos da humanidade merecem ser historiografados e que apenas documentos oficiais servem de fonte de pesquisa foi sepultada em prol de uma visão mais ampla, que entende a relevância de diferentes manifestações culturais como constituidoras do processo histórico. Portanto, assim como a História Cultural, a História do Tempo Presente também pode basear sua análise em práticas e costumes de uma determinada cultura, de forma que se valorize o objeto de análise, seja ele relevante para a população mundial ou apenas para uma pequena comunidade específica. Para Delgado e Ferreira (2013), existe o consenso de que a pesquisa histórica pode ser fundamentada por fontes plurais, que podem fornecer, à escrita, a instância da memória – coletiva e individual. A vasta gama de recursos documentais pode enriquecer, tornar mais vivo e mais instigante o saber histórico.

Posto isso, compreende-se que a História do Tempo Presente demanda um trabalho de interpretação das fontes documentais disponíveis no espaço público. Em vista de serem materiais produzidos no meio cultural por atores sociais não necessariamente compromissados com a exatidão de dados históricos "oficiais", o historiador é levado a tomar um posicionamento frente aos seus objetos de análise, refletindo sobre os dados e julgando-os objetiva e subjetivamente conforme seus desígnios historiográficos. Novamente, então, afirma-se que a HTP é uma história em permanente construção, aberta a correções e a acréscimos, e oferecendo, à coletividade, a escrita de um livro com páginas de palimpsestos. Segundo Dosse:

> Uma vez que esse trabalho sobre a verdade documental é estabelecido por meio da tradicional crítica interna e externa das fontes, resta ao historiador a tarefa de construir uma História reflexiva que leva em conta a âncora discursiva. Um aspecto significativo do período atual é a tomada de consciência por um número crescente de historiadores de que a escrita histórica não é uma simples mimese do real, puramente passiva, mas que ela resulta de uma tensão entre, de um lado o desejo de perceber o que aconteceu, como aconteceu [...] e, por outro lado, o questionamento que emana do presente do historiador (DOSSE, 2017, p. 24).

Desse modo, considerando-se que o *corpus* desta tese é formado por histórias em quadrinhos publicadas em jornais de Caxias do Sul, entre os anos de 1951 e 2000, e disponíveis para consulta pública por meio do Arquivo Histórico Municipal e do Centro de Memória, da Câmara Municipal de Caxias do Sul, entende-se a necessidade de agregar uma outra forma de pesquisa historiográfica, diretamente utilizada por historiadores do Tempo Presente, visto que uma grande riqueza de dados são levantados a partir de registros culturais acessíveis à população em geral: a História Pública (HP).

Originada na Universidade da Califórnia, também na década de 1970, por meio de Robert Kelley, que entendia que "a história pública [ainda com letras minúsculas, visto que não havia sido transformada em disciplina] refere-se ao emprego de historiadores e do método histórico fora da academia" (LIDDINGTON, 2011, p. 34). Ao participarem de processos públicos, os historiadores estariam sempre a trabalho e dentro de suas qualificações profissionais. A História Pública sofreu grandes críticas por sua perspectiva supostamente corporativista, visto que seu primeiro emprego foi no periódico *The Public Historian*[10], auxiliado pelo fundo Rockfeller e que reunia um corpo editorial não somente de universidades, museus e bibliotecas, mas também de pessoas ligadas ao governo americano, ao exército e a um banco.

Embora as divergências tenham perdurado pelas décadas seguintes, a História Pública conseguiu firmar-se e difundir-se graças aos seus princípios inclusivos e maleáveis. Conforme Sara Albieri (2011), a HP, imediatamente, evoca a ideia de acesso integral, do conhecimento histórico, a todos. Informações, antes restritas ou de difícil obtenção, são disponibilizadas em espaços de domínio público, sem qualquer embargo.

De acordo com os princípios da História Pública, o conhecimento histórico, inicialmente, é disforme, impreciso e "escapa ao olhar", justamente por seu caráter de diluição em diferentes práticas e representações. Dessa maneira, aos poucos, acumula-se até alcançar um aspecto mais conciso, como se possibilitasse, ao historiador, tomar aquele objeto de pesquisa e moldá-lo em algo legível, devolvendo, ao público (tanto o espaço, quanto o povo), uma escrita histórica concisa e coesa. Conforme Albieri (2011, p. 22), "trata-se de uma concepção do conhecimento histórico como algo objetivo, cumulativo, que possa ser controlado e possuído por alguém. Nesta concepção, está embutida a crença de que aquilo que está guardado contém algum tipo de verdade objetiva e inequívoca." Portanto, pode-se entender que a História Pública não pode ser classificada como unitária, mas, sim, como um conjunto que agrega, segundo Jill Liddington (2011), toda e qualquer forma de história ligada a uma cultura. Ainda, a apresentação do material a ser historiografado pode ser por meio de museus, patrimônios históricos, filmes, ficção científica etc. De modo geral, "os historiadores públicos precisam provavelmente conhecer o estado, nacional, regional e, é claro, localmente. As razões são muitas. O Estado é um provedor legal de serviços culturais - especialmente bibliotecas públicas locais" (LIDDINGTON, 2011, p. 49). Albieri (2011, p. 21, grifo nosso) concorda com esse apontamento, e inclui "documentários, filmes de caráter histórico, livros romanceados com

[10] O Historiador Público, em tradução nossa.

pano de fundo histórico, *histórias em quadrinhos ambientadas historicamente*." À vista disso, mais uma vez, encontramos validação para justificar a análise do *corpus* desta tese. As mais variadas manifestações culturais merecem reflexão, visto a carga de conteúdos históricos de que são dotadas e que podem contribuir quando devolvidas à coletividade por meio de uma escrita adequada, seja qual for a forma assumida. Ainda para Albieri (2011, p. 22), a publicação historiográfica praticada por acadêmicos pode ser ampla e diversificada, como se "vazasse por muitos poros, e formasse uma intrincada rede de vasos comunicantes que sustenta e alimenta a visão comum do que é a história."

As vozes carregadoras de historicidade são múltiplas e registram inúmeras narrativas capazes de auxiliar na (re)construção memorial, seja individual ou coletiva. Diferentes meios podem conduzir a testemunhos vistosos e estimulantes, merecedores de crítica e análise que, nas mãos de um historiador hábil, podem contribuir para um melhor embasamento da história do tempo presente. Conforme Delgado e Ferreira (2013), tais vozes múltiplas conduzem a registros diferentes e, por vezes, conflitantes, oferecendo, assim, uma heterogeneidade de visões de mundo, de costumes e de práticas de uma cultura. Ainda, de acordo com as autoras, uma das mais valiosas fontes de historicidade e que merecem uma atenção especial de historiadores do Tempo Presente são os registros iconográficos realizados como prática cultural. Para elas:

> Os registros iconográficos também podem se constituir como rico recurso para pesquisas de historiadores ávidos em encontrar o tempo que analisam pelo acesso a *corpus* documentais imagéticos. Isso porque a iconografia é um importante registro das ações dos sujeitos históricos, públicos ou anônimos, em determinado tempo e espaço. Como fontes históricas de grande potencialidade podem ativar e evocar memórias, contribuindo para a pesquisa quer da micro, quer da macro-história, pois fornecem informações não disponíveis nem acessíveis em outro suporte documental (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 28).

Consequentemente, uma História organizada a partir de registros iconográficos do passado, como as histórias em quadrinhos publicadas em jornais de Caxias do Sul, entre 1951 e 2000, é de grande relevância dentro da disciplina da História Pública.

Entretanto, deve atentar-se para a forma de divulgação dessa produção de história. Ao contrário da escrita histórica "tradicional", que é restritiva e confinada a livros e enciclopédias de difícil acesso para as massas, tornando-se efetivas, essencialmente, para os acadêmicos, o grande objetivo da História Pública é permitir que o maior número de pessoas possível tenha acesso ao material levantado. Para tal, Liddington (2011) sugere que a audiência seja colocada em perspectiva central. A autora entende que, desde o início do projeto, o historiador deve estar

atento para a forma com que divulgará seu trabalho, visando a maximizar o acesso público à pesquisa: “o estudo de história pública está ligado a como adquirimos nosso senso de passado - por meio da memória e da paisagem, dos arquivos e da arqueologia (e por consequência, é claro, do modo como esses passados são apresentados publicamente)” (LIDDINGTON, 2011, p. 34).

Assim como ocorre com as produções de história praticadas pela História Cultural e pela História do Tempo Presente, o produto de uma análise protagonizada pela História Pública demanda de um longo processo de interpretação do material disponível. Quando se analisa um *corpus*, cabe ao historiador da História Pública categorizar e decidir o que é relevante para sua pesquisa. Isso não significa que o que foi deixado de fora é menos importante. Apenas que, em dado momento, outros aspectos históricos tiveram que ser priorizados conforme as pretensões a serem interpretadas e documentadas. Bem como em outras técnicas de escrita histórica, é preciso escolher um caminho a ser posto em perspectiva, omitindo questões que podem ser fundamentais sob outros enfoques. Consoante Albieri:

> o processo de correção daquilo que foi publicado é, já, uma interpretação histórica, dado que quem corrige tem também uma opinião. A correção carrega as marcas da interpretação.
> Por "marcas da interpretação", porém, não se quer dizer que interpretar é um ato de absoluta liberdade da imaginação. Alguém que cuida da interpretação histórica está, na verdade, trabalhando segundo uma herança disciplinar de métodos, definição de objetos, concepções teóricas de como situar essa atividade (ALBIERI, 2011, p. 22-23).

Tal como concebeu Roland Barthes (2004), ao afirmar que, a partir do instante em que uma obra chega à esfera pública ocorre a “morte do autor”, visto que a “posse” do conteúdo deixa de ser de seu criador e passa às mãos comunitárias, que realizam um trabalho de (re)interpretação alheio às intenções originais, pode-se dizer que o mesmo ocorre com uma pesquisa de História Pública. O historiador Público torna-se, apenas, mais um participante no debate. Embora seja um participante qualificado, segundo Sydenham Lourenço Neto e Vinícius da Silva Ramos (2014, p. 19), “será sempre apenas mais um participante, e o debate sobre os temas históricos assumem uma dinâmica muito parecida com outros temas polêmicos que podem ser discutidos na mesma esfera em busca de um consenso racional.”

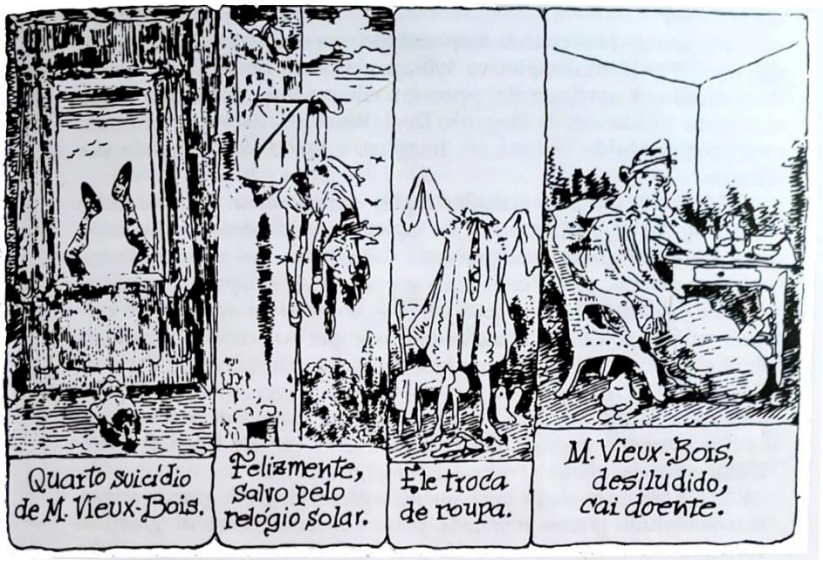
Feitas essas considerações, pode-se tomar a prática de publicação de histórias em quadrinhos de cunho socioeconômico, em jornais de Caxias do Sul, entre 1951 e 2000, para observar a construção da representação da realidade no período. Mas, antes, mostra-se necessário traçar uma breve história das histórias em quadrinhos – focando em sua

disseminação e consolidação por meio de jornais –, para perceber esse gênero híbrido como um produto cultural.

2.1 QUADRINHOS COMO PRÁTICA E REPRESENTAÇÃO DE UMA CULTURA

Comparadas a outras variedades artísticas, as histórias em quadrinhos são relativamente jovens, com pouco menos de 200 anos desde o seu surgimento. Em 1827, o caricaturista suíço Rodolphe Töpffer[11] criou as primeiras HQs como forma de passatempo. Elas consistiam em sequências de desenhos legendados, com narrativas simples, mas que provocavam tumultos divertidos. A primeira tirinha criada por Töppfer foi *M. Vieux-Bois* (1827), protagonizada pelo personagem homônimo, como pode ser visto na Figura 1, a seguir:

Figura 1 - *M. Vieux-Bois*, de Rodolphe Töppfer



Fonte: MOYA, Álvaro de. *História das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 7.

Além de *M. Vieux-Bois*, Töppfer criou uma variedade de outras histórias, como *Dr. Festus* (1829), *M. Cryptogame* (1830), *M. Crépin* (1837) e *Albert* (1844). Embora essas histórias não tenham sido destinadas a grandes públicos, elas conseguiram influenciar outros artistas. Entre os principais, estão o alemão Wilhelm Busch, que criou *Max und Moritz*, em 1865, e o francês Georges Colomb, criador de *Famille Fenouillard*, em 1889.

Porém, foi nos Estados Unidos, em 1895, que as histórias em quadrinhos passaram a ser impressas em larga escala e ganharam popularidade. De acordo com Goida:

[11] Embora, dependendo da tradução, seja possível encontrar o nome do artista com diferentes grafias – Rodolphe; Rudolph; Rudolf –, optamos por utilizar a forma originalmente registrada.

> Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, os mais poderosos proprietários de cadeias de jornal nos Estados Unidos, brigavam pela conquista de um público maior. Para atraírem uma massa semialfabetizada e também os imigrantes, que tinham dificuldades com o inglês, criaram os suplementos dominicais. [...] Foi num destes suplementos dominicais que surgiu, em 1895, o personagem de Richard Outcault, The Yellow Kid (O garoto amarelo[12]) (GOIDA, 2014, p. 9).

Na primeira narrativa, intitulada *At the circus in Hogan's Alley*[13], os leitores foram apresentados a um menino sem nome, com uma grande cabeça e orelhas pontudas, vestindo um camisolão azul e expressando as suas falas em balões, como se vê na Figura 2 (sem cores):

Figura 2 – *O garoto amarelo*, em preto e branco

Fonte: MOYA, Álvaro de. *História das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 17.

Em 1896, a pedido do técnico de cores do jornal, a vestimenta do menino passou a ser amarela. Desse modo, o personagem passou a ser chamado dessa maneira pelo público, sendo posteriormente adotado pelo próprio autor.

O resultado desse sucesso foi que, após a virada para o século XX, houve uma grande ampliação do espaço destinado aos quadrinhos. Suas impressões passaram a ser diárias, com novos personagens surgindo. Além disso, Pulitzer e Hearst criaram os *syndicates*: uma distribuição em larga escala, em que as mesmas histórias eram enviadas a diferentes jornais

[12] Também conhecido como *O menino amarelo*, dependendo da tradução da fonte consultada. Nesta tese, optamos por utilizar a nomenclatura de Goida (2014).
[13] No circo da Travessa Hogan, em tradução nossa.

americanos, destinando um percentual das vendas para os artistas responsáveis pelas obras. Assim, por conta de empresários visando ao lucro – e de um público ávido por consumir as narrativas serializadas –, cada vez mais, as histórias em quadrinhos passaram a fazer parte da paisagem cultural. Para Chartier (2002, p. 17), "as representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam."

Observando que as narrativas do início do século XX eram, em sua maioria, alegres e divertidas, os leitores americanos passaram a se referir a elas simplesmente como *comics*[14], alcunha pela qual são conhecidas até hoje.

A ascensão repentina da popularidade das histórias em quadrinhos trouxe enormes bônus e ônus para essa forma artística, ainda muito jovem. Ilustradores e artistas plásticos encontraram um novo nicho para trabalhar a sua arte, culminando na chamada era de ouro das HQs – período prolífero para o gênero e que durou de 1929 a 1938. Nessa época surgiram novos personagens e novos gêneros, além de popularizar as revistas em quadrinhos, que nada mais eram que reimpressões das principais tirinhas publicadas nos jornais. No final da década, as revistas *Action Comics* e *Detective Comics*, publicações bimensais que estampava as histórias de Super-Homem e de Batman[15], vendia mais de meio milhão de exemplares.

Por outro lado, a produção em massa e com baixa qualidade, além da brevidade das narrativas e da "leitura fácil", acabou por estigmatizar as histórias em quadrinhos. Consoante Will Eisner:

> Na verdade, supunha-se que o leitor buscava nas histórias em quadrinhos informações visuais instantâneas, como nas tiras de jornais [...]. Entre 1940 e 1960, a indústria achava que o perfil do leitor de histórias em quadrinhos era o de uma "criança de 10 anos, do interior". Um adulto ler histórias em quadrinhos era considerado sinal de pouca inteligência. As editoras não estimulavam nem apoiavam nada que fugisse a essa visão estereotipada do leitor (EISNER, 2010, p. 149).

O próprio Will Eisner, em 1940, em entrevista ao jornal *Baltimore Sun*, sugeriu pela primeira vez que as HQs eram "uma legítima forma literária e artística" (MCCLOUD, 2006, p. 26). Entretanto, sua manifestação não alterou a percepção vigente pelos detentores de poder na paisagem cultural. Vinte anos depois, em 1960, Eisner compareceu a uma reunião da *National Cartoonists Society*[16] e, em uma conversa com outro cartunista, reafirmou a sua crença sobre o

[14] Cômicas, em tradução nossa.
[15] Criados em 1938, por Joe Shuster e Jerry Siegel, e em 1939, por Bob Kane, respectivamente.
[16] Sociedade Nacional dos Cartunistas, em tradução nossa.

potencial das histórias em quadrinhos como forma artística. Conforme Scott McCloud (2006), Eisner foi repreendido e ouviu que jamais deveria considerar tal hipótese.

Embora as histórias em quadrinhos já gozassem de grande popularidade, com narrativas destinadas ao público adulto, elas ainda eram recebidas, pela crítica literária, com o mesmo preconceito de anos anteriores. O cenário começou a sofrer alterações somente em 1978. Sempre inovador, Will Eisner publicou *Um contrato com Deus e outras histórias de cortiço*. A obra tratava-se de uma antologia em quatro contos em quadrinhos, que abordavam temáticas como violência, desilusão e crise de identidade nos subúrbios de Nova York. Na capa, afirmava tratar-se de um romance gráfico[17] que, segundo McCloud (2006, p. 28), "era uma obra séria, baseada na experiência de vida de Will, constituindo uma exploração sincera do potencial narrativo das histórias em quadrinhos." A obra pode ser vista na Figura 3, a seguir:

[17] Embora o termo tenha sido utilizado pela primeira vez em 1964, por Richard Kyle, a expressão ganhou popularidade somente após Will Eisner empregá-la. Um romance gráfico caracteriza livros com histórias longas e complexas que fazem uso de quadrinhos para aprofundar narrativa.

Figura 3 – *Um contrato com Deus e outras histórias de cortiço*, de Will Eisner

Fonte: EISNER, Will. *Um contrato com Deus e outras histórias de cortiço*. São Paulo: Devir, 1995, p. 30.

Apesar de, naquela data, as revistas em quadrinhos serem chamadas de *comic books* – literalmente "livros cômicos" – há mais de 40 anos, finalmente surgia uma publicação que, de fato, era em forma de livro[18]. O sucesso – entre público e críticos – da obra de Eisner foi o estopim para que editoras apostassem em outras narrativas ambiciosas e que transpusessem barreiras temáticas informalmente sancionadas às histórias em quadrinhos.

Will Eisner também foi o responsável por formalizar a base teórica fundamental sobre a dinâmica das histórias em quadrinhos, pois sempre os percebeu com grande capacidade educacional. Durante a segunda metade da década de 1930, quando a indústria das HQs estava em expansão, Eisner era um dos autores mais participativos. No começo da década de 1940, o

[18] Tal afirmação é verdadeira para os Estados Unidos da América. Na Europa, já eram publicadas *graphic novels*, embora não recebessem tal nomenclatura.

seu personagem Spirit, do quadrinho *The Spirit*, era uma das principais figuras do mercado americano. Porém, em 1942, com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, Eisner foi convocado para integrar as forças armadas. O autor logo foi encarregado de ilustrar o jornal dos acampamentos e diversos manuais de treinamento. Consoante Edgard Guimarães:

> Durante os três anos que ficou no exército, Eisner usou a História em Quadrinhos para várias finalidades, desde simples diversões para os soldados, até instruções rigorosas de como manter e reparar os equipamentos a seus cuidados. O exército considerava um problema ensinar os soldados, pessoas simples, de pouca formação, a manusear e cuidar dos vários equipamentos entregues à sua responsabilidade, e os manuais ilustrados e quadrinizados foram considerados uma solução eficaz (GUIMARÃES, 2005, p. 4).

Após dar baixa e retornar, em 1945, aos EUA, Will Eisner continuou produzindo *The Spirit* até 1952. Mesmo com propostas de editoras para continuar desenhando *comics*, o autor optou por fundar um estúdio de criação de quadrinhos educativos para entidades e empresas, realizando tal atividade, exclusivamente, por duas décadas. Apesar de, eventualmente, retornar ao mercado editorial, na década de 1970, nunca parou de abordar as HQs como forma artística e educacional, desenhando, teorizando e ministrando cursos de capacitação para potenciais autores, até a sua morte, em 2005, aos 88 anos. Considerado um idealista em relação ao potencial das HQs, Eisner escreveu, em 1985, a primeira edição de *Quadrinhos e arte sequencial* e considerou que:

> Sem dúvida nenhuma, os quadrinhos se tornaram muito populares em todo o mundo. No entanto, por motivos relacionados principalmente ao uso, à temática e ao público-alvo presumido, a arte sequencial foi ignorada por muitas décadas como forma digna de discussão acadêmica. Embora cada um dos seus elementos mais importantes – tais como a edição de arte, o desenho, a caricatura e a criação escrita – tenha merecido consideração acadêmica isoladamente, sua combinação única tem recebido um espaço bem pequeno (se é que tem recebido algum no currículo literário e artístico (EISNER, 2010, p. IX).

O autor também entendia que o meio teria mais consideração por parte dos críticos somente a partir do momento em que quadrinistas profissionais começassem a tratar de temáticas culturalmente mais sérias e relevantes, capazes de elevar a arte sequencial a novos níveis e a expandir o gênero como um todo.

Desse modo, as portas foram abertas para que, ao longo das décadas seguintes, Alan Moore lançasse *Watchmen* (1986-1987), *V de Vingança* (1982-1989) e *Batman: a piada mortal* (1988); Frank Miller fizesse sucesso com *Batman: o cavaleiro das trevas retorna* (1986) e *Sin City* (1991-2000); Neil Gaiman ganhasse notoriedade por conta de *Sandman* (1989-1996); e

Art Spiegelman ganhasse o primeiro – e único – prêmio *Pulitzer* para uma HQ, por *Maus: a história de um sobrevivente* (1980-1991).

Desde então, as histórias em quadrinhos caíram no gosto do público, ganhando cada vez mais notoriedade e espaço em diferentes paisagens culturais, afirmando-se como prática cultural e sendo adaptadas para outras mídias, como jogos eletrônicos, cinema e televisão.

É notório o papel fundamental que os jornais tiveram para a disseminação das HQs. A partir da publicação de *strips*[19] esporádicas nos jornais comandados por Joseph Pulitzer e William Hearst – *New York World* e *Morning Journal*, respectivamente –, houve um salto nas vendagens, motivando o surgimento das *daily strips*[20] e das *sunday pages*[21] de modo a manter o *momentum* de consumo. Mesmo que a década de 1940 e a Segunda Guerra Mundial tenham sido difíceis para o gênero das HQs, pois, conforme Juliana de Kássia de Oliveira Angelim (2019), as histórias em quadrinhos estadunidenses foram proibidas em países como Itália, França e União Soviética, além de que os personagens tornaram-se instrumentos propagandistas de recrutamento para o exército, não se pode negar que as HQs só conseguiram penetração na sociedade graças à massificação provida pelos jornais. Consoante Umberto Eco, a cultura de massa:

> nasce numa sociedade em que toda a massa de cidadãos se vê participando, com direitos iguais, da vida pública, dos consumos, da fruição das comunicações; nasce inevitavelmente em qualquer sociedade do tipo industrial. Toda vez que um grupo de poder, uma associação livre, um organismo político se vê na contingência de comunicar-se com a totalidade dos cidadãos de um país, prescindindo dos vários níveis intelectuais, tem que recorrer aos modos de comunicação de massa, e sofre as regras inevitáveis da "adequação à média" (ECO, 2015, p. 44).

Ainda para Eco (2015), de modo algum a cultura de massa substitui a "cultura superior". Ela difunde-se entre as massas que, em outros tempos, não tinham acesso aos bens culturais. Ambas podem coabitar o mesmo espaço cultural, sem que uma tente reivindicar o lugar da outra. A luta, de Will Eisner, por respeito e reconhecimento da capacidade de as HQs gerarem bons frutos jamais teve a intenção de que esse gênero híbrido substitua a literatura, a fotografia, o cinema ou a pintura, embora contenha elementos advindos dessas diferentes áreas. Eco (2015, p. 150) afirma que, embora as histórias em quadrinhos apresentem características próprias, não exclui a possibilidade de "parasitismo" em relação a outros fenômenos artísticos. Apesar disso, ao mesmo tempo e sob uma óptica positiva, existe uma relação de "promoção e

[19] Tirinhas, na tradução que se utiliza no Brasil.
[20] Tirinhas diárias, na tradução. Eram publicadas em preto e branco, todos os dias.
[21] Páginas dominicais, na tradução. Impressas em cores, nos suplementos de domingo.

precedência". Ainda, tomar por empréstimo uma solução estilística não lhe refuta a aplicação, desde que seja justificada em num contexto original.

Mesmo com todas as reviravoltas ao longo dos anos – e a conquista de espaços próprios para a publicação de *comics*, como revistas, livros e, mais recentemente, em meios virtuais –, grande parte das publicações de quadrinhos ainda são feitas em jornais de grande circulação, nas seções de entretenimento e cultura. Outro ponto a ser considerado é que, em muitos momentos, as fronteiras entre histórias em quadrinhos, o regime editorial e o jornalismo podem ficar difusas. As temáticas das HQs tiveram seu escopo ampliado, também se tornando ferramentas para a afirmação do posicionamento de um periódico, como veremos nesta tese. Para Rüdiger (2003, p. 12), "o jornalismo, como prática, tem vários aspectos, compreendendo seu conceito, sua rotina, seus agentes, seus suportes, sua linguagem e sua tecnologia." Mas essa prática não é independente: ela é indissociável do contexto político, econômico, social e cultural do meio em que está inserida, sofrendo ações que condicionam seu comportamento.

E foi no contexto de um período de alta da apreciação de histórias em quadrinhos, no começo da década de 1990, que se popularizou a reportagem em quadrinhos. Em 1992, Joe Sacco, jornalista especializado em conflitos internacionais, publicou, em uma série de revistas, *Palestina*, narrativas em que reportava sua passagem pelo Oriente Médio. A obra teve pouca aceitação até ser republicada na forma de um livro em dois volumes, lançados respectivamente em 1995 e em 1996. Reconhecido por seu trabalho e agraciado com diversos prêmios, Sacco continuou publicando reportagens no mesmo formato, sempre com críticas positivas. Conforme Antônio Aristides Corrêa Dutra:

> Em sua especificidade, os livros de Sacco são, mais exatamente, reportagens em quadrinhos. Sua escolha de tema, sua pesquisa, sua abordagem e sua escrita são as da reportagem. E se seus procedimentos o situam como repórter, seu suporte, o livro, o insere em uma outra categoria: a do livro-reportagem. O próprio termo 'livro-reportagem', aliás, vem corroborar este raciocínio, porque segue a denominação pelo específico (uma reportagem em forma de livro), ao invés de se chamar 'livro-jornalismo'. Assim, ao invés de dizer que Sacco faz jornalismo em quadrinhos, é mais correto dizer que ele faz reportagens em quadrinhos ou, para sermos mais específicos, faz livros-reportagem em quadrinhos (DUTRA, 2003, p. 24).

Entretanto, apesar de Sacco ter popularizado o livro-reportagem, as primeiras reportagens em quadrinhos, publicadas formalmente em jornais, datam do século XIX. Dutra (2003) apresenta alguns exemplos:

- Em 1867, no jornal satírico *Cabrião*, de São Paulo, uma notícia sobre um incêndio na cidade de Jundiaí era acompanhada por uma HQ que ocupava uma página inteira

e era ilustrada pelo ítalo-brasileiro Angelo Agostini. Nela, os fatos descritos na reportagem eram narrados/desenhados;

- Nos Estados Unidos, no semanário policial e esportivo *The National Police Gazzette*, de 1879, uma reportagem sobre os últimos momentos de vida do assassino Walter Watson, condenado à forca, era seguida por uma história em quadrinhos de poucos quadros que buscava oferecer, aos leitores, imagens que os ajudassem a visualizar o momento do enforcamento.

Como se vê, a relação entre jornais, jornalismo e histórias em quadrinhos iniciou-se anteriormente à popularização decorrente das publicações de Pulitzer, de Hearst ou de Sacco. Embora a consolidação dos quadrinhos, nas páginas de periódicos, tenha ocorrido por meio das histórias publicadas em seções de variedades – algo que permanece até a contemporaneidade – , a linguagem gráfico-sequencial oferece dispositivos capazes de agregarem ao periódico, colaborando para a construção da narrativa jornalística a ser difundida no espaço cultural.

Por consequência, pode-se compreender as histórias em quadrinhos como produtos culturais e capazes de serem observadas como representantes do processo cultural, além de condutoras, sob a perspectiva da História Cultural, da história de uma sociedade. De acordo com Chartier (2002):

> [...] pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objecto a compreensão das formas e dos motivos — ou, por outras palavras, das representações do mundo social — que, a revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela e, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 2002, p. 19).

Considerando que, para Chartier (2002), as representações são instrumentos de conhecimentos imediatos, que fazem "ver" um objeto ausente por meio da substituição por uma "imagem" capaz de o reconstituir em memória tal como ele é no imaginário popular, pode-se, mais uma vez, compreender o nosso entendimento de histórias em quadrinhos como ferramentas que podem atuar estabelecendo vias de acesso a particularidades de um espaço cultural. Sob um olhar atento, uma HQ – ou uma série delas, como é o caso da análise empreendida nesta tese – pode colaborar para estabelecer uma interpretação de eventos históricos ocorridos no passado. Ou seja, a escolha cuidadosa e categorizada de narrativas específicas pode constituir uma ordem em meio ao caos que é a profusão temática de quadrinhos publicados, em jornais de Caxias do Sul, ao longo dos anos. Ainda que essa ordem seja particular à produção de história interpretativa praticada nesta tese, entende-se que sua validade é assegurada.

A observação de práticas e de representações culturais (re)produzidas com recorrência também é fundamental sob a perspectiva da História do Tempo Presente. Consoante Padrós (2009, p. 31), as análises do presente, embora possam ser provisórias, não devem ser restritas a interpretações fragmentadas e superficiais do objeto de análise: "devem identificar e avaliar tendências e esclarecer as mudanças básicas de estrutura que funcionam como sedimento do contexto analisado." As explicações, mesmo que temporárias, devem ser plausíveis e fornecer, ao menos, uma base elucidativa sobre o assunto em questão. Ou seja, a associação feita pela análise deve ter vinculação, direta e perceptível, entre os acontecimentos e o processo histórico, de modo que a produção de história seja validada.

A constância de publicação de temáticas socioeconômicas nas histórias em quadrinhos de jornais de Caxias do Sul, entre 1951 e 2000, permite analisar e conjecturar acerca da influência que essas narrativas receberam de fatos históricos contemporâneos a elas, bem como da transformação sofrida por essa mídia, em decorrência da linha editorial adotada pelos periódicos.

Pela perspectiva da História Pública, as HQs também podem ser consideradas de grande relevância para a constituição de uma produção de história. Albieri (2011, p. 25) considera que formas de publicação histórica não precisam, necessariamente, surgir das Academias. Para formalizar seu pensamento, a autora invoca o conceito de "consciência histórica", expressão que "designa o modo como os seres humanos interpretam a experiência da evolução temporal de si mesmos e do mundo em que vivem." A partir disso, a escrita histórica seria a partir da concepção de uma experiência particularmente humana, voltada às produções culturais, mas percebida como algo inerente aos indivíduos, sendo um instrumento para dar sentido à própria existência e experiência do ser:

> a manifestação da consciência histórica se dá culturalmente; ela é prévia e mais fundamental que os símbolos sensórios que se impõem à imaginação coletiva para a constituição de memórias históricas determinadas. Ela evoca uma condição primeva da humanidade, aquela de organizar historicamente a experiência do mundo. Segundo esse pressuposto, a prática histórica seria muito mais do que decorar os nomes do passado, ou tentar reproduzir, de um jeito verbal ou gestual ou através de rituais, esse patrimônio. É algo que condicionaria o modo próprio do homem de estar no mundo, anterior e mais fundamental que a formação de conhecimentos históricos específicos (ALBIERI, 2011, p. 26).

Assim, práticas e representações culturais, como a produção de histórias em quadrinhos, corresponderiam a uma necessidade psicológica. Partiriam da imprescindibilidade humana de se localizar temporalmente e buscar uma lógica para apreender a realidade. Dessa maneira, a produção de história praticada pela História Pública deixa de ser uma "simples"

escrita baseada em produções culturais. Ela passa a ser compreendida como a busca incessante – dentro de uma cultura – para revelar as engrenagens que movem a condição humana dentro daquele espaço e que são capazes de moldar gerações subsequentes.

Tomando-se as histórias em quadrinhos publicadas nos jornais de Caxias do Sul, entre 1951 e 2000, como práticas de representação cultural, pode-se perceber, nas narrativas com temática socioeconômica, características referentes às linhas editoriais dos veículos impressos, bem como da própria sociedade caxiense durante o período discutido. Entretanto, as três formas de pesquisa históricas apresentadas neste capítulo sofrem críticas, por parte de pesquisadores históricos de métodos "tradicionais", por não poderem ser tomadas como absolutas e concretas. Elas são articuladas por meio da interpretação do material disponível e múltiplas em sua totalidade. Para Chartier (2002, p. 27), a História Cultural "deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido." Ainda, rompe com a ideia do absolutismo de textos e de obras canônicas como portadoras de todo o conhecimento e se direciona às múltiplas práticas culturais, que dão sentido ao mundo.

Visto que uma sociedade pode abarcar diferentes culturas, com diferentes ordenamentos sociais, práticas discursivas, representações e divisões, inúmeros pressupostos – determinados por diferentes perspectivas de observação de diferentes historiadores – podem ser inferidos. Consequentemente, Chartier (2002) considera que, durante muito tempo, uma simples sociografia da história das sociedades foi priorizada em detrimento à das culturas. Compreender o entrelaçamento das teias de constituintes de significados culturais exige que se considere as idiossincrasias do espaço em que a cultura é praticada, e que é tão importante quanto o espaço da organização social e das hierarquias.

A História do Tempo Presente é alvo de críticas semelhantes. Para os métodos "tradicionais" de escrita histórica, deve-se respeitar um distanciamento em relação ao passado analisado, de modo que ele já tenha se solidificado e afirmado como verdadeiro, além priorizar a consulta em materiais produzidos por fontes oficiais. Por sua vez, a HTP tem outra perspectiva a respeito do passado. Segundo Delgado e Ferreira:

> Na verdade, o tempo presente refere-se a um passado atual ou em permanente processo de atualização. Está inscrito nas experiências analisadas e intervém nas projeções de futuro elaboradas por sujeitos ou comunidades. Nesse sentido, o regime de historicidade do tempo presente é bastante peculiar e inclui diferentes dimensões, tais como: processo histórico marcado por experiências ainda vivas, com tensões e repercussões de curto prazo; um sentido de tempo provisório, com simbiose entre memória e história; sujeitos históricos ainda vivos e ativos; produção de fontes históricas inseridas nos processos de transformação em curso; temporalidade em curso próximo ou contíguo ao da pesquisa (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 24-25).

Em vista da pluralidade de fontes consultadas, a escrita histórica da História do Tempo Presente é considerada multidisciplinar. A rigidez da disciplina de História dá lugar ao intercâmbio de ideias entre "cientistas políticos, jornalistas, sociólogos, geógrafos, psicanalistas, antropólogos e críticos literários. Isso resulta em uma abertura da prática histórica sobre outras práticas, que permite novos esclarecimentos graças a esses intercâmbios frutuosos entre diferentes disciplinas" (DOSSE, 2017, p. 27). O resultado disso é uma escrita "aberta", em que o historiador do tempo presente é levado a, constantemente, ter consciência da prática que está realizando, visto que diferentes olhares recaem sobre o mesmo material, guiando e/ou alterando o curso do estudo, sempre com vistas a enriquecê-lo, verticalizá-lo e permitindo aberturas a (re)considerações futuras.

A receptividade a modificações e reescritas é vista, por historiadores tradicionais, como outra fragilidade da HTP em relação às documentações rígidas. A passível efemeridade dos levantamentos de Tempo Presente, que é a marca mais distintiva da disciplina, porém, também é uma de suas maiores valias. Consoante Padrós:

> O fato de que algumas das explicações plausíveis sobre processos do Tempo Presente permaneçam provisórias, não desmerece o esforço por tentar dar sentido a cenários ainda desordenados ou com lacunas. Em realidade, o que para alguns pode ser uma demonstração de insuficiência ou fragilidade dessa metodologia, é, ao contrário, uma das suas principais características. Nesse sentido, mesmo com todas as carências evidentes, uma primeira sistematização desse emaranhado de informações sobre acontecimentos que muitas vezes são apresentados de forma caótica pela grande mídia (por exemplo, a superinformação fragmentada e desconecta sobre conflitos étnicos ou crises financeiras globais que irrompem "de repente"), pode constituir um ponto de partida mais qualificado para futuras análises (PADRÓS, 2009, p. 32).

A História do Tempo Presente não tem anseios de se tornar conclusiva e finita. Ao priorizar assimilar a noção de "passado provisório", ela conceitua-se, também, como provisória, mas sem deixar de oferecer uma primeira perspectiva acerca da construção do presente. Embora contestações e revisões possam surgir em relação a um estudo, entende-se que a produção de história da HTP cumpriu sua missão de, ao menos, suscitar um debate em relação ao objeto analisado em primeira instância. Desse modo, a escrita induz a considerações que, por sua vez, incita revisões e, ao fim do trajeto, ao enriquecimento do conhecimento histórico.

Finalmente, também é necessário mencionar as argumentações contrárias, feitas pela História "tradicional", à História Pública. Em geral, as críticas recaem sobre os mesmos tópicos da HC e da HTP: à pesquisa com base em fontes diversificadas e ao produto do estudo em forma de uma documentação aberta a revisões. Entretanto, a HP tenciona responder a questões mais imediatas, relacionadas à construção do presente, buscando respostas em manifestações

culturais variadas e de acesso público. Conforme Liddington (2011, p. 50), "história pública é menos sobre 'quem' ou 'o que', e muito mais sobre 'como'", e seus historiadores podem oferecer uma nova forma de mediação entre o que é ido e a atualidade.

A intermediação entre o passado e seus presentes públicos é a força motriz da História Pública. Essa disciplina é movida pela vontade de desanuviar o findado e oferecê-lo para os meios públicos, de modo que todos tenham acesso a uma interpretação acerca da construção da realidade cultural do presente. Ainda que tenha enraizamentos no estudo e na divulgação da História apoiada em produções culturais de massa – o que, por si, já é motivo suficiente para rejeição por parte dos mais conservadores –, a História Pública direciona seu olhar para os próprios sujeitos que compõem uma sociedade, bem como para as produções realizadas por eles, visto que são, essencialmente, suas impressões de como a realidade é percebida e vivenciada naquele determinado espaço. Por conseguinte, é possível retomar a proposta de Albieri (2011) sobre uma "consciência histórica" e a sua importância para a fundamentação de uma História baseada nela:

> Ora, a ideia de consciência histórica permite empreender a interpretação das diferentes culturas segundo um princípio universal dado na condição humana. Trata-se então de historiar os diferentes povos a partir de suas manifestações: mitos de origem, narrativas de memória e genealogias de famílias estão entre as múltiplas formas de dar sentido às coisas no tempo. Tais manifestações também fazem parte do cotidiano: os álbuns de família, as memórias de infância e as narrativas dos antepassados constituem outros tantos modos de historiar, plenos de mitos e ritos. Quando se faz ciência, o historiador metodiza e corrige o cabedal da memória - sentimentos e documentos - para organizá-lo numa narrativa raciocinada. Mas a historiografia não teria objeto se, antes, este não fosse dado na consciência histórica (ALBIERI, 2011, p. 27).

Portanto, a História Pública, apesar de também ser aberta a contestações e revisões, dispõe-se a vasculhar os meios públicos – televisão, rádio, cinema, literatura, histórias em quadrinhos, museus etc. –, de forma a tentar estabelecer relações entre as percepções da realidade passadas e o modo como influenciam o presente. Ainda que a HP seja, tal como a HC e a HTP, altamente interpretativa, o historiador que se propõe a realizar um estudo nesse campo deve ter cuidado na seleção do *corpus* de pesquisa e nas deduções feitas, permitindo que as esferas públicas recebam de volta o próprio conteúdo que foi tomado emprestado delas, mas, dessa vez, na forma de um instrumento organizado em uma narrativa metodizada, concisa e coerente.

Como afirmado e reafirmado ao longo deste capítulo, a História Cultural, a História do Tempo Presente e a História Pública sofrem contestações por historiadores, que não concebem que formas de escrita histórica descoladas da rigidez dos métodos consagrados sejam

admitidas como disciplinas de escrita histórica ou que substituam o que já foi estabelecido como tradicional no meio. Contudo, de modo algum, as três formas de escrita histórica fundamentadas neste capítulo pretendem sobrepor-se aos métodos considerados Acadêmicos. Na verdade, elas intentam caminhar ao lado das outras formas, colaborando para olhar o passado na tentativa de (res)significar o presente. Mesmo que se argumente que elas são passíveis de correções e de contestações, visto seus métodos fundamentados na perspectiva interpretativa, não se pode desconsiderar o trabalho realizado – na forma de uma narrativa ordenada e estruturada –, e que pode servir como ponto de partida para inúmeras outras análises, fomentar debates em diferentes níveis de uma sociedade e dar espaço a vozes, até então, inaudíveis na esfera pública.

Feitas tais considerações acerca dos métodos históricos que fundamentarão a análise e as interpretações presentes nos capítulos seguintes desta tese, entendemos que, para compreender o processo de construção de sentido no município de Caxias do Sul, inicialmente, faz-se necessário retomar o contexto do surgimento do jornalismo no município e, após, mapear o percurso das HQs nos periódicos em que foram publicadas.

3 CAXIAS DO SUL: UMA VISÃO GERAL

Caxias do Sul, localizada na encosta nordeste do Rio Grande do Sul, cresceu muito rapidamente, se comparada a outras grandes cidades do Brasil. Fundada em 1875 pelo Governo Imperial brasileiro, foi criada em local estratégico para o assentamento de famílias de imigrantes italianos recém-chegados ao país.

A população da Itália enfrentava uma dura realidade em sua pátria natal: em razão de divisões histórico-políticas, viviam em condições de submissão por conta do domínio austro-húngaro. Conforme Vitalina Maria Frosi e Ciro Mioranza (2009), o movimento conhecido como *Risorgimento*[22] acarretou mais problemas, em vez de soluções. A economia era dependente de poucas indústrias e a produção agrícola ainda era baseada no sistema econômico de exploração da força operária. Em razão disso, havia grande disparidade entre as classes. Conforme os autores:

> Sob o ponto de vista socioeconômico, a Itália apresentava regiões do Norte subdesenvolvidas e em condições de feudalismo decadente, embora politicamente fortificado com a unidade nacional. Não havia, a breve prazo, perspectivas de melhoramentos. Enquanto os latifúndios permaneciam, a força agrícola não vingava solução para seu problema econômico: um *modus vivendi*, em quase toda a área ao norte do rio Pó – a mais crítica nas sub-regiões montanhosas que nas de planície – de agricultores não remunerados senão com os meios essenciais à subsistência e habitando as terras dos grandes proprietários (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 22).

Portanto, em 1870, quando o Governo Imperial do Brasil promoveu uma campanha internacional para popular o sul do País[23], foi encontrada grande aceitação por parte dos italianos, resultando no início do processo imigratório, em 1875. Porém, as principais terras do Rio Grande do Sul – mais próximas a Porto Alegre e com acesso a transporte fluvial - já estavam ocupadas por imigrantes portugueses e alemães, que haviam chegado anos antes. Assim, os italianos foram assentados na montanhosa Serra Gaúcha, uma região coberta por floresta virgem e distante de outros pontos mais desenvolvidos do estado.

---

[22] Ressurgimento, em português. Para Laura de Leão Dornelles (2012, p. 23), "no século XIX, a Itália passou por um processo histórico cujo objetivo seria o de unir o território peninsular sob a bandeira de um Estado-nação. Conhecido como *Risorgimento*, esse se iniciou por volta de 1815 e findou no entorno de 1870, quando da criação de um reino unificado, que elevou a Península à categoria de Estado."

[23] Consoante Herédia (1997), não havia generosidade nos objetivos do Governo Imperial, que foram: o desenvolvimento da indústria, do comércio e da agricultura; a necessidade de formar um exército para defender as fronteiras do amplo território brasileiro; e, em decorrência do avanço das campanhas abolicionistas, fazia-se necessária a substituição da mão-de-obra escrava. Entretanto, a principal questão era a vontade da elite brasileira, que intencionava "branquear" o País. Assim, o convite à colonização foi estendido, especialmente, a italianos, alemães e açorianos.

Logo que chegavam da Itália, os imigrantes eram encaminhados às colônias de modo que ficassem dispostos com outras pessoas de uma mesma região, homogeneamente. Segundo Olívio Manfroi (2001, p. 99), a intenção era "fomentar solidariedade étnica, dispensando, assim, a ajuda do governo nos primeiros anos de instalação do imigrante." Em uma região geográfica de difícil acesso, longe de centros comerciais e com precárias estradas que conduziam a outras localidades, os colonos formaram comunidades fechadas em torno de si próprias. De acordo com Manfroi:

> Os imigrantes continuaram falando a língua de seu país e a viver segundo suas respectivas tradições e costumes, pois não sentiam a necessidade e nem tinham ocasião de falar a língua do país que os recebera. Esse isolamento favoreceu a formação de uma homogeneidade cultural, com acentos e graus diferentes, segundo os grupos e as circunstâncias (MANFROI, 2001, p. 99).

Ainda em 1875, o governo geral fundou a colônia Fundos de Nova Palmira, situada, conforme Maria Abel Machado (2001, p. 67), "entre as bacias dos rios Caí, Antas e Taquari, com limites geográficos em São João do Montenegro, São Sebastião do Caí, Taquara do Mundo Novo e São Francisco de Paula de Cima da Serra." Localizada em um ponto estratégico para o governo, visava a ser o principal ponto de chegada de imigrantes. Além da abertura de novos postos agrícolas, era intencionada a abertura de estradas com ligação à Depressão Central.

Rebatizada em 1877, foi chamada de Colônia Caxias, em homenagem ao Duque de Caxias. Posto o seu tamanho e destaque em comparação às outras comunidades, ganhou o apelido de Pérola das Colônias[24]: "os estabelecimentos comerciais de prestação de serviços, artesanatos e pequenas indústrias foram crescendo e, em 1883, já existiam em toda a Colônia 92 casas de comércio, 39 moinhos e 61 oficinas, para uma população de 7.359 habitantes (MACHADO, 2001, p. 81). Ano após ano, a Colônia Caxias continuava o seu crescimento acentuado e, em 1890, foi elevada à categoria de município. Em 1900, já havia 30.500 moradores; em 1910, 54.000 (MANFROI, 2001).

Nas décadas seguintes, o município continuava crescendo e, assim, sofrendo transformações. Aos poucos, as rústicas casas de madeira que formavam o núcleo urbano foram sendo substituídas por construções de mais qualidade, com materiais mais resistentes e com arquitetura mais elaborada. A ascensão social de muitos imigrantes, bem como de seus descendentes, fez necessária uma nova aparência para a cidade. Conforme Machado:

[24] Segundo João Spadari Adami (1950), o apelido foi dado por Júlio Prates de Castilhos, em visita à colônia na condição de presidente do estado, em 11 de março de 1987.

> Foi iniciado também o calçamento das principais ruas, com a definição e sistematização de seus traçados, a construção de meio-fio, dos passeios e a arborização. A preocupação com a estética da cidade e a qualidade de vida de seus habitantes fez com que desaparecesse a cidade de maneira, dando lugar à cidade de tijolos e concreto (MACHADO, 2001, p. 110).

Combinada à nova aparência que a cidade ganhava e ao aumento populacional, também se fazia necessário que os limites entre os territórios urbano e rural fossem modificados; com sucessivas remarcações e ampliações, o espaço urbano avançou sobre o campo. De acordo com Machado (2001), isso caracteriza o modelo de cidade em crescimento, que privilegia os aspectos industriais e destina a periferia aos trabalhadores de baixa renda. No final da década de 1930, outra grande implementação foi feita em Caxias do Sul, com a construção da Estrada Federal Getúlio Vargas, atual BR-116. A partir dela, a cidade foi ligada diretamente a Porto Alegre e aos demais estados ao norte.

Com a chegada da década de 1940 e, principalmente, durante a Segunda Guerra Mundial, Caxias – a denominação Caxias do Sul ocorreu somente em 1944, por meio de decreto – teve um grande desenvolvimento dos meios industrial e comercial. O governo federal declarou algumas das principais indústrias como "empresas de interesse militar", obrigando-as a trabalharem com máxima capacidade para as forças armadas brasileiras. Os trabalhadores tinham responsabilidade, com a pátria, semelhante a dos militares: em caso de abandono do posto de trabalho, eram considerados desertores (MACHADO, 2001). Não somente nos setores atingidos pelas determinações do governo, como metalurgia, tecelagem e produção de armas e munições, Caxias do Sul registrou um grande aumento no comércio em geral, em decorrência de um expressivo aumento nos salários e, por consequência, no consumo.

Além disso, Caxias do Sul e seus arredores são conhecimentos, nacional e internacionalmente, pela produção de vinhos. Segundo Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro, essa fama data do início da imigração:

> já no final do século passado [séc. XIX], a Região Colonial Italiana se havia empenhado na especialização de sua produção agrícola: a vitivinicultura. A motivação para essa especialização tem origem em múltiplos fatores. O primeiro deles responde pelo domínio tecnológico do cultivo da videira por parte de um número significativo de imigrantes [...] O outro fator, de natureza econômica, prendia-se à necessidade de diferenciação de um produto em condições de concorrer com aqueles dos colonos alemães detentores, à época, do monopólio do comércio de cereais, no Estado do Rio Grande do Sul. O mais importante, porém, dadas as suas consequências, foi a percepção política do próprio governo do Estado, sobre as vantagens de tal especialização (RIBEIRO, 2002, p. 76-77).

A referida "percepção do governo" fez-se na forma de fomento à produção, como o fornecimento de 45 mil bacelos[25] entre os colonos e o entendimento por parte do, então, presidente do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, de que a vitivinicultura poderia ser um grande e lucrativo diferencial para toda a região, bem como para o Estado. Com isso, houve grande impulso no setor vitivinícola, principalmente entre 1915 e 1925, mas que se estendeu até 1940 e proporcionou uma grande expansão econômica da Região de Colonização Italiana. Dessa forma, passou a "se caracterizar como uma das principais culturas permanentes da região e como o principal produto comercial" (HERÉDIA, 1997, p. 56).

Até 1964, o crescimento da cidade, impulsionado, especialmente pelo setor metalmecânico, continuou com altas taxas. Os governos do período, com característica de apoio ao desenvolvimento nacional, continuaram incentivando a industrialização. Para Túlio dos Reis da Silva:

> Se em poucas décadas antes, o interesse era a substituição das importações, desde o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), houve maior incentivo ao desenvolvimento industrial ligado à indústria de bens de consumo duráveis e bens de capital, com especial interesse na indústria automobilística.
> As indústrias metalúrgicas aproveitaram-se da política nacional de favorecimento à industrialização, investindo na produção de bens de consumo duráveis e de bens de capital. Não demorou muito para que a cobiça do capital internacional visse no ramo metalomecânico um espaço privilegiado para obtenção de lucro, passando a exercer sobre esta atividade grande influência, tanto devido à associação com o capital nacional (possibilitando investimentos maiores na ampliação destas indústrias) quanto na venda de tecnologia, pois era esse o segmento industrial, com interesse do governo, para dar o grande salto dos "50 anos em 5", ao desenvolvimento do Brasil (SILVA, 2018, p. 76).

A chegada da ditadura militar, que colocou o Brasil em uma grave crise econômica[26], não afetou demasiadamente a indústria caxiense, quando comparada a outras cidades do país. Com a falta de crédito internacional, o governo passou a priorizar as exportações em todos os setores industriais, como forma de melhorar a balança comercial. Em vista disso, Caxias do Sul, com um polo industrial que já negociava fortemente com mercados estrangeiros, viu alguns de seus números crescerem: "esse incentivo do governo federal fez com que as exportações caxienses crescessem mais de 100%, passando de Cr$ 3.376.000,00, referente ao primeiro semestre de 1974, para Cr$ 6.883.000,00, referente ao mesmo período, no ano de 1975" (SILVA, 2018, p. 78).

[25] "Vara que se tira de uma videira velha para formar uma planta nova" (AULETE DIGITAL, 2021, s.n.).
[26] O capítulo 5, intitulado "Narrativas de um Brasil em colapso" (p. 100), aborda essa questão com mais profundidade.

Embora a queda de faturamento com importações, posto o aumento de tributações, as principais indústrias continuaram crescendo e impulsionando o desenvolvimento da cidade. Caxias do Sul continuou abrindo postos de trabalho e atraindo migrantes e, em 1970, eram contabilizados 144.871 habitantes; em 1991, o número dobrou para 290.969 moradores (SILVA, 2018).

Nas décadas seguintes, Caxias do Sul continuou apresentando bons números, principalmente devido ao seu polo metalmecânico – o segundo maior do Brasil, atrás, apenas, de São Paulo. Em 2010, segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população era de 435.564 habitantes. Em 2021, ano de finalização desta tese, a projeção mais recente, datada de 2020, estima que 517.451 pessoas habitam os limites da cidade.

3.1 O INÍCIO DO JORNALISMO NA CIDADE E O PRIMEIRO QUADRINHO PUBLICADO

Com o início da colonização italiana na encosta nordeste do Rio Grande do Sul, em 1875, os lotes de terras públicas rapidamente foram destinados a imigrantes e, assim, colônias agrícolas foram formadas. Com a intenção de integrar os recém-chegados à vida nacional e, também, evitar o total isolamento, visto que os povoados foram criados em meio a florestas de araucárias, o governo brasileiro procurou um meio de difundir informações sobre a política e a economia do país. Além disso, era comum o desejo da população imigrante de receber notícias da pátria emigrada e, após algum tempo, também do país adotado como nova morada. Desse modo, não tardou para que surgisse a imprensa escrita. Conforme Pozenato e Giron:

> Desde o início do povoamento da região, os imigrantes interessaram-se em se manter informados sobre o que acontecia na Itália e, consequentemente, o que se passava com os familiares que lá permaneceram. [...] Com o passar do tempo, os imigrantes passaram a interessar-se por ter notícias também do Brasil, sua nova pátria, e de amigos e parentes que também viviam nesta terra, mas em lugares diferentes. Isso provocou a necessidade do surgimento de jornais locais. A primeira iniciativa parece ter sido tomada pelos padres capuchinhos, que acompanharam a imigração (POZENATO; GIRON, 2004, p. 20).

No fim do século XIX, em 1897, mais de 80 mil pessoas já habitavam a Região de Colonização Italiana, com municípios criados a partir de distritos emancipados e um bom número de potenciais leitores, oportunizando, assim, o estabelecimento da imprensa. Em 15 de outubro de 1897 começou a circular o primeiro jornal de Caxias do Sul: *O Caxiense*. Com

origens políticas, era dirigido por brasileiros ligados ao Partido Republicano Riograndense (PRR), causando desagrado à Igreja Católica, que afirmava que o PRR era porta-voz da Maçonaria. A resposta da Igreja não tardou: em 1º de janeiro de 1898, data simbólica para "nascimento de uma nova era para a cidade, a partir da qual os católicos imigrantes teriam vez e voz" (POZENATO; GIRON, 2004, p. 38), surgiu o *Il Colono Italiano*.

A disputa entre Igreja Católica e política local deflagrou a divisão das linhas editoriais dos jornais que surgiram no início do século XX: a linha editorial católica buscava, utilizando-se da imprensa, prevenir os fiéis contra os conceitos considerados nocivos aos valores religiosos, bem como "fazer frente tanto à Maçonaria, quanto ao positivismo que dominavam o estado" (POZENATO; GIRON, 2004, p. 85); a linha editorial político-partidária recebia verbas do governo federal, durante o período da República Velha (1889-1930) para a divulgação de atos e de leis. Desse modo, a maioria dos jornais pertencentes a essa linha editorial era vinculada ao PRR. Após a revolução de 30, mesmo com o corte de verbas realizado pelo governo de Getúlio Vargas, jornais apoiadores do governo continuaram surgindo.

Segundo Francisco Rüdiger, o jornalismo praticado no Rio Grande do Sul, desde o surgimento da imprensa no estado, é marcado por dois momentos distintos:

> o jornalismo gaúcho conheceu até agora duas fases ou *regimes jornalísticos*. A primeira fase, comandada pelo conceito de jornalismo-partidário, foi dominante desde a sua formação, em meados do século passado [século XIX], até a década de 1930. A segunda, dominada pelos conceitos de jornalismo informativo e indústria cultural, começou a se gestar lentamente no início do século [XX], quando surgiram as primeiras empresas jornalísticas, e se consolidou com a formação das atuais redes e monopólios de comunicação (RÜDIGER, 2003, p. 13-14, grifo original).

Considerando-se o apontamento de Rüdiger (2003), percebe-se uma particularidade na RCI: a força da Igreja Católica, que foi capaz de criar uma forte linha editorial própria e se manter viva até o presente. Tal fator pode ser explicado pela participação ativa dos padres capuchinhos no processo imigratório, auxiliando no estabelecimento dos recém-chegados e oferecendo apoio espiritual, visto a importância da religiosidade para os colonos[27]. Para Olívio Manfroi:

> Deus, a Virgem Maria e os Santos foram o sustentáculo e o refúgio dos imigrantes italianos, durante a viagem e nos primeiros anos de seu estabelecimento no Rio Grande do Sul. A oração individual nos momentos difíceis, a prece familiar nas frente

[27] Nesta tese, empregaremos o termo colonos para nos referirmos ao sentido descrito por Loraine Slomp Giron (2007, p. 40): "Mais de 20 mil famílias povoaram a chamada colônia italiana. [...] Os habitantes da região eram, na época do povoamento regional, conhecidos como colonos." Portanto, não terá relação com o seu emprego depreciativo.

> de trabalho da floresta, a liturgia dominical da sociedade na linha colonial foram uma constante característica dos colonos italianos. Os imigrantes italianos do Rio Grande do Sul era, em sua maioria absoluta, católicos praticantes. A participação das celebrações litúrgicas, nos domingos e dias de festa, era uma obrigação moral, pois só o praticante era considerado pessoa de fé, digno da estima e aceito pelos demais (MANFROI, 2001, p. 122).

A linha editorial católica foi responsável pelo surgimento de um dos principais jornais caxienses: o *Correio Riograndense*.

Criado por Dom Carmine Fasulo, em 13 de fevereiro de 1909, o jornal *La Libertà*, assim como a maioria dos jornais publicados naquele período, corria o risco de encerrar suas atividades pouco tempo após a sua criação, já em 1910. Desse modo, de acordo com Elvo Clemente e Maura Ungaretti (1993, p. 36), "para manter os católicos na boa leitura", as atividades do veículo foram levadas ao município gaúcho de Garibaldi, passando a ser impresso com o nome de *Il Colono Italiano*. Tal nomenclatura foi conservada até 5 de junho de 1917, quando a Ordem dos Capuchinhos assumiu a edição e alterou o nome para *La Stafetta Riograndense*. Com o passar dos anos, o jornal ganhou força e passou a ser uma das principais publicações da Região de Colonização Italiana.

Porém, a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, que resultou no fim das relações políticas e comerciais com os países integrantes do Eixo, impôs transformações ao jornal. Segundo Pozenato e Giron (2004), a encosta nordeste do Rio Grande do Sul tornara-se um foco de italianidade devido aos fatores políticos e sociais da chegada dos imigrantes. Escolas italianas e periódicos escritos na língua estrangeira eram comuns e não enfrentavam grandes reações contrárias por parte das autoridades brasileiras, apesar de partidárias dos ideais nacionalistas e autoritários de Mussolini[28], que também era sócio comercial do Brasil. A partir da adesão do país ao conflito, línguas estrangeiras e seus dialetos foram abolidos em todas as instâncias, obrigando os jornais a mudarem seus nomes e revitalizarem seções em outros idiomas. À vista disso, o *La Stafetta Riograndense* passou a se chamar *Correio Riograndense*. As mudanças não se restringiram somente ao idioma de publicação. A política editorial também sofreu alterações:

> Antes de 1941, defendia de forma ferrenha o fascismo italiano [...]. Com a entrada do Brasil na guerra de 1942, o jornal passou a defender o Estado Novo e as ações empreendidas por Vargas. As mudanças, porém, não foram tão profundas, pois continuou a defender o Estado Forte. Apenas foi mudado o nome a ser louvado:

[28] A partir de um golpe de estado e da implantação do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas instituiu uma política nacionalista e autoritária no Brasil. Assim, conforme Manfroi (2001, p. 112), "pelo decreto de 8 de abril de 1938, o governo obrigava a declaração e registro de todas as escolas particulares, a criação de um ambiente de brasilidade nas escolas, a adoção da língua nacional, a eliminação de símbolos estrangeiros etc."

> Mussolini foi substituído por Vargas. O grande inimigo dos editores do *Correio Riograndense* desde 1922 era o comunismo, materialista e ateu. A luta contra o comunismo também era a bandeira defendida por Vargas, a partir da Intentona Comunista de 1935. As relações entre os capuchinhos e a ditadura brasileira não poderiam ser melhores. Nunca foi cortada a cota de papel-jornal destinada à publicação desse periódico (POZENATO; GIRON, 2004, p. 97).

O, então, *Correio Riograndense* retomou algumas seções em italiano após o fim da Segunda Guerra Mundial, visto que uma grande parcela de seu público era moradora de regiões rurais e, mesmo com as imposições de Vargas, nunca deixou de preferir a língua italiana e seus dialetos. O aumento das vendas no período da guerra e nos anos subsequentes fez com que os padres capuchinhos iniciassem uma campanha para a construção de um parque gráfico em Caxias do Sul. Consoante Pozenato e Giron (2004, p. 97), "Garibaldi torna-se pequena para as novas proporções do jornal."

No decorrer dos anos, o *Correio Riograndense* modernizou-se, sem abandonar sua essência católica e rural. Embora o século XXI não esteja compreendido no escopo da pesquisa apresentada nesta tese, é pertinente informar que, em 8 de fevereiro de 2017, em vias de completar 108 anos desde a primeira publicação do *La Libertà*, o *Correio Riograndense* passou por uma de suas maiores mudanças: a versão impressa do periódico foi extinta, passando a publicar somente via internet.

Porém, a linha editorial do *Correio Riograndense* não era adepta de correr riscos e fazer alterações profundas em seu conteúdo, optando por valorizar as tradições estabelecidas pelos imigrantes italianos e pelos fundamentos da Igreja Católica. Desse modo, coube a *O Pioneiro*, principal concorrente do periódico, a publicação da primeira história em quadrinhos em um jornal de Caxias do Sul.

Se o *Correio Riograndense* fazia campanha contra os socialistas, ela parecia não ser satisfatória para agradar grupos de extrema-direita, que não encontravam espaço na imprensa caxiense para propagar ações integralistas e atacar grupos trabalhistas. Desse modo nasceu, em 4 de novembro de 1948, *O Pioneiro*. Consoante Pozenato e Giron:

> O jornal *O Pioneiro*, formado por membros da antiga Ação Integralista Brasileira, que se reuniram após a redemocratização sob a sigla do Partido de Representação Popular (PRP), partido comandado por Plínio Salgado, desencadeou intensa campanha contra o Partido Comunista Brasileiro (PCB) (POZENATO; GIRON, 2004, p. 114).

Segundo Mário Gardelin (1988), para evitar que o periódico fosse vinculado a um movimento político, procurou-se conferir a *O Pioneiro* um aspecto de independência, buscando uma linha editorial que exaltasse as raízes socioculturais de Caxias do Sul e que disfarçasse a

faceta político-partidária. Entretanto, todos os integrantes, sócios ou pessoas vinculadas de alguma forma ao novo jornal eram ligados ao Partido de Representação Popular, como Cyro de Lavra Pinto, Zulmiro Lermen e João Spadari Adami. Conforme Pozenato e Giron:

> O jornal *O Pioneiro*, apesar de qualificar-se como *digno, honesto, criterioso*, não tinha intenção alguma em apresentar-se como um jornal neutro. Basta ver outros adjetivos utilizados para qualificar o próprio jornal – *modelador de ideias, aferidor de opiniões e orientador da consciência coletiva* (POZENATO; GIRON, 2004, p. 117, grifo original).

A postura radical d'*O Pioneiro* tornou-se ainda mais perceptível durante o período da ditadura militar no Brasil. Enquanto o *Correio Riograndense* abordava o tema de forma mais comedida, *O Pioneiro* apoiava o governo de forma declarada e aplaudia suas ações ditatoriais.

No início da década de 1980, o jornal sofreu duas alterações. De *O Pioneiro* passou, apenas, para *Pioneiro*. Além da nova nomenclatura, ganhou distribuição diária.

Em 1993, com os altos custos necessários para atender às demandas do público, que esperava um "fazer jornalístico" mais moderno, profissional e rigoroso, e, principalmente, para melhorar a sua qualidade técnica, a Empresa Jornalística Pioneiro foi vendida à Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS):

> Com a venda, ocorreram profundas mudanças, tanto em sua apresentação gráfica, como em sua tiragem e área de abrangência. A tiragem começou a ser feita a cores, equiparando-o aos mais modernos veículos impressos do país. No momento da venda [...] o *Pioneiro* atingia 32 municípios. Após a venda, aumentou sua área de abrangência para 53 municípios (POZENATO; GIRON, 2004, p. 155).

Com a negociação, o *Pioneiro* passou a ser apresentado como um *Diário de Integração Regional*, com mais foco em informações da região e sem orientação político-partidária, embora conserve a predileção pela Direita. Além disso, a tiragem, que era de 18 mil exemplares diários à época da venda, subiu para 28 mil.

Em 04 de maio de 1951, 82 anos após a publicação da primeira história em quadrinhos no Brasil[29], e 54 anos depois do início da imprensa em Caxias do Sul, *O Pioneiro* exibiu em suas páginas a primeira HQ impressa do município: *Acácio "o me cansa",* como pode ser visto na Figura 4:

[29] Conforme Moya (1993), o responsável pelas primeiras histórias em quadrinhos publicadas no Brasil foi o italiano Angelo Agostini. Nascido em Vercelli, mudou-se para o Brasil em 1859. Em 1864 começou a trabalhar como desenhista na revista *Diabo Coxo*. Em 1867 mudou-se para o Rio de Janeiro e, no ano seguinte, começou a ilustrar as revistas *Vida Fluminense* e *O Mosquito*. Em 1869, criou a primeira HQ brasileira: *Nhô Quim* ou *Impressões de uma viagem à Corte*, publicada na *Vida Fluminense*.

Figura 4 – Página da primeira história em quadrinhos em um jornal de Caxias do Sul.

Diario do Pioneiro à Disposição dos Sindicatos Caxienses

BOLO ESPORTIVO CONTINUA NA ENGORDA

Zorzi e Guilherme buscam a liderança

São quase trezentos os candidatos a vereador. — Verdadeira demonstração de vitalidade politica. — Vivo interêsse pelo certame

Na apuração dos votos para a escolha popular dos vereadores caxienses, Guilherme do Valle e Etelvino Zorzi colocaram-se na dianteira. Entretanto, haverá muitas voltas, segundo se anuncia. Várias pessoas estão acumulando votos para descarregar em seus candidatos preferidos. Até o momento, são êsses os resultados da votação:

Americo Tomasi	2	Alcides Almeida ...	10
Antonio P. Rossetti .	1	Abel Zattera	13
Armando Cardoso ...	70	Angelo Crocoli	2
Arnaldo Schons	8	Alfredo Mandelli ...	2
Agenor L. dos Reis .	19	Aparicio Postali	37
Assis Freitas	9	Américo Pizani	10
Antonio Carvalho ..	33	Ary de Carli	7
Arnaldo Flons	1	Alfredo Caberlon ...	4
Augusto Franzoi	53	Arthur Rech	23
Afonso José Pires ..	14	Atilio Pierucceni	3
Afonso Almeida	49	Arlindo Scariot	2
Ativo Forner	12	Américo Mendes	2
Afonso Florian	1	Alberto Casali	1
Angelo Perozzo	1	Abranches Almada ..	13
Antonio Adami	1	Aldo Zatti	3
Aneo Costamilan ...	3	Amadeu Milani	4
Atilio Rapone	1	Angelo Guerra	1
Anápio R. da Silva .	24	Alberto Denicol	5
Ary Zeni	38	(Cont. na pág. 3)	

Apelo ao I. A. P. I.

Nosso diário já teve oportunidade de fazer uma enquete sôbre a assistência social em nossa cidade. Ouvimos muitas pessoas, com a finalidade de encontrar três que respondessem. Constatamos a a existência de muitos casos em que o IAPI ou outros institutos podiam sofrer graves acusações em sua missão.

Em nossa redação estêve na tarde de hoje o operário Prudente Soares, residente na Vila Operária 19, nesta cidade, que, depois de três anos de auxilio pelo Instituto, viu repentinamente serem cortadas as mensalidades que vinha percebendo. O operário em questão foi submetido a vários exames, de pulmão, estomago, etc. entretanto não foi examinado do coração e dos rins, de que diz estar sofrendo, motivo pelo qual teve de recorrer ao institu to. Os médicos do Instituto declaram que o operário pode trabalhar e êle, no entanto sente-se mal. Entretanto, outros médicos, que não são do Instituto, declaram-no inapto ao trabalho.

E' o segundo caso que temos em mãos, nestas condições. Sabemos da existência de dezenas de outros. Solicitamos, assim, aos responsáveis pelo atual estado de coisas, que dêm uma explicação ao povo, especificando se existem instruções impedindo a concessão dos benefícios, ou dificultando, e limitando, afim de que o instituto não tenha demasiados compromissos.

O DIARIO DO PIOINEIRO dará guarida a todas as reclamações que os operários quizerem fazer sair em suas páginas, referentes ao tratamento dos institutos.

Necessitamos de instruções para orientar muitas pessoas que nos procuram. Que falem os responsáveis.

As Casas Mandelli patrocinam o maior prêmio oferecido em Caxias. — Verdadeira chuva de palpites. — Mais de 10 assinaturas já foram ganhas.

O Bolo Esportivo, que constitue, sem duvida, o maior prêmio acumulado já oferecido em Caxias, deve-se ás Casas Mandelli, o estabelecimento lider em calçados, artigos de esporte e couro, em nossa cidade.

Na ultima semana houve uma verdadeira avalanche de palpites, mas nenhum conseguiu acertar os resultados dos quatro jogos. Houve, no entanto, um acertador de três jogos. E é bom lembrar que o acertador de três jogos, recebe gratuitamente uma assinatura do DIARIO DO PIONEIRO. Até agora já distribuimos mais de 10 assinaturas, a acertadores de três jogos. Falta apenas o valente que leve a bolada grossa, hoje acumulada em 3.400 cruzeiros.

Aqui está o Bolo Esportivo que deverá ser preenchido e colocado nas urnas que se encontram nas Casas Mandelli, ou na Redação do Diário do PIONEIRO, até domingo, pela manhã.

Casas Mandelli Casas Mandelli Casas Mandelli Casas Mandelli

BOLO ESPORTIVO N. 17

	Jogos	Resultados
Caxias	JUVENTUDE——x——FLUMINENSE	
P. Alegre	GREMIO——x——NACIONAL	
RIO	VASCO——x——FLAMENGO	
«	S. CRISTOVÃO——x——BOTAFOGO	

Jogos do dia 6 de de Maio de 1951

Nome .....
Rua ..... N.º .....
Cidade .....

Casas Mandelli Casas Mandelli Casas Mandelli Casas Mandelli

Sociedade de Medicina de Caxias do Sul

Conferencia do Dr. Antonio Tasis Gonzales. . . .

Reuniu-se na noite de ante-ontem, em sessão especial, a Sociedade de Medicina de Caxias do Sul, sob a presidência do Dr. José Brugger.

Iniciando a sessão o Sr. Secretário, Dr. Cezar Serafini, fez a leitura da ata da sessão anterior que foi aprovada.

Seguiu-se com a palavra o Dr. Antonio Gonzales que dissertou sôbre o tema *"Tartrato de Ergotamina Stoll e Diabetes Mellitus"*. O Dr. Gonzales que há vários anos vem se dedicando ao estudo do tratamento do Diabetes Mellitus leu um resumo de sua tése sôbre este importante e sempre atual assunto que causou os mais entusiásticos e sinceros comentários da classe médica caxiense, pois indiscutivelmente, o trabalho do Dr. Gonzales é de molde a honrar qualquer associação cientifica.

Estiveram presentes á reunião os Drs. Louzada Vianna, Horta Barboza, Natalino Oliva, Sehbe, Rocha Netto, Bortoluzzi, Torelly, De Carli, Botto e Belardinelli.

Em Caxias um irmão de Albany Machado

Nossos leitores se recordam da trágica morte de Albany Machado, que foi degolado por Nair dos Santos. Albany pertencia a uma distinta familia de S. Paulo, de que se afastara, por espirito de aventura, seguindo, para Caxias. A familia teve conhecimento da morte de Albany sòmente no dia 26 de abril, 4 mêses depois do falecimento. Afim de recolher dados, esteve em Caxias o sr. Neudy Machado, inspetor da S. A. Philips do Brasil, e residente em São Paulo, Av. Cleveland, 584.

O Sr. Neudy solicitou-nos externar seu agradecimento ás autoridades de Caxias, ao Sr. Vitorio Ranzolin, pela pronta colaboração que recebeu de todos informando-o sôbre as trágicas circunstancias em que perdeu a vida seu infeliz irmão.

O DISCURSO... (Cont. da 1.ª pág.)

seu governo sôbre os sindicatos. Para corroborar sua tese, recordará a atuação de Bevin, recentemente falecido, que poude subir tão alto na politica de seu pais, graças a seu sindicalismo vigoroso e decidido. Citará ainda o exemplo da França e dos EE. UU., onde as Federações dos Trabalhadores são sempre ouvidas, quando da solução dalgum grave problema nacional. Desta maneira, o lider trabalhista pretende refutar a asserção que Vargas pronunciou um discurso atentatório ás instituições, pois, os Nrgãos encarregados de atuação politica são os partidos e não as organizações de classe. O Sr. Brochado da Rocha Presidente Vargas está sustentará também que o cumprindo a constituição, quando ao apelar para o povo, define a grave situação nacional. O povo é o supremo mandatário a quem incumbe escolhermos novos governantes, logo, dirigindo-se a êle se está perfeitamente dentro das normas da democracia.

Em síntese, é isto que se acredita seja ventilado nas próximas reuniões da Camara de Deputados.

DIARIO DO PIONEIRO, no sentido de cooperar com os dirigentes dos Sindicatos, colocou á disposição uma página, onde seriam publicados os editais, boletins, manifestos e outras divulgações de interêsse da classe operária.

Em resposta, recebemos o seguinte ofício do Sr. Etelvino Zorzi, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Industrias Metalurgicas, Mecanicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul:

Caxias do Sul, 24 de Abril de 1951
Ilmo(s). Sr(s).
Isidoro Moreto
DD. Diretord o Jornal "O PIONEIRO DO SUL"
N. Cidade.

Pelo presente, em resposta ao atencioso ofício de V. S. datado de 4 do corrente e dirigido aos Sindicatos Reunidos. Informamos a V. S. que cada Sindicato, apesar de funcionareme m sêde comum são completamente independentes, tendo cada um a sua diretoria. Ante o exposto, tenho o prazer de comunicar-lhe que a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Industrias Metalurgicas Mecanicas e de Material Elétrico, em reunião realizada dia 23 do corrente, resolveu aceitar o oferecimento, exclusivamente a parte que se refere a êste Sindicato. Nada podendo dizer quanto aos demais aqui sediados, pois é assunto que só as respetivas diretorias poderão resolver.

Com os nossos agradecimentos, subscrevemo-nos mui atenciosamente

Etelvino Zorzi — Presidente do Sindicato dos trabalhadores nas Inds. Met., Mec. e de M. Elétrico de Caxias do Sul.

ANUNCIOS ECONOMICOS

VENDE-SE um automovel marca «WAUXHALL» 1948, 6 cilindros em estado de novo, por preço de ocasião. Ver e tratar em frente ao Café América. Telefone, 290, com Alberto Santos. E258

ACORDEONS «Stradella» — Vende-se um em perfeito estado. 120 baixos, marca Stradella Dalla P. Tratar á rua Marechal Floriano 834. E 254

EXPRINTER — Viagens para qualquer parte do mundo comprando sua passagem em Caxias do Sul — Belló & Cia. — Edificio Balém — Fone 952. E 209

TELEPATIA — Si tens assuntos importantes na tua êle, mande teu pseudonimo, data nascimento e envelope para resposta selado e mais Cr$ 5,00 por pergunta, para Krishnamurty — Caixa Postal 3360, e verás como te dará as cousas mais certo. P. Alegre. E 220

VENDA, alugue ou compre casa; consiga empregada ou operário; troque seu terreno por automovel ou vice-versa gastando apenas Cr$ 3,00. Este é o preço de um anuncio econômico no Diário do Pioneiro.

TORNO MECANICO — Vende-se um torno mecânico, Montgomery, 70 centimetros entre pontas, próprio para trabalhos de precisão. Tratar nesta redação, ou pelo fone 733

TREVO

BELLO' & CIA — rua Alferes Chaves, 761 — Fone 952 — Caxias.

LIVROS de Plinio Salgado — á venda na Livraria Caleagnotto — Praça Ruy Barbosa — Nesta cidade. E 192

PETROLINA MINANCORA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO.
TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

MORRENDO E APRENDENDO

ACACIO O «ME-CANSA»...

Fonte: O PIONEIRO, 04/05/1951, p. 04.

Essa tirinha foi o marco do surgimento das histórias em quadrinhos nos periódicos caxienses. Sem qualquer destaque na página, a ilustração bem-humorada aparece no rodapé, cercada por publicações de temáticas variadas.

É importante destacar que, apesar de existirem no Brasil desde 1869, as HQs ganharam popularidade no país apenas a partir da criação da revista em quadrinhos *O Tico-Tico*, em 1905, com o personagem Chiquinho. Segundo Goida (2014, p. 12), "o humor era a principal característica das histórias em quadrinhos dessa revista. Nela também publicava-se contos, páginas didáticas, brincadeiras e jogos de armar." Porém, somente em 1934 surgiu o primeiro suplemento de jornal dedicado aos quadrinhos, quando o jornalista Adolfo Aizen, percebendo o potencial das HQs depois de uma visita aos Estados Unidos, lançou o "Suplemento Juvenil", que fazia parte do jornal *A Nação*, do Rio de Janeiro. Publicado três vezes por semana, "apareceram os grandes heróis das *daily-strips* norte-americanas. A garotada vibrou com Tarzan, Flash Gordon, Brick Bradford, Mandrake, o Mágico, O Rei da Polícia Montada, Jim das Selvas, X-9, Dick Tracy e muitos outros" (GOIDA, 2014, p. 12).

Como veremos no mapeamento realizado nos subcapítulos a seguir, as HQs demoraram para se firmarem nos jornais de Caxias do Sul, passando por longos intervalos em desaparecimento até os anos de 1970, quando ganharam recorrência, destaque, seções próprias e passaram a ser uma constante. Cabe salientar que a divisão escolhida para os subcapítulos se deu para, de forma mais eficaz, traçar paralelos e diferenciações com a história geral das histórias em quadrinhos, visto que nas obras que tratam do assunto – especialmente nas que analisam o mercado estadunidense, fundamentais para compreender a consolidação do meio em escala global –, a trajetória das HQs é analisada década a década.

3.1.1 Décadas de 1950 e 1960

Após a veiculação inicial de *Acácio "o me cansa"*, *O Pioneiro* ainda publicou mais seis tirinhas com o personagem, em 05, 08, 21 e 30 de maio, e 20 e 25 de junho, todas em 1951. Sem qualquer comunicado, o jornal encerrou a impressão de histórias em quadrinhos.

Elas só voltaram a surgir em agosto de 1956, no *Boletim Eberle*[30], jornal mensal editado pela metalúrgica Eberle, que tinha a seção "Daqui e... acolá" dedicada a anedotas. Tal fato é evidenciado a seguir, na Figura 5:

[30] Periódico com circulação entre 1956 e 1965.

Figura 5 – *Boletim Eberle*, agosto de 1956

Fonte: BOLETIM EBERLE, agosto de 1956, p. 11.

O periódico voltou a publicar histórias em quadrinhos somente em outras três oportunidades, apesar de a seção compor todas as edições do *Boletim Eberle*: junho e dezembro de 1957 e junho de 1960.

O período a partir do fim de agosto de 1956 também marcou a volta das HQs ao jornal *O Pioneiro*. Em uma série de publicações nos meses de agosto e setembro de 1956; março, abril e maio de 1957; janeiro de 1958; e em abril, maio e junho de 1959, o periódico imprimiu, em suas páginas, a tirinha *Histórias verídicas*. Em sua maioria eram pequenas biografias de personalidades do mundo, divulgadas em partes. Desse modo, era necessário adquirir as edições seguintes do jornal para acompanhar a história completa de cada biografado[31]. O *Correio Riograndense* publicou *História verídica* (no singular) uma única vez, em 15 de janeiro de 1958. Porém, ao contrário do jornal concorrente, a narrativa completa foi reproduzida em uma

[31] Essas biografias estão abordadas em profundidade no capítulo 4 desta tese, "Por um mundo melhor: quadrinhos formadores de 'cidadãos de bem'", dedicado a quadrinhos com temática socioeconômica de abrangência mundial (p. 79).

mesma edição do periódico. Além de relatos de vida, a *História*(*s*) *verídica*(*s*) também publicava narrativas de acontecimentos históricos, como a libertação da Guatemala, exemplificado na Figura 6, a seguir:

Figura 6 – "Histórias verídicas: a libertação da Guatemala"

HISTORIAS VERIDICAS - A Libertação de Guatemala

(1.o de uma série de 7)

LUTA PELA LIBERDADE

..— Em Junho de 1954 a Guatemala era toda um campo de batalha. Os homens ali lutavam pela sua liberdade. Os comunistas haviam apunhalado o coração do Hemisfério Ocidental. O povo guatemalteco pegou em armas para livrar sua terra do jugo de uma potência estrangeira. O triunfo final dos guatemaltecos representa uma vitória para todos aqueles que amam sua pátria, sua religião e sua independência.

ALVO VERMELHO

—O drama te mlugar numa pequena república da América Central. O café é cultivado nas encostas ondulantes das montanhas. Seu povo, de religião católico romana, é descendente dos antigos Maias que criaram uma das mais brilhantes culturas da História. Nesta república os comunistas lançaram o martelo e a foice. Os vermelhos queriam uma cabeçade-ponte no Hemisfério Ocidental.

OS COMUNISTAS INFILTRAM-SE

— A maioria dos habitantes da Guatemala não se sentiu atraída pela propaganda comunista. Contudo, um pequeno grupo de homens sem escrúpulos pela sua influência e atividades pode cercar e tomar o poder. Gradativamente, os comunistas foram se infiltrando em todos os setores da vida nacional.

(Cliché USIS n.o 360351 — MD-223 — especial para o jornal PIONEIRO).

(2.o de uma série de 7)

DOIS HOMENS SE DEFRONTAM

— Foi então que os comunistas encontraram uma instrumento para realização de seus objetivos — Jacobo Arbenz, Ministro da Defesa da Guatemala, um dos dois candidatos à sucessão do Presidente Arevalo. O outro era o Coronel Francisco Arana. Como Chefe das Forças Armadas, Arana detinha, juntamente com Arbenz, da autoridade governamental. Contudo, Arana não participava do conlúio de Arbenz com os comunistas. Arana era um obstáculo entre Arbenz e a presidência.

CRIME NA NOITE

— Na tarde de 18 de Julho de 1949, o Coronel Arana foi atraído por um estratagema para uma estrada deserta nas montanhas. Seu carro ao atravessar uma ponte ficou bloqueado por outro que fechava a extremidade do caminho. Era uma cilada que lhe tinham preparado! Arana e seu ajudante de ordens foram mortos a tiros por quatro oficiais do exército. O chofer do carro de Arana conseguiu sobreviver e mais tarde declarava que um ajudante de ordens de Arbenz guiára os assassinos. Nenhum dêstes, contudo, foi jamais prêso, ou processado. Pois daí em diante Arbenz passava a ocupar a presidência da república.

UM TRAIDOR TORNA-SE PRESIDENTE

— Em Março de 1951, Jacobo Arbenz tornava-se presidente. Até que os comunistas pudessem consolidar seu domínio sôbre a Guatemala, êles continuariam a precisar de cabeça-de-ferro para fazer seu jôgo. Arbenz era o homem indicado: ambicioso e politicamente ingênuo. Os comunistas compraram-no com promessas de poder e riquezas. Em troca, Arbenz vendeu-lhes a pátria.

(Cliché USIS n.o 360351 — MD-224 — especial para o jornal PIONEIRO).

Fonte: O PIONEIRO, 15/09/1956, p. 06.

Entre 19 de novembro de 1958 e 15 de abril de 1959 foi a vez de o *Correio Riograndense* publicar uma série fragmentada em 14 tirinhas intituladas *Zé Caipira*. Com temática anticomunista, a sequência narrativa relata as desventuras do personagem-título, que

adere ao posicionamento político de esquerda e sofre dos mais variados problemas[32]. O nome de Zé Caipira pode ser uma alusão ao personagem Zé Caipora, de Angelo Agostini, publicado no final do século XIX até 1905. Nas histórias, Zé Caipora enfrentava percalços marcados por sua falta de sorte na vida e por escolhas erradas.

É interessante observar que, no mercado de quadrinhos europeu e norte-americano pós-guerra, as publicações infantis entraram em declínio. Criadores passaram a buscar outras formas de expressar a sua arte, arriscando desenhos mais complexos e histórias mais provocativas. De acordo com Dan Mazur e Alexander Danner (2014, p. 13-14), "em meados dos anos 1950, o público leitor de quadrinhos [nos EUA] era outro – uma pesquisa de 1950 sugere que 54 por cento dos leitores de quadrinhos tinham mais de 20 anos, sendo 48 por cento do sexo feminino." Tal pesquisa contrastava com a opinião dos críticos da época, visto que para eles, o público leitor era composto por crianças semianalfabetas. Assim, percebe-se que o rumo tomado pelo mercado internacional de HQs reverberou em Caxias do Sul, onde os dois principais jornais da cidade optaram por publicar narrativas mais longas e com temáticas dedicadas a um público mais maduro.

Entretanto, a década de 1960 apresenta uma discrepância quando comparada com a anterior. Nesse período, as histórias em quadrinhos praticamente desapareceram, novamente, dos jornais da cidade. Além da já mencionada publicação de junho de 1960, no *Boletim Eberle*, somente mais três ocorrências foram constatadas: 05 e 12 de setembro de 1964, no *Caxias Magazine*[33], e em um encarte especial em dezembro de 1969, no *O Pioneiro*.

Feitas tais considerações, pode-se observar as publicações de histórias em quadrinhos nos jornais caxienses, nas décadas de 1950 e 1960, distribuídas nos quadros 1 e 2, que seguem:

[32] Tal como as biografias de *Histórias verídicas*, *Zé Caipira* será abordado em profundidade no capítulo 4 desta tese (p. 79).
[33] Jornal independente que circulou entre 1958 e 1970.

Quadro 1 – Publicações em jornais caxienses na década de 1950

Década de 1950			
Jornal	**Ano e edição de publicação**	**Seção**	**Título**
Boletim Eberle	Agosto de 1956; junho e dezembro de 1957	"Daqui e... acolá"	Sem título
Correio Riograndense	15 de janeiro de 1958	Sem seção	*História verídica*
	De novembro de 1958 a abril de 1959		*Zé Caipira*
O Pioneiro	04 a 30 de maio; e 20 e 25 de junho	Sem seção	*Acácio "o me cansa"*
	Agosto e setembro de 1956; março a maio de 1957; janeiro de 1958; abril a junho de 1959		*Históricas verídicas*

Fonte: elaboração nossa.

Quadro 2 – Publicações em jornais caxienses na década de 1960

Década de 1960			
Jornal	**Ano e edição de publicação**	**Seção**	**Título**
Boletim Eberle	Junho de 1960	"Daqui e... acolá"	Sem título
Caxias Magazine	05 e 12 de setembro de 1964	"Ora, Pílulas... Uma secção de K. Veira"	*K. Veira*
O Pioneiro	Dezembro de 1969	Sem título	*Cebolinha*

Fonte: elaboração nossa.

O período de declínio no cenário caxiense parecia acompanhar o processo ocorrido no mercado de quadrinhos estadunidense. Enquanto, na Europa, as HQs prosperavam em revistas próprias, com criações adultas, contestadoras e, até mesmo, pornográficas, os Estados Unidos viviam um momento de decadência moral em razão da Guerra do Vietnã e do moralismo vigente no final dos anos 1950. Embora continuassem a existir, as tirinhas de jornais tornaram-se ideologizadas e propagandistas, com sanções para que tivessem moderação em seu conteúdo (GOIDA, 2014). Nesse cenário, somente faziam sucesso as revistas de super-heróis da Marvel Comics e da DC Comics, não havendo espaço no *mainstream* para revoluções artísticas quadrinizadas:

> A maioria dos gêneros estava em declínio; no final da década, havia apenas vestígios de revistas de terror, humor adolescente, romance, guerra, faroeste e quadrinhos de animais engraçados. A indústria de quadrinhos norte-americana foi se tornando uma

> monocultura, intricadamente identificada como um único gênero, que o público em geral associava exageradamente a bobagem juvenil (MAZUR; DANNER, 2014, p. 18).

O fato revoltou diversos autores, que buscavam liberdade para criar, livres das limitações impostas pela paisagem cultural. Assim, surgiu uma cena *underground* que, embora tenha iniciado de forma irregular e desorganizada, seria de extrema importância para os quadrinhos das décadas seguintes ao redor do mundo e, por consequência, para os publicados em jornais de Caxias do Sul.

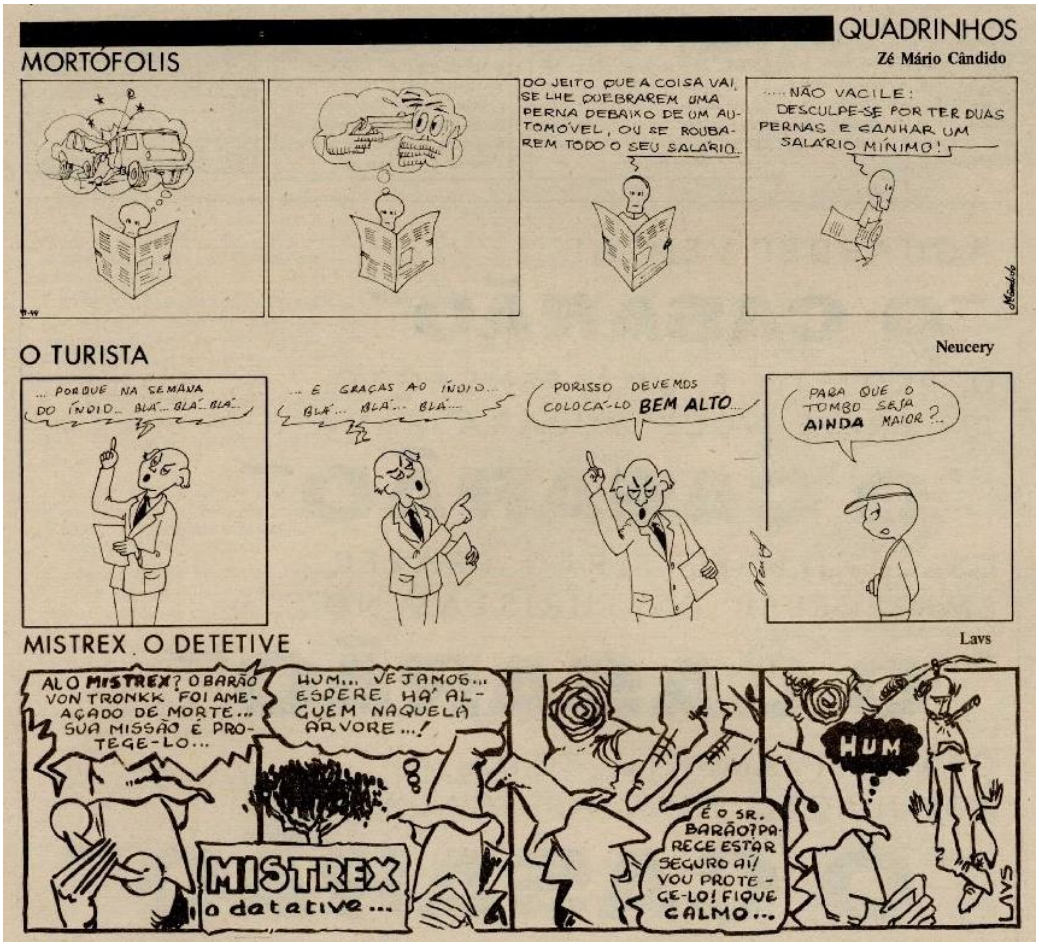
3.1.2 Décadas de 1970 e 1980

Entre 1971 e o início de 1973, *O Pioneiro* publicou, com grande recorrência, tirinhas da *Turma da Mônica* em páginas de seções variadas do periódico. Após passar o resto de 1973 e todo 1974 sem imprimir histórias quadrinizadas, elas voltaram em 1975, dessa vez, com destaque. Foi criada a seção "Pioneiro Infantil", que continha charadas, piadas, jogos e quadrinhos infantis dedicados a dois personagens: os meninos Lucas e Eusébio e o cachorro Grudi. Entretanto, a seção durou somente até fevereiro de 1976. Com o fim dela, *O Pioneiro* encerrou a publicação de HQs até 1983.

Ainda em 1975 houve uma mudança de paradigma nos quadrinhos em jornais caxienses. Em 19 de abril daquele ano, o *Jornal de Caxias*[34], criado pelo mesmo grupo de capuchinhos ligado ao *Correio Riograndense*, mas sem as amarras conservadoras, apesar das imposições do período ditatorial e do Ato Institucional nº 5, publicou duas tirinhas com críticas econômicas e sociais, que podem ser vistas na Figura 7, a seguir:

[34] Jornal de circulação entre 1973 e 1987.

Figura 7 – Críticas sociais em tempos de ditadura militar



Fonte: JORNAL DE CAXIAS, 19/04/75, p. 10.

A postura do *Jornal de Caxias* também contrastava com a adotada pelo *O Pioneiro*. Segundo Pozenato e Giron:

> Enquanto o *Correio Riograndense* mantinha sua postura mais conservadora, o *Jornal de Caxias* abriu espaço para intelectuais antes cerceados em seu poder de manifestação pelo *Pioneiro*, que durante esse período adotou a mais reacionária das atitudes, aplaudindo de forma declarada o governo militar.
> Jornalistas jovens e com posições mais abertas passaram a dirigir o *Jornal de Caxias* [...] que abriu espaços para a intelectualidade caxiense (POZENATO; GIRON, 2004, p. 139-140).

Até a veiculação da última tirinha, em 17 de outubro de 1983, o *Jornal de Caxias* seguiu publicando HQs provocativas, com questionamentos sobre a sociedade brasileira e caxiense. Além disso, em uma seção intitulada “Mulher”, datada de 21 de janeiro de 1978, o jornal reproduziu quatro histórias da personagem Mafalda, em espanhol, que criticava a alienação feminina pela sociedade, como pode ser visto na Figura 8, na sequência:

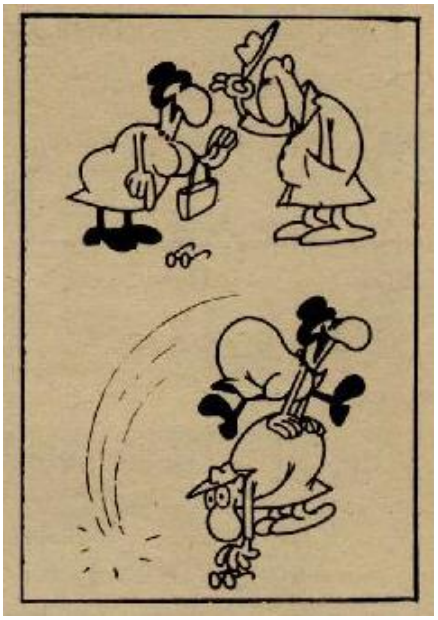
Figura 8 – Mafalda nas páginas do *Jornal de Caxias*

Fonte: JORNAL DE CAXIAS, 21/01/78, p. 28.

O único período díspar em relação ocorreu entre 19 de novembro de 1977 e 07 janeiro de 1978. Em um suplemento intitulado "Jornalzinho da Mônica", o *Jornal de Caxias* reproduziu quadrinhos da Turma da Mônica

Enquanto isso, entre 12 de maio de 1976 e 28 de maio de 1980, o *Correio Riograndense* criou uma seção de humor, que mudou de nome ao longo do período compreendido, mas manteve a sua essência: "Mercado Livre", "Diversões" e "Divertimentos" foram os nomes adotados pelo jornal. No espaço, eram encontradas piadas, charadas, explanações sobre datas históricas e, em 12 publicações distribuídas ao longo desses quatro anos, histórias em quadrinhos. Ao contrário do *Jornal de Caxias* e em semelhança a *O Pioneiro*, as tirinhas eram voltadas ao público infantil, mantendo, desse modo, a tática adotada pelos freis capuchinhos para não enfrentar retaliações por parte do governo militar. Um exemplo dessas HQs pode ser visto a seguir, na Figura 9:

Figura 9 – Quadrinhos inofensivos no *Correio Riograndense*



Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 06/09/78, p. 19.

Como mencionado anteriormente, as histórias em quadrinhos publicadas em Caxias do Sul pareciam seguir as tendências do mercado americano. Em semelhança ao modelo adotado pelos jornais dos Estados Unidos – que passaram a publicar histórias infantis, visto que pareciam resignados a aceitar a condição das HQs como produtos inferiores –, *O Pioneiro* e o *Correio Riograndense* seguiram na mesma linha editorial, preenchendo o espaço destinado a histórias em quadrinhos com narrativas dedicadas ao público infanto-juvenil. Nas reportagens, optaram por não antagonizar os governos vigentes, preferindo adotar posturas declaradas de apoio ao governo ditatorial.

Por outro lado, o *Jornal de Caxias* pareceu seguir as tendências do movimento *underground* americano, que fez sucesso, embora não a ponto de atingir a escala *mainstream*, entre 1968 e 1973. Conforme Mazur e Danner:

> Pela primeira vez, os criadores de quadrinhos, em número significativo, escreviam e desenhavam para se expressar, sem censura ou interferência editorial, e continuavam donos de suas criações.
> [...]
> Quebrando tabus, seus desenhos colocaram em primeiro plano nudez e sexo, violência extrema, humor irreverente e política radical, mas também ampliaram os limites convencionais dos quadrinhos como forma de arte. A estética underground era um olhar áspero e espontâneo, que se arriscava a pecar por excesso de desordem, até mesmo de ilegibilidade, em vez de parecer uma publicação sofisticada ou comercial (MAZUR; DANNER, 2014, p. 23).

Embora não tão explícitos quanto os quadrinhos *underground* americanos, as publicações do *Jornal de Caxias* guardavam semelhanças com eles. O humor era fundamentado na crítica ao modelo político adotado pela ditadura militar, as ilustrações eram rústicas e continham apenas traços suficientes para tornar os personagens reconhecíveis ao leitor. Com a liberdade criativa dada pela postura adotada pelo jornal, foram publicados os únicos quadrinhos da década de 1970 que ousaram atingir os limites das imposições do AI-5 e provocar questionamentos nos leitores quanto aos rumos tomados pelo Brasil.

Com a chegada da década de 1980, houve nova transformações no cenário de narrativas quadrinizadas em jornais de Caxias do Sul, consolidando de vez essa forma artística nas páginas das principais publicações da cidade.

O *Pioneiro* inseriu, definitivamente, as HQs em suas páginas: iniciando em 1983 e compreendendo todo o restante do escopo desta pesquisa, o periódico manteve a regularidade de, no mínimo, três vezes por semana, publicar quadrinhos. A retomada ocorreu com o personagem que se tornou uma espécie de porta-voz de toda a Região de Colonização Italiana: o colono Radicci. A tirinha do cartunista Iotti fez a sua estreia no dia 09 de abril de 1983, na seção “Humor”, como pode ser visto na Figura 10, a seguir:

Figura 10 – A estreia de Radicci

Fonte: O PIONEIRO, 09/04/1983, p. 11.

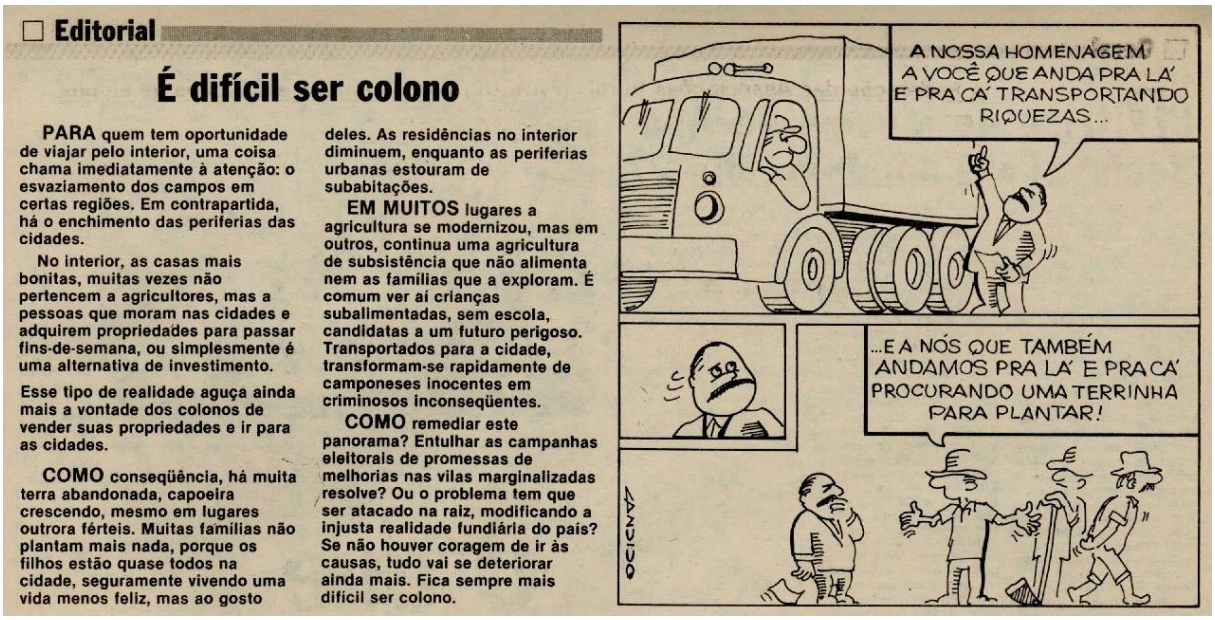
Com a popularidade alcançada pelo personagem, suas histórias foram reproduzidas em outros jornais do estado do Rio Grande do Sul, em livros e, também, com Carlos Henrique Iotti interpretando o colono em programas de televisão, de rádio e em apresentações teatrais. Em nossa dissertação de mestrado intitulada *"Qua comando mi!": a estereotipação do colono italiano no universo de Radicci, do cartunista Iotti*, escrevemos:

> Carlos Henrique Iotti resgata aspectos históricos referentes ao período do início da colonização italiana na encosta nordeste do Rio Grande do Sul, para, então conceber as narrativas de *Radicci*. A série reproduz, sem demonstrar qualquer mudança em relação a si mesma, generalizações de práticas e de costumes da RCI, aliados à disseminação do discurso regionalista. Diante disso, criam-se estereótipos dos imigrantes italianos e de seus descendentes (MENEGOTTO, 2017, p. 94-95).

Ao longo da década de 1980, além de *Radicci*, o Iotti também publicou outras tirinhas no *Pioneiro*, na *Folha de Caxias*[35] e na *Folha de Hoje*[36], com destaque para *Geração astral*, *Os discocuecas* e *Frederico & Felini*. Apesar da profusão de diferentes histórias, nenhuma teve a mesma recorrência e popularidade do colono que estereotipa costumes dos primeiros imigrantes italianos.

A partir da segunda metade da década, com o fim da ditatura militar e o retorno do governo democrático ao Brasil, o *Correio Riograndense* implantou a seção "Editorial" para exprimir a opinião dos editores acerca de questões sociopolíticas brasileiras. Livres das amarras impostas anteriormente, o periódico aderiu, no espaço, à publicação de um texto opinativo acompanhado de uma charge para reforçar o posicionamento. Eventualmente, entre os anos de 1986 e 1988, as charges eram substituídas por histórias em quadrinhos com a mesma finalidade. Um exemplo pode ser visto na Figura 11, que segue:

Figura 11 – Quadrinhos no "Editorial" do *Correio Riograndense*



Editorial

É difícil ser colono

PARA quem tem oportunidade de viajar pelo interior, uma coisa chama imediatamente à atenção: o esvaziamento dos campos em certas regiões. Em contrapartida, há o enchimento das periferias das cidades.

No interior, as casas mais bonitas, muitas vezes não pertencem a agricultores, mas a pessoas que moram nas cidades e adquirem propriedades para passar fins-de-semana, ou simplesmente é uma alternativa de investimento.

Esse tipo de realidade aguça ainda mais a vontade dos colonos de vender suas propriedades e ir para as cidades.

COMO conseqüência, há muita terra abandonada, capoeira crescendo, mesmo em lugares outrora férteis. Muitas famílias não plantam mais nada, porque os filhos estão quase todos na cidade, seguramente vivendo uma vida menos feliz, mas ao gosto deles. As residências no interior diminuem, enquanto as periferias urbanas estouram de subabitações.

EM MUITOS lugares a agricultura se modernizou, mas em outros, continua uma agricultura de subsistência que não alimenta nem as famílias que a exploram. É comum ver aí crianças subalimentadas, sem escola, candidatas a um futuro perigoso. Transportados para a cidade, transformam-se rapidamente de camponeses inocentes em criminosos inconseqüentes.

COMO remediar este panorama? Entulhar as campanhas eleitorais de promessas de melhorias nas vilas marginalizadas resolve? Ou o problema tem que ser atacado na raiz, modificando a injusta realidade fundiária do país? Se não houver coragem de ir às causas, tudo vai se deteriorar ainda mais. Fica sempre mais difícil ser colono.

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 23/07/86, p. 04.

Depois desse período, o "Editorial" permaneceu no periódico, mas charges e HQs foram extintas, substituídas por fotografias diversas que, não necessariamente, eram contextualizadas pelo texto de opinião. Até a chegada dos anos 1990, O *Correio Riograndense*

[35] Jornal publicado entre 1988 e 1989.
[36] Periódico diário que circulou entre 1989 e 1994: "pertencia ao grupo Triches, denominado então Sistema Trídeo de Comunicação, que englobava esse jornal, a Rádio Caxias e a Rádio 1010" (POZENATO; GIRON, 2004, p. 154).

publicou somente mais cinco histórias em quadrinhos, todas destinadas ao público infantil, intituladas *Croqui... o galo mais divertido deste mundo*, em uma seção chamada “Correio Sabetudo”, que continha curiosidades, brincadeiras e dicas para crianças.

A já mencionada *Folha de Hoje*, quando da sua criação, em 1989, publicava semanalmente uma seção chamada “Quadrinhos”. Após poucas semanas, o periódico passou a dedicar duas páginas diárias para uma seção, inicialmente inominada, mas voltada a entretenimento. Nela, lia-se o horóscopo, a programação dos cinemas de Caxias do Sul e de televisão, pequenas notas sobre exposições artísticas e, também, histórias em quadrinhos. Além de *Radicci*, também foram publicadas tirinhas com temáticas diversas. Enquanto algumas eram dedicadas a humor regionalista, como *Macanudo Taurino*, outras, como *Alles Blau*, apesar de conterem elementos relacionados à nacionalidade de antepassados dos moradores da região, envolviam seus protagonistas em situações relacionadas à situação socioeconômica do Brasil. Outra HQ recorrente era *Rango* que, assim como *Alles Blau*, criticava o momento político do país, embora descartasse elementos estereotipados relativos aos imigrantes da região. A Figura 12, a seguir, exemplifica a variedade das HQs publicadas:

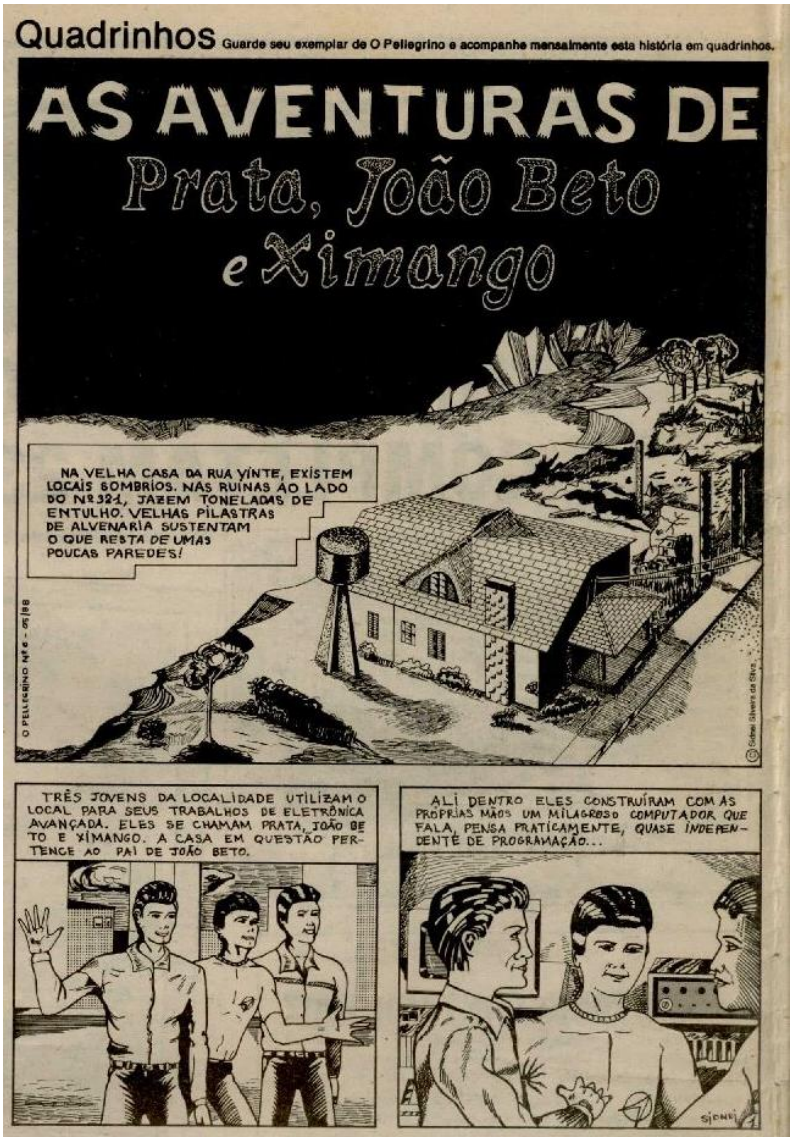
Figura 12 – Diversidade temática em *Folha de Hoje*

Montagem nossa. Fonte: FOLHA DE HOJE, 04/12/1989, p. 02-03.

Por fim, o último jornal que manifestou histórias em quadrinhos em suas páginas na década de 1980 foi *O Pellegrino*[37]. Em uma sequência de seis meses – entre maio e novembro de 1988, *O Pellegrino* teve uma seção chamada "Quadrinhos" e publicou *As aventuras de Prata, João Beto e Ximango*. Ao lado do nome da edição, era sugerido que os leitores acompanhassem o desenvolvimento da história no decorrer dos meses, tal como um romance de folhetim. A ambientação da narrativa era a própria cidade, utilizando localidades reais para desenvolver as peripécias do trio de personagens, como visto na Figura 13, a seguir:

[37] Jornal mensal dedicado a notícias do bairro São Pelegrino e que circulou entre 1987 e 1997.

Figura 13 – Caxias do Sul como pano de fundo para aventuras



Fonte: O PELLEGRINO, agosto de 1988, p. 02.

Na década de 1980, as histórias em quadrinhos publicadas em jornais de Caxias do Sul parecem ter deixado de seguir as tendências das publicações americanas e criado uma identidade própria. Nos Estados Unidos, seguindo o caminho iniciado na década de 1970 pelo movimento *underground* e pela publicação dos primeiros romances gráficos, as HQ passaram a amadurecer e a incorporar aprofundamentos psicológicos e temáticos, ganhando notoriedade e respeito da crítica, visto que as fronteiras entre histórias em quadrinhos e romances se tornaram mais estreitas.

Em Caxias do Sul, o sucesso de *Radicci* pareceu abrir caminho para uma invasão de histórias em quadrinhos influenciadas por diferentes identidades culturais encontradas na RCI e com diferentes temáticas. Desse modo, houve uma grande divisão entre as temáticas de HQs:

as regionalistas, voltadas a temáticas de humor estereotipado; e as voltadas a questões socioeconômicas, com ou sem elementos regionais, que aproveitaram a instabilidade política do país, na segunda metade da década, para criticar os rumos tomados pelo Brasil e a situação da população.

O panorama de publicações de histórias em quadrinhos, nas décadas de 1970 e 1980, pode ser visto nos quadros 3 e 4, a seguir:

Quadro 3 – Publicações em jornais caxienses na década de 1970

Década de 1970			
Jornal	**Ano e edição de publicação**	**Seção**	**Título**
Correio Riograndense	A partir de maio de 1976	Seção de humor que mudou de nome ao longo dos anos: "Mercado Livre"; "Diversões"; e "Divertimentos"	Sem título
Jornal de Caxias	A partir de 1975	Seções variadas	Destaque para: *Mortófolis*; *O turista*; *Mistrex, o detetive*; *Blequinho; Lucas*; e *Mafalda*
	Entre 19 de novembro de 1977 e 07 janeiro de 1978	"Jornalzinho da Mônica"	*Turma da Mônica*
O Pioneiro	Entre 1971 e o início de 1973	Seções variadas	*Turma da Mônica*
	Início de 1975 a fevereiro de 1976	"Pioneiro infantil"	Destaque para: *Lucas*; *Eusébio*; e *Grudi*

Fonte: elaboração nossa.

Quadro 4 – Publicações em jornais caxienses na década de 1980

(continua)

Década de 1980			
Jornal	**Ano e edição de publicação**	**Seção**	**Título**
Correio Riograndense	Início na década de 1970 e término em maio de 1983	Seção de humor que mudou de nome ao longo dos anos: "Mercado Livre"; "Diversões"; e "Divertimentos"	Sem título
	Entre 1986 e 1988, sem regularidade	Editorial	Sem título
	25 de janeiro; 01 e 15 de março; 03 de maio; e 28 de junho de 1989	"Correio Sabetudo"	*Croqui... o galo mais divertido deste mundo*

(conclusão)

Folha de Hoje	A partir de novembro de 1989	Inicialmente, em "Quadrinhos". Após poucas edições, criou-se uma seção dedicada a entretenimentos variados.	Destaque para: *Radicci*; *Macanudo Taurino*; *Alles Blau*; e *Rango*
Jornal de Caxias	Início na década de 1970 e término em 17 de outubro de 1983	Seções variadas	Destaque para: *Prof. Pirarucu*
O Pellegrino	Entre maio e novembro de 1988	"Quadrinhos"	*As aventuras de Prata, João Beto e Ximango*
O Pioneiro	A partir de 1983	Seções variadas	Destaque para: *Radicci*; *Geração astral*; *Os discocuecas*; e *Frederico & Felini*

Fonte: elaboração nossa.

Entretanto, a chegada da década seguinte acarreta novas mudanças para o mercado caxiense de quadrinhos. Enquanto *Radicci* continua ganhando força e sendo publicado diariamente ao longo dos anos, a partir da metade da década a recorrência de outras histórias cai drasticamente, criando um mercado quase exclusivo do colono representante da RCI.

3.1.3 Década de 1990 e ano 2000

Entre os anos de 1990 e 1993, o jornal *Pioneiro* manteve a publicação diária de, pelo menos, três tirinhas – eventualmente uma quarta aparecia nas páginas da seção "Sete Dias". Destacam-se os quadrinhos de humor ácido *Machado, o cortante*; as narrativas sobre a vida jovem de *Neo-Pós-Ultra*; e os comentários socioeconômicos de *Fábrica Faglianostra*. Por volta da metade de 1993, o *Pioneiro* encerrou a publicação de histórias em quadrinhos, embora o "Sete Dias" tenha permanecido com frequência diária.

Somente no início de 1995 o jornal retomou a regularidade: desde essa data, indo até o limite do escopo desta pesquisa, o *Pioneiro* publicou, diariamente, *Radicci* acompanhado de outra narrativa. Em 1995, a segunda tirinha alternava, frequentemente, entre *Machado, o cortante*, *Jean Gilet – o falso macho* – uma história voltada ao humor homofóbico, algo impensável para os dias atuais –, *Lovers* e *De bar em bar*, quadrinhos voltados ao humor adulto

Iniciando em 1996 e indo até o final dos anos 2000, o *Pioneiro* fixou *Radicci* e *Os bichos*, – tirinha protagonizada por animais antropomorfizados com comentários sobre a natureza humana –, na seção "Sete Dias", como pode ser constatado na Figura 14:

Figura 14 – *Radicci* e *Os bichos* no *Pioneiro*

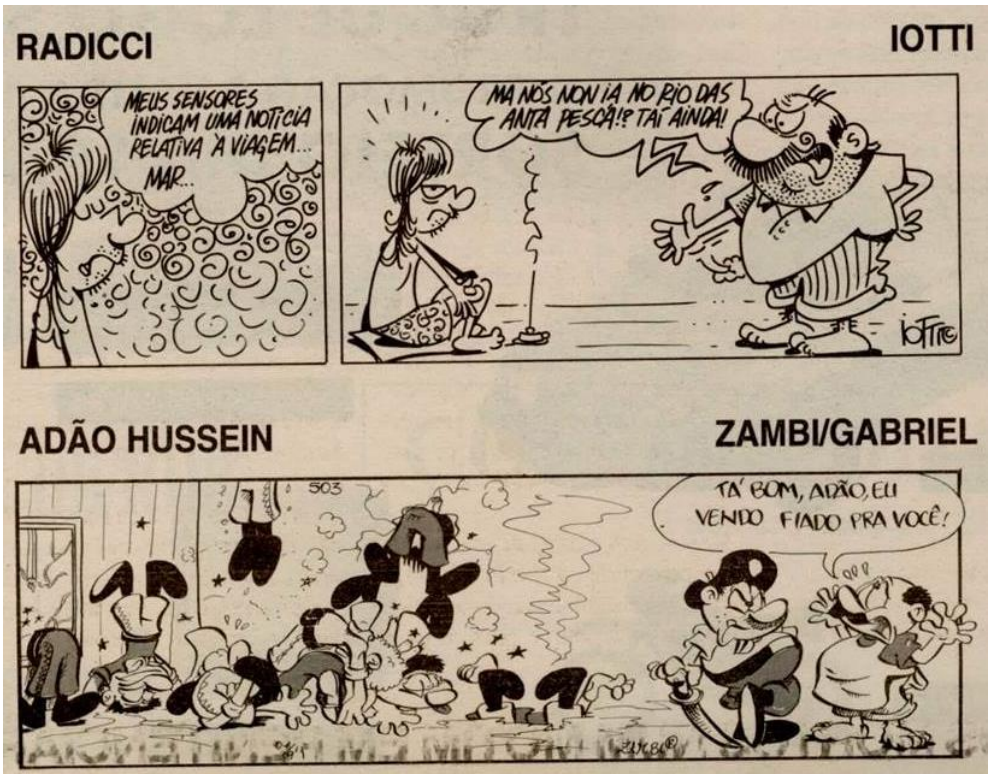
Fonte: O PIONEIRO, 08/01/1998, p. 07.

Embora tenhamos afirmado que esta tese não se deteria nos autores das HQs publicadas, entende-se que, neste momento, faz-se necessária uma exceção. *Os bichos*, originalmente chamada de *Animal crackers*, é uma história em quadrinhos oriunda dos Estados Unidos da América. Criada em 1930, foi "sindicalizada"[38] e revendida a jornais do mundo inteiro, sendo ilustrada por diversos artistas americanos ao longo dos anos. Em 1994, passou a ser de responsabilidade de Fred Wagner, que permaneceu no posto até 2015, quando passou a autoria a Mike Osbun, seu pupilo (ORLANDO SENTINEL, 2021, s.p.).

Durante o ano de 1994, em que o *Pioneiro* não publicou *Radicci* ou quaisquer outras tirinhas, o jornal *Folha de Hoje* foi o responsável por difundir o colono de Iotti. No último ano de existência do periódico, a seção "Variedades" dedicava parte de seu espaço a duas histórias em quadrinhos: *Radicci* sempre era uma delas. No espaço da segunda HQ, entre as mais recorrentes, estavam *Frederico & Felini*, a tirinha de humor *Adão Husseim* e *School Gang*. Um exemplo está na Figura 15, na sequência:

[38] Ver Capítulo 2, página 34 desta tese.

Figura 15 – Quadrinhos na *Folha de Hoje*



Fonte: FOLHA DE HOJE, 05/01/1994, p. 10.

O Pellegrino voltou a publicar histórias em quadrinhos na década de 1990, embora somente duas e com grande distância entre as datas. Na edição de junho de 1992, na seção "Oficina Cultural", três tirinhas intituladas *Tata e Lino* apareceram, sendo todas objetivamente críticas ao sistema político e às eleições municipais daquele ano[39].

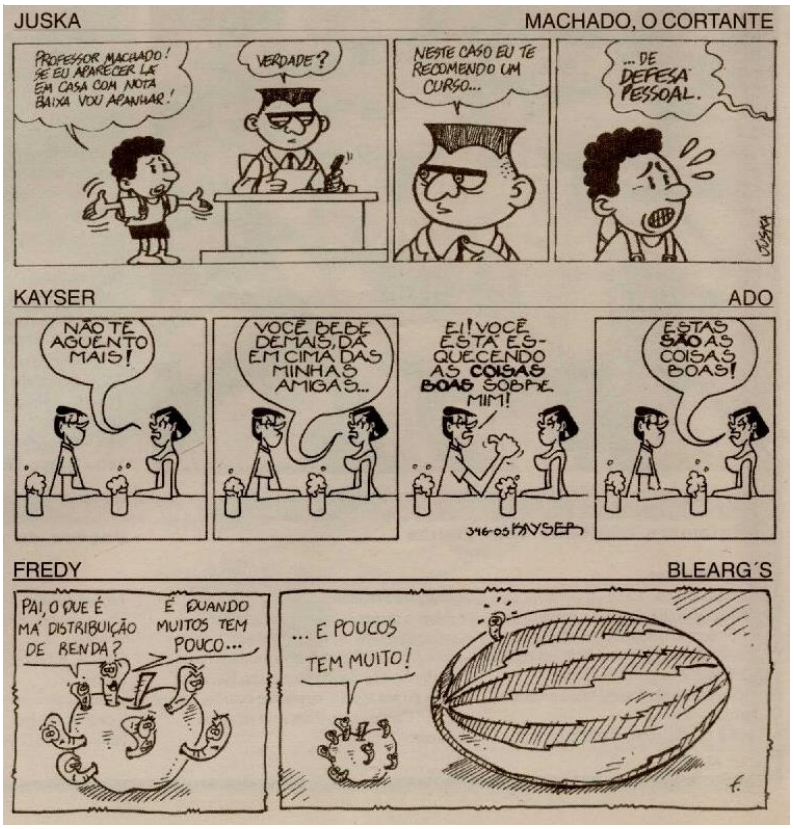
[39] As três tirinhas são analisadas no capítulo 6 desta tese, "O Rio Grande do Sul em pauta" (p. 128).

A outra HQ em *O Pellegrino* surgiu somente em agosto de 1996, na seção "Opinião", equivalente ao Editorial, e complementa o texto da página, que defende a igualdade de gênero no mercado de trabalho.

O *Caxias Notícias*[40] foi outro jornal que publicou histórias em quadrinhos durante um curto período. Entre fevereiro e abril de 1998, o periódico publicou, em dez edições, a tirinha *School Gang*, de humor jovem, na seção "Editoria de Cultura". Após tal espaço de tempo, o periódico não retomou a impressão de HQs até o encerramento de suas atividades.

Por fim, o último jornal a publicar histórias em quadrinhos no período compreendido pelo escopo desta pesquisa foi a *Folha do Sul*[41]. Apesar da curta circulação, diariamente eram impressas duas ou três narrativas quadrinizadas, de variadas temáticas. As histórias mais recorrentes eram *Machado, o cortante*, a tirinha de humor adulto *Ado* e *Blerg's*, voltada ao humor crítico socioeconômico, conforme a Figura 16:

Figura 16 – Tirinhas na *Folha do Sul*



Fonte: FOLHA DO SUL, 02/06/2000, p. 07.

[40] Jornal semanal que circulou entre 1998 e 2000.
[41] Periódico diário de circulação entre 2000 e 2001.

Como se vê, com exceção da consolidação de *Radicci*, as histórias em quadrinhos publicadas em jornais de Caxias do Sul foram inconstantes, com o surgimento e extinção de diversas histórias sem critério aparente e sem aviso por parte dos editores.

Os quadros 5 e 6, na sequência, evidenciam a difusão de HQs na década de 1990 e no ano 2000:

Quadro 5 – Publicações em jornais caxienses na década de 1990

Década de 1990			
Jornal	**Ano e edição de publicação**	**Seção**	**Título**
Caxias Notícias	De fevereiro a abril de 1998	"Editoria de Cultura"	*School Gang*
Folha de Hoje	De 1991 a 1994	Seções variadas	Destaque para: *Radicci*; *Frederico &* Felini; *Adão Husseim*; e *School Gang*
O Pellegrino	Junho de 1992	"Oficina cultural"	*Tata e Lino*
	Agosto de 1996	"Opinião"	Sem título
O Pioneiro	Entre 1990 e 1993	"Sete Dias"	Destaque para: *Machado, o cortante*; *Neo-Pós-Ultra*; e *Fábrica Faglianostra*
	Entre 1995 e 1996		Destaque para: *Radicci* (fixo); e alternância entre *Machado, o cortante*; *Jean Gilet – o falso macho*; *Lovers*; e *De bar em bar*
	Início em 1996		*Radicci* e *Os bichos*

Fonte: elaboração nossa.

Quadro 6 – Publicações em jornais caxienses no ano 2000

Ano 2000			
Jornal	**Ano e edição de publicação**	**Seção**	**Título**
O Pioneiro	Início em 1996 e estendido até a data limite do escopo desta pesquisa	"Sete Dias"	*Radicci* e *Os bichos*

Fonte: elaboração nossa.

Ademais, percebe-se, também, que durante a primeira metade da década de 1990, houve um fortalecimento da identidade adquirida a partir da queda do governo militar. Grande

parte das tirinhas continuaram baseando o seu humor em temáticas socioeconômica, mas, ao contrário das publicações da segunda metade da década de 1980, que localizavam as temáticas no Brasil, as narrativas dos anos 1990 não especificavam a origem das dificuldades. Porém, na segunda metade de 1990, houve uma queda drástica em relação à variedade de narrativas e de temáticas. Os periódicos optaram por manter histórias inofensivas, de humor sem direcionamento ao governo ou à precariedade das condições de vida da população. É interessante observar essa mudança de postura das histórias em quadrinhos na década de 1990, embora, a precisão dos motivos – ou dos responsáveis – faça parte do campo das especulações. Sob o nosso ponto de vista, a década criou uma divisão ideológica entre histórias em quadrinhos e charges. Enquanto as charges mantiveram a sua postura crítica e factual, publicadas na seção do Editorial, os quadrinhos firmaram-se nas seções de entretenimento – dedicadas a um público de faixa-etária mais abrangente – e junto às palavras cruzadas, horóscopo, guia de programação etc. O estudo dessas possibilidades mostra-se pertinente e relevante, passível de ponderações futuras, à parte desta tese.

Outro ponto a ser observado é o desaparecimento das narrativas com temática regionalista. Com exceção de *Radicci*, todas as outras, voltadas à criação de humor baseado em estereótipos gauchescos ou de imigrantes, foram eliminadas das publicações.

Nos próximos capítulos desta tese, parte do *corpus* levantado será posto em análise pela perspectiva das disciplinas de produção de história consideradas adequadas para a investigação. A grande vantagem dessas modalidades é a possibilidade de realizar articulações entre o passado e o presente com base na ponderação acerca de produtos culturais, muitas vezes, invisíveis à escrita histórica tradicional. Segundo Delgado e Ferreira (2013, p. 29), "a abrangência e variedade de temas que podem ser investigados por historiadores do tempo presente sugerem a possibilidade de adoção de uma variedade de enfoques na construção de análises e interpretações sobre as questões pesquisadas e estudadas." Desse modo, tomar histórias em quadrinhos como objeto de estudo pode revelar traços, até então, imperceptíveis da relação entre o espaço cultural e a temática de HQs publicadas em jornais caxienses, entre 1951 e 2000.

Acima de tudo, este estudo não tenciona ser definitivo ou oferecer explicações e soluções absolutas para a escrita histórica aqui proposta. Na verdade, ele deve ser tomado como um ponto de partida, que pode ser revisitado, reescrito e/ou continuado. As análises, mesmo que sustentadas por referenciais teóricos e cuidadosas ponderações, é extremamente particular a cada pesquisador. Como sugerido por Dosse:

> os historiadores que atualmente tomam consciência de um enxugamento necessário de suas explicações não pretendem mais restituir uma verdade total sobre a realidade tal como ela acontece, pois eles são mais conscientes que sua investigação é sempre mediada pelo discurso e deve, então, levar em conta todas as mediações que permitem restituir algo de real (DOSSE, 2017, p. 24).

A (re)construção da realidade que propomos é apenas uma, entre tantas que podem emergir a partir do que está disposto nas páginas a seguir, uma vez que a percepção do real é subjetiva e submetida a forças empreendidas por todos os componentes de um espaço cultural. Portanto, o que segue é fruto de aferições realizadas por nós e conduzidas por uma enorme teia de relações, de discursos e de significados.

4 POR UM MUNDO MELHOR: QUADRINHOS FORMADORES DE "CIDADÃOS DE BEM"

Ao contrário do que ocorre nos dias contemporâneos, em que os jornais de Caxias do Sul têm foco voltado à produção de conteúdo, majoritariamente, sobre o contexto regional, a década de 1950 oferecia um panorama diferente. Além do que ocorria no cenário local, as publicações produzidas no município buscavam oferecer uma perspectiva dos fatos ocorridos no Brasil e no mundo, sem abandonar as idealizações de suas linhas editoriais.

Nos anos 1950, *Correio Riograndense* e *O Pioneiro*, os dois principais periódicos de Caxias do Sul (considerando-se adesão e vendagem) tinham propostas semelhantes quanto ao viés político. O *Correio riograndense* dedicava as suas páginas à defesa das doutrinas católicas e aos interesses do posicionamento político de direita. Em *O Pioneiro*, os ideais da direita também eram sustentados, mas de forma mais extrema. Em meio ao debate político, também abria espaço para questões intelectuais como forma de "educação" das massas. Conforme Pozenato e Giron:

> o jornal *O Pioneiro*, apesar de qualificar-se como *digno, honesto, criterioso*, não tinha intenção alguma em apresentar-se como um jornal neutro. Basta ver outros adjetivos utilizados para qualificar o próprio jornal – *modelador de ideias*, *aferidor de opiniões e orientador da consciência coletiva* (POZENATO; GIRON, 2004, p. 117, grifo original).

Ambos os jornais lutavam por ideais parecidos, cada qual com sua atitude frente às questões abordadas – a qual procurava defender certos códigos morais do que se chamava "cidadão de bem". Desse modo, não é de se estranhar que as poucas histórias em quadrinhos com abordagens socioeconômicas referentes a questões mundiais tenham sido encontradas nos dois periódicos, na década referida e com temáticas em conformidade com as linhas editoriais. Embora poucas HQs tenham sido publicadas nesses jornais, nos anos de 1950, a investigação delas proporciona uma percepção aprofundada acerca do posicionamento de cada periódico frente a questões de escala mundial, colaborando para a construção de uma história cultural do meio quadrinizado em Caxias do Sul.

4.1 QUADRINHOS BIOGRÁFICOS NO *CORREIO RIOGRANDENSE* E NO *PIONEIRO*

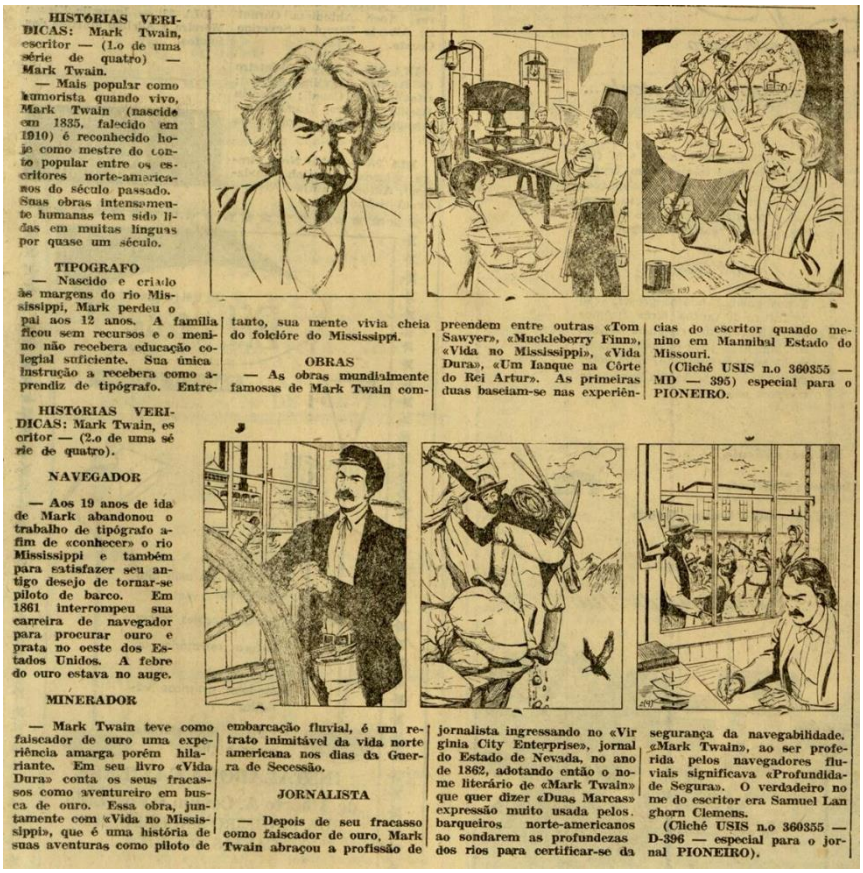
Pouco após a metade da década de 1950, o *Pioneiro* deu início à primeira publicação de histórias em quadrinhos serializadas em jornais de Caxias do Sul, separando-as em diferentes

edições e propondo que os leitores adquirissem os exemplares seguintes de forma a obterem a totalidade da narrativa. Levando-se em conta as pretensões editoriais de "educação" dos leitores, não surpreende o fato de que as narrativas serializadas tenham sido biografias de pessoas de destaque mundial[42]. A pretensa intelectualidade modeladora de ideias proposta pelos editores do *Pioneiro* pode justificar a celebração de personalidades mundiais de caráter reconhecidamente exemplar, capazes de servirem como referência na formação de leitores superiores e, por consequência, de uma sociedade proeminente. Na luta por ser um instrumento educacional condizente com os ideais do periódico, quaisquer instrumentos à disposição seriam válidos para atingir os objetivos ambicionados. Conforme Massaud Moisés (2001, p. 165), "relato da existência alheia, a biografia almeja-se objetiva, verdadeira: agora o foco narrativo é o da terceira pessoa, e o biógrafo mune-se de documentos cientificamente compulsados e serenamente interpretados a fim de reconstituir a trajetória existencial de um homem superior."

Sob o título de *Histórias Verídicas*, no total, entre 1956 e 1959, o *Pioneiro* publicou a biografia de seis personalidades: o escritor Mark Twain; o presidente norte-americano Dwight Eisenhower; o símbolo da liberdade de imprensa John Peter Zenger; a fundadora da Cruz Vermelha Clara Barton; outro presidente americano, Abraham Lincoln; e o empresário que instalou os primeiros cabos telegráficos, Cyrus Field. Por outro lado, o *Correio Riograndense* publicou apenas uma biografia, em 1958: a da ativista surdocega Helen Keller. A primeira e a segunda partes da publicação sobre Mark Twain podem ser vistas na Figura 17, que segue. A sequência completa pode ser encontrada no Anexo A desta tese:

[42] De toda forma, não analisaremos a qualidade ou a veracidade das biografias em quadrinhos publicadas nos periódicos. O ponto observado será o das técnicas empregadas para a criação das histórias reproduzidas.

Figura 17 – Biografia de Mark Twain – primeira e segunda partes



HISTÓRIAS VERIDICAS: Mark Twain, escritor — (1.o de uma série de quatro) — Mark Twain.

— Mais popular como humorista quando vivo, Mark Twain (nascido em 1835, falecido em 1910) é reconhecido hoje como mestre do conto popular entre os escritores norte-americanos do século passado. Suas obras intensamente humanas tem sido lidas em muitas línguas por quase um século.

TIPOGRAFO

— Nascido e criado às margens do rio Mississippi, Mark perdeu o pai aos 12 anos. A família ficou sem recursos e o menino não recebera educação colegial suficiente. Sua única instrução a recebera como aprendiz de tipógrafo. Entretanto, sua mente vivia cheia do folclóre do Mississippi.

OBRAS

— As obras mundialmente famosas de Mark Twain compreendem entre outras «Tom Sawyer», «Huckleberry Finn», «Vida no Mississippi», «Vida Dura», «Um Ianque na Côrte do Rei Artur». As primeiras duas baseiam-se nas experiências do escritor quando menino em Mannibal Estado do Missouri.

(Cliché USIS n.o 360355 — MD — 395) especial para o PIONEIRO.

HISTÓRIAS VERIDICAS: Mark Twain, escritor — (2.o de uma série de quatro).

NAVEGADOR

— Aos 19 anos de ida de Mark abandonou o trabalho de tipógrafo afim de «conhecer» o rio Mississippi e também para satisfazer seu antigo desejo de tornar-se piloto de barco. Em 1861 interrompeu sua carreira de navegador para procurar ouro e prata no oeste dos Estados Unidos. A febre do ouro estava no auge.

MINERADOR

— Mark Twain teve como faiscador de ouro uma experiência amarga porém hilariante. Em seu livro «Vida Dura» conta os seus fracassos como aventureiro em busca de ouro. Essa obra, juntamente com «Vida no Mississippi», que é uma história de suas aventuras como piloto de embarcação fluvial, é um retrato inimitável da vida norte americana nos dias da Guerra de Secessão.

JORNALISTA

— Depois de seu fracasso como faiscador de ouro, Mark Twain abraçou a profissão de jornalista ingressando no «Virginia City Enterprise», jornal do Estado de Nevada, no ano de 1862, adotando então o nome literário de «Mark Twain» que quer dizer «Duas Marcas» expressão muito usada pelos barqueiros norte-americanos ao sondarem as profundezas dos rios para certificar-se da segurança da navegabilidade. «Mark Twain», ao ser proferida pelos navegadores fluviais significava «Profundidade Segura». O verdadeiro nome do escritor era Samuel Langhorn Clemens.

(Cliché USIS n.o 360355 — D-396 — especial para o jornal PIONEIRO).

Fonte: PIONEIRO, 25/08/1956, p. 05.

É notável a ocorrência de uma biografia em formato de história em quadrinhos em um periódico, na década de 1950, visto que as publicações biográficas, autobiográficas e de História em formato de HQ ganharam popularidade somente na década de 1980. Na Europa, grandes artistas passaram a ilustrar no formato, fazendo surgir respeitosas publicações entre público e críticos. Conforme Goida:

> tradicionais editoras como a Larousse, a Hachette e a Mondadori (italiana) lançaram-se aos quadrinhos com um vigor impressionante. Passaram a publicar séries (de mais de mil páginas cada) em que a História e a didática apresentavam um dinamismo impressionante. Assim, foram publicadas “A História da França”, “A Descoberta do Mundo”, “A História do Far West”, “A Bíblia”, “A História da Grécia e Roma”, “As Grandes Batalhas”, “A História da Segunda Guerra”, “Os Grandes Líderes”, “A História da Música” e muitos outros títulos. Além de adultos, os quadrinhos europeus provavam (e eram integralmente aprovados) ser um notável instrumento didático (GOIDA, 2014, p. 12).

Na publicação do *Pioneiro*, pode-se perceber certas particularidades acerca de uma biografia, especialmente quando se tem em conta o acréscimo da técnica quadrinizada. Assim como em uma biografia tradicional, há ressalvas a serem feitas quanto à veracidade factual da

história. Para Moisés (2001), deve-se lembrar que ela é construída extrapessoalmente, de modo que o biógrafo concebe a narrativa com base em documentos diversos, apelando à imaginação para o preenchimento de lacunas. Conforme o autor:

> Decerto, há biografias mais factuais que outras, mais ricamente documentadas que outras, mas nenhuma escapa de preencher os vazios documentais com os apelos da fantasia criadora, quando não a enquadrar os textos de base na imagem pré-fabricada. É que nenhum biógrafo está isento de partidarismos: do contrário não se cumpriria sua missão, visto que o relato de vidas alheias exige um mínimo de adesão, empatia, admiração, etc (MOISÉS, 2001, p. 165).

No caso da biografia de Mark Twain, a narrativa é resumida a pequenos textos com quadrinhos correspondentes à ação descrita e com longos saltos temporais entre os fatos destacados. Assim, nota-se uma das particularidades das HQs: a utilização da sarjeta para depreender a passagem de tempo.

Nas histórias em quadrinhos, sarjetas são os espaços vazios entre os quadrinhos e que dividem as ações representadas. Em muitos casos, as representações não estão confinadas em molduras, visto que o requadro[43] tem mais relação com enquadramentos de ações do que com a obrigatoriedade da configuração de uma borda em torno delas. Entretanto, de toda forma, sempre há sarjetas que criam intervalos entre as imagens. Para McCloud (2005, p. 99), "o quadro age como um tipo de indicador geral de que o tempo ou o espaço está sendo dividido. A duração do tempo e as dimensões do espaço são definidas mais pelo conteúdo do quadro do que pelo quadro em si." Dessa forma, a combinação entre sarjetas e ações ilustradas colaboram para criar a ilusão da passagem do tempo.

Tomando-se a biografia de Mark Twain, mencionada anteriormente, pode-se perceber que há saltos temporais de diferentes amplitudes entre as informações referenciadas. Entretanto, graças às informações fornecidas pelos textos e às ilustrações, que exibem o escritor em diferentes estágios de sua vida e praticando diferentes ações, o leitor é capaz de decodificar a mensagem e compreender a narrativa proposta sem prejuízos.

Outro ponto a ser observado encontra-se na última parte da biografia do presidente americano Dwight Eisenhower, reproduzida na Figura 18, na sequência. A narrativa completa pode ser encontrada no Anexo B desta tese:

[43] Eisner (2010) refere-se ao traçado que envolve os enquadramentos como "requadros". Já McCloud (2005) utiliza a alcunha de "quadros" ou "molduras". Nesta tese, utilizaremos as definições de ambos, visto que é apenas uma questão de nomenclatura, não havendo distinção teórica entre ambos.

Figura 18 – Biografia de Eisenhower – sétima e oitava partes

HISTÓRIAS VERÍDICAS: A Vida de Eisenhower
(sétimo e oitavo de uma série de oito)

COMANDANTE SUPREMO

— Ike então tornava-se Comandante Supremo dos exércitos aliados na Europa, ordenando a invasão em massa das práias da Normandia, na França, no dia 6 de Junho de 1944. A veloz ofensiva aliada no continente europeu levou os exércitos nazistas de roldão até Berlim e Hitler foi riscado da face da Terra. A paz mundial voltára.

Cliché USIS especial para o jornal «PIONEIRO».

UNIVERSIDADE DE COLUMBIA

— Com o mundo novamente vivendo em uma atmosfera de paz, Ike dedicou-se a uma outra carreira: a da educação. Foi nomeado presidente da Universidade de Columbia, uma das mais proeminentes dos Estados Unidos, e ali êle acreditou. Contudo, a tensão criada pelas ameaças e agressões comunistas em várias partes do mundo não o deixaram trabalhar em paz na sua missão de educador. Em 1950 foi chamado a organizar a OTAN

CANDIDATO A' PRESIDENCIA

— Quando Eisenhower completou a tarefa da NATO, o povo dos Estados Unidos viu nele um valioso dirigente do país. Aceitando a candidatura, era eleito pela primeira vez Presidente dos Estados Unidos em 1952. Ike é assim a personificação viva do que um cidadão livre pode fazer e vir a ser em uma democracia.

—:o:—

(Organização Defensiva do Tratado de Atlântico Norte).

MISSÃO DE PAZ

— Durante o seu primeiro têrmo presidêncial, Eisenhower trabalhou contínuamente pela causa da paz. As hostilidades na Coréia terminaram com a sua intervenão. Em 1953 apresentou seu famoso programa de «átomos para a paz». Em 1955 ,na Conferência de Genebra, apresentou seu plano de «Céus Abertos», isto é, inspeção aérea mútua entre as grandes potências com a finalidade de evitar a corrida armamentista e garantir a paz através da confiança recíproca.

OPOSIÇAO COMUNISTA

— Os esforços de Eisenhower em prol da paz mundial foram dificultados e bloqueados pelos propósitos imperialistas da União Soviética. Viram-se então os Estados Unidos e os seus aliados obrigados a manter a sua enorme fôrça armada em prontidão afim de garantir a existência do Mundo Livre.

—:o:—

Cliché USI Sespecial para o jornal «PIONEIRO».

NOVAMENTE PRESIDENTE

— Ao início do seu segundo têrmo como presidente dos Estados Unidos, Ike surge aos olhos do mundo como um grande soldado, humanitário e, acima de tudo, defensor da paz. Ele deseja ardentemente a paz não só para o seu próprio país como para toda a humanidade.

—:o:—

— F I M —

Fonte: PIONEIRO, 06/04/1957, p. 05

A biografia em questão foi a única a ser reproduzida com o biografado ainda em vida e ativo em sua profissão. No último quadro, que exibe Eisenhower assumindo o seu segundo mandato como presidente dos Estado Unidos, em 1957, lê-se frases no tempo presente e em tom otimista, sobre as pretensões de um mundo pacífico. Porém, apesar de Eisenhower ser considerado, atualmente, como um dos maiores líderes de Estado que os EUA já tiveram, o seu legado demorou a ser bem avaliado. Conforme Allan Nevins e Henry Steele Commager:

> Os quatro anos do segundo mandato de Eisenhower foram tumultuados e até mesmo infelizes. A recessão econômica que se iniciou no final de 1957 atingira seu máximo em 1958 e, ainda que fosse tão curta quanto grave, o número de desempregados chegou, nessa época, a mais de cinco milhões, ou quase oito por cento da força de trabalho. Em parte como seu resultado, o déficit do governo, que era inferior a três bilhões de dólares em 1957/1958, passou um pouco dos 12,5 bilhões de dólares no ano fiscal de 1958/1959 – o maior em tempo de paz (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 581).

Além disso, em 1957, Eisenhower também propôs profundas reformas nos sistemas educacional e científico, que seriam realizadas a longo prazo e necessitariam da compreensão do povo americano. Apesar de ter encerrado o seu segundo ciclo com baixa popularidade, sua estima cresceu após sua morte, em 1969, sendo lembrado pelas melhorias que realizou no país e por combater a segregação racial em escolas públicas e no exército.

Nas biografias publicadas no jornal *Pioneiro* e no *Correio Riograndense*, percebe-se outra técnica utilizada por autores de histórias em quadrinhos: a narrativa de fragmentos de uma vida. Para Eisner (2013, p. 40), nesses casos, em que excertos interessantes de uma vida são extraídos e examinados, a fruição do leitor depende da maneira como ela é contada: "ela requer que o artista crie uma representação possível. Como os personagens estão lidando com emoções internas, posturas sutis e gestos devem ser baseados em fatos reais, que possam ser prontamente reconhecidos." Nota-se, então, nas biografias reproduzidas anteriormente, que a combinação entre personagens e cenários realistas, aliada à representação de recortes significativos temporais, permitem que o leitor consiga assimilar as informações recebidas acerca da vida dos biografados. As HQs biográficas publicadas em jornais de Caxias do Sul mostram-se objetivamente interpretativas, posto que, nessa categoria de biografia[44], Mozahir Salomão Bruck afirma:

> As biografias interpretativas se dão, geralmente, em uma dupla perspectiva: na associação entre o contexto histórico, cultural, político, econômico e social e o desenrolar dos fatos e circunstâncias da vida do biografado e a relevância e o protagonismo da figura biografado em episódios específicos de determinada época (BRUCK, 2009, p. 67).

Por meio de diferentes técnicas para a criação de histórias em quadrinhos, as biografias gráficas serializadas publicadas no *Pioneiro* e no *Correio Riograndense* apresentam noções

[44] O autor também identifica outras duas categorias como as mais presentes entre as motivações da produção biográfica: de objetivo informativo, com caráter de retomada histórica e de exemplaridade de uma vida; de objetivo crítico, que relaciona um biografado com a sua produção de natureza artística, procurando pontos em comum entre sua vida e sua obra.

gerais a respeito de pessoas de destaque no cenário socioeconômico mundial. Mesmo que abdiquem do compromisso de detalhar os pormenores de cada biografado, visto o espaço reduzido para a reprodução de cada história, as narrativas publicadas caracterizam uma iniciativa interessante para os leitores dos periódicos.

Embora os biografados escolhidos sejam personalidades com histórias que não contradizem os princípios editoriais dos jornais em questão e sejam "modelos ideais" a serem seguidos pelo público, a HQ *História*(*s*) *verídica*(*s*) mostra-se uma ferramenta que pode gerar curiosidade e incentivar o público a expandir a pesquisa em outras fontes literárias.

4.2 QUADRINHOS ANTICOMUNISMO NO *CORREIO RIOGRANDENSE*

No início da década de 1950, poucos anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, o *Correio Riograndense* voltou as suas atenções à "ameaça comunista". Na perspectiva dos Capuchinhos, responsáveis pelo jornal, o comunismo soviético era um mal em expansão pelo mundo e somente a Igreja Católica e o poder da fé em Deus seriam capazes de combater tal problema. Desse modo, diversas publicações, durante a década, eram dedicadas a informar os leitores acerca dos malefícios do regime. Impressa na capa do jornal, a coluna publicada poucos dias antes da morte de Josef Stalin, vista, na Figura 19, afirma:

Figura 19 – *Correio Riograndense*, 25/02/1953.

STALIN HOMEM POBRE

Uma das tantas mentiras comunistas é a igualdade. Tirar dos ricos para dar aos pobres, dizem êles. Todos devem ser iguais, por isso, quanto existe num país deve ser propriedade do estado, e distribuido a todos igualmente.

É uma das mais gritantes mentiras do comunismo. Enquanto os "chefes" vivem na abundância, em ricos palácios, e tem carros à disposição, os operários, mal e mal têm o suficiente para viver. Todos sabem que os magnatas do comunismo são milionários. Esqueceram de repartir com os pobres, num solene desmentido aos seus princípios.

Um exemplo : Stalin o ditador e tirano da Rússia é arquimilionário. Segundo publicações fide-dignas, recebe anualmente 60 mil rublos como chefe do politburgo; 60 mil rublos como secretário do Partido Comunista; 360 mil pelos artigos publicados na Imprensa bolchevista; 60 mil para manter quatro carros blindados (é tão querido que não sai à rua, senão em carro blindado), 60 mil para sustentar TRÊS FAZENDAS, (Stosek, Gorka, e Bolchevo).

Total : 590 mil rublos. Traduzida em dinheiro brasileiros esta quantia é de SETE MILHÕES DE CRUZEIROS.

Como se vê, Stalin é paupérrimo e o princípio de igualdade fica para iludir os bobos que acreditam nas mentiras do comunismo.

Excelente comunista êsse Estalinzinho ! . . .

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 25/02/1953, p. 01.

Embora outros assuntos de ordem mundial tenham sido publicados pelo *Correio Riograndense* durante a década de 1950, o periódico dedicou especial atenção ao comunismo russo e às medidas tomadas por outros países – e pela Igreja Católica –, para combaterem o regime.

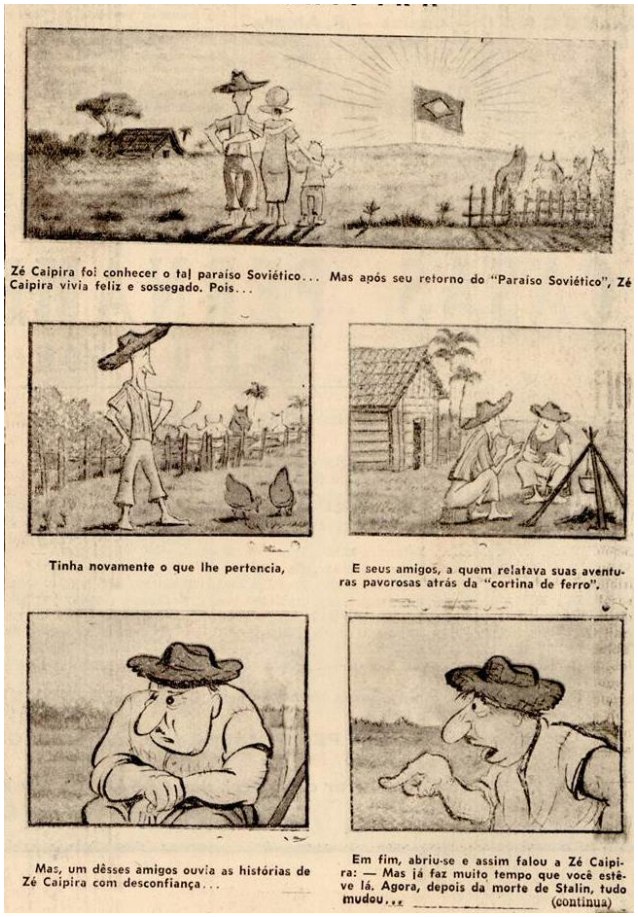
Com a permanência das impressões contrárias ao comunismo, o *Correio Riograndense* aproveitou-se da popularidade crescente das histórias em quadrinhos no Brasil para utilizar o meio como ferramenta a serviço de seus interesses. Assim, em 19 de novembro de 1958, surgiu *Zé Caipira*, a primeira parte de uma narrativa, dividida em quatorze[45], dedicada a instruir os leitores sobre os males do comunismo e os benefícios do amor à pátria brasileira. Como referido no capítulo 2 desta tese, *Zé Caipira* pode ter relação direta com o personagem Zé Caipora, de *As aventuras de Zé Caipora*, criado por Angelo Agostini no número 331 de sua *Revista Ilustrada*, em 27 de janeiro de 1883, segundo Moya (1993). Entre interrupções e descontinuidades, publicou o personagem até 15 de dezembro de 1906, na revista *O Malho.*

Na história completa, que pode ser encontrada no Anexo C desta tese, Zé Caipira é um morador do interior, que havia conhecido a Rússia – ou o Paraíso Soviético –, e retornado, assustado com as práticas do governo comunista. Ele conta para um amigo a respeito do que viu no país estrangeiro, porém, desavisado de que o homem faz parte de um grupo de brasileiros que defendem a implantação do comunismo no Brasil. Os integrantes da célula vão à casa de Zé Caipira e tentam convencê-lo de que a situação mudou após a morte de Stalin e que o movimento político agora é pacífico e benéfico. Com dúvidas, Zé Caipira vai à cidade para descobrir mais detalhes. Lá, ele encontra um grupo apoiador do comunismo e pede mais explicações. Após discutir com as pessoas, é agredido, retornando para casa em estado precário de saúde e com febre. Deitado em sua cama, convalescente, é visitado por um urubu, que o avisa que um grupo comunista vencera as eleições brasileiras e o país agora seguiria a mesma ideologia política russa. Diante dos olhos de Zé Caipira, o Brasil começa a se transformar: a religião é abolida e condenada, a imprensa é assumida pelo governo e passa a se chamar Imprensa Popular Soviética, tropas militares soviéticas chegam ao Brasil para auxiliar na implantação do novo sistema político, o monumento do Cristo Redentor é transformado em uma estátua de Stalin, terras são redistribuídas e pessoas contrárias à determinação são

[45] As datas das publicações são: 19 de novembro de 1958, 26 de novembro de 1958, 10 de dezembro de 1958, 17 de dezembro de 1958, 24 de dezembro de 1958, 07 de janeiro de 1959, 14 de janeiro de 1959, 21 de janeiro de 1959, 28 de janeiro de 1959, 04 de fevereiro de 1959, 18 de fevereiro de 1959, 04 de março de 1959, 18 de março de 1959, 25 de março de 1959 e 15 de abril de 1959.

executadas, crianças são forçadas a trabalhar etc. Assustado, Zé Caipira foge para sua casa para se esconder. Entretanto, agentes da NKVD, a Polícia Política Russa, batem à porta, prendem Zé Caipira, espancam sua esposa e levam o filho do casal para ser reeducado conforme os princípios do comunismo. Zé Caipira ouve algo que, para ele, seria pior que ser morto: sua sentença é retornar para a União Soviética. Com isso, ele acorda e descobre que tudo não passara de um sonho causado por seu estado febril. Recuperado, o homem chama a esposa e o filho para, juntos, ajoelharem-se diante da bandeira do Brasil e agradecerem a Deus por tudo não ter passado de um pesadelo. Na sequência, na Figura 20, vê-se a primeira publicação da narrativa:

Figura 20 – *Zé Caipira* e os terrores do comunismo



Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 19/11/1958, p. 08.

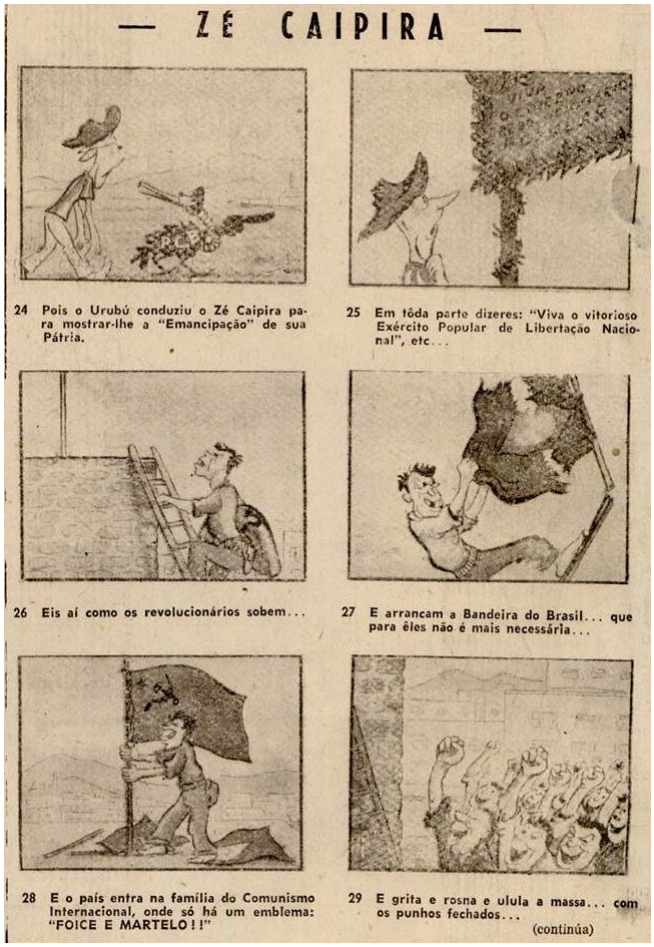
Para Eisner (2013), a instrução sobre um processo, como é o caso do que ocorre em *Zé Caipira*, é facilitada quando revestida por um envoltório interessante. Tomando-se a história em quadrinhos, os elementos técnicos encontram-se em uma organização interessante e atraente, facilitando a ordem de pensamento do leitor.

Considerando-se que o *Correio Riograndense* é um jornal com grande penetração no meio rural, percebe-se a importância da utilização de um personagem que também é morador dessa zona. Os leitores percebiam no personagem Zé Caipira alguém relacionável, que conhecia o ambiente do público, tinha as mesmas dúvidas e angústias frente ao mundo desconhecido representado pelo comunismo. Outro ponto importante a ser ressaltado é a "cartunização" do meio. Scott McCloud (2005, p. 30-31) define cartum como "amplificação através da simplificação." Simplificar os traços de um desenho e deixá-los "cartunizados", menos realistas, colabora para a imersão do leitor: "quando você olha para uma foto ou desenho realista de um rosto você vê isso como o rosto de outra pessoa. Contudo, quando entra no mundo do cartum você vê a si mesmo" (MCCLOUD, 2005, p. 36). Desse modo, ainda para o autor, tomada a simplificação, o cartum tem maior facilidade de concentrar a atenção do leitor em uma ideia, como é o caso do combate ao comunismo proposto pelo jornal de publicação da história.

Além disso, as histórias em quadrinhos lidam com imagens identificáveis para tornar a experiência mais fluida e acelerar a transmissão da mensagem proposta pelo autor. HQs depreendem uma relação entre quem envia a mensagem e os seus receptores, pois o artista, por sua vez, evoca constantemente imagens alusivas a suas vivências e as converte em desenhos. O leitor, de sua parte, evoca experiências similares em sua memória para que consiga fazer a decodificação das imagens: o "êxito ou fracasso desse método de comunicação depende da facilidade com que o leitor reconhece o significado e o impacto emocional da imagem" (EISNER, 2010, p. 07). Ainda conforme Eisner, o reconhecimento de uma imagem deflagra uma lembrança. Essa, por sua vez, paralelamente, evoca a emoção sobre o tema.

Não somente formada por imagens, mas a relação entre experiências vividas pode ser considerada por meio de conhecimentos em comum. Tal fator pode ser percebido na terceira parte de *Zé Caipira*, vista na Figura 21, a seguir:

Figura 21 – Zé Caipira e a resistência aos soviéticos



Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 24/12/1958, p. 08.

No mesmo dia da publicação da história em quadrinhos, em que, no sonho febril de Zé Caipira, o Brasil aderia ao comunismo, o *Correio Riograndens*e estampava em sua capa o texto que pode ser observado na Figura 22, na sequência:

Figura 22 – Resistência ao comunismo no mundo

RESISTÊNCIA AOS DESÍGNIOS SOVIÉTICOS EM BERLIM

BRUXELAS, (ASSOCIADAS) — A Junta Diretora da Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres (ICFTU), aprovou uma resolução que exorta os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França, a rejeitarem as propostas soviéticas para modificar o atual "status" de Berlim.

A citada resolução "presta homenagem ao povo da Berlim Ocidental, que, desde o término da Segunda Guerra Mundial, vem resistindo valentemente às ameaças soviéticas, no espírito de solidariedade internacional que anima todos os povos amantes da liberdade, e expressa simpatia pelo povo do setor soviético de Berlim e da Alemanha Oriental, que vive sob o jugo da escravidão por mais de 25 anos".

Concluindo, a resolução lembra às quatro nações, em particular à União Soviética, as obrigações que tôdas elas assumiram de unificar a Alemanha, em paz e liberdade. (A. A.) .

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 24/12/1958, p. 01.

Enquanto, no mundo factual, o *Correio Riograndense* apresentava boas notícias aos seus leitores sobre a contenção das intenções soviéticas[46], tranquilizando-os acerca da manutenção do *status quo*, *Zé Caipira* demonstra uma realidade alternativa, em que não houve qualquer resistência frente aos avanços do comunismo no mundo.

Baseado em informações, veiculadas ao longo da década de 1950, de combate ao comunismo no mundo e de criação de um medo coletivo acerca da implantação do regime no Brasil, a história de Zé Caipira consegue encontrar um público que compreende o desenvolvimento narrativo e partilha dos mesmos temores do personagem principal. Conforme Ana Maria de Abreu Laurenza, naquela década, grande parte do jornalismo brasileiro posicionou-se em apoio ao governo brasileiro e ao capitalismo:

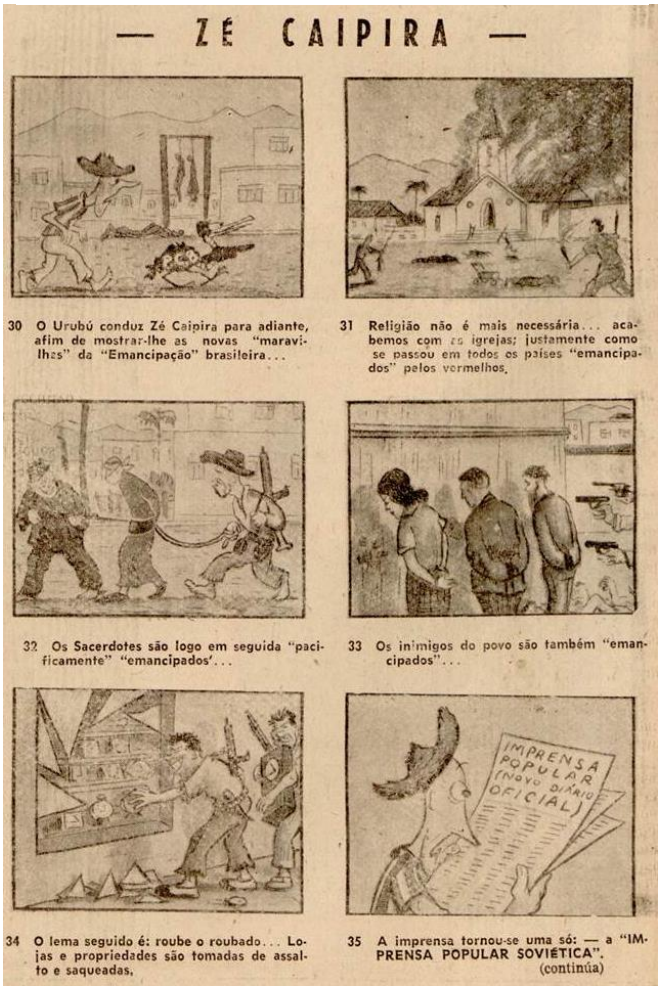
> No início dos anos 1950, vivíamos num mundo bipolar, entre os países socialistas liderados pela União Soviética (URSS) e a expansão econômica e cultural norte-americana, mas havia uma zona cinzenta e complexa nesse panorama binário. Nas eleições de 1950, no Brasil que elegera com 48,7% dos votos, o ex-ditador Getúlio Vargas, candidato do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a dinâmica era se posicionar política e economicamente no capitalismo monopolista que se avizinhava (LAURENZA, 2015, p. 187-188).

[46] Não pretendemos fazer juízo de valor sobre ideologias políticas. A utilização de "boas notícias" deve ser entendida de acordo com o contexto em que periódico publicou a informação.

O *Correio Riograndense*, apesar de seguir a linha editorial religiosa, nunca escondeu o seu posicionamento de direita e de apoio aos governos, visto que recebia incentivos financeiros federais para a sua operação. Dessa forma, encontrou em *Zé Caipira* uma ferramenta a mais para manifestar as suas ideias e influenciar os leitores a adotarem o mesmo posicionamento.

Além do posicionamento contrário às ideologias gerais do comunismo, *Zé Caipira* também foi utilizado para combater particularidades do movimento que, caso implantado no Brasil, afetariam diretamente o periódico e a sua linha editorial. Tais fatores podem ser observados na quarta parte da narrativa, na Figura 23, que segue:

Figura 23 – Risco ao *Correio Riograndense*



Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 07/01/1959, p. 08.

Na continuidade da narrativa, algumas das primeiras atitudes a serem tomadas por um governo comunista são a extinção das religiões, o aprisionamento dos sacerdotes e o fim da imprensa livre. Considerando-se a política editorial do periódico, essa possibilidade

representava o mais terrível dos destinos e o fim de tudo pelo qual o *Correio Riograndense* afirmava defender. Sobre o orgulho da ocasião da fundação do jornal, Dom Redovino Rizzardo afirma:

> Em 1910 [na verdade, a fundação foi em 1909], uma notícia muito consoladora correu todas as colônias italianas: a fundação de um jornal católico italiano. Pe. Carmine Fasulo, zeloso pároco de Caxias, a pérola das colônias italianas, enviou uma circular a todos os párocos da diocese de Porto Alegre, convidando o clero a apoiar sua iniciativa de fundar o semanário católico *La Libertà* (RIZZARDO, 1990, p. 189).

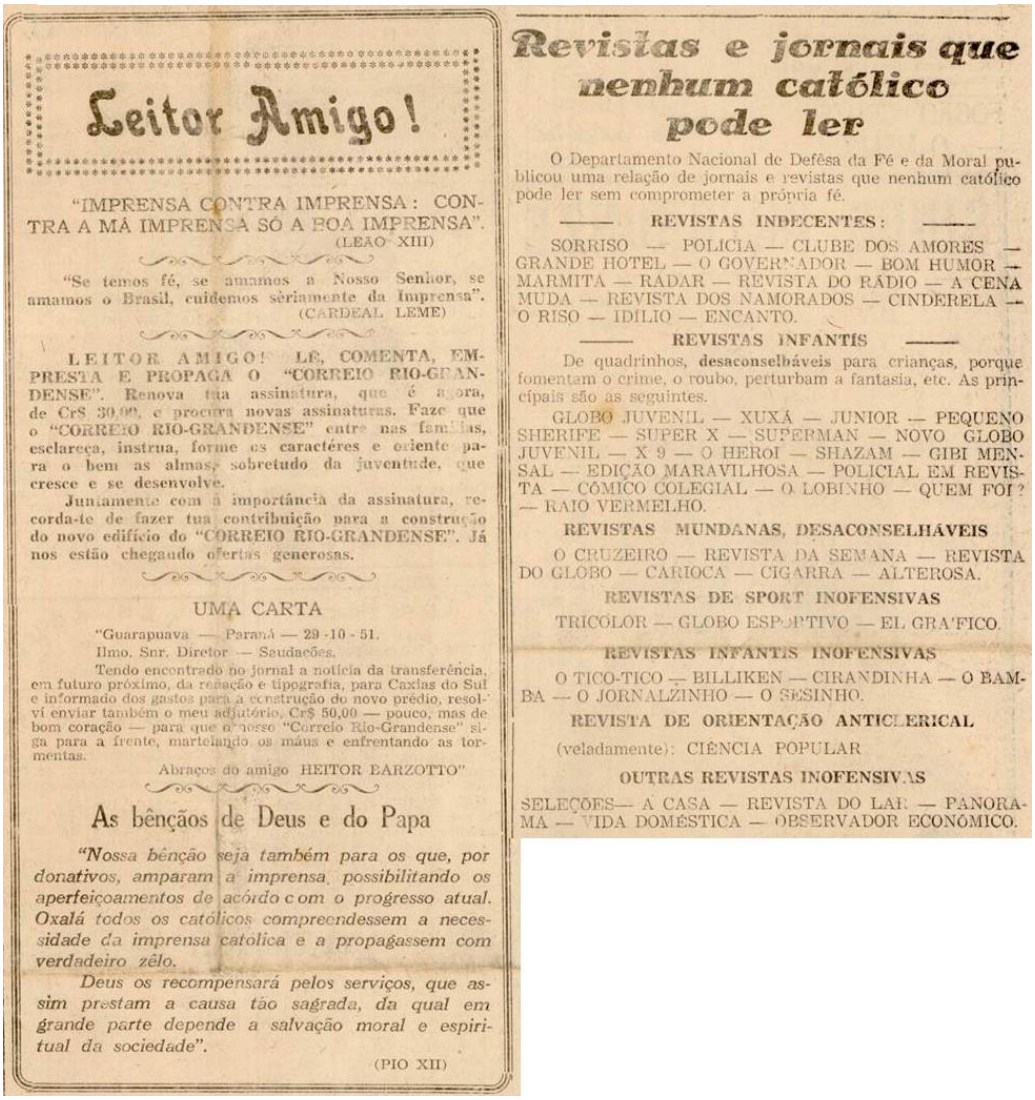
Dessa forma, o *Correio Riograndense* representava o auge de um trabalho iniciado 50 anos antes e que, aos olhos dos editores do semanário, corria o risco de ser perdido. Levando-se em conta o público do jornal, formado majoritariamente por católicos praticantes, *Zé Caipira* trabalha com imagens capazes de provocar, nos leitores, os mesmos temores sentidos pelos responsáveis pela publicação. Para Moacy Cirne, uma leitura estrutural deve nos encaminhar para uma leitura criativa capaz de identificar o seu processo e sua ideologia. Nas palavras do autor:

> É necessário que, no interior da imagem, haja espaço para reflexão, para a crítica, para o questionamento. E para o sonho, para o delírio, para o imaginário em transe, quando for o caso. Assim, através da imagem (e da palavra, claro), poderemos dizer com todas as letras: questionamos, logo pensamos; pensamos, logo questionamos. E, de uma forma ou outra, imaginamos a partir da imagem (CIRNE, 2000, p. 135).

Por meio da narrativa, os leitores do *Correio Riograndense* reconhecem a ideologia proposta e respondem a ela, colocando-se no lugar do personagem e sendo "transportados" para uma realidade em que tal situação teria ocorrido de fato. Assim, cria-se uma relação empática, em que, cada vez mais, os leitores apoiam a causa difundida.

Também é fundamental observar a preocupação com a possibilidade do fim da imprensa popular. Embora a história em quadrinhos mostre-se apoiadora de uma imprensa sem interferência governamental e praticada sem restrições, isso não era adotado pelo *Correio Riograndense*. Eram frequentes, nas páginas do jornal, ataques a outros veículos da imprensa caxiense e brasileira, propondo censuras e condenando-os como exemplos de má leitura e influenciadores de atitudes reprováveis nos cidadãos, como pode ser visto a seguir, na Figura 24:

Figura 24 – O *Correio Riograndense* e a má imprensa



Leitor Amigo!

"IMPRENSA CONTRA IMPRENSA: CONTRA A MÁ IMPRENSA SÓ A BOA IMPRENSA".
(LEÃO XIII)

"Se temos fé, se amamos a Nosso Senhor, se amamos o Brasil, cuidemos sèriamente da Imprensa".
(CARDEAL LEME)

LEITOR AMIGO! LÊ, COMENTA, EMPRESTA E PROPAGA O "CORREIO RIO-GRANDENSE". Renova tua assinatura, que é agora, de Cr$ 30,00, e procura novas assinaturas. Faze que o "CORREIO RIO-GRANDENSE" entre nas famílias, esclareça, instrua, forme os caractéres e oriente para o bem as almas, sobretudo da juventude, que cresce e se desenvolve.

Juntamente com a importância da assinatura, recorda-te de fazer tua contribuição para a construção do novo edifício do "CORREIO RIO-GRANDENSE". Já nos estão chegando ofertas generosas.

UMA CARTA

"Guarapuava — Paraná — 29-10-51.
Ilmo. Snr. Diretor — Saudações.
Tendo encontrado no jornal a notícia da transferência, em futuro próximo, da redação e tipografia, para Caxias do Sul e informado dos gastos para a construção do novo prédio, resolví enviar também o meu adjutório, Cr$ 50,00 — pouco, mas de bom coração — para que o nosso "Correio Rio-Grandense" siga para a frente, martelando os máus e enfrentando as tormentas.
Abraços do amigo HEITOR BARZOTTO"

As bênçãos de Deus e do Papa

"Nossa bênção seja também para os que, por donativos, amparam a imprensa, possibilitando os aperfeiçoamentos de acôrdo com o progresso atual. Oxalá todos os católicos compreendessem a necessidade da imprensa católica e a propagassem com verdadeiro zêlo.

Deus os recompensará pelos serviços, que assim prestam a causa tão sagrada, da qual em grande parte depende a salvação moral e espiritual da sociedade".
(PIO XII)

Revistas e jornais que nenhum católico pode ler

O Departamento Nacional de Defêsa da Fé e da Moral publicou uma relação de jornais e revistas que nenhum católico pode ler sem comprometer a própria fé.

REVISTAS INDECENTES:

SORRISO — POLICIA — CLUBE DOS AMORES — GRANDE HOTEL — O GOVERNADOR — BOM HUMOR — MARMITA — RADAR — REVISTA DO RÁDIO — A CENA MUDA — REVISTA DOS NAMORADOS — CINDERELA — O RISO — IDILIO — ENCANTO.

REVISTAS INFANTIS

De quadrinhos, **desaconselháveis** para crianças, porque fomentam o crime, o roubo, perturbam a fantasia, etc. As principais são as seguintes.

GLOBO JUVENIL — XUXÁ — JUNIOR — PEQUENO SHERIFE — SUPER X — SUPERMAN — NOVO GLOBO JUVENIL — X 9 — O HERÓI — SHAZAM — GIBI MENSAL — EDIÇÃO MARAVILHOSA — POLICIAL EM REVISTA — CÔMICO COLEGIAL — O LOBINHO — QUEM FOI? — RAIO VERMELHO.

REVISTAS MUNDANAS, DESACONSELHÁVEIS

O CRUZEIRO — REVISTA DA SEMANA — REVISTA DO GLOBO — CARIOCA — CIGARRA — ALTEROSA.

REVISTAS DE SPORT INOFENSIVAS

TRICOLOR — GLOBO ESPORTIVO — EL GRÁFICO.

REVISTAS INFANTIS INOFENSIVAS

O TICO-TICO — BILLIKEN — CIRANDINHA — O BAMBA — O JORNALZINHO — O SESINHO.

REVISTA DE ORIENTAÇÃO ANTICLERICAL

(veladamente): CIÊNCIA POPULAR

OUTRAS REVISTAS INOFENSIVAS

SELEÇÕES — A CASA — REVISTA DO LAR — PANORAMA — VIDA DOMÉSTICA — OBSERVADOR ECONÔMICO.

Fonte: Montagem nossa. CORREIO RIOGRANDENSE, 21/11/1951, p. 01.

Segundo Arendt, Lima e Menegotto (2017), a censura proposta pelo *Correio Riograndense* não se restringia somente a jornais e revistas. Ela estendia-se a músicas, filmes, revistas de generalidades, peças de teatro e, até mesmo, histórias em quadrinhos. Assim, entende-se que *Zé Caipira* fazia parte do rol de materiais considerados saudáveis pelos freis capuchinhos, ao contrário de revistas em quadrinhos como *Globo Juvenil*, *Xuxa*, *Junior*, *Pequeno Sherife*, *Super X*, *Superman*, *Novo Globo Juvenil*, *X 9*, *O Heroi*, *Shazam*, *Gibi Mensal*, *Edição Maravilhosa*, *Policial em Revista*, *Cômico Colegial*, *O Lobinho*, *Quem Foi?* e *Raio Vermelho*, visto que essas "fomentam o crime, o roubo, perturbam a fantasia, etc." (CORREIO RIOGRANDENSE, 1951, p. 1), de acordo com o ofício publicado pelo Departamento Nacional de Defesa da Fé e da Moral.

É interessante observar que as ponderações feitas pelo *Correio Riograndense* a respeito das histórias em quadrinhos ocorreram em 1951, antecedendo em três anos a publicação de *Seduction of the innocent*[47], de Frederic Werthan, em 1954. Na obra, o psiquiatra-chefe do maior hospital psiquiátrico de Nova York criou uma campanha contra as histórias em quadrinhos, alegando que seu estudo era baseado em atendimentos a dezenas de jovens com desvios comportamentais e, como ponto de semelhança entre todos eles, havia a leitura de HQs. Conforme o médico:

> Todas as crianças viciadas em drogas e todas ligadas ao tráfico de narcóticos como mensageiras, com as quais nós tivemos contato, eram leitoras inveteradas de histórias em quadrinhos. Na vida de algumas dessas crianças que são arrebatadas pela tentação, o padrão é de roubos, gangues, vício, revistas em quadrinhos e violência. O paralelo com quadrinhos de crimes é impressionante. [...] E sejam quais forem os fatores envolvidos nos casos que estudamos, a conclusão inevitável é de que quadrinhos de crimes participam da educação desses jovens, predispondo-os à tentação de utilizar drogas e se deixando atrair para participação do tráfico ilegal de drogas[48] (WERTHAN, 2005, p. 26).

O livro foi um sucesso entre o público, moldando a mentalidade preconceituosa acerca das HQs e as estigmatizando durante as décadas seguintes. Como resultado do escândalo causado, revistas em quadrinhos foram queimadas em Nova York e uma comissão do Congresso americano instituiu uma investigação sobre a "qualidade" dos quadrinhos publicados em diferentes veículos impressos. Além disso, ainda em 1954 entrou em vigor o *Comics Code*[49], uma espécie de autocensura protagonizada pelas próprias editoras. Na verdade, um código de "bons costumes" já existia desde o final da década de 1940, mas, com a repercussão da obra de Frederic Werthan, houve uma reelaboração mais detalhada e rígida. Com isso, todas as revistas em quadrinhos passavam por uma avaliação prévia: se aprovadas, recebiam um selo de qualidade, que era impresso na capa da publicação, autenticando que aquela obra não seria nociva aos leitores. A situação só mudou em 1971, quando as editoras passaram a questionar e desafiar as imposições autoritárias do Código, extinguindo-o. Para Angela Rama e Waldomiro Vergueiro (2009), o *Comics Code*, ao invés de colaborar para o aprimoramento do meio, como era pretendido, causou dois grandes efeitos negativos: em

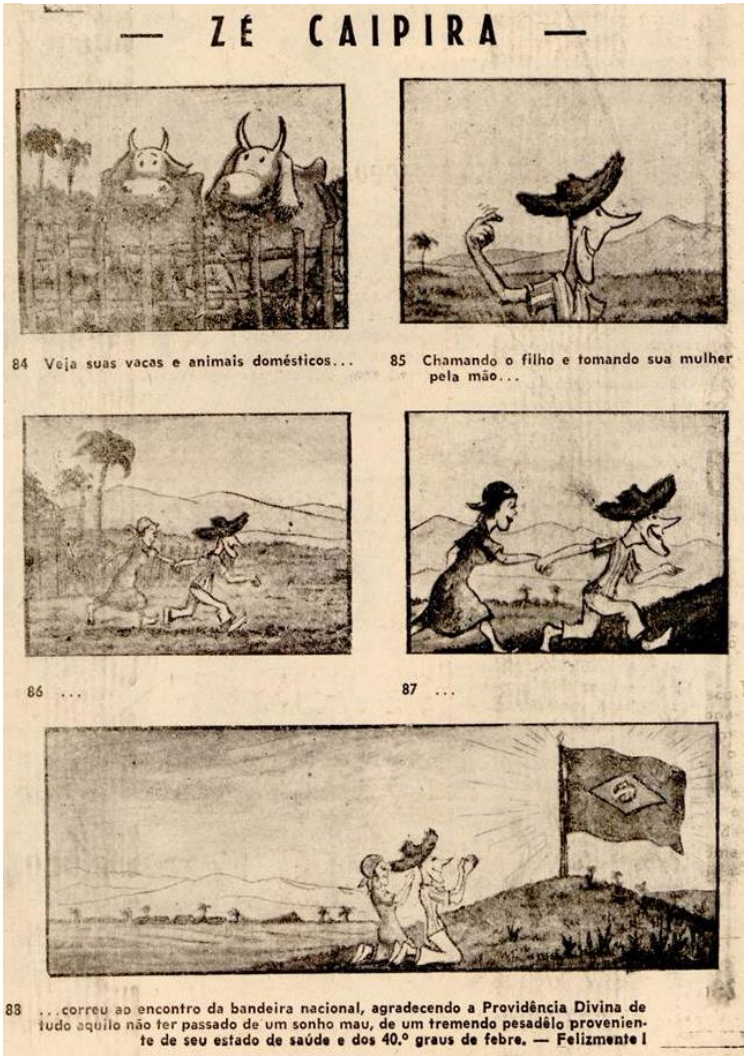
[47] Sedução do inocente, em tradução nossa.
[48] No original: "All child drug addicts, and all children drawn into the narcotics traffic as messengers, with whom we have had contact, were inveterate comic-book readers. In the lives of some of these children who are overwhelmed by temptation the pattern is one of stealing, gangs, addiction, comic books and violence. The parallel with crime comic stories is striking. [...] And whatever factors come into play in the cases that we have studied, the conclusion is inescapable that crime comics do their part in the education of these children, in softening them up for the temptation of taking drugs and letting themselves be drawn into participation in the illegal drug traffic."
[49] Códigos dos Quadrinhos, em tradução nossa.

primeiro lugar, dezenas de editoras com grandes propostas criativas foram extintas, resultando em um empobrecimento do conteúdo das revistas e, consequentemente, apresentando conteúdos pífios aos seus leitores; o segundo efeito foi o descarte das discussões sobre o valor estético e pedagógico das histórias em quadrinhos nos meios intelectuais. Qualquer tentativa de aprofundamento do debate, como a que foi empreendida por Will Eisner, em 1960, era considerada absurda e imediatamente rechaçada.

Embora *Seduction of the innocent* tenha sido publicado somente em 1954, o Dr. Frederic Werthan já fazia campanha contra as histórias em quadrinhos em anos anteriores. Sempre, supostamente, baseado em atendimentos realizados no hospital dirigido por ele, o psiquiatra publicava artigos em jornais e revistas, participava de programas de televisão e rádio e palestrava em escolas, ressaltando quaisquer aspectos negativos das histórias em quadrinhos. Desse modo, é possível supor – visto a semelhança com a retórica do *Correio Riograndense* – que, de algum modo, a congregação dos Capuchinhos, administradores do jornal, tenha entrado em contato com alguns desses materiais divulgados por Werthan ou por seus seguidores, influenciando as diretrizes editoriais do periódico, que visava a manter os jovens no caminho da retidão de caráter.

Outro ponto de *Zé Caipira* que colabora para a saúde espiritual dos leitores pode ser percebido na última parte da história, disposta a seguir, na Figura 25:

Figura 25 – A anatomia expressiva em *Zé Caipira*



Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 15/04/1959, p. 08.

Na conclusão da narrativa, aliviado, Zé Caipira toma sua esposa pela mão e chama seu filho (não ilustrado por motivos desconhecidos) para, de joelhos em frente à bandeira do Brasil, agradecerem a Deus. Além do que foi referido anteriormente sobre a importância da "cartunização" para concepção dos personagens para possibilitar aos leitores uma melhor imersão nas HQs, percebe-se a utilização de expressões corporais referentes a comportamentos socialmente reconhecíveis.

Na criação de histórias em quadrinhos, além da utilização de imagens identificáveis pelo leitor, recomenda-se que a estilização da postura da forma humana corresponda a movimentos "legíveis" como pertencentes à "linguagem corporal" verossímil. Para Eisner (2010, p. 103), a memória comum da experiência, entre autor e leitor, é mais facilmente ativada quando uma expressão é habilidosamente representada graficamente: "é precisamente por isso que a forma humana e a linguagem dos seus movimentos corporais tornam-se os ingredientes

essenciais dos quadrinhos. A perícia com que são empregados também é uma medida da habilidade do autor para expressar a sua ideia."

Cabe salientar que todas as ações observadas na imagem anterior poderiam dispensar a utilização do texto descritivo, encontrado na parte inferior dos quadrinhos, visto que são percebidas pela utilização da técnica da anatomia expressiva. Ao puxar sua esposa pela mão, Zé Caipira repete um gesto praticado comumente e não limitado somente a casais. Entretanto, a atitude mais representativa é a encontrada no último quadrinho, quando ambos se ajoelham e juntam as mãos em sinal de oração e louvor. Para Eisner (2010, p. 104), "o artista deve trabalhar a partir de um 'dicionário' de gestos humanos." Ainda:

> Nas histórias em quadrinhos, a postura do corpo e o gesto têm primazia sobre o texto. A maneira como são empregadas essas imagens modifica e define o significado que se pretende dar às palavras. Por meio da sua relevância para a experiência do leitor, podem invocar uma nuance de emoção e dar inflexão audível à voz do falante (EISNER, 2010, p. 106)

Considerando-se que *Zé Caipira* foi publicado no *Correio Riograndense*, um jornal católico e composto, em grande parte, por textos referentes aos princípios da Igreja, entende-se que os leitores do periódico partilhavam das mesmas experiências do autor da história em quadrinhos e foram capazes de compreender o apelo emocional e religioso representado pela atitude dos personagens. Para reafirmar a veemência com que o semanário publicava acerca de questões católicas, pode-se observar a capa do mesmo dia da última impressão de *Zé Caipira*, na Figura 26, a seguir:

Figura 26 – Capa do *Correio Riograndense*, 15 de abril de 1959

CORREIO RIO-GRANDENSE

Ano 50 | DIRETOR RESPONSÁVEL: GAUDÊNCIO VERONESE SECRETÁRIO: AURÉLIO ARMILIATO | Proprietária: SOCIEDADE LITERARIA SÃO BOAVENTURA Cx. p. 233 - Fone 570 - Caxias do Sul - Rio Gr. do Sul - Brasil | Assinatura anual: Cr$ 100,00 Pagamento adiantado | CAXIAS DO SUL Quarta-Feira, 15 de Abril de 1959 | N.º 15

Palavras eternas

HISTÓRIA DE JESUS

(NA CONCORDÂNCIA DOS EVANGELHOS)

Frei Inácio de Veigas, Ofmcap.

III PARTE

A unção de Betânia

Seis dias antes da Páscoa Jesus chegou a Betânia, onde vivia Lázaro, a quem Jesus ressuscitara da morte. Ofereceram-lhe lá uma ceia: Marta servia, e Lázaro era um dos que estavam à mesa com Ele. Maria tomou então uma libra de perfume (1) de nardo puro, de grande preço, e ungiu os pés de Jesus, e lhos enxugou com os seus capelos: e a casa ficou cheia do aroma deste perfume. Então Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, o mesmo que O havia de entregar, disse: Porque se não vendeu este perfume por trezentos dinheiros, para os dar aos pobres? — Disse isto, não por zelo para com os pobres, mas porque era ladrão, e sendo o que tinha a bolsa, roubava o que nela se deitava. Jesus porém disse: — "Deixa-a! Ela guardou este perfume para o dia da minha sepultura... Pobres, haveis de ter sempre entre vós; mas a mim nem sempre me tereis." (João 12, 1-8). ... .

"Em verdade vos digo: em toda a parte onde for pregado o Evangelho, no mundo inteiro, se há-de contar também, em sua memória, o que ela acaba de fazer". (Mc. 14, 9).

Afluência a Betânia e conjura contra Lázaro

Um grande número de judeus soube que Jesus estava ali: e foram lá, não apenas por causa de Jesus, mas também para verem Lázaro, a quem tinha ressuscitado dos mortos. Os sumos sacerdotes resolveram então matar também Lázaro, porque muitos Judeus, por causa dela, se afastavam e acreditavam em Jesus. (João, 12, 9-11).

1) — Cerca de 325 grs., quantidade notável e gesto de grande delicadeza, que sensibilizou o Coração do Senhor.

A DIGNIDADE DOS PAIS

(*Palavras de Dom Silvério Gomes Pimenta*)

"De tôdas as grandezas e dignidades humanas, nenhuma há que iguale a dignidade dos pais.

São os cooperadores da Trindade Santíssima na formação de criaturas inteligentes, que possam conhecer, amar e servir, por vontade, o Deus Criador.

Estais vendo, ó pais e mães, vossa excelsa dignidade, vossa inefável grandeza.

Escutai também as obrigações tremendas inerentes a tão elevado pôsto e cargo; obrigações de tremenda responsabilidade, que os pais devem, dia e noite, trazer diante dos olhos.

Ainda antes de sair a prole à luz do mundo, já contraíram os pais para com ela graves deveres, cuja infração importa consequências desastradas.

São os pais obrigados a corresponder ao desígnio que teve o Criador, quando lhes outorgou a dignidade de pais e confiou a guarda e direção dos filhos.

Tragam bem gravada no coração esta verdade: que o filho foi criado no tempo, mas não para o tempo, e sim para a eternidade; foi criado na terra, mas não para a terra, e sim para o céu; foi gerado pelos pais, mas não primàriamente para os pais, e sim principalmente e finalmente para Deus."

Coluna da Ordem Terceira

"Como a estrêla da manhã..."

Prezados Terceiros, com êste número, iniciaremos uma série de artigos, nos quais explicaremos pormenorizadamente, a origem da Ordem Terceira, e tudo quanto se refere à vida do Terceiro. Iniciaremos dando breves tópicos da vida do Fundador da Ordem Terceira, isto é, São Francisco de Assis.

QUANDO E ONDE NASCEU S. FRANCISCO ?

S. Francisco nasceu em setembro de 1182, na cidadezinha de Assis — sendo seus pais: Pedro Bernardone e Dona Pica.

Em setembro de 1182 em Assis "nasceu ao mundo um sol", Francisco, assim o chama Dante. Rico comerciante era o pai de Francisco. Mercedejava muito com a França.

Quando Francisco nasceu, o pai encontrava-se em viagens de negócios pela França. A mãe, na Pia batismal, deu-lhe o nome de João Batista — João Batista foi batizado na Igreja de São Rufino. Quando o pai retornou da França, trocou-lhe o nome, chamando-o de Francisco, isto pelas relações comerciais que o ligava àquêle país.

QUANDO E ONDE MORREU ?

São Francisco morreu reclinado por terra. O Hábito que revestia seu corpo, consumido pela penitência, foi lhe emprestado. São Francisco morreu na tarde do dia 3 de outubro de 1226, próximo à Igreja da Porciúncula, ou Sta. Maria dos Anjos, a 4 Kms. de Assis. Era um sábado. Francisco morreu após ter abençoado seus filhos presentes e futuros. Rodeado por seus Frades, entoou o salmo 141, salmo de Davi, quando estava na caverna. O salmo é uma súplica, e começa assim: "Em alta voz clamo ao Senhor — em alta voz suplico ao Senhor". Quando acabava de proferir o último verso: "Tira-me desta prisão, para que dê graças ao teu nome. Os justos me rodearão, quando me fizeres êste benefício" — Francisco entregou sua bela alma ao Criador.

QUANDO FOI CANONIZADO FRANCISCO ?

Não eram ainda passados 2 anos de sua gloriosa morte, quando no dia 16 de julho de 1228, na Catedral de Assis, o Papa Gregório IX, na presença de seus Cardeais, frente a um mar de povo, procedeu à solene proclamação da canonização de São Francisco, fixando a festa para o dia 4 de outubro. O próprio Papa teceu o panegírico, dizendo das virtudes que muito ornaram a vida de S. Francisco. Terminou aplicando-lhe as palavras do Eclesiástico: "Como a estrêla da manhã no meio da névoa, e como a lua cheia, assim brilhou durante a sua vida" — 50-6.

Frei Roberto de Araçá

Vôo sem etapas de Chicago a Roma

ROMA, — (NC) — Durante o seu vôo de 4.806 milhas sem etapas, de Chicago a Roma, o aviador Max Conrad ficou sem dormir e rezou 34 partes do Rosário, uma em cada último quarto de hora das suas 34 de vôo, num aparêlho leve; outros momentos, passava-os tocando harmônica. Foi o quinquagésimo vôo transatlântico de Max Conrad, um "avô" de 56 anos; pouco depois de chegar a Roma foi recebido em audiência privada por Sua Santidade o Papa João XXIII.

NOSSO PENSAMENTO

O ESTADO É QUE PRECISA DE ENSINO RELIGIOSO

Pe. Adalberto de Paula Nunes, S.D.S.

Alberto Deodato é um escritor de pensamento claro e de alto poder de síntese. Se o meu leitor, que talvez ainda não o conheça, chegar a lêr um de seus artigos, ficará à espera do segundo artigo. E quando menos pensar, estará preso aos artifícios de estilo do escritor.

Político militante e professor de direito, êle tem uma visão ampla e bem humana dos problemas que hoje afligem a pobre humanidade.

Falando sôbre o problema do ensino religioso nas escolas públicas, num programa de televisão, o prof. Alberto Deodato afirmou sem pestanejar que é o Estado que precisa do ensino religioso e que não se pode conceber uma democracia autêntica sem uma forma religiosa do seu povo dos seus líderes e da sua elite.

Vamos às suas palavras.

"Sem base religiosa segura não é possível uma democracia. O Brasil não é uma democracia devido à corrupção causada pela ausência de uma educação de base religiosa".

Tem tôda a razão o líder político e professor de direito.

Vejam os regimes totalitários, de tipo fascista, de fisionomia nazista ou de sabor marxista. A primeira coisa que se combate em tais formas de govêrno é a religião, começando pela surpressão do ensino religioso das escolas públicas. A luta que a Igreja manteve nesses países, ontem, como hoje e como será amanhã, tem sido sempre por causa das escolas da educação e da orientação moral da infância e da juventude.

Consequentemente, num país tido como democracia mas sem ensino religioso nas escolas, porque o Govêrno é agnóstico, é uma farsa a gente falar em democracia. Uma juventude que sai dos bancos escolares sem formação moral alguma, dando valor ao imediatismo das coisas e invertendo a hierarquia dos valores humanos, fornecerá ao país homens corruptos, políticos sem compustura moral e uma legião infinda de simples negociadores e traficantes inescrupulosos...

Não é a Igreja que precisa do ensino religioso, porque esta não depende de govêrnos, e sim da fôrça que vem do alto. É o Estado que precisa da formação religiosa e moral de seus filhos.

Este, sim, é que precisa da religião.

Rainha Elizabeth visita o Papa

LONDRES — (NC) — No programa de viagem à Itália da Rainha Mãe Elizabeth da Inglaterra figura uma visita a S. S. o Papa João XXIII, a 28 de abril; como sempre, cada vez que um membro da Família Real cumprimenta o Santo Padre, os extremistas protestantes ingleses fazem protestos, mas desta vez êsses protestos mal encontram eco na imprensa britânica.

Pensamento da Semana

A Perseverança sempre dá uma flor

Irmão, não arredes jamais!

Por mais que se levante multidão de dificuldades, por mais que o mundo te oponha obstáculos, não deixes que o desalento se apodere de ti.

Olha que desânimo e fiasco são sinônimos.

Arma-te de valor.

Uma vez convencido da bondade de tua causa, luta, luta até o fim.

"Quem perseverar até o fim, será salvo".

É o Livro quem o diz. Confirma-o a experiência.

O amigo importuno do Evangelho não teria conseguido os pães se não insistira no pedido.

A cananéia não teria sã a filha se tivesse desistido dos seus rogos.

Até os irracionais te exortam à perseverança...

A perseverança sempre dá sua flôr.

CRÔNICA DA SEMANA

A LINGUA — ÊSSE FLAGELO

Pe. PEDRO LUIS

SANTA MARIA. — A preocupação maior e a maior ocupação da humanidade não reside no parque industrial. Está na escassa área das mandíbulas — a boca. O instrumento mais ocupado não é a enxada. É a língua. A maior tarefa das mulheres não se situa na cozinha. Está nas rodas das retalhaduras do próximo. O mais intenso cansaço dos homens não é o que provém dos braços, é o das duas peças móveis da bôca. Não é o calo das mãos. É a empreitada das maxilas. Não é o cansaço do cérebro. É o esgotamento da queixada.

A língua é o eixo sôbre que se move o mundo, porque sôbre ela giram todos os assuntos cotidianos da coletividade humana. A metade dos homens, já se disse, vive ocupada a falar da outra metade. Falar mal, especialmente, é o empenho diabólico de tôdas as horas. A língua mata mais do que o algoz, porque, se o algoz mata a um homem, a língua mata a muitos.

Tem a humanidade fome de sensação, a língua é o eterno veículo dessa sensação. O povo não tolera as horas sempre iguais, vazias, entediadas de lugares-comuns. A notícia vulgar não impressiona a ninguém. Procurar-se-á sempre a emoção, o ponto agudo, a arrepio de espinho, o abalo de alma, profundo e dramático, o engrossamento, a mentira, a calúnia. E a língua será sempre instrumento dessa missão de demônios — o engrossamento e a mentira. O boato enche a rua, invade as casas, incha os frisos da sociedade. Mas é sempre a língua a portadora dêle.

O povo ama encenações com montagem impressionante de ramaria. Adora copas frondosas de palavreados. É apaixonado por urdumes de aranzéis, lábios, aguas-sujas verbais e garrulice. Dá um dente por fogos de artifício de frases e discursos. Delicia-se nas riscas policromas dos loquazes e conversadores, sob o céu da sociedade. O arrabalde é sempre bom para a xingaria e o palavrão.

Tem razão Diderot: Quem te fala mal dos defeitos dos outros, com os outros fala dos teus. E Dufresny: Metade dos homens fala mal, a outra metade crê. E Rivarol, francês também: Entre dez pessoas que falem a respeito de nós, nove falam mal, e, quase sempre, essa única que fala bem, o faz mal.

A língua detrai de todos. Desdobra programa gigantesco de mal: conspurca, desacredita, deprecia, abocanha, deturba, deslouva e desgaba, desvigoriza prestígios, eclipsa famas, frustra créditos, balda reputações, arruina renomes, deslutra glórias, desabona honras, descora brilhos, enxovalha distinções, retalha probidades, atassalha virtudes, despeja inocências, desmerece realces, perverte venerações, esbandalha virgindades, desestima sacrifícios, envilece heroismos, enlaiva santidades, cospe infâmias, escarra imundícies, babuja idiotices, se desunha em sandices, chocarreia, se resmandíbula em truanices, enfim, se desqueixa em estupidezas contra tudo e contra todos. Desmodera-se como vilão sórdido. Desnivela e desnobrece valores como plebeu de cloaca.

Deus se enfastia e anoja sumamente da má língua. Vejam êstes lances bíblicos: "A língua dêles é como espada aguda" (Salmo 56, 5). "A bôca dos insensatos tôda se desfaz em dizer loucuras" (Prov. 15, 2). "A vida e a morte estão em poder da língua" (Prov. 18, 21). "Vêde como pequeno fogo incendeia grande bosque. Também a língua é fogo e um mundo de iniquidades" (Tiago 3, 5-6). "Se alguém, pois, julga que é religioso, não refreando a língua, mas seduzindo seu coração, vã é sua religião" (Tiago 1, 26). "A língua nenhum homem a pode domar, é mal inquieto, cheio de veneno mortífero" (Tiago 3, 8).

Entretanto, previne-nos o mesmo Deus: "De qualquer palavra ociosa que disserem os homens, darão conta dela no dia do juízo" (Mt. 12, 36).

Imagem de Fátima para Brasília

De Lisbôa, Portugal, zarpou para o Brasil o transatlântico português "Vera Cruz", levando uma imagem de Nossa Senhora de Fátima que será colocada na catedral de Brasília, a futura capital brasileira. A imagem foi colocada num camarote transformado em capela.

O "Vera Cruz" leva 700 emigrantes portuguêses para o Brasil. Muitos dêles participaram da procissão que conduziu a estátua ao navio, partindo da basílica de Estrêla.

Tópicos Sôbre a Questão do Ensino que merecem meditação...

do jornalista PAULO SERRANO

1) — VOZ DO EPISCOPADO BRASILEIRO

— A Conferência Nacional do Episcopado Brasileiro, de 3 a 11 de julho do ano passado, reuniu em Goiânia os mais ilustres e beneméritos Prelados, representando todos os Estados e principais cidades da Federação. No encerramento foi dado à publicidade importante Manifesto Coletivo sôbre os problemas familiares, educativos e sociais, que afligem o País. Defenderam com vigor e energia, os direitos primordiais da Família e da Escola na educação dos filhos, condenando com veemência o monopólio estatal, ou seja, a educação como tarefa exclusiva do Estado que a outorga, mediante condições arbitrárias, aos particulares.

— Nós, os Bispos do Brasil, disse o manifesto, com as responsabilidades de guias espirituais da maior parte da população nacional, e brasileiros dos mais interessados na boa solução dos grandes problemas da Pátria comum, devemos proclamar que a colocação do problema naqueles termos (de monopólio estatal) esta errada)...

— Diante de tais e tão democrátas e antorizadas manifestações, representando a voz e a consciência de quase 4 séculos de história Pátria, vivida à sombra da democracia e do cristianismo, que foi feito?

2) DESCONSIDERAÇÃO AO EPISCOPADO

— Nada! Não deram uma resposta, uma satisfação Preferiram ficar com Anisio, com o INEP e com o ISEB, onde, em vez de educação, se discute "Nacionalismo e petróleo é nosso", tão a gosto de Moscou....

— E qual o resultado dessa impatriótica e desastrosa preferência por Anisio e seu grupo de "petroleiros e nacionalistas", em lugar de ouvir a voz autorizada do Episcopado?

— Anarquia, greves, descalabro e desordem, numa palavra, como bem acertadamente disse o sociólogo G. Corção, "o ensino em pânico, a confusão e a inimizade no setor mais importante da vida nacional".

Até parece Nero, tocando a harpa da maldade e da incompetência, enquanto a Roma do sistema educacional se incendeia e destrói no Brasil.

3) — DESATINOS E AFRONTAS

— E para cúmulo dos desatinos e da inépcia, para completar o cálice das afrontas à consciência católica do Rio Grande e do Brasil, o Sr. Ministro acaba de informar à imprensa (Diário de Notícias de .... 31-3-59) que um grupo de "eminentes educadores" confeccionaram um novo Projeto de Bases e Diretrizes da Educação a ser apresentado imediatamente à Câmara dos Deputados como solução do cáos atual. E quem são esses eminentes educadores? Nada mais e nada menos do que o Sr. Anisio Teixeira, Celso Brantd, etc... Aquele, o principal atingido pela representação do Episcopado, o descristianizador da Escola, o violador do Constituição que garante a liberdade educacional; e êste, o delapidador dos cofres do Fundo do Ensino Médio, destinado a suplementação dos Professores que não foram pagos integralmente pelo simples motivo de que a verba foi desviada para a sua própria campanha eleitoral em Minas Gerais, onde não é segredo de ninguém. Uns Cr$ 700.000,00 (setecentos mil cruzeiros) mais do que foi destinado a suprir as anuidades de todos os colégios particulares cuja verba não vai além de Cr$ 600.000.000,00. Quase provocou um inquérito na Câmara dos Deputados, em má hora sustado por amigos poderosos da República. Nesse Brasil de ladrões impunes, nunca faltam os máus amigos a proteger maldades e malfeitores, justamente o contrário do sistema usado pelo grande Presidente Garcia Moreno.

4) — PARA SOBREMESA DO BANQUETE AO SR. MINISTRO

Nenhum brasileiro e nenhum cristão pode ficar indiferente face ao gravíssimo problema da perda ou manutenção da liberdade escolar. Como brasileiro, medite o Sr. Ministro o que disseram os mais categorizados órgãos da Imprensa do Rio como O GLOBO, CORREIO DA MANHÃ, JORNAL DO BRASIL, Revistas O CRUZEIRO, etc... Todos são unânimes em condenar sua omissão e inépcia:

Rio — 18-3-59 — O GLOBO: — "Está patente que o Sr. Clóvis Salgado não tem planos, foi apanhado de surpresa, e deixou que o problema se envenenasse. Pelo visto, como providência tardias, e inadequadas, o Ministro da Educação, além de não promover o ensino prático, quer também desmantelar a extensa rêde de escolas particulares do país. E esta, bem ou mal, sempre funcionou em condições normais, ajudando a educar setenta por cento do total dos alunos secundários".

Rio — 19-3-59 — O GLOBO: — "O que há é uma crise de autoridade. O que precisa ser enfrentado é a desordem a que chegaram os negócios da educação. Fugir a esta evidência é tentar soluções de contemporização. Nada resolveria. O Ministro da Educação, por falta de comando e orientação, figura como o grande responsável pela situação. Justo, pois, que se reclame, desde logo, mais comando e orientação, para que a pasta possa desempenhar a função norteadora e coordenadora que lhe cabe. Os fatos estão a evidenciar que a crise no Ministério não é episódica ou passageira. É, pelo contrário, antiga e tende a perdurar enquanto não forem afastadas as causas, que são, tornamos a insistir, a ausência de comando e a carência de orientação. Sem que esta falha seja superada, a crise não cederá e o país continuará a braços com a anarquia educacional, que está minando todo o sistema escolar brasileiro".

Este desmantelo da escola e desorganização do ensino é um dos tais "bons serviços" prestados pelo seu eminente educador Anisio Teixeira....

Rio — 28-3-59 — pág. 5

— O CRUZEIRO: — "A verdade é que o Ministério da Educação, uma máquina dispendiosíssima, parece tem parado no tempo. Enferrujou, não funciona mais. A crise de agora (no ensino) é uma prova de seu desajustamento e de seu envelhecimento. E isso gerou uma verdadeira situação de pânico no ensino em nosso país"...

5) — NEGAÇÃO DE CRISTIANISMO

E como o Sr. Ministro e o Sr. Presidente da República gostam de proclamar-se cristãos, meditem também as vigorosas palavras do corajoso e ilustre cardeal Alfredo Ottaviani, publicadas no Diário Católico de Milão IL QUOTIDIANO:

— Não mencionarei aqueles países, e há grandes nações, quase continentes onde se encarcera a Igreja, se condena à morte como se condenou a Cristo. Refiro-me antes às nossas mesmas nações que se intitulam cristãs e são governadas por uma maioria de católicos (aqui poderia ter citado o Brasil). Entretanto, cometem-se nelas tantas ofensas contra Cristo, cada dia e cada hora, desde a maneira aberta até à insidiosa, desde a organização até a torpe emboscada. Desde o golpe dissimulado com luvas de bondade, até a campanha mais abjeta. Não é esta, conclue o Cardeal, a maneira de honrar a Igreja. Antes, semelhante procedimento que a desonra, não pode ser chamado serviço à Igreja, senão servir-se da Igreja"...

E a nossa conclusão final também é esta: Quem se serve da Igreja para seus interêsses escusos e políticos, em vêz de servi-la, desonra o nome de cristão, e torna-se, queira ou não queira, persona non grata à cristandade.

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 15/04/1959, p. 01.

Por meio de técnicas específicas para a elaboração de histórias em quadrinhos e em diálogo constante com os textos impressos nas páginas do *Correio Riograndense*, entende-se

que *Zé Caipira* representou uma forma adicional para o periódico reforçar o seu posicionamento político-religioso. Com uma linguagem abrangente e imagens compreensíveis, a HQ representou a busca do jornal por formas alternativas para a transmissão de sua mensagem ideológica e, também, "educar" os seus leitores acerca da ameaça que o comunismo representaria caso houvesse adesão ao movimento em solo brasileiro. Ao contrário de outras histórias em quadrinhos, vítimas de censura por parte dos religiosos, *Zé Caipira* representou uma narrativa modelo conforme as ambições dos Capuchinhos, visto que continha os principais aspectos de uma "boa leitura": religião católica, nacionalismo e mensagem anticomunista.

Retomando o que foi proposto no capítulo 2 desta tese, sobre a utilização de novas perspectivas históricas para lançar um olhar alternativo sobre acontecimentos do passado, pode-se perceber que a observação de registros iconográficos veiculados em jornais de circulação em massa é capaz de revelar a forma pela qual as histórias em quadrinhos serviram às pretensões editoriais. Seja como forma de "educação" – entre aspas, posto a soberba dos colaboradores do *Pioneiro* –, ou como forma de doutrinação contra um regime político de que se dispunha poucas informações além daquelas escolhidas a dedo, as HQs foram levadas a público com objetivos claros. Para Liddington (2011, p. 43), o conceito de "público" é tomado de subtextos que podem ser perigosos: "se pensarmos rapidamente em todos os seus usos como adjetivo, as complicações ficam evidentes: 'relações públicas' e publicidade, mas também a 'opinião pública', 'interesse público', 'serviço público'". Dessa forma, a utilização de histórias em quadrinhos também é passível de ser compreendida como um serviço proporcionado pelo jornal aos seus leitores, mas que é ofertado anteriormente à demanda popular. Tal serventia é ofertada mediante um "cálculo" preciso de utilidade aos interesses editoriais. Mesmo que as HQs ainda não tivessem destaque nos jornais de Caxias do Sul, naquele momento elas eram úteis, atuando como porta-vozes instrumentais das mensagens em destaque nas páginas dos periódicos.

5 NARRATIVAS DE UM BRASIL EM COLAPSO

Entre os períodos da, ainda curta, história brasileira, talvez o mais sombrio seja o da segunda metade do século XX, ocorrido de 1º de abril de 1964 a 13 de março de 1985, durante a ditadura militar. No quarto mês de 1964, as Forças Armadas Brasileiras tomaram o governo brasileiro à base de um golpe de Estado, quando tanques de guerra foram enviados às ruas do Rio de Janeiro, onde estava o presidente João Goulart, destituindo-o do cargo. Em 15 de abril de 1964, o Brasil conheceu o seu primeiro presidente militar: o general Humberto de Alencar Castello Branco, que deu início aos 21 anos de um regime que matou, torturou, censurou, retirou direitos básicos dos cidadãos e pôs o país em uma grave crise financeira.

A situação passou a ter tímidas perspectivas de melhora somente em 1974, quando começou o mandato presidencial do general Ernesto Geisel. Com ele, foi iniciado um processo de distensão da ditadura com a proposta de, pouco a pouco, haver uma abertura política, encerrar o regime militar e devolver o país ao modelo democrático. Ainda, próximo ao fim de seu mandato, em 13 de outubro de 1978, Geisel assinou a Emenda Constitucional nº 11, que encerrava a vigência do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Em vigor desde 13 de dezembro de 1968, o AI-5 acabara com o direito de *habeas corpus* em casos de crimes políticos, decretara o fechamento do Congresso Nacional, permitira ao presidente declarar estado de sítio por tempo indeterminado, autorizara que mandatos fossem cassados, concedera direito de confisco de bens privados ao Estado e liberara o Estado para intervir em todos os estados e municípios.

Embora Ernesto Geisel seja lembrado como o presidente que iniciou o afrouxamento da ditadura, tal fato não pode ser considerado como a eliminação da repressão durante o seu governo. Glaucio Ary Dillon Soares (1989, p. 27) afirma que o "período 1975-78 foi típico do mandato de Geisel: uso moderado de um recurso ditatorial, sem compromisso com a sua extinção. Na hora da verdade, Geisel preferiu governar com os instrumentos da ditadura e não com os da democracia." Como veremos ao longo deste capítulo, houve uma clara atenuação na violência física e moral imposta aos cidadãos, mas nunca a sua extinção. Ainda seriam necessários anos de continuidade do processo de distensão, conduzido também durante o governo do general João Baptista Figueiredo, entre os anos de 1979 e 1985, para que o povo brasileiro realmente estivesse livre da máquina opressora. Entre algumas das ações de retomada da democracia promovidas nesse período, destacam-se: a Lei da Anistia, de agosto de 1979, que permitia que exilados pudessem retornar ao país e que perseguidos políticos retomassem seus empregos; a garantia da pluralidade partidária, visto que, durante o regime militar, o

cenário político era bipartidário[50] – Aliança Renovadora Nacional (Arena) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB); a garantia de voto direto para governadores e prefeitos – ainda não para presidente, que continuaria sendo escolhido por um Colégio Eleitoral; e a retomada da liberdade de imprensa. No entanto, no cenário econômico, cada vez mais o Brasil viu a inflação fugir de controle e subir a níveis extremamente elevados.

Como observaremos ao longo deste capítulo, o processo de distensão política e a restauração da liberdade de imprensa apresentaram efeitos visíveis na publicação de histórias em quadrinhos com temática socioeconômica nacional nos jornais de Caxias do Sul. Apesar do início gradual – seguido por um relativo período de dormência –, as HQs relacionadas a questões brasileiras tiveram grande predominância frente a outras temáticas publicadas durante a segunda metade da década de 1980.

Cabe salientar que não nos deteremos a recontar toda a história do período ditatorial, visto que ela já é bem documentada em uma grande variedade de obras escritas por nomes qualificados da pesquisa histórica. Concentraremos nossos esforços em esclarecer pontos de convergência entre as temáticas das histórias em quadrinhos publicadas – durante e após a ditadura – e a referência histórica que pautou/inspirou a criação artística, de modo que se ponha em perspectiva a prática de produção de elementos de representação cultural realizada em jornais de Caxias do Sul.

5.1 CENSURA: A PUBLICAÇÃO DE QUADRINHOS DURANTE O PERÍODO DA DITADURA

Desde o início da publicação de histórias em quadrinhos, em 1951, até o início do período da ditadura militar, em 1964, os jornais municipais jamais publicaram qualquer HQ com temática relacionada a questões socioeconômicas nacionais.

Após o golpe civil militar, iniciou-se o fim da liberdade de imprensa e a censura da veiculação de quaisquer conteúdos que pudessem ferir a imagem ultranacionalista imposta pelas Forças Armadas Brasileiras. Para piorar ainda mais a situação, em 1969, após a Passeata dos 100 mil, que reuniu a população em protesto contra os atos antidemocráticos promulgados pelo governo, o presidente general Artur da Costa e Silva assinou o Ato Institucional nº 5. A

[50] Conforme Maria Aparecida de Aquino (2004, p. 91), os "partidos políticos legalmente existentes até 1964, por força de Ato Institucional, foram cancelados e, em seu lugar, o regime militar criou dois: teoricamente, um da situação, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), e um da oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB)."

partir daquele momento, iniciou-se o período mais tenso da ditadura, em que os militares obtiveram plenos poderes para interferir, indiscriminadamente, em todas as escalas da sociedade brasileira. Assim, a imprensa brasileira foi subjugada e teve sua voz totalmente controlada. Conforme Carlos Fico:

> a partir de dezembro de 1968, com a edição do AI-5, houve uma intensificação da censura da imprensa, pois o *decretum terribile* permitia praticamente tudo. Desde então, a censura da imprensa sistematizou-se, tornou-se rotineira e passou a obedecer a instruções especificamente emanadas dos altos escalões do poder (FICO, 2002, p. 253).

De modo geral, a censura não era novidade para a imprensa e para o povo brasileiros. Embora a prática seja lembrada diretamente por sua associação com os anos compreendidos entre 1964 e 1985, o veto à imprensa já havia sido praticado 30 anos antes, durante o período do Estado Novo, do presidente Getúlio Vargas. Utilizando-se de um golpe de Estado, em 10 de novembro de 1937, Vargas implantou uma política nacionalista e ditatorial, inspirado pelo modelo nazifascista. Em semelhança aos anos de regime militar, o Congresso Nacional foi fechado, assim como as câmaras municipais e as assembleias estaduais. Com o apoio de lideranças militares, o Poder Executivo teve plena autoridade sobre as outras instâncias de Poder. O Estado Novo perdurou até 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial. Temeroso com a possibilidade de sofrer um golpe de Estado, Getúlio Vargas renunciou.

Embora tenha havido o restabelecimento da democracia, uma instância da censura – instituída em 1945 –, permaneceu ativa e legalizada, sendo adotada contra produtores de cinema, de teatro, músicos e outros membros da classe artística. De acordo com Fico (2004, p. 37), "era praticada por funcionários especialistas (os censores) e por eles defendida com orgulho. Amparava-se em longa e ainda viva tradição de defesa da moral e dos bons costumes, cara a diversos setores da sociedade brasileira." Considerando o início da veiculação de histórias em quadrinhos no município de Caxias do Sul, em 1951, pode-se conjecturar que, talvez, um dos motivos para a ausência de narrativas contestadoras das práticas governamentais brasileiras seja essa censura aos artistas. De todo modo, um outro estudo, à parte desta tese, seria necessário para buscar elucidação a essa possibilidade.

Em relação à censura praticada durante a ditadura militar, havia a organização de tópicos proibidos de serem mencionados por veículos de comunicação. Segundo Soares (1989), eram vetados de divulgação:

- Atividades repressivas praticadas pelo governo, como prisões, torturas, mortes de opositores e, até mesmo, a própria censura;

- Atividades de opositores, como atitudes violentas (assaltos a bancos, sabotagens, assassinatos de militares e de civis, associação à repressão, sequestros de apoiadores da ditadura etc.); além de atitudes não violentas (discursos, manifestos, denúncias, declarações, editoriais etc.);
- Problemas internos do regime também não podiam ser trazidos à tona. A população não podia ser informada a respeito de demissões, falta de concordância, nomeações que criavam conflitos dentro do próprio governo, corrupção de militares etc.;
- Problemas sociais do país tampouco eram de livre publicação;
- Dificuldades econômicas que, apesar do discurso laudatório de militares orgulhosos de um suposto milagre econômico, eram abundantes (como a crescente inflação), não podiam ser publicadas.

Também é interessante observar que, em 28 de agosto de 1821, Dom Pedro I assinou um decreto assegurando a liberdade de imprensa no Brasil. Nem tal resolução escapou aos olhos dos militares. A própria menção ao fato, quanto mais a impressão do texto na íntegra, foram vetados: "cento e cinquenta e um anos depois, precisamente no dia 6 de setembro de 1972, o decreto de D. Pedro foi censurado pelo Departamento da Polícia Federal (SOARES, 1989, p. 21).

De forma a tentar exercer o controle da população, a censura não era limitada somente à imprensa; ela se estendia a todas as instituições e aos próprios cidadãos. Pode-se caracterizá-la em dois tipos distintos, que se subdividem em categorias:

- Autocensura: era a aceitação das ordens recebidas por escalas superiores de poder e praticada com base no medo de sofrer as possíveis represálias do aparelho ostensivo opressor. Era adotada institucional e individualmente:
    - Institucional: jornais, revistas, estações de rádio e empresas em geral aceitavam a responsabilidade sobre suas produções, conforme as orientações dos censores. Assim, livravam-se da presença *in loco* de membros da equipe responsável pela censura. Contudo, conforme Soares (1989), havia um conflito ético: ao aceitarem a submissão às imposições do governo, transformavam-se em cúmplices e executores da prática à qual eram vítimas eles próprios. Ainda consoante Soares (1989), os meios de comunicação de massa foram os grandes afetados pela autocensura, visto que as regras não eram claras e o sistema era arbitrário e incoerente. Para se manterem em atividade, muitos preferiram limitar sua cobertura a áreas políticas irrelevantes e seguras;

  - Individual: refere-se a que todos os brasileiros foram submetidos. Temerosos de expressarem opiniões perigosas ou polêmicas, sob pena de se tornarem alvo de violência física e moral, muitos preferiram o silêncio frente às injustiças percebidas.

- Censura prévia: era submetida aos meios de comunicação que não aceitavam resignar-se à autocensura. De modo geral, os veículos de imprensa adotavam essa postura como uma forma de posicionamento ideológico, mas, apesar das intenções de afronta ao regime, viam-se obrigados a acatar às determinações impostas. A censura prévia era praticada de duas formas:
  - Presença de censores nas redações: membros de equipes ligadas aos militares firmavam postos em meio aos jornalistas, observando todas as etapas do processo jornalístico e vetando conteúdos no ato da escrita. Também, segundo Soares (1989), era comum o uso dos chamados "bilhetinhos". Neles, ordens em pequenos pedaços de papel eram repassados aos jornalistas, com determinações e ameaças vindas diretamente das Forças Armadas. Em geral, a censura prévia presencial era adotada em veículos de circulação diária;
  - Envio de conteúdo a Brasília: foi a forma menos adotada por jornais e revistas, geralmente de frequência semanal. Não havia a presença de censores nas redações, mas todos os materiais a serem veiculados deviam ser enviados a Brasília, para análise do Ministério da Justiça. Além das dificuldades em relação a prazos, visto que as devoluções eram feitas próximas ao dia de publicação, todos os custos de envio e recebimento eram arcados pelos próprios veículos.

As formas de violência física não eram as únicas perpetradas pelo regime militar. Considerando que a principal fonte de sustento da imprensa era – e é, até hoje – a veiculação de propagandas estatais e de publicidades de empresas privadas, havia o temor da perda de anunciantes. De fato, foi o que ocorreu em muitos casos, conforme Soares (1989): empresários, temerosos de entrarem em rota de colisão com o Estado e de perderem negócios, passaram a suspender a sua própria publicidade em veículos que afrontavam as orientações dos militares.

Entretanto, ao longo dos 21 anos da ditadura, nem todos os períodos tiveram a mesma intensidade em relação ao uso de instrumentos de censura. Para Soares:

> Ela seguiu o mesmo padrão de outros indicadores do grau de autoritarismo das diversas administrações: foi atuante no período imediatamente seguinte ao golpe de 1964; posteriormente, houve flutuações, observando-se onda que, possivelmente, indicam períodos de maior influência no governo militar, de grupos e pessoas com vocação autoritária. A expansão mais acelerada da ação da Censura teve lugar durante

> o período mais negro por que o País passou: desde o AI-5, em dezembro de 1968, no governo Costa e Silva, até o fim do governo Garrastazu Médici [1974]. Do início da distensão, durante o governo Geisel, até 1976, somente foram controlados alguns aspectos mais gritantes da censura; a partir de 1976, data em que se afirma, o governo Geisel controlou a linha dura, houve uma diminuição de suas atividades sem que, não obstante, os seus instrumentos fossem eliminados: o ditador não abriu mão deste instrumento ditatorial. Foi somente no *final* do governo Geisel e início do governo Figueiredo que a liberdade de imprensa foi restaurada no Brasil (SOARES, 1989, p. 22, grifo original).

Muitos fatores convergentes foram determinantes para que fosse iniciada a distensão da ditadura, em 1975, orquestrada pelos generais Ernesto Geisel e Golbery do Couto e Silva, ainda que ambos entendessem que todo o processo deveria ser lento, gradual e seguro. Segundo Boris Fausto (2006), a principal razão foi o fato de a tomada de poder pelos órgãos repressores ter produzido efeitos negativos na hierarquia do exército. Oficiais de patentes inferiores, mas com grande influência no aparelho repressivo e ligados à linha dura[51] militar, tomavam decisões, como a vida ou a morte de pessoas, sem que seus superiores na estrutura pudessem contrariá-los. Desse modo, "as funções e os princípios básicos das Forças Armadas eram assim distorcidos trazendo riscos à integridade da corporação militar" (FAUSTO, 2006, p. 490).

Outro ponto fundamental para a continuidade do processo foi o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, em outubro de 1975. Ainda que, em agosto do mesmo ano, no discurso de posse, Geisel tenha proclamado a intenção de uma abertura política lenta e gradual, a morte serviu para agitar o cenário político e a população brasileira, que passaram a demandar mudanças mais eficientes. Herzog era diretor do departamento de notícias do canal de televisão não comercial de São Paulo e, quando soube que as forças de segurança estavam à sua procura, decidiu comparecer ao quartel com o intuito de cooperar. Porém, consoante Thomas Skidmore (1988), ele não sabia que o órgão de inteligência, ligado à "linha dura", considerava-o um conspirador comunista:

> No dia seguinte o comando do Segundo Exército informou que Herzog havia cometido suicídio em sua cela depois de ter assinado uma confissão declarando-se membro do Partido Comunista. São Paulo ficou espantado; ninguém acreditava na versão de suicídio. Ali estava um membro proeminente do jornalismo subitamente morto, certamente por desmandos dos torturadores (SKIDMORE, 1988, p. 292).

O resultado da morte de Vladimir Herzog foi imediato: 30 mil estudantes paralisaram as aulas nas principais universidade de São Paulo; além disso o culto ecumênico em

[51] Dentro do próprio exército havia diferentes correntes de entendimento sobre os rumos a serem tomados pelos governos militares. Os oficiais mais radicais, violentos e favoráveis à perpetuação da ditadura eram conhecidos como "linha dura".

homenagem ao jornalista reuniu mais de oito mil pessoas, que desafiaram a ditadura, e compareceram à Catedral da Sé, na capital paulistana. A partir desse momento, a sociedade passou a reclamar a recuperação do acesso ao espaço público e as forças políticas opositoras começaram a formar alianças de combate à ditadura (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

A condução de todo o processo de abertura política foi tomada por pressões externas e internas: externamente, Geisel era pressionado pela opinião popular, farta do que se sucedia no país; internamente, membros das forças militares da "linha dura" não desejavam perder o poder sobre a população. Desse modo, Fausto (2006) afirma que o presidente conciliou medidas liberalizantes com repressivas, de modo a tentar agradar a todos.

O controle sobre todos os Poderes pesava a favor da iniciativa de distensão lenta. Com o amplo domínio sobre o Congresso e o Colégio Eleitoral[52], o general Geisel, apesar do discurso conciliatório, podia fazer mandos e desmandos com vistas a manter o plano em curso, sem interferências opositoras. De acordo com Lilia Mortitz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling:

> A política de abertura controlada, iniciada em 1975 pelo governo do general Geisel, também poderia ser a solução para manter a oposição longe do Executivo, de modo a garantir que a alternância de poder se realizasse de maneira tutelada, restrita aos círculos civis aliados e sem riscos institucionais (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 601).

Fausto (2006) concorda e acrescenta que, apesar de o presidente ter discursado a favor de uma abertura lenta, gradual e segura, na verdade o processo foi lento, gradual e inseguro, cheio de avanços e de recuos em direção a uma democracia conservadora e impossibilitando a oposição de chegar ao poder muito cedo. Além disso, a "linha dura" foi uma constante ameaça até 1985, ao fim do governo Figueiredo.

Apesar das turbulências, o controle à imprensa abrandou, gradualmente, ao longo do governo Geisel, culminando na restauração da liberdade de imprensa à meia noite de 31 de dezembro de 1978, com a extinção do AI-5. Soares (1989) afirma que os tópicos passíveis de censura flutuaram ao longo dos anos da ditadura, mas, a partir de 1975, declinaram rapidamente:

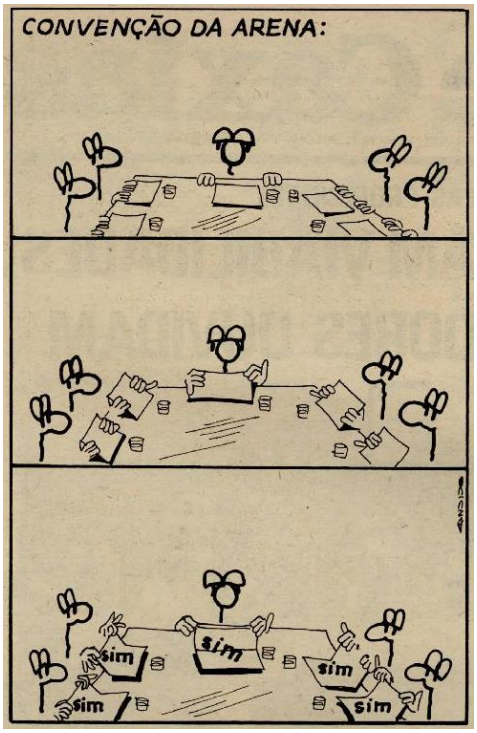
> A frequência com que as proibições foram feitas coincide com outros dados que indicam que a repressão diminuiu depois da posse de Geisel. De acordo com uma série

[52] Imposto em 9 de abril de 1964, o Ato Institucional nº 1 possibilitava a cassação de mandatos, a retirada de direitos políticos e o afastamento, do serviço público, de todos aqueles que fossem considerados opositores. Em 27 de outubro de 1965, foi instituído o Ato Institucional nº 2, que acabava com o voto popular direto para presidente da República, extinguia todos os partidos políticos existentes e implantava o bipartidarismo, representado pela Arena e pelo MDB (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

> de dados, houve 27 proibições em 1970; 52 em 1971; 80 em 1972; 159 (ou seja, o dobro) em 1973; 162 em 1974, declinando rapidamente para 18 durante o primeiro ano completo da administração de Geisel, 1975 nível em que permaneceu até 1978 (SOARES, 1989, p. 26-27)

Tais dados podem explicar a publicação da primeira história em quadrinhos com temática socioeconômica nacional durante o período da ditadura, em 19 de abril de 1975, no *Jornal de Caxias*, como visto na Figura 7, do capítulo 3 desta tese (página 62). Entre 1975 e 1977, o periódico seguiu publicando tirinhas com críticas, mas jamais citando diretamente quaisquer entidades ligadas ao governo. Porém, isso mudou em 6 de maio de 1978, quando o controverso jornal publicou a HQ vista a seguir, na Figura 27:

Figura 27 – A primeira crítica quadrinizada ao governo



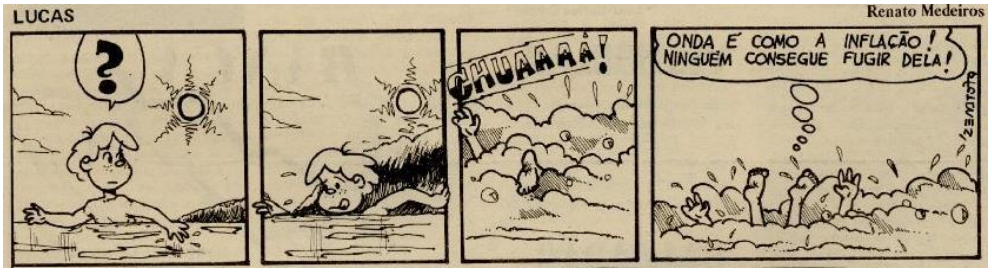
Fonte: JORNAL DE CAXIAS, 06/05/78, p. 02.

Apesar de, conforme os dados apresentados, a censura ter sido menos intensa em 1978, tal publicação é um marco para as histórias em quadrinhos caxienses, pois, pela primeira vez, um jornal arriscou-se a promover uma tirinha que "desse nome e sobrenome" aos problemas do Brasil. Tendo em vista que a Arena era o partido da situação, era comum a concordância em relação às matérias discutidas; todas as resoluções propostas pelo Executivo eram aprovadas, seja por aquiescência ou por temor de contrariar o governo. No período ditatorial, o presidente baixava os decretos-lei, que passavam a vigorar imediatamente. Somente depois eram

apreciados pelo Congresso, que nada podia fazer, além de aprová-los. Ademais, de acordo com Soares (1989, p. 25), "na Câmara Federal e no Senado, a Arena utilizou o controle das comissões para garantir a aprovação."

Entre 1978 e 1982, o *Jornal de Caxias* seguiu atacando a ditadura militar, mas com foco em outros graves problemas enfrentados pelo país: a crescente inflação e a elevação do custo de vida. Na sequência, apresentamos dois exemplos:

Figura 28 – A inflação em foco, 1979



Fonte: JORNAL DE CAXIAS, 20/01/79, p. 07.

Figura 29 – A inflação em foco, 1982

Fonte: JORNAL DE CAXIAS, 04/01/82, p. 02.

Embora tenham a mesma temática, a forma encontrada para representar o problema da inflação é diferente. Na primeira HQ, a inflação é comparada à força inescapável das águas, em que não importa o quanto se lute, é impossível evadir-se de seus efeitos. Na segunda narrativa, um homem, de joelhos, reza o Pai Nosso. Em meio à oração, quando menciona o "pão nosso", ele interrompe a prece e questiona a Deus sobre a alta do alimento.

Contudo, ambas apresentam características marcantes das histórias em quadrinhos: Eisner (2010) afirma que muitas HQs utilizam uma “linguagem” baseada em experiências visuais comuns ao artista e ao público, de forma a efetuar a comunicação; e conforme Groensteen (2015), é frequente que o texto atue como um contraponto irônico às imagens, seja com motivos humorísticos ou críticos. Nas narrativas, os desenhos remetem a situações corriqueiras e, possivelmente, familiares aos leitores, como nadar no mar ou o ato de ajoelhar em oração. Porém, a inserção do texto tem efeito irônico, de modo que salienta a arbitrariedade dos ícones e a relação simbiótica entre todos os elementos constitutivos de uma história em quadrinhos.

Durante o período da ditadura, os militares fizeram todo o possível para mascarar os graves problemas econômicos enfrentados pelo Brasil. Segundo Fausto (2006), nos círculos dirigentes havia a crença de que o país estava predestinado a crescer. Dessa forma, a economia sempre era acelerada, jamais freada. O resultado disso foi que, durante ao fim do governo Geisel, o Brasil era altamente industrializado, mas com dívidas externas exorbitantes:

> Um problema existente desde a fase do “milagre” residia no fato de que o crescimento econômico acelerado tinha como alavanca importante a capacidade ociosa das empresas; em outras palavras, fora possível crescer utilizando-se apenas a capacidade produtiva existente. Para continuar crescendo, seria necessário ampliar o investimento, contando com novos e maiores recursos externos, pois a poupança interna era insuficiente. [...] Daí resultou porém o aumento da dívida externa, tanto pública como privada. No fim de 1978, era de 43,5 bilhões de dólares, mais do que o dobro do nível de três anos antes. Além disso, o pagamento dos juros da dívida passou a pesar mais fortemente sobre o balanço de pagamentos. Isso porque a maioria dos empréstimos foi contratada a taxas flexíveis de juros; ou seja, os juros não tinham um percentual fixo, oscilando de acordo com a flutuação do mercado. Como o período se caracterizou por uma elevação da taxa internacional de juros, o país passou a arcar com compromissos cada vez mais pesados, correspondentes ao serviço da dívida (FAUSTO, 2006, p. 497).

Outro ponto a ser considerado é a primeira crise internacional do petróleo, em outubro de 1973, em consequência da Guerra do Yom Kippur, entre os estados árabes e Israel. Sendo todos eles grandes produtores e exportadores de petróleo, houve uma movimentação dos estados árabes contra o produtor rival, intencionada a provocar uma grande elevação dos preços. Isso afetou demasiadamente o Brasil, que tinha a necessidade de importar mais de 80% do seu consumo.

Uma análise econômica do governo Geisel apresenta índices contraditórios e demonstra a manipulação de informações promovida pelos militares, de maneira que o prejuízo fosse mascarado como crescimento:

> Se olharmos os números brutos, o período de Geisel apresentou resultados satisfatórios. O PIB cresceu na média anual em 6,7% e em 4,2% no cálculo *per capita*, entre 1974 e 1978. A inflação subiu em média 37,9% no mesmo período. Na realidade, porém os perigos eram muitos. A relativa contenção da inflação vinha sendo feito à custa de artifícios, entre eles o da oferta de bens produzidos pelas empresas estatais a baixo custo, o que tornava essas empresas cada vez mais deficitárias. A dívida externa crescia sem que fosse possível encontrar outra saída para seu serviço, além da obtenção de novos empréstimos (FAUSTO, 2006, p. 497).

Percebe-se, então, que as duas HQs expostas nas figuras 28 e 29 representam a percepção geral sobre os altos índices inflacionários. Apesar das manipulações que o Estado praticava na tentativa de mascarar os problemas econômicos, entre a população, o sentimento era de desânimo e revolta com o panorama financeiro do Brasil.

Com o fim do governo Geisel e a posse do general Figueiredo, viu-se a continuidade do processo de distensão política, mas, durante os 6 anos de mandato do novo presidente (1979-1985), houve também o agravamento dos índices inflacionários. Entretanto, apesar de o cenário político estar em ebulição, as dificuldades financeiras não se converteram em grandes conflitos e reivindicações sociais, e a distensão prosseguiu em meio ao caos econômico. De acordo com Schwarcz e Starling:

> A inflação seguiu ascendente, chegou a 211% ao ano em 1983, 223% em 1984, no final do governo do general Figueiredo, e bateu forte no bolso e no cotidiano do trabalhador e da classe média assalariada: descontrole nos preços, contas públicas deterioradas, recessão e desemprego (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 605).

Em Caxias do Sul, além do *Jornal de Caxias*, nenhum outro periódico publicou histórias em quadrinhos com temática afrontosa durante o regime militar. O próprio *Jornal de Caxias*, apesar de sua existência até 1989, encerrou a impressão de histórias em quadrinhos, qualquer que fosse o tema, após 1983.

5.2 PAÍS SEM RUMO: A PUBLICAÇÃO DE QUADRINHOS APÓS O REGIME MILITAR

O fim da ditadura, em 13 de março de 1985, pareceu reanimar o universo caxiense de quadrinhos. Houve uma proliferação de narrativas críticas à maneira como o país era conduzido. A crise econômica continuou em voga, mas, além dela, outras temáticas mostraram-se recorrentes, como: a nova Constituição brasileira; críticas ao presidente José Sarney; e o processo eleitoral.

A primeira publicação pós-ditadura foi feita no *Pioneiro*, em 9 de julho de 1985[53], como pode ser visto a seguir, na Figura 30:

Figura 30 – A primeira publicação após o fim da ditadura

Fonte: PIONEIRO, 09/07/85, p. 22.

Na história, um homem, sentado em meio a um depósito de lixo, lê no jornal que a ideia da Nova República é modernizar o Brasil. Em seguida, o personagem Rango, sentado dentro de uma lixeira, concorda, mas declara que o país já está no "último grito". Tal afirmação tem duplo sentido: inicialmente, percebe-se a alusão à expressão "último grito da moda", utilizada para qualificar tendências que representam o que há de mais moderno no "mundo *fashion"*. Porém, essa sentença é utilizada, por Rango, para representar o descrédito da população, insinuando que o Brasil estava no último grito de socorro, com improrrogável necessidade de promover mudanças e reverter o cenário econômico. O nome de Rango, gíria para comida, também pode ser observado como uma relação com a situação do próprio personagem e, num contexto mais amplo, com a percepção geral de que o povo passava fome,

Apesar de, segundo Fausto (2006), as contas externas terem melhorado em razão do crescimento das exportações de produtos industrializados, da queda do preço do petróleo e dos investimentos realizados a partir do II PND[54], os benefícios dessa evolução não chegaram à população, que se via pagando cada vez mais caro por produtos da cesta básica.

Nos anos anteriores ao fim da ditadura, em 1983, e já com a restituição da existência de diferentes partidos políticos[55], lideranças do PMDB e do PT chegaram ao consenso de que,

[53] No capítulo seguinte, "O Rio Grande do Sul em Pauta" (p. 128), apresentamos uma história em quadrinhos publicada pouco tempo antes, mas, conforme os critérios estabelecidos na categorização do *corpus* desta tese, aquela tirinha é considerada como de viés estadual.
[54] Lançado em 1974, o II Plano Nacional de Desenvolvimento visava a enfrentar a crise financeira a longo prazo, investindo em setores-chave, na tentativa de evitar a recessão econômica.
[55] Em 20 de dezembro de 1979, durante o processo de abertura política, foi instituída a lei nº 6.767, que permitiu o ressurgimento do pluripartidarismo.

ao fim do mandato de Figueiredo, as eleições presidenciais deveriam ser diretas, ou seja, escolhidas por votação popular. Por outro lado, os militares preferiam que a sucessão ocorresse ainda via Colégio Eleitoral, visto as Forças Armadas temiam que a oposição atingisse o posto mais alto da República tão cedo, desfazendo as "melhorias" implantadas pelo regime. Somente, então, a partir de um presidente de confiança dos militares, uma nova Constituição seria escrita.

Porém, o Executivo não contava com a força do movimento e com a adesão popular encontrada. Em junho de 1983, foi criada a campanha com o lema "Diretas Já", que promoveu comícios e passeatas por todo o país. Reunindo cada vez mais pessoas, a ação demandava que o Congresso Nacional aprovasse a emenda Dante de Oliveira[56], que restabeleceria o voto popular para presidente da República:

> O sinal de que aquele seria mesmo um movimento diferente surgiu em fevereiro de 1984, quando Ulysses Guimarães, Lula e o presidente do PDT, Doutel de Andrade, saíram juntos pelo Brasil liderando a Caravana das Diretas — percorreram 22 mil quilômetros, passaram por quinze estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, e reuniram quase 1 milhão de pessoas (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 621).

O Congresso Nacional, sob forte esquema de segurança, votou a emenda Dante de Oliveira na madrugada de 26 de abril de 1984. No entanto, apesar do clima de esperança e da maioria dos votos a favor – 298 votos pró e 63 contra–, não houve maioria qualificada de dois terços, em razão da ausência de 113 deputados; faltaram 22 votos favoráveis para a aprovação da emenda. Conforme Schwarcz e Starlin (2015), a frustração popular foi enorme. Pessoas reunidas, em vigília, choravam com a derrota.

Ao mesmo tempo em que ocorriam as manifestações da campanha Diretas Já, Tancredo Neves costurava alianças políticas e manifestava, à imprensa, suas pretensões de buscar acordos de pacificação que agradassem militares e civis. Ao contrário de Ulysses Guimarães, que enfrentava abertamente o governo Figueiredo, Tancredo Neves era visto com simpatia pelas Forças Armadas:

> Além de abrir os braços para os dissidentes do PDS, Tancredo costurou uma aliança política capaz de acomodar as diferentes forças que o apoiavam, como o PMDB, o PDT, o PTB e até os comunistas do PCB — a Aliança Democrática. Deu ao seu programa um tom de mudança de governo e não de ruptura do sistema político, mas manteve os três pontos considerados essenciais pela oposição para concretizar o projeto de redemocratização do país: eleições diretas em todos os níveis, convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte e promulgação de uma nova Constituição.

[56] Em março de 1983, o deputado Dante de Oliveira, do PMDB do Mato Grosso, criou uma emenda propondo o restabelecimento do voto popular nas eleições para presidente da República. O texto foi o estopim para a mobilização de partidos opositores em busca da restituição do direito civil ao voto. Embora a emenda não tivesse uma alcunha "oficial", ficou conhecida pelo nome do deputado que a propôs.

> Tancredo escolheu para vice o senador maranhense José Sarney, que chamou os jornalistas e anunciou que estava renunciando à presidência do PDS para ingressar na Aliança Democrática (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 625).

No meio popular, Tancredo Neves era visto constantemente na imprensa, que fez sua imagem alcançar proporções virtualmente míticas para os brasileiros: pesquisas eleitorais realizadas em outubro apontavam um apoio de 69,5% da população a Tancredo, contra 18,7% a Paulo Maluf (SKIDMORE, 1988). Ainda que o presidente fosse eleito via Colégio Eleitoral, o entusiasmo da população pressionava os eleitores hesitantes. Com a votação prevista para janeiro, Tancredo Neves tinha três meses para alinhar seu discurso sobre a Nova Constituinte, avançar no retorno à democracia e buscar estabilização econômica e institucional.

O projeto foi bem-sucedido e, em 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves e José Sarney foram eleitos para a presidência e vice-presidência, respectivamente, da República, vencendo Paulo Maluf por 480 votos a 180:

> Tancredo obteve todos menos cinco votos do PMDB; recebeu também 166 votos de congressistas eleitos pelo PDS, agora em dissidência. O PDT votou em Tancredo, embora não integrasse a Aliança Democrática. O PT absteve-se de votar, em protesto contra a eleição indireta e o que entendia ser um arranjo de cúpula (FAUSTO, 2006, p. 512).

Durante os dois meses até a posse, marcada para 15 de março, Tancredo Neves fez de tudo para demonstrar vigor e disposição. Apesar de seus 74 anos de idade, participou de exaustivas reuniões de planejamento, cumpriu agendas políticas e excursionou pelo Exterior, em contato com líderes de outros países. No entanto, o futuro presidente escondia um grave problema: há meses ele lutava contra um tumor intestinal que causava fortes dores abdominais. À base de antibióticos, Tancredo fazia todo o possível para mascarar o problema, temeroso que sua condição fizesse com que os militares desistissem da Nova República e retomassem a ditadura.

O impensável aconteceu quando, no dia 14 de março, véspera da posse, Tancredo Neves teve que ser internado às pressas para uma cirurgia de emergência. Com a população em choque, Ulysses Guimarães articulou para que José Sarney assumisse o posto até a plena recuperação do presidente eleito. Entretanto, a cirurgia foi realizada em um local com péssimas condições de assepsia e um quadro de infecção generalizada acometeu Tancredo. Após mais seis cirurgias, sua morte foi anunciada ao país, em 21 de abril de 1985, para a perplexidade da população, que não desejava o governo de Sarney:

> Não há jeito de saber como seria um governo presidido por Tancredo, é claro, mas a Nova República começou num clima de muita frustração e pouca novidade. Sarney se aproximara da ditadura em 1964: em 1965 fora eleito por voto direto governador do Maranhão e, em 1970, voltara a Brasília como senador pela Arena. Pulara do barco na última hora, e tinha uma impressionante facilidade para mudar de matiz e se adaptar a qualquer corrente ideológica, desde que fosse mantido exatamente onde queria estar: no poder (SCHWARCZ, STARLING, 2015, p. 626).

A população, mais do que tudo, intencionava que José Sarney revogasse leis antidemocráticas, impostas pelos militares, e corrigisse os rumos da economia em frangalhos – a inflação chegara a 223,8% em 1984 e 235,5% em 1985 (FAUSTO, 2006).

José Sarney não demonstrava preocupações em manter as agendas políticas democráticas propostas por Tancredo Neves. Iniciou manobras para permanecer no poder durante 5 anos, tinha convicção de estar acima da lei, não se adaptava às regras democráticas, usava o poder para conseguir empregos e para enriquecer a si e a seus parentes (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Cada vez mais, Tancredo Neves tornava-se apenas a ilusão de um país promissor que fora arrancado à população.

Apesar disso, as pressões políticas e populares fizeram com que a redação da Nova Constituinte continuasse em rumo. Porém, era perceptível que o processo se arrastava e não era tomado como prioridade pela maior autoridade do Brasil; a população via-se à mercê da burocratização do seu bem-estar. No jornal *Pioneiro*, a temática foi abordada em diferentes em histórias em quadrinhos ao longo de 1985 e 1986, como pode ser visto no exemplo a seguir:

Figura 31 – Descrença com a nova Constituinte, 1986

Fonte: PIONEIRO, 07/01/86, p. 18.

A HQ explora o questionamento que Rango faz a uma lata de lixo sobre a "Constituinte congressual". Por sua vez, a lixeira responde que ela significa que ambos – na verdade, referindo-se a todo o Brasil – estariam sujeitos a uma sorte de burocracias impostas pelas "canetas de pena" do Congresso. Para reforçar o argumento, uma caneta surge no ar, direcionando sua ponta de forma ameaçadora para os personagens, como se fossem reféns dos

desígnios do instrumento. Conforme Eisner (2013), alguns objetos, junto a seus significados, são imediatamente reconhecíveis em uma narrativa gráfica. Entretanto, muitas vezes são utilizados como adjetivos ou advérbios modificadores, fazendo com que uma nova camada de sentido seja acrescida à história.

Apesar da demora, em 1º de fevereiro de 1987, finalmente foi convocada a Assembleia Constituinte, que seria encarregada de conceber um texto sólido o bastante para servir de base para a manutenção da democracia no Brasil e para o exercício das liberdades e dos direitos dos brasileiros. Formada por nomes de peso do cenário político brasileiro, como "Ulysses Guimarães, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Luiz Inácio Lula da Silva, José Serra, Mário Covas e Plínio de Arruda Sampaio" (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 627), a Assembleia apresentou a versão final somente em 5 de outubro de 1988, batizada de "Constituição Cidadã".

Todo o processo foi maçante para a população, que aguardava ansiosa pelo resultado das promessas feitas nos últimos anos. Durante o período de espera para a divulgação do texto, o *Correio Riograndense* e, especialmente, o jornal *Pioneiro* publicaram diversas HQs que tematizavam o ceticismo em torno da Constituição. Visto que o povo brasileiro era, há anos, testemunha de promessas vazias e de formas de burlar as regras, as narrativas quadrinizadas pareciam representar o sentimento que tomava conta do país. A seguir, tem-se a Figura 32, publicada logo após a formação da Assembleia Constituinte, e a Figura 33, impressa poucos dias antes da promulgação da Constituição:

Figura 32 – Descrença com a nova Constituinte, 1987

Fonte: PIONEIRO, 27/02/87, p. 23.

Figura 33 – Descrença com a nova Constituinte, 1988

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 14/09/88, p. 04.

Na primeira narrativa, Rango relaciona a nova Constituição a uma caravela e faz um contraponto entre ideias: ou o novo texto representaria a exploração de mares inexplorados – ou seja, consolidaria melhorias, apesar de, na opinião do personagem, ser algo inédito na história do Brasil, ou navegaria pelo "mar melada", em referência à expressão "marmelada", utilizada para caracterizar ações ilegítimas ou desonestas.

Na segunda tirinha, um homem pergunta a outro, que lê um jornal, se ele está estudando a nova Constituição. O leitor do periódico assusta-se e nega. Em seguida, com uma expressão maliciosa, declara que, na verdade, está procurando maneiras para subverter o texto e encontrar brechas para ter vantagens pessoais.

Nota-se, então, que ambas as HQs exploram o sentimento de descrença em relação à nova Constituição, visto que a corrupção estaria enraizada na própria história do Brasil e, antes mesmo de o novo texto ser promulgado, já haveria forças agindo, de forma obtusa, em benefício próprio. Apesar de serem narrativas publicadas ao longo de um grande espaço de tempo e em periódicos diferentes, elas compartilham da mesma temática, que também foi abordada por outras HQs dentro desse período. Desse modo, pode-se entender a "narrativa da Constituição" como algo maior do que apenas uma publicação; ela passou a estabelecer um conjunto de diferentes histórias em quadrinhos em unidade semântica. De acordo com Groensteen:

> As articulações semânticas da história permitem-me identificar e circunscrever uma história segmentada de qualquer extensão, caracterizada por uma unidade de ação e/ou espaço. Permite-se converter a sequência em um enunciado sintético que, transcendendo as observações e construções de nível inferior e cessando (pelo menos provisoriamente) o trabalho de inferências, produz um sentido global explícito e satisfatório (GROENSTEEN, 2015, 118).

Seja qual a o periódico ou história em quadrinhos desse período, caso ela fizesse parte da unidade semântica "narrativa da Constituição", imediatamente seria reconhecida pelos leitores, graças a essa capacidade descrita pelo autor.

Apesar do discurso promissor, a nova Constituição já nasceu com a previsão de durar pouco em sua forma original: postergou, para um plebiscito a ser realizado quase cinco anos depois, em 7 de setembro de 1993, a decisão de o Brasil ser presidencialista ou parlamentarista, assim como ser República ou monarquia. Além disso, estava prevista uma revisão constitucional, também em 1993 (FAUSTO, 2006).

Paralelo aos eventos da nova Constituição, o Brasil continuava assolado pela grave crise econômica que resultava, entre outros indicadores, em hiperinflação. Ainda em 28 de fevereiro de 1986, o governo de José Sarney lançou um plano para combater a inflação a curto prazo. A solução proposta foi o Plano Cruzado, que trocava a moeda corrente – o cruzeiro –, pelo cruzado. Além disso, criava o seguro-desemprego, abono salarial de 8%, aumento do salário mínimo em 15%, correção monetária salarial caso a inflação acumulada alcançasse 20% e total congelamento de preços, tarifas e serviços (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Momentaneamente, a inflação cedeu e o poder aquisitivo da população aumentou. Com os preços fixos, acreditava-se, era possível programar o orçamento, consumir mais, viajar para o exterior ou reformar a casa.

Sarney viu sua popularidade aumentar como nunca, assim como seus benefícios políticos, e estendeu o congelamento até as eleições para governador, em novembro de 1986. O resultado disso foi que 21 dos 22 governadores do PMDB foram eleitos, assim como garantiu a maioria da bancada do Congresso. Porém, a prosperidade não passava de ilusão para os brasileiros e logo o artifício ruiu:

> Na outra ponta, o Plano Cruzado se esfarinhou: os produtos sumiram das prateleiras, e a Polícia Federal fez papel ridículo ao anunciar a Operação Boi Gordo para confiscar gado retido nas fazendas e levar a carne bovina e o leite de volta à mesa do consumidor. Para completar, entrou em cena o ágio, o sobrepreço ilegal que o brasileiro foi constrangido a pagar por qualquer produto.
> Menos de uma semana após a vitória do PMDB, no dia 21 de novembro, o governo reconheceu que a economia estava se decompondo e lançou o Plano Cruzado II, para fazer os ajustes que deveriam ter sido realizados quando do lançamento do Plano Cruzado I: elevou todas as tarifas de serviços públicos, descongelou os preços dos

> produtos e autorizou os aumentos. A combinação entre descongelamento e mudança nos índices de preços faria disparar a inflação, e a situação piorou ainda mais quando Sarney mandou reunir um grupo de empresários no auditório do Ministério da Fazenda e deixou que eles anunciassem o fim do congelamento (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 631).

As dívidas externas brasileiras voltaram a assombrar o governo, que se viu obrigado a declarar uma moratória em fevereiro de 1987. Após um ano de aparente abundância, a população percebeu que fora enganada, imediatamente sendo tomada por mais um clima de decepção e desconfiança.

Entre 1985 e 1989, a publicação de histórias em quadrinhos com temática sobre a inflação foi constante. Livres do silêncio imposto pela ditadura militar, diferentes jornais de Caxias do Sul – *Correio Riograndense, O Pioneiro* e *Folha de Caxias* – imprimiam constantes críticas às crises financeira e anímica enfrentadas pelo Brasil. As figuras 34, 35, e 38, de diferentes anos, exemplificam o teor da reprovação ao que se sucedia no país:

Figura 34 – Críticas à decadência econômica, 1986

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 12/11/86, p. 04.

Figura 35 – Críticas à decadência econômica, 1988

Fonte: FOLHA DE CAXIAS, 08/10/88, p. 03.

Figura 36 – Críticas à decadência econômica, 1989

Fonte: FOLHA DE CAXIAS, 04/02/89, p. 11.

Na primeira história, um eleitor, em dúvida sobre seus votos, sente a sua barriga roncar de fome. Então, decide eleger pratos de comida para diferentes cargos governamentais, na tentativa de modificar o panorama econômico vigente à época.

A segunda HQ exibe um diálogo entre Maílson de Nóbrega, Ministro da Fazenda daquele governo, e José Sarney. Sentados em um banco, em aparente tranquilidade, Nóbrega comenta que, no horóscopo chinês, 1988 era considerado o "ano do dragão". Por sua vez, Sarney debocha sobre a crença chinesa. Porém, atrás dos políticos, um gigantesco dragão, com o índice inflacionário escrito em sua lateral, aproxima-se para atacá-los. Cabe ressaltar que, no Brasil, a inflação, que "queima" o poder de consumo da população, é frequentemente associada à imagem do monstro cuspidor de fogo.

Por fim, a terceira narrativa representa diferentes aspectos dos "novos pobres": pessoas que, graças à hiperinflação, perderam todas as suas posses e foram obrigadas a encararem uma realidade sem luxos e, em muitos casos, à margem da sociedade. Na história, uma família, anteriormente abastada, fixa residência debaixo de uma ponte. No novo ambiente, eles são obrigados a dividirem o espaço com outros moradores de rua; sentem saudades de churrasco, enquanto a matriarca prepara uma sopa com, possivelmente, ingredientes encontrados em lixeiras; são obrigados a trabalharem como pedreiros e a recolherem papel para revenda em centros de reciclagem. Embora a história em quadrinhos seja bem-humorada, a crítica ao governo é notória, visto que nessa época registra-se um aprofundamento da pobreza no País, justamente porque as pessoas são afetadas fortemente pelos exorbitantes índices inflacionários:

> não por acaso, a década de 1980 foi chamada de década perdida. Nesses anos, o conjunto dos brasileiros, principalmente os assalariados, se tornou mais pobre. Entre 1989 e 1990, os empregados com carteira assinada tiveram uma queda de rendimento médio de 19,7%; em setembro de 1990, o salário mínimo era 35,7% menor do que no mesmo mês de 1989 (FAUSTO, 2006, p. 546).

Desde o início de seu mandato, José Sarney sempre foi visto com desconfiança por parte da população. Depois da fonte de esperança que Tancredo Neves simbolizava, Sarney era, basicamente, mais do mesmo. Apesar do fim da ditadura, o novo presidente não era percebido como representante das novas políticas, necessárias para recolocar o Brasil nos trilhos da democracia, da estabilidade econômica e da idoneidade política.

> Sarney tinha sido imposto ao PMDB e era um oposicionista de última hora. Além disso, carecia de autoridade na Aliança Democrática. Ele começou a governar sob uma forte presença da figura de Tancredo, nomeando o ministério escolhido por aquele. Do ângulo político, as atenções se fixavam em dois pontos: na revogação das leis que vinham do regime militar estabelecendo ainda limites às liberdades

> democráticas – o chamado "entulho autoritário"; na eleição de uma Assembleia Constituinte, encarregada de elaborar uma nova Constituição (FAUSTO, 2006, p. 519).

A incapacidade de mostrar poder de reação frente às instabilidades fez com que o presidente fosse visto como uma figura inadequada para governar. As suas decisões pareciam ir na contramão do que a população desejava e houve, até mesmo, uma tentativa de reduzir o seu mandato em um ano. Em 1987, políticos, sindicatos e membros da comunidade criaram o movimento Pró-Diretas, para tentar pressionar a Assembleia Constituinte a incluir um trecho prevendo que o mandato presidencial fosse reduzido de cinco para quatro anos. Assim, em vez de convocar eleições somente em 1989, elas seriam realizadas já em 1988, ano da promulgação da nova Constituição, e antecipando a saída de José Sarney do poder. Porém, as articulações presidenciais nos bastidores políticos foram mais efetivas: apesar da força do movimento, o sucesso não foi obtido graças ao grupo de partidos do chamado "Centrão" – parlamentares conservadores e aliados de Sarney. Desse modo, o mandato de cinco anos foi cumprido de forma integral, como previsto inicialmente.

Entretanto, o descontentamento com José Sarney foi tema de muitas histórias em quadrinhos publicadas durante o mandato, principalmente no *Correio Riograndense* e no *Pioneiro*. As figuras 37 e 38, na sequência, representam a insatisfação recorrente na segunda metade dos anos 1980:

Figura 37 – A insatisfação com José Sarney, 1987

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 18/02/87, p. 04.

Figura 38 – A insatisfação com José Sarney, 1988

Fonte: PIONEIRO, 01/06/88, p. 02.

Na primeira HQ, José Sarney deitado em sua cama e, aparentemente satisfeito, comemora o fim do Horário de Verão. Porém, em seguida, como o peso de um elefante em sua consciência, lembra-se que todos os problemas econômicos brasileiros continuam esmagando o país e não podem ser programados como a mudança de horário.

A segunda narrativa exibe o diagnóstico de um médico a um paciente aparentemente gripado. Segundo o doutor, a doença chama-se “gripe Sarney”, para o espanto do enfermo. O médico, por sua vez, explica as características da moléstia: assim como o presidente José Sarney, que chegou ao poder por acaso, em razão do infortúnio ocorrido com Tancredo Neves, demoraria a ir embora, devido às manobras políticas para se manter como chefe do Executivo pelo máximo de tempo possível.

Na Figura 37 (assim como na Figura 35, inserida neste capítulo), percebe-se a caricaturização da imagem do próprio presidente, com o característico bigode em destaque em um rosto que, sem os pelos faciais, seria genérico. Segundo Ernst Kris e Ernst Hans Josef Gombrich (1968), a caricatura é uma técnica de reprodução de uma pessoa, porém, destacando certos atributos com a intenção de troça. Dessa maneira, o sujeito é reconhecível, apesar da zombaria. Para Ana Maria de Moraes Belluzzo (1992, p. 13), “a caricatura resulta de uma relação entre a subjetividade do artista e a subjetividade do outro: relação social pela qual se aproximam duas proposições diferentes.” Ainda segundo a autora, em geral, o propósito da caricatura é humorístico. Cabe, também, salientar a importância das menções diretas ao nome de José Sarney. Considerando-se que, poucos anos antes o Brasil vivia uma ditadura militar notória, entre tantos aspectos truculentos, pela censura, é notável que o próprio presidente seja

motivo de chacota pública e distribuída em larga escala por meio de periódicos, sem que seja possível uma interferência oficial do Estado.

A população já estava cansada das dificuldades enfrentadas ao longo do mandato de José Sarney e ansiava por 1989, data em que, segundo a nova Constituição, seriam realizadas eleições presidenciais por meio de voto direto; algo inédito desde 1961:

> Se a população havia se decepcionado com a derrota da Emenda Dante de Oliveira e com a morte inesperada de Tancredo Neves, ela se frustrava pela terceira vez. Com a hiperinflação batendo na porta, muita gente começou a achar que não existia mais chance para uma saída convencional na situação econômica e que era preciso salvar o Brasil (SCHWARCZ, STARLING, 2015, p. 632).

O nome que surgiu como potencial salvador do país foi o de Fernando Collor, governador de Alagoas. O mote de seu discurso era o de criticar agressivamente José Sarney em todas as oportunidades possíveis, na tentativa de angariar os eleitores descontentes com os últimos cinco anos de governo. Na mídia, Collor era tratado como uma joia rara: de família abastada, feições agradáveis aos olhos e relativamente jovem – apenas 40 anos –, a imagem do candidato era associada à prática de esportes e à vida social de celebridades. Além disso, seu bordão afirmava ser um "caçador de marajás", em referência ao combate que praticaria contra os funcionários públicos que se beneficiavam de vantagens incompativelmente altas. Apesar de, inicialmente, Fernando Collor ser visto como um "azarão", a sua candidatura ganhou força, especialmente em razão do apoio de todo o grupo midiático comandado por Roberto Marinho.

Nos jornais caxienses, as eleições de 1989 também foram um momento de grande engajamento por parte de artistas criadores de histórias em quadrinhos, que publicaram uma pluralidade de narrativas acerca do tema – e com diversidade de posicionamentos. Exemplos podem ser vistos nas figuras 39 e 40, a seguir:

Figura 39 – As eleições de 1989 – suplemento infantil "PioneiriM"

Fonte: PIONEIRO, 17/09/89, p. 40.

Figura 40 – As eleições de 1989 - rejeição a Collor

Fonte: FOLHA DE HOJE, 18/11/89, p. 18.

A Figura 39, além de representar apoio a Fernando Collor, também marca uma ocorrência muito particular: em todo o *corpus* observado, trata-se da primeira, e única, impressão de uma narrativa política em um suplemento infantil; no caso, o "PioneiriM", do jornal *O Pioneiro*. Em todas as outras edições do mesmo suplemento, e em outros cadernos infantis investigados no período de 1951 a 2000, nenhuma outra HQ "adulta" foi publicada. Na HQ, um menino questiona sua irmã sobre as atividades de seus pais no dia das eleições presidenciais de 1989. A menina responde que terão duas possibilidades de exercício: primeiro, ela associa o sobrenome de Fernando Collor com uma atividade lúdica e interessante. Após, compara "Collorir" a uma alternativa mais desagradável, e segue em uma conjugação dos sobrenomes de outros candidatos como se fossem verbos.

Na segunda tirinha, Radicci, um descendente de italianos, lê uma reportagem que destaca Fernando Collor e grita o seu nome, com horror. Considerando-se a data de publicação da narrativa, infere-se que o colono vê a notícia sobre a passagem de Collor para o segundo turno das eleições. Irritado, amassa o jornal e amaldiçoa seu pai, lamentando que tenha escolhido o Brasil como destino de sua imigração. É interessante observar a escrita do nome de Collor no primeiro quadrinho, de modo a salientar o repúdio e o terror na "voz" de Radicci. De acordo com Eisner (2010, p. 9), "as letras de um alfabeto escrito, quando executadas num estilo particular, contribuem para dar sentido. Nesse aspecto, não diferem da palavra falada, que sofre influência das mudanças de inflexão e nível sonoro."

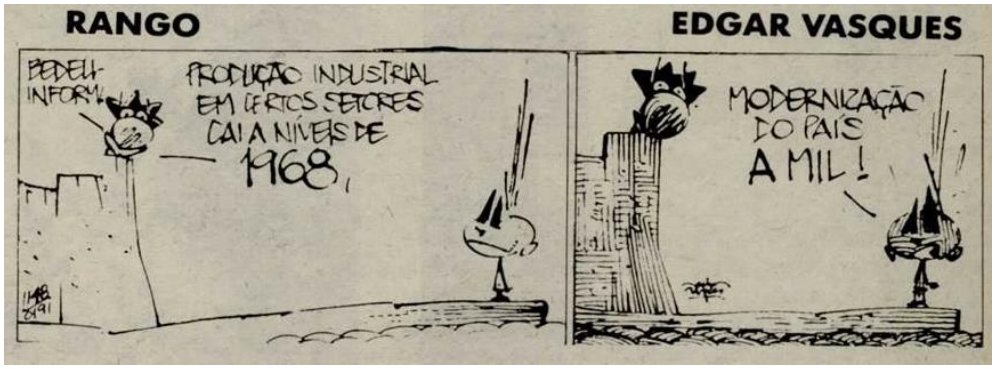
A disputa eleitoral foi acirrada entre Fernando Collor e Luiz Inácio Lula da Silva. Collor subia nas pesquisas, visto as promessas de recuperação econômica, a campanha contra as distorções salariais do funcionalismo público e contra os "marajás", como ele mesmo denominava os políticos que aumentavam o salário por meio de manobras burocráticas. Lula contava com grande apelo popular, graças à sua trajetória em meio aos trabalhadores e como uma das vozes contrárias à ditadura militar. Conforme Schwarcz e Starling:

> Collor ganhou a eleição com 50% dos votos, contra 44% de Lula. Tomou posse em 15 de março de 1990 e, no dia seguinte, reuniu a equipe da área econômica e mandou a nova ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, anunciar à imprensa um plano para enfrentar a voragem da inflação: o Plano Brasil Novo, que terminou conhecido como Plano Collor. O plano se revelaria frágil. Tinha um forte componente voluntarista, e o pacote de reformas anunciadas pelo governo — fiscal, bancária, patrimonial — não poderia ser feito por decreto. A pior notícia, ela guardou para o final de sua exposição. Estava bloqueada, nos bancos, parte do dinheiro das contas-correntes, das aplicações financeiras e das cadernetas de poupança (SCHWARCZ; STARLING, 2015, 633-634).

Mais uma vez, os brasileiros viram-se traídos por promessas vazias. O representante de um novo fazer político criou uma situação pior do que a anterior e ampliou uma crise que já durava quase duas décadas. Empresas decretaram falência e milhares de pessoas perderam o emprego; o poder de consumo desabou e a população teve que reavaliar suas finanças ao ver suas dívidas ficarem impossibilitadas de pagamento. Dez meses após a posse de Collor, a inflação retornou (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

A crise financeira, assim como em períodos anteriores, foi abordada na forma quadrinizada, mas, dessa vez, menos ocorrências foram encontradas. A Figura 41, do jornal *Folha de Hoje*, é um dos escassos exemplos levantados:

Figura 41 – A crise no período Collor, 1991



Fonte: FOLHA DE HOJE, 08/01/91, p. 4.

Em *Rango*, o personagem-título anuncia os baixos índices que a indústria atingiu, comparáveis a 1968. Com isso, outro personagem ironiza, afirmando que a modernização do país vai "a mil", ou seja, extremamente bem.

Ao contrário da década de 1980, quando os fatores socioeconômicos nacionais eram grande fonte de inspiração para as HQs caxienses, a década de 1990 representou uma queda: foram encontradas ocorrências somente até 1992. Após esse ano, os poucos jornais que ainda publicavam histórias em quadrinhos faziam-na por meio de narrativas sem conexão com temáticas referentes a questões políticas do Brasil como um todo. Grandes acontecimentos

como o processo de *impeachment* de Fernando Collor, o governo de Itamar Franco, o plebiscito de 1993, a eleição de Fernando Henrique Cardoso para a presidência, o lançamento do Plano Real etc., não foram tematizados em forma quadrinizada em todo o *corpus* observado. Crises financeiras, que obrigaram os periódicos a retirarem aporte financeiro à impressão de quadrinhos, ou determinações editoriais são apenas algumas conjecturas possíveis para tentar explicar tal desaparecimento, entretanto, seria necessário um desvio empírico rumo a uma pesquisa que não se objetiva nesta tese.

Apesar disso, é notória a transformação do mercado caxiense de HQs quando comparados os anos de regime militar ao período que se seguiu à liberação. Percebe-se, assim o pleno amadurecimento do meio, advindo da influência do movimento *underground* das histórias em quadrinhos – ocorrido nos EUA entre 1965 e 1990. Artistas e criadores passaram a tratar de temáticas que, anteriormente, eram exclusivas da literatura, do teatro ou do cinema. Conforme Eisner (2013), protestos sociais e fatos históricos foram alguns dos assuntos abarcados pelas HQs a partir dessa revolução do gênero.

Em Caxias do Sul, a guinada é perceptível após 1985. Se, nos anos anteriores ao fim do regime, apenas um periódico ousou correr riscos e publicar histórias em quadrinhos críticas ao governo, após a restituição da democracia, o cenário é extremamente diferente. Proliferaram impressões que acompanhavam todos os andamentos do conturbado cenário político da segunda metade dos anos 1980 e, com menor ocorrência, dos dois primeiros anos da década de 1990. Por meio dessa série de narrativas independentes, mas interligadas por temáticas em comum, é possível avaliar a percepção do processo histórico brasileiro decorrente nos anos em questão. A partir de uma das bases fundamentais da História do Tempo Presente, que busca relatos históricos em contextos públicos diversos, entende-se que essas narrativas podem fornecer pistas para a remontagem de certos aspectos da sociedade:

> A orientação que talvez deva prevalecer na definição temporal do tempo presente é a da presença ativa de sujeitos protagonistas ou testemunhos do passado que possam oferecer seus relatos e narrativas como fontes históricas a serem analisadas por historiadores. Ou seja, a existência de uma memória social viva é fundamental para definição dos recortes temporais e dos campos constitutivos da história do tempo presente (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 24).

Ainda que tenham desaparecido dos jornais a partir de 1993, as histórias em quadrinhos com temática socioeconômica nacional foram capazes de oferecer, aos leitores, uma perspectiva bem-humorada e irônica acerca do período histórico em que foram publicadas. Além disso, também podem ser consideradas instrumentos formadores de opinião, visto a

ocorrência do posicionamento do quadrinistas frente aos acontecimentos que serviam de inspiração para as HQs. Ao perceber a riqueza de dados provenientes dessas histórias em quadrinhos, é possibilitado, ao pesquisador, reconstituir o momento histórico, fazer abstrações e tecer comentários. Dessa maneira, à luz das disciplinas históricas propostas no capítulo 2 desta tese, as narrativas quadrinizadas publicadas no período observado são de grande valia para a averiguação do *zeitgeist* vigente naqueles anos. A maioria das histórias parece exprimir a angústia e a revolta com as incertezas sociopolíticas que imperavam. O Brasil, de acordo com os artistas criadores de HQs, estava rumando para o fundo do poço.

6 O RIO GRANDE DO SUL EM PAUTA

Ao contrário da publicação de histórias em quadrinhos com temáticas nacionais, que encontraram amplo espaço em periódicos, mesmo que somente após o término da ditadura militar, os argumentos quadrinizados relacionados ao estado do Rio Grande do Sul foram exíguos. Ao longo de toda a observação do *corpus*, percebeu-se que o meio artístico preferencial para tematizar questões socioeconômicas foi o das charges[57]. Tal ponderação é cabível, embora elas não reúnam, de acordo com o arcabouço teórico utilizado por nós, características passíveis de considerá-las como narrativas em quadrinhos. Faz-se necessário, portanto, afirmar que um estudo sobre as charges pode ser de grande valia para a produção de história caxiense.

De todo modo, apesar de a impressão de HQs com temas estaduais, como já afirmado anteriormente, ser baixa, ainda assim elas são existentes. No capítulo 5, foi possível observar o modo como as histórias em quadrinhos realizaram a construção de uma narrativa geral dos acontecimentos históricos brasileiros conforme eles decorriam, além de representar o estado anímico de boa parte da população com cada nova desilusão relacionada aos fatores políticos e econômicos. Porém, como veremos, as temáticas gaúchas são isoladas e não "dialogam" entre si; a abordagem dos assuntos é restrita a eles próprios, não sendo possível constituir uma unidade semântica histórica que permita uma leitura mais abrangente e ordenada dos acontecimentos sucedidos no Estado do Rio Grande do Sul.

Com a observação do material reunido ao final da investigação do *corpus*, foi possível classificar as temáticas estaduais em quatro grupos[58] organizados cronologicamente. São eles:

- Narrativas relacionadas à insegurança e a diferentes tipos de violência, em Caxias do Sul, na metade da década de 1970;
- Histórias que tematizaram a possibilidade de reforma agrária, no RS, durante a transição para a Nova República e a redação da nova Constituição;
- Quadrinhos referentes a situações políticas do governo do estado, também em meados dos anos 1980;
- Eleições municipais caxienses, em diferentes anos.

[57] Segundo Edson Carlos Romualdo (2000, p. 33), "compreenderemos a charge como o texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal." De maneira geral, as charges costumam acompanhar o Editorial, algum outro texto de opinião, ou fazer referência a um assunto recorrente da publicação. Atualmente, nas principais publicações do País, histórias em quadrinhos e charges, usualmente, não competem por espaço; cada qual encontrou o seu próprio nicho em seções específicas de um periódico.

[58] Outras temáticas foram encontradas, porém, elas são isoladas e não se encaixaram em grupos que permitissem uma análise verticalizada.

Não obstante a independência entre as temáticas, a análise desse material possibilita revelar traços acerca de momentos específicos da história do Rio Grande do Sul e de Caxias do Sul. Conforme Dosse (2017, p. 21), “até então temos vivido com a ideia de um futuro certo, de uma incerteza do presente e da opacidade do passado. É isto que está mudando diante de nossos olhos. Há uma presença marcante do passado no espaço público, que não é nova, mas que ganhou intensidade.” Desse modo, cabe-nos assumir o papel de historiador, investigar as histórias em quadrinhos presentes na esfera pública e evidenciar os momentos-chave que elas representam por meio de seus traços.

6.1 VIOLÊNCIA URBANA EM CAXIAS DO SUL

Iniciando pelo agrupamento de histórias em quadrinhos mais antigas, tem-se narrativas relacionadas à violência no município de Caxias do Sul. Ao contrário de nossas expectativas, foram encontradas escassas HQs que tematizassem a cidade em que foram publicadas. Como afirmado anteriormente, ao que tudo indica, os autores tiveram preferência pela criação de charges para tematizar assuntos caxienses.

Por volta da metade de abril de 1975, o *Jornal de Caxias* noticiou o aumento de casos de diferentes tipos de violência: tentativas de assassinato, acidentes de trânsito, assaltos, roubos, golpes etc. Continuamente, nas semanas posteriores, as páginas dedicadas a esse tipo de informação (equivalentes à seção “Polícia”, embora não tivessem nomenclatura específica) apresentavam novas ocorrências, ou o desenvolvimento de fatos relatados em semanas anteriores. Um exemplo pode ser visto a seguir, na Figura 42:

Figura 42 – Violência e insegurança em Caxias do Sul, 03/05/1975

Aplicado no interior o golpe da aposentadoria

Ênio Stragliotto, 24 anos, residente no Travessão Solferino, 5ª Légua, comunicou à polícia que seu pai é beneficiário da Sociedade Beneficente dos Oficiais das Forças Armadas. Em dia desta semana, recebeu ele a visita de um casal que se diziam ser cobradores daquela Sociedade. Cobraram-lhe a importância de Cr$ 5.150,00 que foi paga através de dois cheques, recebendo em troca dois recibos. Foi-lhes apresentada uma carteira de identificação com o nome de Ramiro Kersting Neto. Mas, Ênio Stragliotto, ao tomar conhecimento do fato, desconfiou e telefonou para Santa Maria, onde está sediada a Sociedade, sendo informado que a mesma não mantinha cobradores. Os pseudo-cobradores informaram ao pai de Ênio que o mesmo receberia sua aposentadoria dentro de 60 dias, percebendo como pensão a importância de mil cruzeiros mensais.

ARROMBAMENTO

Ao plantão da 2ª D.P. compareceu o sr. Carlos Fernandes E. Bandeira, 28 anos, residente à rua Tronca, 3316, comunicando o arrombamento do depósito da Pepsi-Cola na BR-116, de onde foram furtados Cr$ 10.000,00 entre dinheiro e cheques. Os ladrões forçaram o corre com uma tesoura.

ESFAQUEAMENTO

Nair Alves de Lima 33 anos, residente no bairro Universitário, comunicou que seu irmão Vercedino Alves de Lima havia sido esfaqueado quando saía de uma boate, na Vila Garbin. Os agressores teriam sido Pelezinho, Cisco e Chuvisco. Vercedino Alves de Lima foi hospitalizado.

ROUBO

Compareceu à 2ª D.P. o sr. Vitório Balestro, 61 anos, comunicando que na rua Paternoster, 305, elementos desconhecidos entraram em uma construção e, do local onde eram guardadas as ferramentas, levarão 500 metros de fio de cobre, 10 chaves de luz fluorescente, sete de luz comum, oito pacotes de pregos de tamanhos diversos, caixas de parafusos para portas, marreta, três cremonas de janelas e todas as ferramentas dos carpinteiros: serrotes, arco de pua, nível, perfuradores, cortadores e talhadeiras.

AGRESSÃO

Por soldados da BM foi apresentado ao plantão policial, João dos Santos que tentou matar a Antônio Moraes, a quem atingiu com uma faca na altura do abdomem. A faca foi apreendida e Antonio Moraes recolhido ao Hospital.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL

MUNICÍPIO ALARMADO COM ENDEREÇOS DESATUALIZADOS

Os técnicos da Secretaria da Fazenda encontram-se alarmados com o número de contribuintes que estão com seus endereços desatualizados, especialmente no que respeita ao Cadastro Imobiliário.

A desatualização dos endereços dos Cadastros do ISS – Imposto Sobre Serviços e IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano, dificultam o fluxo de correspondência, o envio de eventuais avisos de débito, e entrega à domicílio de recibos ou carnês, de impostos e taxas.

As pessoas ou empresas que mudaram seus endereços ou trocaram seu ramo de atividade, o comuniquem à Receita Municipal, através de cartas ou pelos telefones 21.11.05, 21.12.21 ou 21.31.11.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL
SECRETARIA DA FAZENDA

EDITAIS

TOMADAS DE PREÇOS

a) – 39/75, de 29/04/75, para aquisição de MATERIAIS ELÉTRICOS, destinados à conservação e manutenção do sistema de Iluminação Pública. Documentação e propostas serão recebidas até às 15:00 horas do dia 21/05/75, podendo os proponentes se fazerem presentes.

b) – 40/75, de 30/04/75, para fornecimento de MATERIAL E MÃO-DE-OBRA,OU SOMENTE MATERIAL, OU AINDA SOMENTE MÃO-DE-OBRA, na construção do Centro Comunitário do Bairro Pioneiro. Documentação e propostas serão recebidas até às 15:00 horas do dia 22/05/75, podendo os proponentes se fazerem presentes.

Documentação e propostas serão recebidas na sala de RECEPÇÃO DE PROPOSTAS, desta Divisão, no Centro Administrativo Municipal, sito à rua Alfredo Chaves, s/nº, e nas datas acima mencionadas, perante uma Comissão designada, as propostas serão abertas.

Maiores informações a respeito e cópias dos Editais, poderão ser obtidas nesta Divisão de Administração de Material, em horário de Expediente.

Caxias do Sul, 30 de abril de 1975.

Sérgio Júlio Ribeiro
Diretor da DAM,

Dr. Celso Schoerpf
Secretário da Fazenda.

Luiz Moreira foi absolvido

Quarta-feira última, reuniu-se o Tribunal do Júri, pela primeira vez nas novas instalações do Foro, à Praça Rui Barbosa. Pela terceira vez, foi julgado Luiz Santiago Moreira, com 20 anos, acusado de, em companhia de mais dois elementos, haver tentado, há dois anos, assaltar uma irmã de Volnei dos Santos, o qual, tentando socorrê-la, foi alvejado por Luiz Santiago Moreira.

Na acusação, funcionou o promotor Vasco Della Giustina. Na defesa do réu, atuaram os advogados Adérico Cadorin, Walmor Witecky e Regina Dias. O Tribunal do Júri foi presidido pelo dr. Marino Kury.

Na foto acima, um detalhe do julgamento da última quarta-feira, o qual iniciou-se às 14:00 horas e prosseguiu até às 21:00 horas. A próxima reunião do Tribunal do Júri foi marcada para o mês de junho vindouro. Luis Santiago Moreira foi absolvido por 7 a 0, isto é, por unanimidade, devendo ser posto em liberdade.

Cartório de Protestos de Títulos Mercantis
COMARCA DE CAXIAS DO SUL
EDITAL

Dentro de três dias úteis, contados desta publicação, serão protestados os títulos abaixo relacionados, contra seus respectivos devedores, se antes não forem resgatados:

1º – Credora: Auto Peças Nacional Ltda. Recibo apresentação de banco alusivo à dupl. nº 16665 de Cr$ 305,00 contra **MAURO ANTÔNIO MODENA.**

2º – Credor: Banco do Estado do Rio Grande do Sul S/A. Notas Promissórias endossadas por Financiadora Volkswagen S/A. – NP de Cr$ 870,97 contra – **"JOÃO AFONSO BRAGA"** – NP de Cr$ 975,52 contra – **"AIRTON DIEQUES DA SILVA"** – NP de Cr$ 953,58 contra – **"ALCEU PUCHPON"** – NP de Cr$ 1.118,86 contra – **"ANTONIO GARCIA LUCAS"** – NP de Cr$ 1.152,96 contra **"JOSE PIO FEIJÓ MACHADO"** – NP de Cr$ 1.144,79 contra **"LUIZ CARLOS DE SOUZA NETTO"** – NP de Cr$ 195,51 contra **MAURÍCIO DA SILVA BRANDÃO"** – NP de Cr$ 870,37 contra **"RONY ODILON FERREIRA"** – NP de Cr$ 849,10 contra **"TELMO SANTOS DE SOUZA".**

Caxias do Sul, 02 de maio de 1975.

PLÍNIO BACKENDORF – OFICIAL.

TRÂNSITO JÁ CAUSOU 15 MORTES ESTE ANO

Com um fatal atropelamento ocorrido na rua Moreira César, próximo à empresa Rossetti, trecho em que já aconteceram vários graves acidentes e que, por isto mesmo, está chamando a atenção das autoridades responsáveis, sobe a 15 o número de pessoas que já perderam a vida, este ano, em Caxias do Sul, em virtude de acidentes do trânsito, média de quase quatro por mês.

Inobstante isso, os acidentes continuam se sucedendo.

CAPOTAGEM

O Volkswagen de placas IA-1736, de propriedade de Oswaldo Ribeiro, residente à rua Alfredo Chaves, 1458, trafegava pela BR-116, no sentido de Nova Petrópolis.

Ao atingir as proximidades da Avenida São Leopoldo, o veículo desgovernou-se e capotou. Resultaram danos materiais de grande monta e o motorista do Fuca foi recolhido ao Hospital Pompéia.

COLISÃO

Dia 1º de maio, às 21:30 horas, na rua 20 de Setembro, cruzamento com Borges de Medeiros, colidiram os veículos dirigidos pelos srs. Remigio Mário Adami e Girolamo Danilo Magnabosco.

Os danos materiais foram de grande monta, tendo ficado feridos, sendo hospitalizados no Pompéia, Alberto Bracagioli, residente à Avenida Júlio de Castilhos, 2030 e Mari Cristina Mailard.

Jornal de Caxias

Publicidade e Assinaturas — Rua Gal. Sampaio, 189 — Telefones: 21.25.70 e 21.21.67.

Fonte: JORNAL DE CAXIAS, 03/05/75, p. 16.

Paralelamente às notícias de violência, bem como a outros assuntos relacionados ao município, os jornais de Caxias do Sul também davam grande destaque aos preparativos para as comemorações alusivas ao primeiro centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Entre as homenagens, havia uma considerada muito especial, principalmente em um município onde a religião Católica tem grande maioria de adeptos: a chegada de uma réplica da obra Pietà, vinda diretamente do Vaticano. Conforme o *site* da Paróquia de São Pelegrino:

> A Pietà representa a Virgem Maria com o Filho Jesus no colo, após a retirada do seu corpo da Cruz. A obra original, esculpida por Michelângelo, está exposta na Basílica de São Pedro em Roma.
> A réplica da Pietà, de Michelangelo Bounarroti, da Igreja São Pelegrino foi doada pelo Papa Paulo VI por ocasião do Primeiro Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Entronizada e abençoada em solene cerimônia presidida pelo então Núncio Apostólico Dom Carmine Rocco, no dia 20 de maio de 1975, que enfatizou: "As primeiras mães italianas que aqui chegaram e sofreram é motivo para a justa homenagem da Pietà neste centenário da Imigração" (PARÓQUIA SÃO PELEGRINO, 2021, n.p.).

A seguir, na Figura 43, vê-se a versão caxiense da Pietà:

Figura 43 – Pietà, na Igreja São Pelegrino

Fonte: PARÓQUIA SÃO PELEGRINO, 2021, n.p.

Entregue à Paróquia no dia 10 de maio, a chegada da estátua foi cheia de pompas e, diariamente, os jornais da cidade detalhavam os pormenores acerca da vindoura cerimônia de

inauguração, a ser realizada no dia 20 de maio. Enquanto isso, ainda em meados de maio, os dados relacionados à violência continuavam altos, recebendo grande atenção das publicações. Em 17 de maio, três dias antes do ato de apresentação da estátua, o *Jornal de Caxias* publicou uma história em quadrinhos, *O turista*, tematizando a violência e a chegada da Pietà, como pode ser percebido na Figura 44, que segue:

Figura 44 – Violência em Caxias do Sul e a chegada da Pietà

Fonte: JORNAL DE CAXIAS, 17/05/75, p. 13.

Embora os "números da violência" continuassem em alta e o *Jornal de Caxias* fizesse ampla cobertura dessas informações, *O turista* não mais tematizou Caxias do Sul. Nas semanas seguintes, as narrativas retornaram aos assuntos de humor baseados em anedotas, sem referência específica ao município, qualquer que fosse o tema.

Ao longo dos meses de maio e junho, as notícias da violência continuaram crescendo exponencialmente, apesar de, inicialmente, nenhum dado ser oferecido como razão para tal. Para o periódico, a situação atingiu um ponto insustentável ao final do mês de junho, quando, no dia 28, a capa inteira foi dedicada a diferentes casos violentos ocorridos em Caxias do Sul. Nesse momento, acompanhadas dos dizeres "Cidade está nas manchetes", os editores sugeriram algumas das possibilidades para as ocorrências:

> [...] sucedem-se assaltos, as pungas, furtos e roubos, consequência não do "sensacionalismo" da imprensa, como alguns querem fazer crer, mas do crescimento da cidade, da migração, dos que vêm da zona do campo à procura de emprego e do considerável aumento da população dos 19 núcleos subhabitacionais (JORNAL DE CAXIAS, 28/06/75, p. 1).

A capa pode ser vista na Figura 45, na sequência:

Figura 45 – A imagem negativa de Caxias do Sul – 28/06/1975

JORNAL DE CAXIAS

Caxias do Sul - 28/6/75 - Ano 3 - n. 126

EDITOR
Jimmy Rodrigues

VENDA AVULSA
Cr$ 2,00

TAXA PAGA

CIDADE ESTÁ NAS MANCHETES

Pelo seu desenvolvimento, pela sua importância, Caxias do Sul, desde há muitos anos, tem estado nas manchetes dos veículos de comunicação. Mas jamais com a frequência dos últimos dias e, o que é lamentável, na área dos acontecimentos negativos. Tivemos o episódio da criança que morreu em virtude de queimaduras sofridas no berçário do Hospital Pompéia. Depois, o assassinato do industrial Bertilo Wiltgen, as cartas denunciando plano de colocação de explosivos no Edifício Estrela e o metralhamento, por uma patrulha da Brigada Militar à paisana, do comerciante Hermes Martini. Além disto, existem as atividades da Sociedade Tradição, Família e Propriedade que, ao que tudo indica, possue um forte núcleo em Caxias do Sul, onde está radicado o vice-presidente estadual da Sociedade, o notário Ildefonso Barradas, envolvido, aliás, em caso de adoção de menor entregue posteriormente à TFP. Enquanto isto, sucedem-se os assaltos, as pungas, furtos e roubos, consequência não do "sensacionalismo" da imprensa, como alguns querem fazer crer, mas do crescimento da cidade, da migração dos que vêm da zona do campo à procura de emprego e do considerável aumento da população dos 19 núcleos subhabitacionais.

DELEGADO COM MUITO TRABALHO

O delegado Luiz Carlos Medeiros (foto), é um homem extremamente atarefado. Além do intrincado "caso Wiltgen", estão afetos à sua Delegacia os inquéritos sobre um rapaz baleado por um sargento da Brigada, no bairro do Cemitério e o do metralhamento do comerciante Hermes Martini.
Além disso, tem de cuidar das outras ocorrências afetas à sua especialização. E como é do domínio público, a polícia caxiense está desaparelhada, notadamente a polícia civil. Faltam-lhe melhores e mais amplas instalações, viaturas e pessoal. Luiz Carlos Medeiros foi quem realizou, também, o inquérito da recém-nascida que morreu no Hospital Pompéia, em cujo inquérito indiciou o administrador e uma atendente daquele estabelecimento e sobre o qual aguarda-se o futuro pronunciamento da Justiça.

JOÃO MARIA, NOVA VEDETE DO CRIME

Na foto acima, reproduzida do arquivo da 2ª D.P., o delinquente João Maria, ao lado da jovem que, então, era sua amante. Atualmente, João Maria usa cabelos longos, caídos sobre os ombros. Foragido do presídio de Nova Prata, onde se encontrava preso após praticar uma série de assaltos, furtos e roubos em Caxias do Sul e em outras cidades, João Maria é a nova "vedeta" da delinquência nesta cidade. Nos registros policiais dos últimos dias, consta que João Maria e José Volnei, vulgo "Negro Zé" invadiram a residência de Getúlio Rabadelli, no bairro Floresta e feriram-no com um tiro, na perna esquerda. Segundo a patrulha da Brigada Militar que atendeu a ocorrência, João Maria estava armado com um revólver calibre 38 especial. No dia 23, às 19:45 horas, Gregório Mezzoni comunicou que, momentos antes, em seu bar, no bairro Bela Vista, ele e sua esposa foram assaltados e sob a mira de revólveres, entregaram 4 mil cruzeiros em dinheiro. No álbum da 2ª D.P., reconheceram João Maria e Negro Zé, os quais são acusados, também, de terem assaltado o Armazém Vergani, na Vila Ipiranga e sob ameaça de revólveres, roubaram cigarros, um rádio portátil marca Mundial e 2 mil cruzeiros em dinheiro. Consta que João Maria, às vezes, passeia na zona do meretrício.

CASO WILTGEN PODE FICAR SEM SOLUÇÃO

Na próxima semana, terça ou quarta-feira, possivelmente, o delegado Luiz Carlos Medeiros encaminhará à Justiça o inquérito do "Caso Wiltgen" (na foto, o advogado da família, bacharel Pedro Vargas). Ao que se supõe, o titular da 1ª D.P. não apontará o nome do criminoso, a não ser que disponha de evidências irrefutáveis e de provas conclusivas sobre quem matou Bertilo Wiltgen, dia 12 de junho passado. Na eventualidade muito provável do inquérito não acusar diretamente a ninguém, acredita-se que o crime ficará insolúvel. A família Wiltgen, através do advogado Pedro Vargas, nega veementemente e refuta com energia as insinuações de que o autor da morte de Bertilo tenha sido alguém da própria família, enquanto as pistas e informações existentes não têm sido suficientes para esclarecer quem teria sido o assassino, seja ele quem for, pelo menos considerando os fatos a que a imprensa tem acesso. Não havendo um suspeito sobre o qual possa ser exercida pressão, dificilmente haverá uma confissão, a não ser que o culpado não consiga suportar o peso de sua consciência. Logo, não surgindo elementos novos, há ponderáveis possibilidades de que o crime não seja elucidado. Todavia, o inquérito a ser remetido à Justiça na próxima semana, poderá revelar fatos ainda desconhecidos da imprensa e do público.

Na página 11, o novo itinerário das linhas inter-municipais e inter-distritais do Expresso Caxiense S.A.

CINZANO
CESTAS CINZANO LV
Av. Julio de Castilhos, 2406 — Galeria São Pelegrino - Sala 10

Vantagens Para Sua Cobertura BRASILIT
SÓ A MADEZATTI PODE OFERECER
LOJAS Caxias do Sul, Porte Alegre, Santa Maria, São Miguel do Oeste - SC
AGENTES Bento Gonçalves, São Marcos

Fonte: JORNAL DE CAXIAS, 28/06/75, p. 01.

A acusação, da responsabilidade da violência, aos chegados de outras partes do estado ou do País pode parecer surpreendente em uma região colonizada por imigrantes. Entretanto,

esse comportamento está enraizado na própria formação da imigração italiana e na fundação de Caxias do Sul. Devido à saída apressada da Itália e à chegada em um país completamente desconhecido, e consideradas as dificuldades de estabelecimento, os imigrantes italianos viram-se voltados a manter o que lhes era familiar: "a conservação do próprio patrimônio cultural era uma busca ansiosa da própria identidade étnica, face à perplexidade causada pelos traumatismos da emigração" (MANFROI, 2001, p. 100). Adotou-se um discurso laudatório acerca do que era da colônia e verdadeiramente "típico" para aquela sociedade. Ainda conforme Manfroi (2001), criou-se um contexto cultural hermético, em que os valores dos pais eram transmitidos aos filhos, nascidos no Brasil, sem contestação. Dessa forma, a sociedade colonial descendente de italianos desenvolveu um sentimento de desprezo ao que era culturalmente exterior a ela, tornando precária a relação com outros grupos sociais, principalmente em relação aos negros e pardos. Os imigrantes utilizavam, até mesmo, expressões preconceituosas para denominá-los:

> Os imigrantes italianos, para marcar a diferença, tinham uma expressão que resumia sua posição em relação ao outro. Diziam eles: '*Brasiliani tutti neri'*, ou seja, *'Brasileiros todos negros'*, ainda que tivessem apenas cabelos pretos e pele morena eram vistos por eles como negros. Esse demarcador da diferença utilizava mais do que o critério de raça: utilizava o ponto de vista de um grupo em relação a outro (GIRON, 2007, p. 41, grifo original).

Portanto, a imputação do crescimento da violência aos migrantes pode chocar, mas não assombra. A demarcação das diferenças ainda era tão forte que, no início de julho de 1975, o *Jornal de Caxias* publicou uma tirinha discriminatória, como observado na Figura 46:

Figura 46 – O surgimento de Blequinho

Fonte: JORNAL DE CAXIAS, 05/07/75, p. 12.

Na narrativa de *O turista*, o personagem-título comunica que terá folga e que seu substituto será o jovem Blequinho, "uma gracinha". Porém, quando o turista parte, Blequinho é desenhado olhando diretamente para a frente, como se encarasse o próprio leitor e fala,

ameaçadoramente, “enfim, sós!...”. Inicialmente, o próprio nome do novo personagem é preconceituoso, visto que se trata de uma referência à palavra *black*, preto em inglês, e aportuguesado de forma que remete à malandragem. Além disso, o personagem negro prova que é malicioso e ardiloso, fingindo ser uma boa pessoa enquanto, na verdade, aguarda o momento exato para revelar suas más intenções. Embora a pele de Blequinho seja ilustrada em branco, os seus cabelos cacheados são diretamente baseados em um estereótipo[59] de afrodescendentes. Sobre o uso de estereótipos em histórias em quadrinhos, Eisner (2013, p. 21) afirma que são “uma necessidade maldita – uma ferramenta de comunicação da qual a maioria dos cartuns não consegue fugir”. Porém, apesar de Blequinho ser imediatamente identificável, faz-se necessário ressaltar e condenar a representação maldosa e indigna de afrodescendentes em um jornal de circulação massificada.

Duas semanas após a primeira aparição de Blequinho, o *Jornal de Caxias* publicou uma história em quadrinhos que unia a referência às manchetes da violência ao estereótipo do afrodescendente criminoso, conforme visto na Figura 47, a seguir:

Figura 47 – Insegurança em Caxias do Sul

Fonte: JORNAL DE CAXIAS, 12/07/75, p. 10.

Blequinho vê um homem sacando dinheiro no banco e percebe que seria um bom momento para cometer um assalto, posto que ninguém está por perto. Porém, quando se aproxima, empunhando uma faca, o personagem questiona-se sobre a imagem da cidade frente a mais um ato violento.

[59] Entenderemos estereótipos como “crenças sobre atributos típicos de um grupo, que contêm informações não apenas sobre estes atributos, como também sobre o grau com que tais atributos são compartilhados” (PEREIRA, 2002, p. 45) Ainda para o autor, o ato de estereotipar não necessariamente representa generalizações e amplificações na concepção de um grupo, embora, comumente, seja o caso. Conforme Walter Lippmann (2010), estereótipos trabalham como figuras mentais acerca de uma pessoa, deturpando a realidade. Além disso, são marcados por certa rigidez, impondo dificuldades para que um indivíduo modifique o panorama de seu próprio pensamento.

É interessante averiguar que, após a publicação da capa sobre Caxias do Sul estar “nas manchetes”, datada de 28 de junho de 1975, o assunto não foi mais abordado nas semanas posteriores, afora as notícias na seção específica do jornal, mas sem menção ao grande número de ocorrências. Desse modo, causa estranheza a temática de Blequinho no dia 12 de junho de 1975, visto que, há duas semanas, o tópico já não era mais destacado. Nas edições seguintes, Blequinho continuou sendo publicado, mas sem referências à violência no município.

Por fim, cabe destacar que as HQs de 17 de maio e de 12 de julho de 1975 foram as duas únicas encontradas, em todo o *corpus*, com tematização factual da violência de Caxias do Sul. Embora os números tenham continuado a aumentar proporcionalmente ao crescimento populacional, o assunto serviu de inspiração, somente, para a criação de charges. No entanto, entendemos que, para esta tese, essas duas histórias em quadrinhos têm relevância exatamente por conta do ineditismo da temática e da relação direta com assuntos destacados no periódico, guardando informações passíveis de análise acerca de um momento particular da história caxiense.

6.2 REFORMA AGRÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL

Apesar de a discussão da reforma agrária ser um fator nacional, intensificado à época da Nova República, a análise do *corpus* permitiu-nos observar que, como veremos, todas as histórias em quadrinhos que tematizavam tal problemática partiam de uma premissa estadual. No entanto, inicialmente, faz-se necessário contextualizar o plano da reforma agrária no Brasil e a luta dos trabalhadores rurais.

Historicamente, no país, a privatização da propriedade de terra sempre foi ferramenta de segregação. Esse meio de produção tem a marca de um elevado grau de concentração de riquezas, porém, em posse de poucos. Conforme Zander Navarro:

> Desde a época colonial, típica de um período de concessão de enormes sesmarias, à expansão dos latifúndios escravistas e, neste século [XX], o uso de terra para fins especulativos, como reserva de valor, a propriedade da terra sempre exerceu este papel de segmentação social, concentrando riquezas e consolidando uma experiência única de dominação política dos trabalhadores rurais (NAVARRO, 1996, p. 74).

Diante da disparidade da distribuição de terras, pouco a pouco, começou-se a se debater uma reforma do meio agrícola, em que lotes com capacidade produtiva, mas não aproveitados, seriam repassados a pequenos produtores, que teriam uma fonte de renda ao mesmo tempo em que produzem bens de consumo para o país.

No final dos anos 1950 surgiu, no Rio Grande do Sul, o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER), que visava a combater grandes latifundiários e chamar a atenção para as necessidades dos pequenos trabalhadores. Além disso, segundo Daniel Arruda Coronel, Adayr da Silva Ilha e Alex Leonardi (2009), o MASTER tinha apoio de grandes lideranças políticas ligadas ao antigo Partido Trabalhista (PTB) e ao Partido Comunista Brasileiro. Entre as principais vitórias do grupo, estavam a ocupação de uma fazenda em Ronda Alta e do Banhado do Colégio, em Camaquã, ambos no RS. Ainda, o movimento conseguia ter um convívio cordial com o governo do Rio Grande do Sul durante a gestão de Leonel Brizola (1959-1963). Contudo, após a posse de Ildo Meneghetti, em 1963, as relações ficaram tensas, visto que o novo mandatário freou o debate sobre a reforma agrária. Para piorar, no ano seguinte, com a instauração da ditadura militar, o movimento foi obrigado a entrar na clandestinidade:

> Os dois principais fatores que fomentaram a decadência do MASTER, indiscutivelmente, foram a falta de sintonia entre o movimento e o governo da época, Ildo Meneghetti, e, posteriormente, a ditadura, que praticamente expurgou os movimentos sociais. No entanto, uma análise mais ampla, de cunho antropológico e social, a respeito do MASTER indica que vários fatores internos também favoreceram o declínio do movimento, destacando-se o fato de o movimento não ter se caracterizado como entidade autônoma; a ausência de projetos bem definidos de como deveria ser o processo de reforma agrária; e, por fim, a falta de um instituto que qualificasse, educacional e politicamente, o movimento (CORONEL; ILHA; LEONARDI, 2009, p. 12).

No plano nacional, entre as propostas do governo de João Goulart (1961-1964), estava a chamada reforma de base, que promoveria medidas econômicas e sociais em diferentes instâncias da sociedade; entre elas, a questão agrária. Após o golpe civil militar, o general Castello Branco entendeu ser preciso dar uma resposta a um Estado que, desde a sua criação, repetia propostas de reforma, mas sem resolver a problemática agrícola. Para tentar mudar essa realidade, criou, ainda em 1964, o Estatuto da Terra, que afirmava ser de responsabilidade do Estado a garantia do acesso à terra para quem vive e trabalha nela. Segundo Luiza H. Schmitz Kliemann, tal proposta nunca foi concretizada:

> Castello Branco, em 1964, queria tirar dos esquerdistas a bandeira da reforma agrária e centrar na presidência da República a responsabilidade de tal reforma. Tais intenções, no entanto, não passaram do papel e entre as explicações está a excessiva burocratização e sofisticação dos órgãos encarregados da aplicação do Estatuto (KLIEMANN, 1986, p. 153).

Ainda para a autora, os interesses do capital, aliados a uma campanha de associação da reforma agrária ao risco de viabilizar um regime comunista, fizeram com que o Estatuto da Terra fosse, propositalmente, esquecido.

Durante a década de 1970, a disparidade socioeconômica brasileira ficou ainda mais saliente. Com os investimentos na área agrícola, grandes produtores foram beneficiados e passaram a adquirir ainda mais terras. Enquanto isso, os proprietários de pequenos negócios, e até mesmo os que ainda não tinham propriedades, viram-se submissos às vontades daqueles que concentravam grande parcela da riqueza do setor. Durante as décadas de 1960 e 1970, o Rio Grande do Sul caracterizou-se como um dos estados que mais capitalizou e desenvolveu o setor agrário, mas, por outro lado, agravou a desigualdade de distribuição da renda na área rural (NAVARRO, 1996). Na década de 1980, com a grave crise econômica instaurada no Brasil, o RS viu uma diminuição nos investimentos agrícolas e na aquisição de novas propriedades privadas por parte dos grandes latifundiários. Entretanto, isso não modificou o panorama da concentração de riquezas, visto que, quem mais sofreu com a crise foram os produtores menos abastados.

Nos anos finais da década de 1970, com o início da abertura política rumo à restituição da democracia, os movimentos populares do meio rural, que não tinham poder ou que agiam na clandestinidade, começaram a retomar a força. Conforme Navarro:

> A partir daqueles anos, o movimento sindical de trabalhadores rurais ligados à estrutura oficial passou a mostrar-se mais dinâmico e, aos poucos, também constituiu-se um outro ramo competidor, que alguns anos depois, se vincularia à Central Única dos Trabalhadores (CUT). Outros eventos, no início dos anos 80, acabariam por levar à constituição do Movimento dos Sem-Terra (MST), que reintroduziu agressivamente a "bandeira" da reforma agrária no cenário político brasileiro (NAVARRO, 1996, p. 64).

Principalmente com a perspectiva do retorno à democracia e com uma nova Constituição no horizonte, a discussão a respeito da reforma agrária foi retomada e intensificada. No Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná, pequenos agricultores passaram a se organizar e a reivindicar uma mudança na estrutura agrícola desigual. Assim, viu-se o início de invasões a propriedades rurais improdutivas, como forma de pressionar os governos federal e estadual. Como resultado da união em torno dessas manifestações, surgiu, em 1984, na cidade de Cascavel (PR), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), "que, atualmente, está organizado em 23 estados da federação" (CORONEL; ILHA; LEONARDI, 2009, p. 13).

Em 1985, com o fim da ditadura militar, o MST encontrou espaço para intensificar a sua luta. Com a morte de Tancredo Neves, José Sarney assumiu sob desconfiança, posto que ele não era do agrado da maioria da população. Isso criou um vazio no poder do Estado, facilitando a pressão exercida por grupos organizados em torno de diferentes causas. De acordo com Navarro (1996, p. 94), "durante o primeiro semestre de 1985, o MST esteve no centro dos acontecimentos relativos à promessa do governo federal de implementar um amplo programa de reforma agrária, conhecido como PNRA – Programa Nacional de Reforma Agrária." Além disso, havia também a promessa de que, com a promulgação da nova Constituinte, a problemática seria posta em pauta e uma solução seria encontrada.

E foi exatamente no fim do primeiro semestre de 1985 que a primeira história em quadrinhos sobre a reforma agrária foi publicada, em Caxias do Sul. A narrativa pode ser vista na Figura 48, que segue:

Figura 48 – A luta pela reforma agrária

Fonte: PIONEIRO, 20/06/85, p. 22.

Na tirinha, um homem de aparência humilde e trajando uma camiseta com os dizeres "seguinte: também sou Constituinte", faz um discurso em prol de uma nova Constituição, afirmando que, assim como a calça do traje gauchesco, é preferível fazer uma nova a promover remendos. Enquanto isso, um homem bem-vestido presta atenção no discurso. Após o orador proferir que a "peonada", ou os trabalhadores rurais, quer eficiência na redação, o outro homem manifesta-se, afirmando que os grandes latifundiários também desejam essa agilidade no processo. Porém, a situação sofre uma guinada quando o peão, humildemente, sugere que a nova Constituição implante a reforma agrária. O patrão, irritado, declara que o "radicalismo" do outro homem é danoso ao discurso – e possivelmente a todo o debate acerca da Constituinte.

Em decorrência das manifestações do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, o próprio grupo passou a ser associado diretamente à reforma agrária, visto que essa é a principal

bandeira levantada por ele. No entanto, isso ocasionou uma relação quase metonímica entre reforma agrária e violência, dado que:

> para ter seus objetivos atendidos por partes dos governantes federais e estaduais, o MST utiliza-se de diversos mecanismos de pressão, tais como caminhadas, greves de fome, discussões, marchas e, principalmente, ocupações de propriedades rurais improdutivas e prédios públicos (CORONEL; ILHA; LEONARDI, 2009, p. 15-16).

Outra possível leitura para a irritação do personagem da história em quadrinhos é a aversão, por parte dos concentradores de riquezas, à distribuição igualitária de rendas. Mesmo que, caso a reforma agrária fosse posta em prática e somente lotes improdutivos pudessem ser repassados a famílias de pequenos agricultores, os grandes latifundiários não desejavam abdicar de suas posses e colaborar para a ascensão de pessoas pertencentes a camadas sociais inferiores.

Com o anúncio da convocação da Assembleia Nacional Constituinte, em fevereiro de 1987, os agricultores que desejavam a reforma agrária se vislumbraram um futuro melhor, posto as promessas feitas pelo governo federal. Teoricamente, seria questão de tempo até a promulgação da nova Constituição e, assim, o início do assentamento de pessoas necessitadas. Nesse mesmo ano, o *Correio Riograndense* imprimiu duas histórias em quadrinhos que tematizavam o sentimento em relação a todo o processo, observadas a seguir, nas figuras 49 e 50:

Figura 49 – A esperança pela reforma agrária

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 27/05/87, p. 04.

Figura 50 – A vagareza da reforma agrária

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 26/08/87, p. 04.

Na primeira HQ, dois homens escutam, no rádio, que o rascunho da nova Constituição – fonte de esperança para os brasileiros –, está pronto. Ao mesmo tempo, o desenho mostra os homens cada vez mais distantes. No último quadro, com o *zoom out* concluído, vê-se o mapa do Rio Grande do Sul com um balão de fala advindo da Serra Gaúcha, onde possivelmente estão os homens. Conversando, eles cogitam acerca da possibilidade de receberem uma linha[60] após a promulgação do novo texto. Também é possível inferir que o balão corresponde a uma fala do próprio estado, como se representasse o desejo de múltiplos "nós" espalhados por todo o RS.

Na segunda narrativa, o primeiro quadro apresenta dois seres com, somente, suas cabeças dentro da moldura, vestindo chapéus de gaúcho e conversando sobre o processo da reforma agrária. No segundo quadro, ambos estão totalmente visíveis e são apresentados como tartarugas. Ironicamente, afirmam que a reforma é perceptível a todos e está em andamento, mas a imagem sugere que a situação anda lentamente.

Considerando que a nova Constituição foi formalizada somente em outubro de 1988, entende-se que, até o momento da publicação das duas HQs apresentadas, havia esperança entre

[60] De acordo com Vania Herédia (2001, n.p.), no início da colonização da Serra Gaúcha, as terras foram divididas em léguas quadradas, linhas e travessões: "nem todas as léguas possuíam o mesmo número de travessões, dependendo dos acidentes do terreno, visto que as divisões eram feitas de forma geral sobre os mapas, não respeitando os acidentes geográficos de grande relevo. Esse sistema foi parcialmente alterado sendo os travessões substituídos por linhas numeradas, e as léguas, substituídas por secções. O número médio de lotes em cada légua era de 132, enquanto o de travessões era de 32. Desta maneira, os limites de cada colônia eram demarcados pelos travessões que significavam a divisão territorial entre as diversas localidades."

os agricultores, apesar da desilusão com todo o desenrolar do processo. Com a finalização do texto da Constituinte e a ausência de planos concretos para a implantação da reforma agrária, o abatimento foi inevitável entre os desejosos por mudanças no setor rural:

> Nos últimos três anos [1988-1990], a luta pela terra no estado do Rio Grande do Sul tornou-se mais difícil para os trabalhadores sem-terra. De um lado, os planos do governo federal relativos à reforma agrária foram praticamente abandonados e, assim, as pressões passaram a dirigir-se ao governo estadual (NAVARRO, 1996, p. 95).

Apesar da continuidade do debate ao longo dos anos, o assunto da reforma agrária não continuou tematizando histórias em quadrinhos. Até mesmo após a promulgação da nova Constituinte e o subsequente abandono dos planos para o meio rural, a temática não foi posta em questão. Conforme a afirmação de Navarro (1996), houve pressão sobre o governo estadual para que ele implantasse a reforma agrária no Rio Grande do Sul. Porém, nenhuma HQ acerca dessa temática foi encontrada.

Desse modo, percebe-se que, ao contrário das histórias inspiradas por pautas nacionais, que tiveram recorrência durante toda a década de 1980, a relação entre a reforma agrária e o Rio Grande do Sul não parece ter inspirado os quadrinistas a longo prazo. É tarefa árdua explicar os motivos sem um estudo dedicado a isso, portanto, podemos apenas supor que, talvez, a reforma agrária não tenha gerado comoção suficiente entre o público leitor dos periódicos. Ainda, outra possibilidade é que o assunto não tenha recebido o destaque necessário visto que o país passava por inúmeros problemas, e as pautas que recebiam mais atenção eram as que atingiam diretamente a maior parcela dos leitores, como a hiperinflação, as medidas propostas pelos governos federal e estadual, ou assuntos específicos da zona urbana de Caxias do Sul. Ainda assim, a análise das histórias em quadrinhos tematizadas pela reforma agrária revela uma sorte de sentimentos que permearam o debate, fossem eles de esperança, de repúdio ou de decepção.

6.3 POLÍTICA ESTADUAL

Assuntos de política estadual também foram encontrados durante a investigação do *corpus* e, em semelhança aos outros temas destacados neste capítulo, a escassez de publicações também foi percebida. Na verdade, apenas duas narrativas, relativamente relacionadas, foram descobertas.

No final de 1982, o Rio Grande do Sul tornou a realizar eleições diretas para o governo estadual e, entre os candidatos, estavam Jair Soares (PDS), Pedro Simon (PMDB), Alceu Collares (PDT) e Olívio Dutra (PT). Durante a campanha, Jair Soares, do Partido Democrático Social (PDS), enviou uma carta aos professores da rede pública estadual fazendo promessas à classe:

> terás, também, no meu Governo, como justa contrapartida a remuneração adequada e profissionalizante, o reajuste semestral dos vencimentos, salários e proventos, o treinamento e a especialização necessários ao progresso funcional e ao efetivo desempenho das novas grandes tarefas (O PIONEIRO, 23/05/85, p. 12).

Apesar de ser ligado ao partido apoiador dos militares, Jair Soares foi eleito e, em 15 de março de 1983, assumiu o posto, que findou em 15 de março de 1987.

Após dois anos de governo e de inúmeras cobranças, por parte do magistério, para que se fizessem cumpridas as promessas, realizou-se uma assembleia geral para debater o tema. Coordenada pelo 1º Núcleo do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS-Sindicato), em 10 de maio de 1985, o ginásio Gigantinho[61] recebeu 25 mil professores da rede pública estadual. Durante o encontrou, decidiu-se que seria realizada uma greve geral por tempo indeterminado, em protesto pela não implementação dos compromissos assumidos por Jair Soares. Conforme discutido entre os professores, as aulas seriam retomadas somente após a concessão dos benefícios reivindicados:

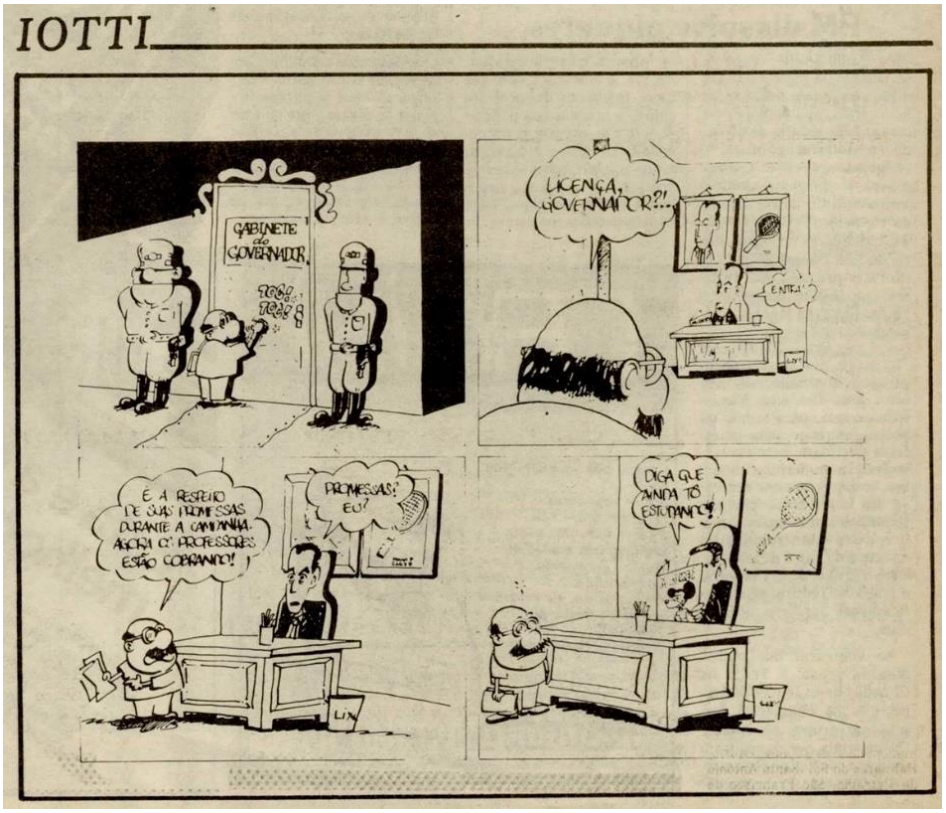
> Os professores da rede pública estadual querem semestralidade e que o piso salarial de 2,5 salários-mínimos também seja reajustado toda vez que o salário-mínimo for alterado. Pleiteiam, ainda, eleição direta para os diretores de escolas, 13º salário e destinação de 25 por cento do orçamento estadual para a educação, entre outros itens (PIONEIRO, 11/05/85, p. 03).

Porém, as intenções dos professores foram rechaçadas pelo governador, afirmando que o cumprimento das promessas de campanha, ou da conceção das reivindicações, resultaria em uma oneração impraticável dos cofres públicos. Inicialmente, Jair Soares recusava-se a ouvir os manifestantes e a iniciar negociações.

Desse modo, em 29 de maio de 1985, o jornal *Pioneiro* publicou uma história em quadrinhos tematizando a situação, como pode ser visto a seguir, na Figura 51:

[61] Complexo poliesportivo localizado em Porto Alegre, no Complexo Beira-Rio, pertencente ao clube de futebol Sport Club Internacional.

Figura 51 – Críticas ao governador, 1985



Fonte: PIONEIRO, 29/05/85, p. 06.

Na HQ, um homem adentra o gabinete de Jair Soares para discutir a cobranças das promessas feitas durante a campanha. O governador, por sua vez, desconversa. Enquanto pega um gibi do Mickey e inicia a leitura, pede que o interlocutor avise aos manifestantes que ele está ocupado, estudando as propostas.

É importante destacar que o gabinete é decorado com dois quadros: um deles, com imagem do próprio governador, como se Jair Soares fosse uma pessoa extremamente vaidosa, com a necessidade de ter o seu próprio retrato pendurado; o outro quadro, com a figura de uma raquete de tênis, em referência à assumida paixão de Soares pela prática desse esporte. Pode-se, então, inferir que há uma crítica acerca das prioridades do governador: enquanto o Rio Grande do Sul enfrentava uma situação complexa, Jair Soares preferia direcionar sua atenção à admiração de si próprio e a seu esporte favorito. Ademais, quando o governador afirma que ainda está estudando, mas empunha uma revista em quadrinhos do Mickey, é possível compreender como um comentário complementar – além de que ele era mentiroso – à crítica feita por meio dos quadros; a preocupação de Jair Soares estaria voltada aos prazeres pessoais e em completa desarmonia com as necessidades do estado, debochando dos acontecimentos.

Nota-se, então, que diferentes componentes da narrativa atuam como extensões da identidade do governador. Sobre esse tipo representação, McCloud afirma que:

> Nossa identidade e consciência são investidas em muitos objetos inanimados todos os dias. Nossas roupas, por exemplo, podem transformar a maneira dos outros nos verem e nós nos vermos. Nossa habilidade de estender nossas identidades a objetos podem fazer pedaços de madeira virarem pernas... pedaços de metal virarem mãos... peças plásticas virarem orelhas... peças de vidro virarem olhos (MCCLOUD, 2005, p. 38-39).

Desse modo, ao caracterizar o gabinete do governador com objetos específicos, o criador da narrativa permite que o leitor faça uma "leitura" da identidade do próprio governador e que perceba outras camadas da postura crítica assumida pela HQ.

Em relação à greve, seguiram-se inúmeras rodadas de negociações, em que o governador fazia propostas – muito inferiores às prometidas durante a campanha e às reivindicadas –, que eram rejeitadas pelo 1º Núcleo do CPERS-Sindicato. Enquanto isso, em diferentes cidades do estado, professores realizavam passeatas e comícios como forma de pressionar Jair Soares. Próximo ao fim de junho, a greve começou a dar sinais de esgotamento. Alguns professores passaram a discordar do movimento e retornaram à sala de aula e, também, o magistério começou a sofrer pressão de pais, que desejavam que seus filhos retornassem aos estudos.

No início de julho, a situação, enfim, foi resolvida: os deputados estaduais decidiram participar da negociação, intermediando os dois lados para tentar apaziguar as relações e encontrar um meio-termo que agradasse a todos:

> O impasse foi contornado pela ação dos deputados de todos os partidos, ficando acertado que a principal divergência, a do piso salarial de 2,5 salários-mínimos, será paga a partir de novembro de 86 (como queria o Governo), mas com a possibilidade de ser antecipada para maio de 86 (como querem os professores), dependendo do aumento da arrecadação.
> A composição se deu, também, porque o Governo antecipou o pagamento de um piso de dois salários-mínimos para fevereiro de 86, em vez de maio. A tabela progressiva inclui um piso de 1,5 salário-mínimo em novembro deste ano, dois salários-mínimos em fevereiro de 86 e 2,5 salários-mínimos em novembro de 86 (PIONEIRO, 06/07/1985).

Em 10 de julho de 1985, exatos dois meses após o início da greve, todos os professores encerraram as paralisações e voltaram a lecionar para os 900 mil alunos da rede pública estadual que estavam afastados das escolas.

No entanto, as dificuldades dos professores estavam longe de acabar. Conforme a proposta de progressão salarial, grande parte dos vencimentos seriam ajustados a partir do

mandato do governador seguinte, em 1987. Em 1986, em um debate ocorrido durante as campanhas para o pleito eleitoral, o candidato Pedro Simon foi questionado sobre a situação do funcionalismo público, especialmente em relação aos professores. Segundo José Bacchieri Duarte (2001, p. 250), Simon respondeu que "'não iria pagar, não porque não era uma demanda justa, mas porque o Estado não teria como'. Ele é vaiado pelos professores e passa a 'inimigo do funcionalismo público gaúcho'." Apesar disso, Pedro Simon conseguiu se eleger e, em 15 de março de 1987, assumiu o posto que seria seu até 2 de abril de 1990. Logo no início de seu mandato, em abril de 1987, os professores iniciaram uma greve de 90 dias, que só foi solucionada após a proposta de reajustes bimestrais ao funcionalismo. Porém, não foram publicadas outras histórias em quadrinhos sobre a crise de 1985 ou sobre a de 1987.

Além da HQ sobre a greve dos professores, a outra narrativa encontrada, que tematizou aspectos políticos do Rio Grande do Sul, teve inspiração nas eleições de 1986. Publicada em 20 de agosto daquele ano, ela trata do início das campanhas dos candidatos a assumirem o Palácio Piratini[62], como pode ser observado na Figura 52, que segue:

Figura 52 – A disputa pelo governo do RS, 1986

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 20/08/86, p. 04.

[62] Sede do Poder Executivo do Rio Grande do Sul, localizada em Porto Alegre.

Na publicação, um homem, em referência à largada de uma corrida, está prestes a atirar para cima, enquanto anuncia o início das campanhas dos candidatos ao governo. Porém, quando ele dispara o revólver, não há quaisquer movimentações. Após, outro homem cochicha em seu ouvido, recomendando-o a falar a palavra “povo”. Após a dica, há uma grande movimentação de pessoas, como se iniciassem a corrida proposta.

A história parece fazer referência ao constante apelo que os candidatos buscam no “povo”, como é vulgarmente chamada a camada populacional de classes inferiores, mas com maioria de eleitores e capazes de validarem uma campanha eleitoral. Desse modo, percebe-se a crítica aos esforços dos candidatos, que destinam propostas e promessas às massas, buscando a adesão de pessoas responsáveis por um grande volume de votos válidos, mas não necessariamente com o comprometimento de botarem em prática os compromissos assumidos durante a campanha.

Afora essas duas histórias em quadrinhos, ao longo dos 50 anos compreendidos pelo *corpus*, não foram encontradas outras que tematizassem o governo do Rio Grande do Sul, seja aspectos relacionados a decisões políticas ou ao próprio processo eleitoral.

Como afirmado anteriormente, a mídia preferencial para tais assuntos parece ter sido a das charges. Ademais, é interessante observar que ambas as histórias em quadrinhos, em seus respectivos periódicos, foram publicadas nas seções costumeiramente reservadas às charges. Portanto, pode-se compreender que, para esses autores, talvez não houvesse uma distinção teórica entre HQs e charges; a necessidade de contar uma história parecia ser a força motriz que conduzia à escolha do método utilizado.

De toda forma, mais uma vez, entendemos que, apesar da carência de mais ocorrências, as histórias em quadrinhos encontradas foram fundamentais à pesquisa, visto que possibilitaram a observação de visões e de comportamentos assumidos no período em que foram publicadas, além da possibilidade da compreensão de momentos históricos.

6.4 ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Por fim, o último agrupamento temático de histórias em quadrinhos encontrado foi o de narrativas relacionadas à realização de eleições municipais. Além disso, ao contrário das outras HQs analisadas neste capítulo que, dentro de seus grupos, foram publicadas em datas próximas, as histórias relacionadas ao sufrágio municipal foram interpostas por grandes lacunas de anos. Assim, pode-se entender que o processo eleitoral não serviu como fonte de inspiração para a larga criação de quadrinhos.

No início da década de 1980, durante o processo de distensão política, iniciou-se o planejamento para a retomada de eleições diretas em todas as instâncias políticas. Desse modo, inicialmente, em 1982, o pleito eleitoral seria direto em grande parte do Brasil, porém, com algumas exceções. Conforme Maria Helena Moreira Alves:

> Prosseguiram durante o ano de 1981 as negociações da política de liberalização. Eleições gerais seriam realizadas em 15 de novembro de 1982. Todos os partidos legalmente reconhecidos participariam, com candidatos a vereadores, prefeitos *(exceto nas capitais de estados e nos municípios considerados de interesse da segurança nacional, onde as eleições permaneceriam indiretas)*, deputados estaduais, deputados federais, senadores e governadores. As eleições seriam livres, por sufrágio universal direto e secreto. Eram consideradas as eleições mais importantes na história brasileira recente, com 55 milhões de eleitores escolhendo nas urnas cerca de 400.000 candidatos a todos os cargos (ALVES, 1989, p. 278, grifo nosso).

Com essa determinação, segundo David Fleischer (2002), 201 municípios não elegeram prefeitos em 1982. Ficou definido que seriam realizadas eleições extraordinárias, somente para essas cidades, em 15 de novembro de 1985. Portanto, Caxias do Sul, que não se enquadrava nas categorias ausentes do pleito de 1982, foi às urnas.

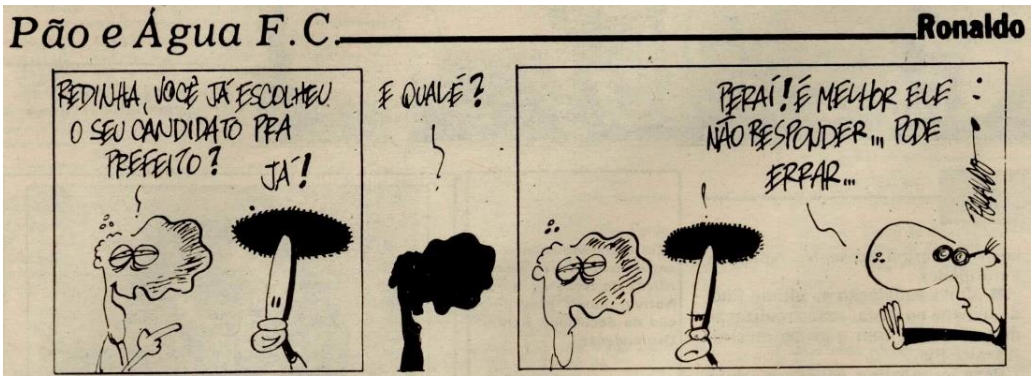
No entanto, algumas particularidades cercaram as eleições daquele ano. Apesar do início da abertura política, o governo militar ainda desejava controlar todo o processo político. Para isso, foi imposto um pacote eleitoral que proibia coligações partidárias e que instituía o voto vinculado: o eleitor deveria escolher candidatos de um único partido, de vereador a governador. À vista disso, apesar de Jair Soares, do PDS, ser eleito para o governo estadual, Caxias do Sul teve maioria a favor do PMDB, elegendo, portanto, Victório Trez para a prefeitura. Consoante Mansueto de Castro Serafini Filho:

> Desde o início da campanha, ficou patente o favoritismo do PMDB [em Caxias do Sul], graças ao voto vinculado e à candidatura do caxiense Pedro Simon a governador. Simon tinha, nas pesquisas 50% das intenções de voto na cidade e o candidato a prefeito Victório Trez, 40%. Na segunda colocação estava o candidato do PDS, Mario David Vanin, com 25%. Os demais candidatos estavam bem abaixo sem as mínimas possibilidades de vitória.
> [...]
> A divisão das oposições provocou a vitória de Jair Soares, para o governo do estado. Ele se elegeu com apenas 34,15% dos votos dos gaúchos. Simon fez 33,05%, Alceu Colares 20% e Olívio Dutra, do PT, 1,3%. A soma dos votos dos candidatos das oposições atingiu 54,8%. Mas em Caxias Simon foi vitorioso e consigo levou à vitória nas eleições municipais do PMDB, com a eleição de Victório Trez para prefeito (FILHO, 2016. 108).

O mandato de Trez foi de 1º de fevereiro de 1983 a 31 de dezembro de 1988; contudo, a exclusão de Caxias do Sul do processo de 1985 não impediu a incerteza dos habitantes sobre

a participação no sufrágio e, em 21 de novembro de 1985, *O Pioneiro* publicou uma história em quadrinhos tematizando a situação:

Figura 53 – Confusão com as eleições municipais, 1985

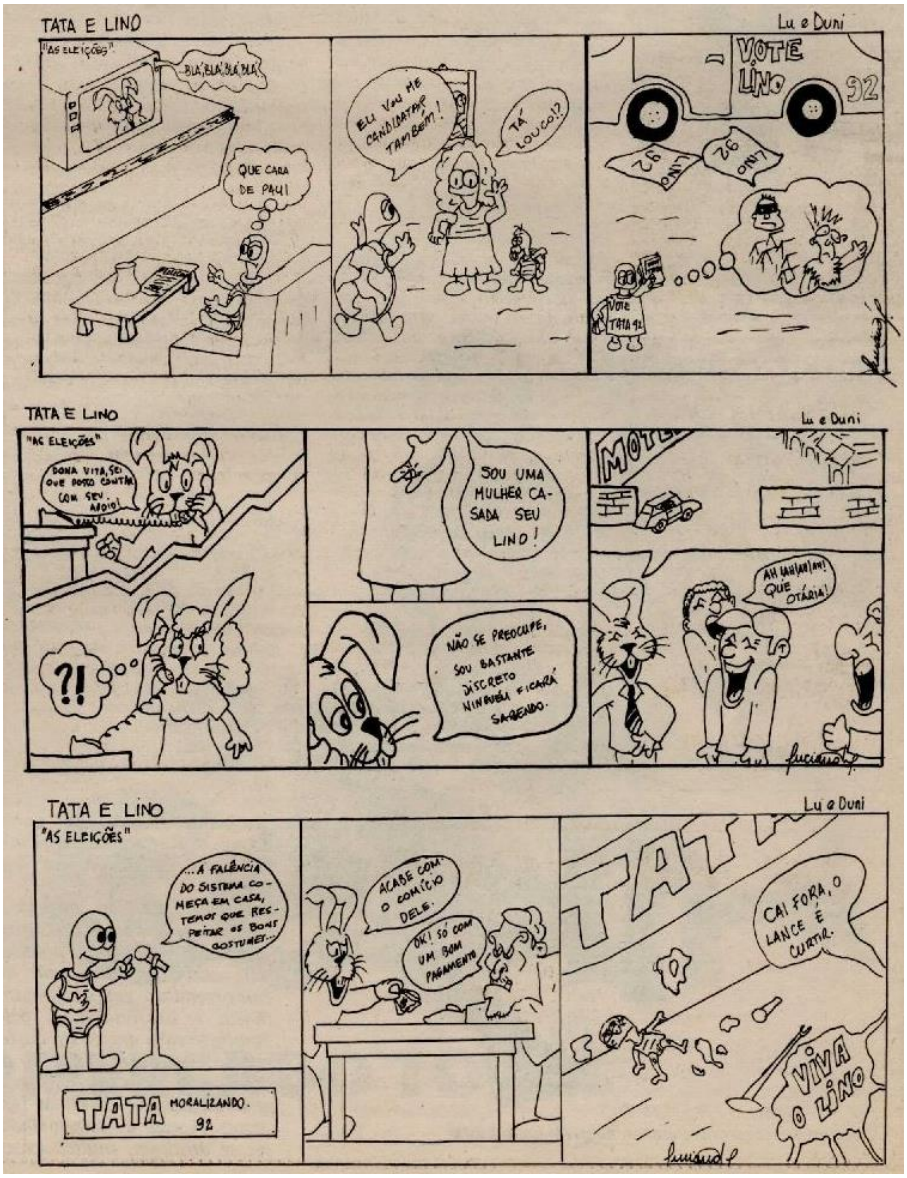


Fonte: PIONEIRO, 13/11/85, p. 24.

Na narrativa, um homem, cujo rosto tem o formato do mapa do Brasil e claramente embriagado, aproxima-se do personagem Redinha e questiona sobre a escolha do candidato para prefeito. Ao receber uma resposta afirmativa, pergunta qual o postulante preferido. Antes que Redinha possa responder, outro homem surge e recomenda que não diga nada, pois pode cometer um erro. A HQ parece ironizar a "embriaguez" do Brasil na organização das eleições, postas em descompasso em decorrência de critérios políticos obtusos e obscuros. Dessa maneira, foi necessário que uma terceira pessoa interferisse para evitar a confusão e esclarecer sobre o processo eleitoral.

Outra história em quadrinhos, publicada em 1992 e que pode ser vista na Figura 54, a seguir, representa o "jogo sujo" entre candidatos em busca da preferência dos eleitores:

Figura 54 – *Tata e Lino*, em *O Pellegrino*



Fonte: O PELLEGRINO, junho de 1992, p. 02.

A tartaruga Tata assiste a um discurso do coelho Lino, candidato a prefeito. Contrariado com as palavras de Tata, Lino decide candidatar-se ao cargo. O que se segue, então, são diferentes instâncias de difamação e sabotagem por parte do coelho.

A narrativa representa toda uma prática recorrente entre candidatos, que, embora não referencie diretamente um evento em particular no pleito de 1992, não deixou de ocorrer em certo grau, entre Mario David Vanin, da União Democrática por Caxias (UDC), e Pepe Vargas, do PT, meses após a publicação de *Tata e Lino*. De acordo com Filho:

> A candidatura de Mario David Vanin crescia. Segundo as pesquisas ele venceria as eleições por boa margem.

> Faltando poucos dias para a eleição, o Congresso Nacional, depois de pesadas investigações sobre o presidente Fernando Collor de Melo, decretou seu *impeachment*.
> O PMDB e o PT passaram a vincular a imagem de Maria David Vanin ao presidente, lembrando todos os dias que ele havia sido o coordenador da campanha de Collor em Caxias. O candidato da UDC passou a perder terreno e Pepe [Vargas], a crescer.
> Diziam os analistas políticos se a campanha durasse mais uma semana Pepe iria superar Vanin, vencendo as eleições.
> [...]
> Apurados os votos, Mario David Vanin venceu com 42.871 votos contra 39.911 de Pepe Vargas, 34.599 de José Ivo Sartori, 24.785 de Ovídio Deitos, 3.419 de Darwin Corsetti e 2.167 de Édio Elói Frizzo (FILHO, 2016. 143).

Nas histórias em quadrinhos tematizadas por contextos políticos, a descrença em todos os âmbitos e, especialmente, nos candidatos, parece ser a principal fonte de inspiração para autores de quadrinhos ao longo de todo o *corpus*; e essa parece ser uma resolução que permeia não somente a impressão de HQs criadas por autores brasileiros, mas também as narrativas compradas de fora do país.

Em 10 de janeiro de 2000, ano em que seriam realizadas eleições municipais, o *Pioneiro* publicou a história em quadrinhos que pode ser vista a seguir, na Figura 55:

Figura 55 – Eleições municipais no fim do milênio, 2000

Fonte: PIONEIRO, 10/01/2000, p. 07.

Na tirinha de *Os bichos*, um sapo e uma ave assistem a um programa de televisão e comentam sobre a proximidade das eleições. O anfíbio, por sua vez, mostra algo em uma de suas patas e comenta que, desta vez, está preparado para a ocasião. Ao ser questionado, pelo pássaro, sobre a utilidade daquele item, responde que são protetores de ouvido, para que não precise ouvir os discursos dos candidatos.

Com isso, é possível reafirmar que a temática da rejeição a políticos e a programas eleitorais encontra ressonância em HQs importadas. Apesar da origem estrangeira de *Os bichos*, a tirinha não padeceu de qualquer "deslocamento" quando impressa em um jornal de Caxias do

Sul. Visto o alcance do tema, a narrativa é incorporada de forma orgânica ao *Pioneiro* e recebida com naturalidade pelo público.

Nas eleições municipais de Caxias do Sul, em 2000, "apurados os votos, Pepe Vargas foi reeleito prefeito, com 103.015 votos (48,89%) contra 102.191 (48,50% de José Ivo Sartori). Houve ainda 2.026 (0,96%) de votos brancos e 3.468 (1,65%) de votos nulos" (FILHO, 2016, p. 170). No entanto, não foram encontradas outras histórias em quadrinhos sobre o tema.

É perceptível a disparidade entre a produção de histórias em quadrinhos de temática estadual em comparação com as inspiradas por assuntos de escala nacional. De modo geral, reafirmamos a hipótese de que os fatos do Rio Grande do Sul foram priorizados nas páginas dedicadas a charges. Além disso, considerando-se que o período mais prolífero para assuntos socioeconômicos – a década de 1980 – foi um momento de graves problemas políticos e econômicos de ordem brasileira, novamente inferimos que eles ganharam mais espaço nas páginas dos jornais, posto que encontrariam maior engajamento por parte dos leitores.

Apesar de as histórias em quadrinhos, dispostas neste capítulo, serem relativamente desconectadas entre os grupos escolhidos, ainda assim devem ser observadas sob olhares atentos – mesmo que de forma panorâmica e dentro de um contexto mais amplo –, visto que são construídas por meio de ilustrações capazes de orientar a uma pluralidade de considerações. Para Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli, a história cultural também é:

> a história dos signos e símbolos exibidos, dos lugares expressivos e das sensibilidades difusas, solidamente fixada nos textos e nas obras de criação, carregada de memórias e de património, sempre íntima, alegórica e emblemática, realçando as ferramentas mentais e as evoluções dos sentidos, misturando os objectos, as práticas, as configurações e os sonhos (RIOUX; SIRINELLI, 1998, p. 22).

Portanto, a leitura interpretativa de HQ em jornais deve ser valorizada, pois pode revelar camadas históricas antes imperceptíveis, possibilitando que conduza a novas interpretações dos processos culturais inerentes a uma sociedade. Ainda que o material disponível, em relação a temáticas estaduais, tenha sido mais enxuto, entendemos que foram de suma importância para o desvelamento de momentos históricos que, cada qual em seu período, foram agentes atuantes no *ethos* de Caxias do Sul e do Rio Grande do Sul.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta tese, acredita-se ter sido evidenciada a relação entre as histórias em quadrinhos publicadas em jornais de Caxias do Sul, entre 1951 e 2000, e o processo histórico brasileiro, aprofundando umas das possíveis produções de história acerca do município.

O entrelaçamento entre três perspectivas históricas e sua aplicação neste trabalho foi o tema do capítulo 2, "História Cultural, História do Tempo Presente e História Pública: ao público o que é (do) público", que se fundamenta na necessidade de explanar o ponto de vista assumido, tanto na escolha do *corpus*, quanto na categorização tomada como fatores de análise. Para tanto, inicialmente, fez-se necessário conceituar as três perspectivas históricas, suas premissas, distanciamentos e pontos de convergência, de modo a ponderar a respeito da postura tomada nesta pesquisa. Após, a partir dos principais momentos da história das histórias em quadrinhos, refletiu-se acerca do gênero híbrido como prática e representação de uma cultura.

Como resultado dessas considerações, entende-se que o estudo de experiências sociais historicamente situadas por manifestações culturais, tais como as HQs, é de grande valia para revelar atitudes e comportamentos pertinentes a pontos-chave do passado, como a postura educacional assumida pelo *Correio Riograndense* e pelo *O Pioneiro*, durante a década de 1950, ou a contrariedade com rumos socioeconômicos brasileiros, nos anos 1980, citando apenas alguns. Para Rioux e Sirinelli (1998, p. 20), "a história cultural é a que fixa o estudo das formas de representação do mundo no seio de um grupo humano cuja natureza pode variar – nacional ou regional, social ou política –, e de que analisa a gestação, a expressão e a transmissão." Essas representações do real, ou da percepção do que ele seria, e manifestadas em construções dotadas de sentido, codificam os valores, os pensamentos, os sistemas religiosos, os trabalhos, os divertimentos etc., cristalizando o legado cultural simbólico de uma época.

Portanto, baseado em critérios avaliativos concisos e coerentes, entende-se que a escolha categorizada de histórias em quadrinhos é capaz de permitir uma produção de história fundamentada em representações culturais disponíveis no espaço público, refletindo sobre a construção do presente mediante um passado recente. Bédarida (1988) entende que essa é uma grande responsabilidade frente à sociedade, visto que, em relação à História recente, os fatos costumam ser menos analisados e estabelecidos por historiadores.

De posse da fundamentação dos conceitos históricos necessários, prosseguiu-se o capítulo 3, "Caxias do Sul: uma visão geral", em que se rememorou, brevemente, alguns dos principais aspectos do surgimento da cidade, desde o início da colonização italiana, em 1875, até a contemporaneidade. Em seguida, com vistas a mapear toda a publicação de histórias em

quadrinhos nos periódicos, fez-se necessário contextualizar o surgimento e a importância do jornalismo no município. Com isso, prosseguiu-se para a estruturação cronológica das HQs, desde a primeira – em 04 de maio de 1951 –, até o fim dos anos 2000. Paralelamente, contrapusemos certas tendências, percebidas em temáticas publicadas em Caxias do Sul, com o direcionamento assumido pelo mercado estadunidense de quadrinhos. Notou-se que, até o fim da década de 1980, havia grandes semelhanças entre ambos, podendo-se inferir que as tendências americanas influenciavam diretamente o conteúdo impresso no município gaúcho. Ademais, também foi possível caracterizar que a segunda metade da década de 1980 foi a mais prolífera para as narrativas de cunho socioeconômico, com histórias participando ativamente dos debates ocorridos no plano político brasileiro. Elas mantiveram uma coesão em suas ideias, "costurando" uma narrativa pertencente ao mesmo campo semântico, em que a insatisfação, com o plano político nacional e com o presidente José Sarney, era a tônica. A única disparidade de posicionamento encontrada foi em relação a Fernando Collor. Percebeu-se que o candidato dividiu a opinião de quadrinistas que, até então, era alinhavada por mesmas aspirações políticas. Isso coaduna-se com a abertura promovida pela Nova República, a qual permite maior liberdade de expressão, independentemente do posicionamento político adotado.

A observação do *corpus* foi essencial para permitir a percepção de traços temáticos em comum entre diferentes narrativas, de modo que puderam ser ordenadas em categorias relacionáveis com aspectos da realidade social de diferentes épocas. Conforme Sandra Jahaty Pesavento (2005), em uma análise histórica, traços são indícios que representam ou revelam um acontecimento. O pesquisador, por sua vez, percebe-os como fontes ou documentos, visto que são registros de significado para as questões buscadas e que podem colaborar para a reconstrução da vida de pessoas do passado. Acima de tudo, deve-se considerar que a possível realidade só pode ser admitida por meio da investigação das representações investigadas.

Portanto, optou-se por dividir o *corpus* em três categorias – narrativas de cunho mundial, nacional e estadual – e, então, delimitá-lo com base na recorrência de temáticas a serem analisadas, com verticalidade, dentro dos capítulos destinados à tal tarefa.

O capítulo 4 – "Por um mundo melhor: quadrinhos formadores de 'cidadãos de bem'" – destacou histórias em quadrinhos biográficas e narrativas de cunho anticomunista, ambas as temáticas publicadas na década de 1950. Em uma época em que *O Pioneiro* e o *Correio Riograndense*, cada qual com suas orientações político-partidárias, visavam a prestar serviços "educacionais" aos seus leitores, tais HQs eram utilizadas como ferramentas para informar os grandes feitos de pessoas de alta estima ou eventos históricos que deviam servir como exemplo – no caso das histórias biográficas –, ou orientar o público a respeito das possíveis sanções

governamentais, sociais e espirituais caso fossem manipulados pelos "vermelhos" – vide o terror comunista presente em *Zé Caipira*. No caso da HQ anticomunista, torna-se patente o discurso construído – não somente no RS, mas em todo o plano nacional – para "alertar" a população sobre os males da política vinda da União Soviética. Durante os mandatos de Getúlio Vargas (1934-1945 e (1951-1954), criou-se uma política ultranacionalista e de aversão ao comunismo, em que os valores nacionais deveriam ser admirados e preservados da "ameaça vermelha". Desse modo, a temática de *Zé Caipira* não causa estranheza, mesmo que tenha sido publicado cinco anos após a morte de Vargas. O discurso proposto pelo ex-presidente já havia influenciado diferentes segmentos da sociedade e criado raízes no plano sociocultural, com tamanha força que abriu o caminho para o golpe civil militar de 1964. Os resultados obtidos por meio da investigação permitiram perceber que ambos os jornais – *O Pioneiro* e *Correio Riograndense* – promulgavam a construção de uma realidade que interessava diretamente às linhas editoriais assumidas pelos periódicos, ofertando um serviço simbólico de formação de "cidadãos de bem" e alinhados a comportamentos de decência. *O Pioneiro*, formado por membros do Partido de Representação Popular – grupo de extrema-direita –, visava à constituição de leitores com princípios e posicionamentos alinhados aos dos "respeitáveis" fundadores do jornal, fosse nas questões intelectuais ou nas campanhas contra o Partido Comunista Brasileiro. Por sua vez, o *Correio Riograndense*, sob a fachada benevolente dos freis Capuchinhos, também alinhava sua postura à Direita e buscava formar um público mais "estimável" e anticomunista, mas o fazia por meio do apelo religioso. Percebe-se, então, que ambos os jornais, apesar de utilizarem meios diferentes, aspiravam aos mesmos fins. Para Chartier (2002, p. 18), representações são como "matrizes de discursos e de práticas diferenciadas – 'mesmo as representações colectivas mais elevadas só têm uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em que comandam actos' – que têm por objectivo a construção do mundo social". Assim, utilizando-se dessas narrativas, as publicações visavam a conceber uma realidade própria, estendê-la aos leitores e formar opiniões que não destoavam das pretensões editoriais e, supostamente, sociais, como os feitos concretos, realizados por pessoas de caráter elogiável, nas histórias em quadrinhos biográficas, ou o exemplo do que aconteceria caso o comunismo chegasse ao Brasil, em *Zé Caipira*.

A investigação de narrativas relacionadas a acontecimentos do território brasileiro revelou aspectos interessantes, no capítulo 6 – "Narrativas de um Brasil em colapso". Com a observação do *corpus*, percebeu-se que essas histórias em quadrinhos foram publicadas, quase em sua totalidade, no fim da década de 1970 e durante toda a década de 1980. Mais ainda, evidenciou-se que as HQs começaram a aparecer somente após o período de distensão da

ditadura militar – timidamente –, e com grande assiduidade após a restauração da democracia. O fim do regime militar mostrou-se fértil para os autores de quadrinhos, que utilizavam o meio para criticar diferentes instâncias do governo de José Sarney, e, principalmente, a grave crise econômica e os altos índices inflacionários. Além disso, quando postas em ordem cronológica, as histórias em quadrinhos publicadas ao longo desse período constituem uma unidade semântica, percebida por meio de símbolos que orientam a uma leitura da assimilação do real, sob a óptica do quadrinista. Nessas HQs, além de uma tentativa de apreender o contexto político brasileiro, percebe-se a representação de sentimentos e sensações da população, como a esperança, a angústia, a dúvida, a fome e a desilusão. De acordo com Chartier (2002), a função simbólica constitui a representação que conduzirá a uma apreensão do real, sejam quais forem os símbolos utilizados para tal. Quando observadas como um conjunto, essas HQs mostram-se integrantes de uma longa narrativa sobre a instauração da Nova República e sobre as esperanças, sonhos e decepções que acompanharam o plano socioeconômico brasileiro.

Finalmente, a última categoria destacada nesta tese foi a das narrativas voltadas a temáticas gaúchas, no capítulo 7 – "O Rio Grande do Sul em pauta". Ao contrário do que ocorreu com o material constitutivo do capítulo anterior, que, dentro de um contexto específico, relacionava-se entre si, as histórias em quadrinhos inspiradas por eventos gaúchos mostraram-se escassas e relativamente independentes; especulamos que o meio preferencial para a representação das temáticas estaduais pode ter sido o das charges que acompanhavam o Editorial dos jornais, visto que era um espaço dedicado à opinião acerca da notícia de maior destaque na publicação. Porém, somente um estudo relativo ao tema poderia confirmar tal hipótese.

No caso das histórias em quadrinhos, fossem acerca da violência urbana de Caxias do Sul, da implantação da reforma agrária no RS, de políticas estaduais ou das eleições municipais caxienses, os objetos investigados revelaram cargas históricas de momentos específicos no período em que foram publicados. Entretanto, entende-se que a análise foi de grande valia, visto que as ponderações realizadas desvelaram uma série de eventos que, outrora, poderiam receber menos destaque ou passar despercebidos em uma produção de história, como a onda de violência urbana, em Caxias do Sul, no final da década de 1970, ou o sentimento dos gaúchos em relação ao processo da reforma agrária. O olhar atento a partir de um plano mais aberto foi necessário e se mostrou capaz de trazer grandes benefícios para a reflexão histórica, pois, conforme Pesavento (2005), a pesquisa histórica é como decifrar um enigma: o historiador narra os acontecidos por meio da medição e da seleção de dados disponíveis, de modo que a produção de história tenha uma sequência lógica e inteligibilidade.

Desse modo, desvelou-se uma escrita histórica sobre diferentes movimentos espaço-temporais ocorridos no Rio Grande do Sul, orientada pela leitura interpretativa dos eventos narrados pelas histórias em quadrinhos dentro de suas categorias.

Em suma, as histórias em quadrinhos investigadas e analisadas resgatam a percepção de quadrinistas acerca de aspectos socioeconômicos que constituíram o espaço cultural brasileiro nos períodos observados. Tomando-se a realidade como um constructo de percepções individuais ou coletivas, a investigação presente nesta tese permitiu observar como o processo histórico brasileiro materializou-se, na forma de HQs, por meio de artistas que apresentavam suas particulares versões do real. Dessa maneira, essas apreensões do factual guardam memórias dos instantes representados, cabendo, ao pesquisador, organizar, sistematizar e transformar essa materialização em uma produção de história coerente com os objetivos desta tese. Somando-se à leitura do real empregada pelos quadrinistas e por este pesquisador, deve-se considerar que todo o material publicado em jornais, posteriormente, atingiu uma grande parcela de leitores de Caxias do Sul e de outros municípios da Serra Gaúcha, que construíram suas próprias versões da realidade a partir de uma leitura interpretativa daquelas obras. Para Groensteen (2015, p. 165), os diferentes níveis de percepção e de recepção, somados aos múltiplos planos de significado, conduzem a uma leitura expansiva e multiforme: "o sentido é, para cada leitor, sempre algo a ser construído e completado, no máximo direcionador de sínteses provisórias e necessariamente impressionistas da subjetividade."

Por meio da análise do conteúdo interpretativo de histórias em quadrinhos selecionadas, esta tese visou a oferecer uma história cultural, em que práticas e representações ganham espaço para revelarem as suas próprias versões do real. Entretanto, faz-se mister reiterar que a realidade proposta, nas páginas desta tese, é mediada por seu autor e todo o arcabouço cultural que ele carrega. Assim, outros leitores e pesquisadores podem fazer diferentes atribuições de sentido e interpretações com base no mesmo *corpus*: "hoje, as possibilidades dos quadrinhos são – como sempre foram – ilimitadas" (MCCLOUD, 2005, p. 212). Toda leitura conduz a lacunas a serem preenchidas por particularidades de seus leitores, portanto, o produto desta tese é apenas um, entre tantos outros que poderiam surgir a partir da mesma pesquisa, mas realizada por diferentes membros do meio social.

Finalmente, no que tange à pesquisa desenvolvida, acredita-se que os objetivos propostos foram alcançados, e a questão norteadora – "de que forma a veiculação de histórias em quadrinhos de temática socioeconômica, em jornais de Caxias do Sul, entre 1951 e 2000, relaciona-se com o processo histórico brasileiro?" – respondida. Evidenciou-se que uma grande parcela das HQs impressas, durante o período estabelecido, foi influenciada por fatos que

estavam em voga no espaço cultural de Caxias do Sul e/ou em todo o país. Por meio dessas temáticas, os quadrinhos repercutiram eventos, posicionaram-se e, possivelmente, participaram na formação de opiniões. Os quadrinistas que publicaram em Caxias do Sul basearam-se em uma sorte de acontecimentos – fossem ocorrências de menor reverberação, como a chegada da réplica da Pietà à Paróquia São Pelegrino, ou situações determinantes para o futuro do Brasil, como a promulgação da nova Constituinte – para tematizarem suas próprias interpretações da realidade, em escala política e psicológica. Tomando-se as histórias em quadrinhos mais antigas – as anticomunistas e as biográficas –, percebe-se o teor de ensinamento educacional almejado por ambos os periódicos que as publicaram. Porém, nas outras HQs encontradas, com poucas exceções, nota-se a tematização por meio de diferentes formas de humor. Especialmente nas narrativas que abordam questões políticas, a postura satírica-ácida é adotada como forma de confrontar o sistema, denunciar as desigualdades sociais e a incapacidade do Estado em encontrar soluções adequadas para o bem-estar da população.

Acredita-se que esta tese tenha contribuído para os estudos sobre a publicação de histórias em quadrinhos em jornais de Caxias do Sul, com ênfase em narrativas de cunho socioeconômico. Diante do exposto ao longo deste trabalho, entende-se que as HQs, observadas à luz de métodos de pesquisa histórica voltados a práticas e representações culturais, podem oferecer respostas acerca de processos históricos e suas influências dentro de uma sociedade e de suas dinâmicas culturais. Ademais, diante de todo o *corpus* disponível nos periódicos investigados, considera-se que esta tese corresponde a uma pequena parcela de todas as possibilidades de produção de história. Espera-se que esta pesquisa reverbere e incentive diferentes estudos a respeito das histórias em quadrinhos publicada em jornais caxienses, de outras cidades e, até mesmo, em outras mídias. Com sua versatilidade, as histórias em quadrinhos são capazes de revelar a História de um espaço cultural. Visto que toda prática cultural atua como representação do real, por meio do uso de símbolos gráficos, as HQs são capazes de manifestar as percepções que certos membros do espaço – no caso, os quadrinistas – tem em relação à realidade social que os cerca, seja no plano "concreto" ou no psicológico. Por outro lado, deve-se atentar que a precisão dessas representações, assim como em outras formas artísticas, é limitada. Ela é baseada na interpretação de um sujeito em particular, com sua própria teia de relações formada em decorrência de múltiplas interações sociais e culturais. Desse modo, ao investigar histórias em quadrinhos para empreender a escrita histórica de um espaço cultural, deve-se manter uma visão panorâmica do todo para, então, analisar os símbolos que podem conduzir a uma evidenciação de comportamentos relevantes para os objetivos buscados. Basta, apenas, que se lance um olhar científico, crítico e indagador à Arte Sequencial.

REFERÊNCIAS

ADAMI, João Spadari. *Caxias:* a Pérola das Colônias. Caxias do Sul: Tipografia O Momento, 1950.

ALBIERI, Sara. História Pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Introdução à História Pública.* São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 19-30.

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Vozes, 1989.

ANGELIM, Juliana de Kássia de Oliveira. Desenvolvimento e difusão de histórias em quadrinhos a partir de jornais estadunidenses do século XIX. In: NAVARRO, Luciane Pereira da Silva (org.). *Bibliografia:* história da mídia e da imprensa. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, p. 85-96.

AQUINO, Maria Aparecida de. Brasil: golpe de Estado de 1964. Que Estado, país, sociedade são esses?. *Proj. História*, São Paulo, tomo 1, p. 87-105, dez., 2004.

ARENDT, João Claudio. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. *RUA* [online]. Unicamp, no. 18. Volume 2, 2012.

ARENDT, João Claudio; LIMA, Leticia; MENEGOTTO, Roberto Rossi. Leitura e censura na Serra Gaúcha: considerações sobre o jornal *Correio Riograndense* (1940-1950). *Revista Labirinto*, Rondônia, ano XVII, v. 27, p. 193-209, jul./dez. 2017.

AULETE DIGITAL. *Bacelo*. Disponível em: www.aulete.com.br/bacelo. Acesso em: 05 de mai. 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo.* São Paulo: Edições 70, 2016.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

BÉDARIDA, François. Definición, método y práctica de la Historia del Tiempo Presente. *Cuadernos de Historia Contemporánea,* Madrid, v. [s.n], n. 20, p. 19-27, 1998.

BELUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do modernismo*. São Paulo: Marco Zero, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRUCK, Mozahir Salomão. *Biografias e literatura:* entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

BURKE, Peter. *Que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos*: um estudo abrangente da arte sequencial – linguagem e semiótica. São Paulo: Criativo, 2014.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. *Centro de memória.* Disponível em: http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/. Acesso em: 15 ago. 2017.
CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CHARTIER, Roger. *A história cultural:* entre práticas e representações. Algés: Difel, 2002.

CIRNE, Moacy. *Quadrinhos, sedução e paixão.* Petrópolis: Vozes, 2000.

CLEMENTE, Elvo; UNGARETTI, Maura. *História de Garibaldi.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

CORONEL, Daniel Arruda; ILHA, Adayr da Silva; LEONARDI, Alex. Os movimentos sociais do campo no Rio Grande do Sul e a reforma agrária: do MASTER ao MST. *Perspectivas Contemporâneas*, Campo Mourão, v. 4, n. 2, p. 3-22, ago./dez. 2009.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de história. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

DORNELLES, Laura de Leão. *Risorgimento e revolução*: Luigi Rossetti e os ideais de Giuseppe Mazzini no movimento farroupilha [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. In: LAPUENTE, Rafael Saraiva; GANSTER, Rafael; ORBEN, Tiago Arcanjo (orgs.). *Diálogos do tempo presente*: historiografia e história. Porto Alegre: Editora Fi, 2017, p. 15-36.

DUARTE, José Bacchieri. *A fascinante história de Pedro Simon:* sua vida, seu tempo. Porto Alegre: AGE Editora, 2001.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. *Jornalismo em quadrinhos*: a linguagem quadrinística como suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros autores. 2003. 253 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, 2003.

ECO, Umberto. Cultura de massa e "níveis culturais. In: ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados.* São Paulo: Perspectiva, 2015.

ECO, Umberto. Leitura de *Steve Canyon*. In: ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados.* São Paulo: Perspectiva, 2015

EISNER, Will. *Narrativas gráficas.* São Paulo: Devir, 2013.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial:* princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

EISNER, Will. *Um contrato com Deus e outras histórias de cortiço*. São Paulo: Devir, 1995.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FICO, Carlos. Prezada censura: cartas ao regime militar. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3. n. 5, p. 251-286, jul.-dez., 2002.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004.

FILHO, Manuseto de Castro Serafini Filho. *História das eleições municipais de Caxias do Sul*: dados estatísticos, comentários e depoimentos. Caxias do Sul: EDUCS, 2016.

FLEISCHER, David. As eleições municipais no Brasil: uma análise comparativa (1982-2000). *Opinião Pública*, Campinas, v. 8, n. 1, p. 80-105, 2002.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul:* processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

GARDELIN, Mário. In: HENRICHS, Liliana Alberti (Org.). *Histórias da imprensa em Caxias do Sul*. Museu Municipal/Arquivo Histórico de Caxias do Sul/Pioneiro, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GIRON, Loraine Slomp. Identidade: região e valores. In: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (org.). *Imigração e cultura.* Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

GOIDA. Pequena história das histórias em quadrinhos. In: GOIDA; KLEINERT, André. *Enciclopédia dos quadrinhos.* Porto Alegre: L&PM, 2014.

GROENSTEEN, Thierry. *O sistema dos quadrinhos*. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2015.

GUBERN, Roman. *El linguaje de los comics*. Barcelona: Ediciones Península, 1979.

GUIMARÃES, Edgard. O aprendizado da linguagem da história em quadrinhos. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA INTERCOM, V., 2005, Rio de Janeiro, p. 1-14.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Processo de industrialização da zona italiana:* estudo de caso da primeira indústria têxtil do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. *Scripta Nova*, Barcelona, v. 10, n. 94, n.p., 2001.

IBGE. *Caxias do Sul*. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/caxias-do-sul.html. Acesso em: 05 de mai. 2021.

KLIEMANN, Luiza H. Schmitz. *RS*: terra e poder – história da questão agrária. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

KRIS, Ernst; GOMBRICH, Ernst Hans Josef. Os princípios da caricatura. In: KRIS, Ernst. *Psicanálise da arte*. São Paulo: Brasiliense, 1968.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalha em letras de forma: Chatô, Weimer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 179-205.

LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública? Os públicos e seus passados. In: ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Introdução à História Pública.* São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 31-52.

LIPPMANN, Walter. *Opinião pública.* Petrópolis: Vozes, 2010.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. Por que uma leitura crítica das histórias em quadrinhos? In: LUYTEN, Sonia Maria Bibe. *Histórias em quadrinhos:* leitura crítica. São Paulo: Paulinas, 1985.

MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade*: história de Caxias do Sul 1875/1950. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2001.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul:* implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: EST, 2001.

MAZUR, Dan; DANNER, Alexander. *Quadrinhos* – história moderna de uma arte global. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

MCCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos.* São Paulo: MBooks, 2005.

MCCLOUD, Scott. *Reinventando os quadrinhos.* São Paulo: MBooks, 2006.

MENEGOTTO, Roberto Rossi. *"Qua comando mi!"*: a estereotipação do colono italiano no universo de Radicci, do cartunista Iotti. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Caxias do Sul, 2017.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária.* São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2001. 3 v.

MOYA, Álvaro de. *História das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

NAVARRO, Zander. Democracia, cidadania e representação: os movimentos sociais rurais no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, 1978-1990. In: NAVARRO, Zander (org.). *Política, protesto e cidadania no campo*: As lutas sociais dos colonos e dos trabalhadores rurais no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

NETO, Sydenham Lourenço; RAMOS, Vinícius da Silva. História do Tempo Presente, diálogos com a História Pública e com o ensino de História: uma experiência exploratória. *Aedos*, Porto Alegre, v. 6, n. 15, p. 17-33, 2014.

NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *Breve história dos Estados Unidos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

ORLANDO SENTINEL. *Fred Wagner*: Syndicated cartoonist dreamt of painting. Disponível em: https://www.orlandosentinel.com/news/obituaries/os-obit-fred-wagner-cartoonist-20160629-story.html. Acesso em: 28 de abr. 2021.

PADRÓS, Enrique Serra. História do tempo presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 30-45, 2009.

PARÓQUIA SÃO PELEGRINO. *Pietà*. Disponível em: http://www.saopelegrino.com.br/pieta.php. Acesso em: 12 de abr. 2021.

PEREIRA, Marcos Emanoel. *Psicologia social dos estereótipos.* São Paulo: E.P.U., 2002.

PESAVENTO, Sandra Jahaty. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. *100 anos de imprensa regional:* 1897-1997. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. *Festa e identidade:* como se faz a Festa da Uva. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean- François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

RIZZARDO, Redovino. *Raízes de um povo*. Porto Alegre: EST/Congregação Missionários de São Carlos, 1990.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística:* intertextualidade e polifonia: um estudo das charges da Folha de S. Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo.* Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil*: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil*: de Castelo a Tancredo. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Túlio dos Reis da. *A história do crescimento urbano de Caxias do Sul*: do milagre econômico à redemocratização [recurso eletrônico]. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

SOARES, Glaucio Ary Dillon. A censura durante o regime autoritário. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 21-43, 1989.

TYLOR, Edward Burnett. A ciência da cultura. In: CASTRO, Celso (org.). *Evolucionismo cultural:* textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 55-62.

WERTHAM, Fredric. *Seduction of the innocent*. Laurel: Main Road Books, 2005

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença:* a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

PERIÓDICOS

BOLETIM EBERLE. Caxias do Sul, RS: 1956-1965. Mensal.

BOLETIM EBERLE. Caxias do Sul, RS: agosto, 1956, p. 11.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS: 1941-. Semanal.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS: 21 de novembro, 1951, p. 1.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS: 25 de fevereiro, 1953, p. 1.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS. 19 de novembro, 1958, p. 8.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS. 24 de dezembro, 1958, p. 1.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS. 24 de dezembro, 1958, p. 8.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS. 07 de janeiro, 1959, p. 8.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS. 15 de abril, 1959, p. 1.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS. 15 de abril, 1959, p. 8.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS: 06 de setembro, 1978, p. 19.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS: 23 de julho, 1986, p. 4.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS: 20 de agosto, 1986, p. 4.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS: 12 de novembro, 1986, p. 4.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS: 18 de fevereiro, 1987, p. 4.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS: 27 de maio, 1987, p. 4.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS: 26 de agosto, 1987, p. 4.

CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi/Caxias do Sul, RS: 14 de setembro, 1988, p. 4.

FOLHA DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 1988-1989. Semanal.

FOLHA DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 08 de outubro, 1988, p. 3.

FOLHA DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 04 de abril, 1989, p. 11.

FOLHA DE HOJE. Caxias do Sul, RS: 1989-1994. Semanal/Diário.

FOLHA DE HOJE. Caxias do Sul, RS: 18 de novembro, 1989, p. 18.

FOLHA DE HOJE. Caxias do Sul, RS: 04 de dezembro, 1989, p. 2-3.

FOLHA DE HOJE. Caxias do Sul, RS: 08 de janeiro, 1991, p. 10.

FOLHA DE HOJE. Caxias do Sul, RS: 05 de janeiro, 1994, p. 10.

FOLHA DO SUL. Caxias do Sul, RS: 2000-2001. Diário.

FOLHA DO SUL. Caxias do Sul, RS: 02 de junho, 2000, p. 7.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 1973-1987. Semanal.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 19 de abril, 1975, p. 10.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 03 de maio, 1975, p. 16.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 17 de maio, 1975, p. 13.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 28 de junho, 1975, p. 1.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 05 de julho, 1975, p. 12.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 12 de julho, 1975, p. 10.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 21 de janeiro, 1978, p. 28.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 06 de maio, 1978, p. 2.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 20 de janeiro, 1979, p. 7.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias do Sul, RS: 04 de janeiro, 1982, p. 2.

O PELLEGRINO. Caxias do Sul, RS: 1987-1997. Mensal.

O PELLEGRINO. Caxias do Sul, RS: maio de 1988, p. 2.

O PELLEGRINO. Caxias do Sul, RS: junho de 1992, p. 2.

O PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 1948-1980.

O PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 04 de maio, 1951, p. 4.

O PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 25 de agosto, 1956, p. 5.

O PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 15 de setembro, 1956, p. 6.

O PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 06 de abril, 1957, p. 5.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 1980-. Diário.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 09 de abril, 1983, p. 11.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 11 de maio, 1985, p. 3.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 23 de maio, 1985, p. 12.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 29 de maio, 1985, p. 6.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 09 de junho, 1985, p. 22.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 20 de junho, 1985, p. 22.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 06 de julho, 1985, p. 7.

O PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 13 de novembro, 1985, p. 24.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 07 de janeiro, 1986, p. 18.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 02 de fevereiro, 1987, p. 23.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 01 de junho, 1988, p. 2.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 17 de setembro, 1989, p. 40.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 21 de maio, 1992, p. 2.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 08 de janeiro, 1998, p. 7.

PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: 10 de janeiro, 2000, p. 7.

APÊNDICE A – TABULAÇÃO DO LEVANTAMENTO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS EM TODOS OS JORNAIS DO SÉCULO XX, EM CAXIAS DO SUL

Jornal	Ano	Exemplares disponíveis	HQ	Edição	Seção	Título
A Encrenca	1914	10	Não	-	-	-
A Encrenca	1915	16	Não	-	-	-
A Época	1938	12	Não	-	-	-
A Época	1939	50	Não	-	-	-
A Época	1940	48	Não	-	-	-
A Época	1941	50	Não	-	-	-
A Época	1942	39	Não	-	-	-
A Época	1943	12	Não	-	-	-
A Época	1944	3	Não	-	-	-
A Época	1945	6	Não	-	-	-
A Época	1946	8	Não	-	-	-
A Época	1947	7	Não	-	-	-
A Época	1948	8	Não	-	-	-
A Época	1949	7	Não	-	-	-
A Época	1950	17	Não	-	-	-
A Época	1951	16	Não	-	-	-
A Época	1952	11	Não	-	-	-
A Época	1953	4	Não	-	-	-
A Época	1954	12	Não	-	-	-
A Época	1955	3	Não	-	-	-
A Época	1956	3	Não	-	-	-
A Época	1957	Não disponíveis	-	-	-	-
A Época	1958	1	Não	-	-	-
A Luneta	1933	1	Não	-	-	-
A Pérola	1918	1	Não	-	-	-
A Resistência	1922	4	Não	-	-	-
A Tribuna	1920	19	Não	-	-	-
A Vanguarda	1922	1	Não	-	-	-
A Vanguarda	1964	4	Não	-	-	-
Alvorada	1959	1	Não	-	-	-
Assessor	1965	4	Não	-	-	-
Assessor	1966	12	Não	-	-	-
Assessor	1967	11	Não	-	-	-
Assessor	1968	12	Não	-	-	-
Assessor	1969	12	Não	-	-	-
Assessor	1970	8	Não	-	-	-
Atlântico Notícias	1998	16	Não	-	-	-
Atlântico Notícias	1999	26	Não	-	-	-
Atlântico Notícias	2000	12	Não	-	-	-
Aurora Jornal	1965	2	Não	-	-	-
Boletim 3 de Outubro	1932	1	Não	-	-	-

Boletim Eberle	1956	6	Sim	Agosto	"Daqui e Acolá"	Sem título
Boletim Eberle	1957	12	Sim	Junho e dezembro	"Daqui e Acolá"	"História sem palavras" e "Contando segredos da lavadeira"
Boletim Eberle	1958	12	Não	-	-	-
Boletim Eberle	1959	12	Não	-	-	-
Boletim Eberle	1960	12	Sim	Junho	"Daqui e Acolá"	Sem título
Boletim Eberle	1961	7	Não	-	-	-
Boletim Eberle	1962	6	Não	-	-	-
Boletim Eberle	1963	6	Não	-	-	-
Boletim Eberle	1964	6	Não	-	-	-
Boletim Eberle	1965	2	Não	-	-	-
Brasilino	1963	1	Não	-	-	-
Brasilino	1964	5	Não	-	-	-
Caxias	1927	29	Não	-	-	-
Caxias	1928	47	Não	-	-	-
Caxias	1929	50	Não	-	-	-
Caxias	1930	48	Não	-	-	-
Caxias	1931	52	Não	-	-	-
Caxias	1932	23	Não	-	-	-
Caxias-Jornal	1933	20	Não	-	-	-
Caxias-Jornal	1934	13	Não	-	-	-
Caxias Magazine	1958	4	Não	-	-	-
Caxias Magazine	1959	7	Não	-	-	-
Caxias Magazine	1960	20	Não	-	-	-
Caxias Magazine	1961	9	Não	-	-	-
Caxias Magazine	1962	36	Não	-	-	-
Caxias Magazine	1963	30	Não	-	-	-
Caxias Magazine	1964	29	Sim	05 setembro, 12 setembro	"Ora, pílulas"	"K. Veirinha"
Caxias Magazine	1965	31	Não	-	-	-
Caxias Magazine	1966	35	Não	-	-	-
Caxias Magazine	1967	34	Não	-	-	-
Caxias Magazine	1968	30	Não	-	-	-
Caxias Magazine	1969	6	Não	-	-	-
Caxias Magazine	1970	18	Não	-	-	-
Caxias Notícias	1998	47	Sim	De 20 fevereiro a 26 abril	Cultura	"School Gang"

Caxias Notícias	1999	70	Não	-	-	-
Caxias Notícias	2000	38	Não	-	-	-
Cidade de Caxias	1911	26	Não	-	-	-
Cidade de Caxias	1912	22	Não	-	-	-
Città di Caxias	1913	44	Não	-	-	-
Città di Caxias	1914	48	Não	-	-	-
Città di Caxias	1915	49	Não	-	-	-
Città di Caxias	1916	43	Não	-	-	-
Città di Caxias	1917	42	Não	-	-	-
Città di Caxias	1918	44	Não	-	-	-
Città di Caxias	1919	4	Não	-	-	-
Città di Caxias	1920	1	Não	-	-	-
Città di Caxias	1921	5	Não	-	-	-
Città di Caxias	1922	4	Não	-	-	-
Correio Colonial	1924	1	Não	-	-	-
Correio Colonial	1925	3	Não	-	-	-
Correio do Município	1909	66	Não	-	-	-
Correio do Município	1910	56	Não	-	-	-
Correio do Município	1911	58	Não	-	-	-
Correio do Município	1912	59	Não	-	-	-
Correio do Município	1913	67	Não	-	-	-
Correio do Município	1914	82	Não	-	-	-
Correio do Município	1915	64	Não	-	-	-
Correio do Município	1916	61	Não	-	-	-
Correio do Município	1917	41	Não	-	-	-
Correio dos Bairros	1995	1	Não	-	-	-
Correio dos Bairros	1996	3	Não	-	-	-
Correio dos Bairros	1997	4	Não	-	-	-
Correio dos Bairros	1998	6	Não	-	-	-
Correio dos Bairros	1999	1	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1941	15	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1942	43	Sim	-	-	-
Correio Riograndense	1943	50	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1944	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1945	48	Não	-	-	-

Correio Riograndense	1946	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1947	48	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1948	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1949	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1950	49	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1951	49	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1952	48	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1953	50	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1954	50	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1955	49	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1956	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1957	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1958	50	Sim	INÍCIO: 19 de novembro (intervalo em 3 de dezembro)	-	Zé Caipira
Correio Riograndense	1959	50	Sim	FIM: 15 abril (intervalo em 11, 25 de fevereiro, 10 de março, 01 e 08 abril)		Zé Caipira
Correio Riograndense	1960	52		-	-	-
Correio Riograndense	1961	50	Sim	-	-	-
Correio Riograndense	1962	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1963	50	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1964	50	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1965	49	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1966	50	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1967	50	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1968	49	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1969	50	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1970	52	Sim	12 de maio		-

Correio Riograndense	1971	50	Sim	8 de maio // 17 de julho // 19 de setembro	-	Supermercado Real // Mr. H - H.Aeckerle - Soma Publicidade
Correio Riograndense	1972	51	Sim	Janeiro		Mr. H
Correio Riograndense	1973	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1974	51	Sim	31 de julho	-	Instituto Técnico Caxiense
Correio Riograndense	1975	48	Sim	22 de outubro e semanas seguintes. Continua em 1976.	Mercado Livre	-
Correio Riograndense	1976	52	Sim	12 de maio // 26 de maio	Mercado Livre	Filmagem sem textos - Caprichos do leão. // Nenhum
Correio Riograndense	1977	51	Sim	26 de outubro	Mercado Livre	Nenhum
Correio Riograndense	1978	51	Sim	12 de abril // 5 de julho // 16 de agosto // 6 de setembro	Mercado Livre	Quem não tem gravador, usa papagaio falador... // Nenhum // Nenhum // Nenhum
Correio Riograndense	1979	51	Sim	17 de janeiro// 4 de julho	Mercado Livre	San Légende // Nenhum
Correio Riograndense	1980	52	Sim	12 de março // 28 de maio	Diversões (Fim da seção?) // Divertimentos (Fim da seção?)	-
Correio Riograndense	1981	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1982	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1983	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1984	51	Não	-	-	-

Correio Riograndense	1985	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1986	52	Sim	14 de maio // 11 de junho // 18 de junho // 23 de julho // 20 de agosto // 3 de setembro // 10 de setembro // 17 de setembro // 5 de novembro // 12 de novembro // 24 de dezembro // 31 de dezembro	Editorial	Nenhum
Correio Riograndense	1987	51	Sim	11 de fevereiro // 18 de fevereiro // 4 de março // 11 de março // 8 de abril // 29 de abril //20 de maio // 27 de maio // 24 de junho // 5 de agosto // 19 de agosto // 26 de agosto // 21 de outubro // 25 de novembro //	Editorial	Nenhum
Correio Riograndense	1988	51	Sim	10 de fevereiro // 27 de abril // 4 de maio // 15 de junho // 27 de junho // 24 de agosto // 14 de setembro // 9 de novembro // 16 de novembro //	Editorial	Nenhum

Correio Riograndense	1989	51	Sim	25 de janeiro // 1 de março // 3 de maio // 28 de junho	Suplemento infantil "Correio Sabe Tudo"	Croqui
Correio Riograndense	1990	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1991	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1992	49	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1993	50	Sim	8 de dezembro // 15 de dezembro	-	Bons Tempos - Festa da Uva
Correio Riograndense	1994	51	Sim	19 de janeiro // 9 de fevereiro // 23 de fevereiro // 9 de março // 23 de março // 20 de julho	-	Festa da Uva // Gincana Cultural // Memorial // Sem título // X Fenavinho
Correio Riograndense	1995	51	Sim	12 de julho	Suplemento infantil "Correio Sabe-Tudo" - RENOMEADO	-
Correio Riograndense	1996	51	Sim	18 de setembro	Suplemento infantil "Correio Sabe-Tudo"	-
Correio Riograndense	1997	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1998	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	1999	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense	2000	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense -	1910	43	Não	-	-	-

Il colono italiano						
Correio Riograndense - Il colono italiano	1911	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Il colono italiano	1912	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Il colono italiano	1913	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Il colono italiano	1914	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Il colono italiano	1915	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Il colono italiano	1916	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Il colono italiano	1917	25	Não	-	-	-
Correio Riograndense - La Libertá	1909	47	Não	-	-	-
Correio Riograndense - La Libertá	1910	8	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1917	25	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1918	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1919	53	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1920	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1921	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense -	1922	50	Não	-	-	-

Staffetta Rio-Grandense						
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1923	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1924	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1925	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1926	50	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1927	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1928	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1929	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1930	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1931	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1932	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1933	52	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1934	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1935	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1936	52	Não	-	-	-

Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1937	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1938	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1939	50	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1940	51	Não	-	-	-
Correio Riograndense - Staffetta Rio-Grandense	1941	35	Não	-	-	-
Despertar	1947	3	Não	-	-	-
Despertar	1948	8	Não	-	-	-
Despertar	1949	7	Não	-	-	-
Despertar	1950	5	Não	-	-	-
Despertar	1951	5	Não	-	-	-
Despertar	1952	10	Não	-	-	-
Despertar	1953	7	Não	-	-	-
Despertar	1954	7	Não	-	-	-
Diário do Nordeste	1951	153	Não	-	-	-
Diário do Nordeste	1952	94	Não	-	-	-
Diário do Nordeste	1953	88	Não	-	-	-
Diário do Nordeste	1954	79	Não	-	-	-
Ecos do Mundo	1962	15	Não	-	-	-
Ecos do Mundo	1963	17	Não	-	-	-
Ecos do Mundo	1964	13	Não	-	-	-
Evolucionista	1915	12	Não	-	-	-
Evolucionista	1916	2	Não	-	-	-
Folha de Caxias	1988	16	Sim	24 de setembro - 19 de novembro // exceto 12 de novembro	Não // 3 Cidadela	Radicci & cia // Clube do Radicci // Frederico e Felini

Folha de Caxias	1989	45	Sim	Ano inteiro, com interrupções	Humor na Serra	Frederico e Felini // Radicci // Os novos pobres // Nanico Fagundes // Geração astral // Deus e o diabo // Bomfim // Cães vadios // Los chinelones
Folha de Hoje (antiga Folha de Caxias. Diário)	1989	50	Sim	Diário // Especial aos sábados	Humor na Folha // Nenhum	Radicci - Frederico e Felini - Bancomeu SA // Alles Blau // Macanudo Taurino // Rango
Folha de Hoje (antiga Folha de Caxias. Diário)	1990	12/338	Sim	Diário	Folheto	Radicci // Alles Blau // Macanudo Taurino // Rango
Folha de Hoje (antiga Folha de Caxias. Diário)	1991	12/309	Sim	Diário	Folheto // Filho da Folha	Radicci // Alles Blau // Macanudo Taurino // Rango // Sinovaldo // Radicop // Pelo Duro
Folha de Hoje (antiga Folha de Caxias. Diário)	1992	12/301	Sim	Diário	Folheto	Radicci // Macanudo Taurino // Rango // Sinovaldo // Pelo Duro - Adão Hussei
Folha de Hoje (antiga Folha de Caxias. Diário)	1993	12/301	Sim	Diário	Variedades	Radicci // Rango // Sinovaldo // Adão Hussei
Folha de Hoje (antiga Folha de Caxias. Diário)	1994	12/253	Sim	Diário	Variedades	Radicci / Frederico & Felini // Adão Hussein // School Gang
Folha do Nordeste	1937	5	Não	-	-	-

Folha do Sul	2000	12/183	Sim	-	Caderno Espectador	Machado, O Cortante - Analfa & Beto // Ado // - // Blearg's
Folha Popular	1981	10	Não	-	-	-
Folha Popular	1982	13	Não	-	-	-
Folha Regional	1982	18	Não	-	-	-
Folha Regional	1983	16	Não	-	-	-
Gazeta Colonial	1906	1	Não	-	-	-
Gazeta Colonial	1907	3	Não	-	-	-
Gazeta Colonial	1908	11	Não	-	-	-
Gazeta Colonial	1909	18	Não	-	-	-
Gazeta de Caxias	1997	38	Não	-	-	-
Gazeta de Caxias	1998	52	Não	-	-	-
Gazeta de Caxias	1999	52	Não	-	-	-
Gazeta de Caxias	2000	53	Não	-	-	-
Il Colono Italiano	1898	8	Não	-	-	-
Il Giornale Dell'Agricoltore	1934	29	Não	-	-	-
Il Giornale Dell'Agricoltore	1935	39	Não	-	-	-
Il Giornale Dell'Agricoltore	1936	33	Não	-	-	-
Il Giornale Dell'Agricoltore	1937	40	Não	-	-	-
Il Giornale Dell'Agricoltore	1938	34	Não	-	-	-
Industria e Commercio	1917	1	Não	-	-	-
O Jornal	1931	3	Não	-	-	-
O Jornal	1932	5	Não	-	-	-
Jornal da Câmara	1985	5	Não	-	-	-
Jornal da Câmara	1986	1	Não	-	-	-
Jornal da Câmara	1987	3	Não	-	-	-
Jornal da Câmara	1988	1	Não	-	-	-
Jornal da Câmara	1989	0	Não	-	-	-
Jornal da Câmara	1990	1	Não	-	-	-
Jornal da Mocidade	1957	7	Não	-	-	-
Jornal de Caxias	1973	44	Não	-	-	-
Jornal de Caxias	1974	51	Não	-	-	-

Jornal de Caxias	1975	57	Sim	Semanal	Toque	Mortófolis // O Turista - Blequinho // Mistrex, O Detetive
Jornal de Caxias	1976	53	Sim	Semanal	Toque	Mortófolis // O Turista / Blequinho // Lucas
Jornal de Caxias	1977	54	Sim	Semanal	Toque // Jornalzinho da Mônica	Mortófolis // O Turista / Blequinho // Lucas // Turma da Mônica / Pers. Variados
Jornal de Caxias	1978	54	Sim	Semanal	Quadrinhos // Jornalzinho da Mônica	Mortófolis // Blequinho // Lucas // Turma da Mônica / Pers. Variados
Jornal de Caxias	1979	56	Sim	Semanal	Quadrinhos	Mortófolis // Blequinho // Lucas // Juca B.
Jornal de Caxias	1980	53	Sim	Semanal	Quadrinhos	Mortófolis // Juca B. // Tibica // Giba // O Veterinário
Jornal de Caxias	1981	52	Sim	Eventualmente	Abre alas	-
Jornal de Caxias	1982	52	Sim	Eventualmente	Abre alas	-
Jornal de Caxias	1983	52	Sim	Julho a outubro	-	Prof. Pirarucu
Jornal de Caxias	1984	51	Não	-	-	-
Jornal de Caxias	1985	52	Não	-	-	-
Jornal de Caxias	1986	49	Não	-	-	-
Jornal de Caxias	1987	18	Não	-	-	-
Jornal de Caxias	1988	-	-	-	-	-
Jornal de Caxias	1989	1	Não	-	-	-

Jornal do Município	1992	1	Não	-	-	-
Jornal do Município	1993	26	Não	-	-	-
Jornal do Município	1994	13	Não	-	-	-
Jornal do Município	1995	12	Não	-	-	-
Jornal do Município	1996	9	Não	-	-	-
Jornal do Município	1997	22	Não	-	-	-
Jornal do Município	1998	17	Não	-	-	-
Jornal do Município	1999	16	Não	-	-	-
Jornal do Município	2000	16	Não	-	-	-
Jornal do Progresso	1970	1	Não	-	-	-
Jornal dos Bairros	1993	2	Não	-	-	-
Jornal dos Bairros	1995	4	Não	-	-	-
Jornal dos Bairros	1997	3	Não	-	-	-
Jornal dos Bairros	1998	12	Não	-	-	-
Jornal dos Bairros	1999	12	Não	-	-	-
Jornal dos Bairros	2000	12	Não	-	-	-
Nosso Mundo	1968	2	Não	-	-	-
O Assombro	1937	6	Não	-	-	-
O Assombro	1938	5	Não	-	-	-
O Bandeirante	1935	1	Não	-	-	-
O Bandeirante	1937	5	Não	-	-	-
O Brazil	1909	47	Não	-	-	-
O Brazil	1910	36	Não	-	-	-
O Brazil	1911	48	Não	-	-	-
O Brazil	1912	41	Não	-	-	-
O Brazil	1913	37	Não	-	-	-
O Brazil	1914	40	Não	-	-	-
O Brazil	1915	3	Não	-	-	-
O Brazil	1916	47	Não	-	-	-
O Brazil	1917	41	Não	-	-	-
O Brazil	1918	34	Não	-	-	-
O Brazil	1919	5	Não	-	-	-
O Brasil (mudou a grafia)	1920	39	Não	-	-	-
O Brasil	1921	50	Não	-	-	-
O Brasil	1922	44	Não	-	-	-
O Brasil	1923	50	Não	-	-	-
O Brasil	1924	42	Não	-	-	-
O Caxiense	1897	4	Não	-	-	-

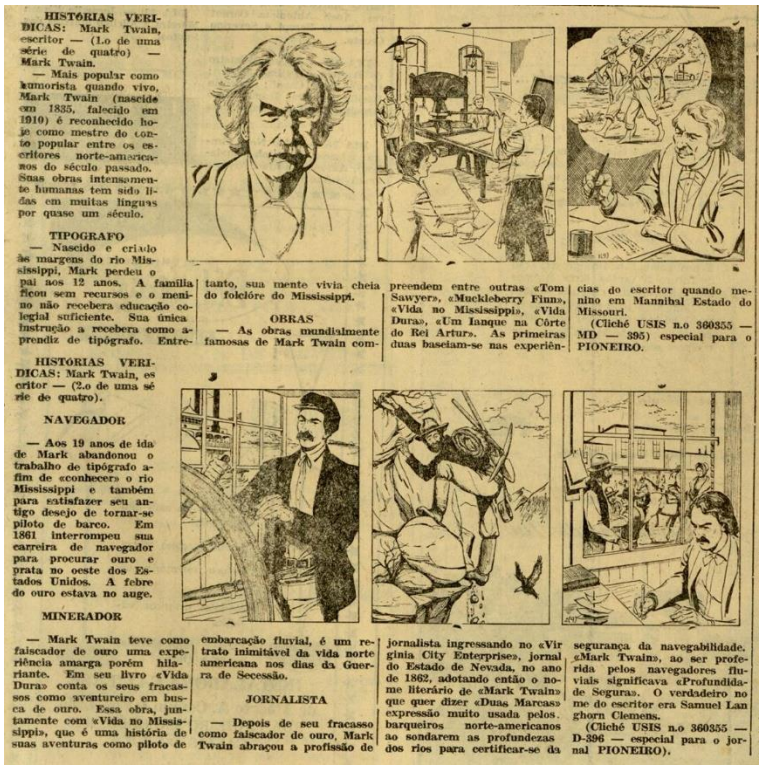
O Caxiense	1898	5	Não	-	-	-
O Cosmopolita	1902	21	Não	-	-	-
O Cosmopolita	1903	50	Não	-	-	-
O Cosmopolita	1904	46	Não	-	-	-
O Cosmopolita	1905	1	Não	-	-	-
O Cosmopolita	1907	1	Não	-	-	-
O Cosmopolita	1908	3	Não	-	-	-
O Debate Esportivo	1949	1	Não	-	-	-
O Democrata	1922	2	Não	-	-	-
O Democrata	1923	16	Não	-	-	-
O Estímulo	1916	6	Não	-	-	-
O Estímulo	1917	3	Não	-	-	-
O Estímulo	1918	2	Não	-	-	-
O Estudante	1954	3	Não	-	-	-
O Estudante	1955	7	Não	-	-	-
O Momento	1933	43	Não	-	-	-
O Momento	1934	52	Não	-	-	-
O Momento	1935	53	Não	-	-	-
O Momento	1936	50	Não	-	-	-
O Momento	1937	44	Não	-	-	-
O Momento	1938	52	Não	-	-	-
O Momento	1939	51	Não	-	-	-
O Momento	1940	53	Não	-	-	-
O Momento	1941	52	Não	-	-	-
O Momento	1942	51	Não	-	-	-
O Momento	1943	51	Não	-	-	-
O Momento	1944	52	Não	-	-	-
O Momento	1945	51	Não	-	-	-
O Momento	1946	51	Não	-	-	-
O Momento	1947	53	Não	-	-	-
O Momento	1948	51	Não	-	-	-
O Momento	1949	53	Não	-	-	-
O Momento	1950	52	Não	-	-	-
O Momento	1951	26	Não	-	-	-
O Pellegrino	1987	2	Não	-	-	-
O Pellegrino	1988	11	Sim	Maio, junho, julho, setembro, outubro, novembro	Quadrinhos	As aventuras de Prata, João Beto e Ximango
O Pellegrino	1989	3	Não	-	-	-
O Pellegrino	1990	1	Não	-	-	-
O Pellegrino	1991	2	Não	-	-	-
O Pellegrino	1992	12	Sim	Junho	Oficina Cultural	Tata e Lino
O Pellegrino	1993	11	Não	-	-	-
O Pellegrino	1994	12	Não	-	-	-
O Pellegrino	1995	27	Não	-	-	-
O Pellegrino	1996	52	Sim	Agosto	Cartum	Candido
O Pellegrino	1997	13	Não	-	-	-
O Pissilone	1931	1	Não	-	-	-
O Pissilone	1932	1	Não	-	-	-

O Pissilone	SEM DATA		Não	-	-	-
O Popular	1927	20	Não	-	-	-
O Popular	1928	4	Não	-	-	-
O Popular	1929	52	Não	-	-	-
O Popular	1930	39	Não	-	-	-
O Prático	1951	1	Não	-	-	-
O Regional	1926	4	Não	-	-	-
O Regional	1927	30	Não	-	-	-
O Regional	1928	40	Não	-	-	-
Panorama	1958	3	Não	-	-	-
Panorama	1959	17	Não	-	-	-
Panorama	1960	31	Não	-	-	-
Panorama	1961	19	Não	-	-	-
Panorama	1962	14	Não	-	-	-
Parnazo	1913	1	Não	-	-	-
Pioneiro	1948	9	Não	-	-	-
Pioneiro	1949	52	Não	-	-	-
Pioneiro	1950	71	Não	-	-	-
Pioneiro	1951	115	Sim	A partir de 04 de maio	-	Acácio o "me cansa"
Pioneiro	1952	50	Não	-	-	-
Pioneiro	1953	57	Não	-	-	-
Pioneiro	1954	52	Não	-	-	-
Pioneiro	1955	53	Não	-	-	-
Pioneiro	1956	55	Sim	Agosto/setembro/outubro	Histórias verídicas	Múltiplos
Pioneiro	1957	52	Sim	Vários	Histórias verídicas	Múltiplos
Pioneiro	1958	53	Sim	Vários	Histórias verídicas	Múltiplos
Pioneiro	1959	52	Sim	Vários	Histórias verídicas	Múltiplos
Pioneiro	1960	53	Não	-	-	-
Pioneiro	1961	54	Não	-	-	-
Pioneiro	1962	51	Não	-	-	-
Pioneiro	1963	52	Não	-	-	-
Pioneiro	1964	51	Não	-	-	-
Pioneiro	!965	51	Não	-	-	-
Pioneiro	1966	50	Não	-	-	-
Pioneiro	1967	50	Não	-	-	-
Pioneiro	1968	50	Não	-	-	-
Pioneiro	1969	3	Sim	Dezembro	Cebolinha	Cebolinha
Pioneiro	1970	52	Não	-	-	-
Pioneiro	1971	18	Sim	Janeiro	Um show de humor do Sampaulo	-
Pioneiro	1972	52	Sim	Setembro/outubro	Cebolinha / -	Cascão / -
Pioneiro	1973	52	Sim	Janeiro	Piteco	Piteco
Pioneiro	1974	53	Não	-	-	-
Pioneiro	1975	98	Sim	Vários	Pioneiro Infantil	Lucas / Grudi / Eusébio

Pioneiro	1976	99	Sim	Vários	Pioneiro Infantil	Lucas
Pioneiro	1977	103	Não	-	-	-
Pioneiro	1978	103	Não	-	-	-
Pioneiro	1979	103	Não	-	-	-
Pioneiro	1980	102	Não	-	-	-
Pioneiro	1981	230	Não	-	-	-
Pioneiro	1982	251	Não	-	-	-
Pioneiro	1983	250	Sim	A partir de abril - Sábados	Sete Dias	Radicci
Pioneiro	1984	251	Sim	Sábados	Sete Dias	Radicci / Geração Astral / Os Discocuecas
Pioneiro	1985	253	Sim	Sábados / Diário a partir de junho	Sete Dias / Movimento	Radicci / Geração Astral / Peão Gomercindo / Mortófilos / Ozóio / Rango / Pão e Água F.C. / Tibica
Pioneiro	1986	265	Sim	Diário	Sete Dias / Movimento	-
Pioneiro	1987	277	Sim	Diário	Sete Dias / Movimento	-
Pioneiro	1988	268	Sim	Segunda a sexta	Sete Dias	-

Pioneiro	1989	302	Sim	Segunda a sexta // PioneiriM aos sábados - outubro?	Sete Dias	-
Pioneiro	1990	302	Sim	Segunda a sexta // PioneiriM aos sábados	Sete Dias	-
Pioneiro	1991	307	Sim	Segunda a sexta	Sete Dias	-
Pioneiro	1992	302	Sim	Segunda a sexta	Sete Dias	-
Pioneiro	1993	308	Sim	Fim do ano	Sete Dias	-
Pioneiro	1994	310	Sim	Sábado e domingo (começo do ano)	PioneiriM	-
Pioneiro	1995	311	Sim	Segunda	Sete Dias	-
Pioneiro	1996	312	Sim	Diário	Sete Dias	-
Pioneiro	1997	311	Sim	Diário	Sete Dias	-
Pioneiro	1998	311	Sim	Diário	Sete Dias	-
Pioneiro	1999	311	Sim	Diário	Sete Dias	-
Pioneiro	2000	311	Sim	Diário	Sete Dias	-
Uno Fato	1997	1	Não	-	-	-
Uno Fato	1998	12	Não	-	-	-
Uno Fato	1999	17	Não	-	-	-
Uno Fato	2000	25	Não	-	-	-
Vida Esportiva	1954	7	Não	-	-	-
Vida Esportiva	1955	8	Não	-	-	-
Voz do Povo	1945	2	Não	-	-	-
Voz do Povo	1946	5	Não	-	-	-
Voz do Povo	1947	2	Não	-	-	-
Voz do Povo	1948	1	Não	-	-	-
Voz do Povo	1949	3	Não	-	-	-
Voz do Povo	1950	1	Não	-	-	-
Voz do Povo	1951	3	Não	-	-	-
Voz do Povo	1953	3	Não	-	-	-

ANEXO A – BIOGRAFIA DE MARK TWAIN EM QUADRINHOS



HISTÓRIAS VERIDICAS: Mark Twain, escritor — (1.o de uma série de quatro) — Mark Twain.

— Mais popular como humorista quando vivo, Mark Twain (nascido em 1835, falecido em 1910) é reconhecido hoje como mestre do conto popular entre os escritores norte-americanos do século passado. Suas obras intensamente humanas tem sido lidas em muitas línguas por quase um século.

TIPOGRAFO

— Nascido e criado às margens do rio Mississippi, Mark perdeu o pai aos 12 anos. A família ficou sem recursos e o menino não recebera educação colegial suficiente. Sua única instrução a recebera como aprendiz de tipógrafo. Entretanto, sua mente vivia cheia do folclóre do Mississippi.

OBRAS

— As obras mundialmente famosas de Mark Twain compreendem entre outras «Tom Sawyer», «Huckleberry Finn», «Vida no Mississippi», «Vida Dura», «Um Ianque na Côrte do Rei Artur». As primeiras duas baseiam-se nas experiências do escritor quando menino em Mannibal Estado do Missouri.

(Cliché USIS n.o 360355 — MD — 395) especial para o PIONEIRO.

HISTÓRIAS VERIDICAS: Mark Twain, escritor — (2.o de uma série de quatro).

NAVEGADOR

— Aos 19 anos de ida de Mark abandonou o trabalho de tipógrafo afim de econhecer o rio Mississippi e também para satisfazer seu antigo desejo de tornar-se piloto de barco. Em 1861 interrompeu sua carreira de navegador para procurar ouro e prata no oeste dos Estados Unidos. A febre do ouro estava no auge.

MINERADOR

— Mark Twain teve como faiscador de ouro uma experiência amarga porém hilariante. Em seu livro «Vida Dura» conta os seus fracassos como aventureiro em busca de ouro. Essa obra, juntamente com «Vida no Mississippi», que é uma história de suas aventuras como piloto de embarcação fluvial, é um retrato inimitável da vida norte americana nos dias da Guerra de Secessão.

JORNALISTA

— Depois de seu fracasso como faiscador de ouro, Mark Twain abraçou a profissão de jornalista ingressando no «Virginia City Enterprise», jornal do Estado de Nevada, no ano de 1862, adotando então o nome literário de «Mark Twain» que quer dizer «Duas Marcas» expressão muito usada pelos barqueiros norte-americanos ao sondarem as profundezas dos rios para certificar-se da segurança da navegabilidade. «Mark Twain», ao ser proferida pelos navegadores fluviais significava «Profundidade Segura». O verdadeiro nome do escritor era Samuel Langhorn Clemens.

(Cliché USIS n.o 360355 — D-396 — especial para o jornal PIONEIRO).

Fonte: PIONEIRO, 25/08/1956, p. 05.

HISTÓRIAS VERIDICAS: Mark Twain, escritor — (3.o de uma série de quatro).

O SAPO PULADOR

Com a publicação de seu ensaio «O Famoso Sapo Pulador do Condado de Calaveras» Mark Twain tornou-se famoso da noite para o dia. Em breve era o escritor mais lido em todos os Estados Unidos, e citado em todo o mundo. Suas obras estavam impregnadas do amor pelo homem do povo.

TOM SAWYER

— Em 1875 Mark Twain escreveu «A Aventuras de Tom Sawyer», uma história da sua meninice, sendo os seus companheiros de escola, de brincadeiras e vizinhos os personagens dêsse livro. Tom e seu companheiro de infortúnio, Huckleberry Finn, estavam sempre prontos para uma aventura assim como gostavam de pregar uma peça ou escandalizar e mesmo assustar os moradores da pacata vila à beira do rio.

CLASSICO

Tom Sawyer tornou-se um dos personagens mais interessantes, atraentes e simpáticos das obras de ficção norte-americanas. A maneira como êle conseguiu que seus companheiros caiassem para êle a cêrca da casa de sua tia é um capitulo clássico de humorismo e esperteza. Embora pretendes se divertir os leitores com esta obra, Mark Twain através dela revela ser um profundo conhecedor na natureza humana. (Cliché USIS n.o 360355 — D-397).

HISTÓRIAS VERIDICAS: Mark Twain, escritor — (último duma série de 4).

HUCKLEBERRY FINN

«As Aventuras de Huckleberry Finn», uma sequência de «Tom Sawyer», é considerada a obra-prima de Mark Twain. Huckleberry Finn um menino sem lar, sem escola, sem trabalho, juntamente com seu fiél amigo, o negro Jim, dava a vida para vaguear a tôda de jangada pelo rio Mississippi, pescando, nadando e procurando toda a sorte de aventuras.

UM IANQUE NA CORTE DO REI ARTUR

«Em 1880 Mark Twain escreveu «Um Ianque na Côrte do Rei Artur», uma sátira que relata as aventuras de um norte-americano do século dezenove que cai num profundo sono e sonha estar na côrte do célebre Rei Artur e dos nobres cavaleiros da Távola Redonda, da época medieval. Suas experiências num tempo recuado da história do mundo são as mais desconcertantes e também as mais hilariantes. Ele intriga e assombra os súditos do Rei Artur com seus hábitos estranhos e com seus conhecimentos sôbre as modernas invenções do século XIX.

TEATRO

— Os livros de Mark Twain tem sido aproveitados pelo teatro e pelo cinema e contam-se entre milhões os espectadores em todo o mundo que já assistiram às peças e filmes baseados nos escritos do querido escritor norte-americano. O falecido Will Rogers, famoso humorista americano, fez o papel do Ianque na Côrte do Rei Artur num filme que fez sucesso na década de 1930. Sendo um escritor do povo e voltado para o povo, as obras profundamente humanas Mark Twain viverão para sempre. — FIM.»

(Cliché USIS n.o 360355 — D-398 — especial para o jornal PIONEIRO).

Fonte: PIONEIRO, 01/09/1956, p. 10.

ANEXO B – BIOGRAFIA DE DWIGHT EISENHOWER EM QUADRINHOS

HISTÓRIAS VERÍDICAS: A Vida de Eisen hower
(1.º e 2.º de uma série de 8)

O PRESIDENTE EISENHOWER

— Em 6 de novembro de 1956, o povo norte-americano Dwight David Eisenhower para presidente dos Estados Unidos pela segunda vez. A eleição para a chefia do executivo estadunidense é a mais alta honra que os cidadãos norte-americano spodem conferir a qualquer de seus compatriotas.

CARREIRAS

— Dwigth Eisenhower foi eleito presidente dos Estados Unidos pela primeira vez em 1952 após uma brilhante carreira como saldado e educador. Após prestar seus serviços militares à pátria, Eisenhower tornou-se presidente da prestigiosa Universidade de Columbia de Nova York.

Cleché USIS especial para o PIONEIRO.

NATO (OTAN)

— Desde o término da segunda guerra mundial a agressividade soviética tem ameaçado o mundo livre, em virtude do que Eisenhower foi novamente chamado para forjar e comandar a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), uma arma poderosa das nações democráticas organizadas para deter o avanço dos comunistas.

SOLDADO

— Durante a segunda grande guerra, Eisenhower exerceu o posto de supremo comandante das forças aliadas na Europa, as quais frustraram o desejo nazista de conquista do mundo. Sua grande habilidade na ciência guerreira levou o general Eisenhower a apreciar e enobrecer a arte da paz.

Cleché USIS especial para o PIONEIRO.

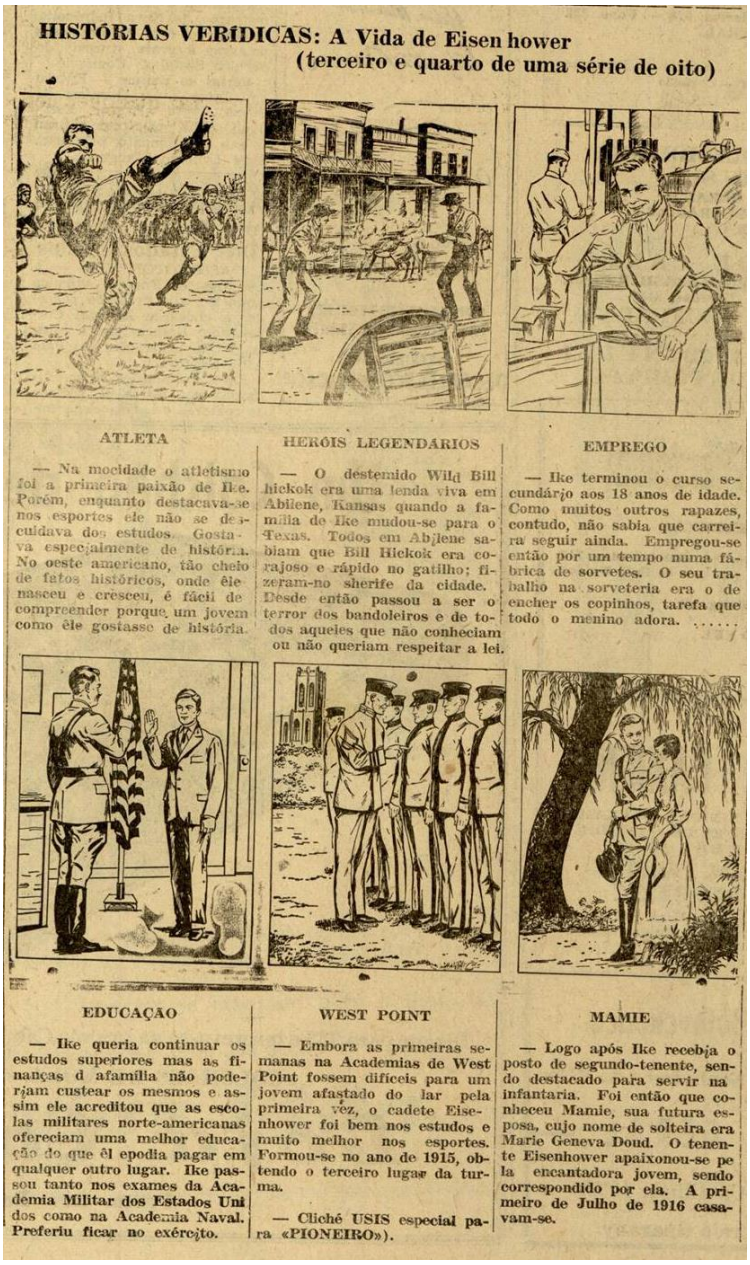
DEDICADO

— O presidente Eisenhower é uma pessoa profundamente humanitária. Ele não pode ver nem admitir o sofrimento humano. Dedicou sua carreira às tarefas da paz e da liberdade — obtidas com honra e não por contemporização. Paz, prosperidade e progresso são os objetivos principais de sua administração.

FAMILIA

— Dwigth Eisenhower, ou «Ike», como é popularmente chamado, nasceu em 1890 na cidade de Denison, Estado do Texas ,sendo o terceiro de uma família de sete irmãos. Seus pais eram profundamente religiosos, simples ,econômicos e trabalhadores. Imprimiram na educação de seus filhos o sentido da dignidade, da independência e da igualdade do homem.

Fonte: PIONEIRO, 09/03/1957, p. 05.



HISTÓRIAS VERÍDICAS: A Vida de Eisen hower
(terceiro e quarto de uma série de oito)

ATLETA

— Na mocidade o atletismo foi a primeira paixão de Ike. Porém, enquanto destacava-se nos esportes ele não se descuidava dos estudos. Gostava especialmente de história. No oeste americano, tão cheio de fatos históricos, onde êle nasceu e cresceu, é fácil de compreender porque um jovem como êle gostasse de história.

HERÓIS LEGENDÁRIOS

— O destemido Wild Bill Hickok era uma lenda viva em Abilene, Kansas quando a família de Ike mudou-se para o Texas. Todos em Abilene sabiam que Bill Hickok era corajoso e rápido no gatilho; fizeram-no sherife da cidade. Desde então passou a ser o terror dos bandoleiros e de todos aqueles que não conheciam ou não queriam respeitar a lei.

EMPREGO

— Ike terminou o curso secundário aos 18 anos de idade. Como muitos outros rapazes, contudo, não sabia que carreira seguir ainda. Empregou-se então por um tempo numa fábrica de sorvetes. O seu trabalho na sorveteria era o de encher os copinhos, tarefa que todo o menino adora. .....

EDUCAÇÃO

— Ike queria continuar os estudos superiores mas as finanças d afamília não poderiam custear os mesmos e assim ele acreditou que as escolas militares norte-americanas ofereciam uma melhor educação do que êl epodia pagar em qualquer outro lugar. Ike passou tanto nos exames da Academia Militar dos Estados Unidos como na Academia Naval. Preferiu ficar no exército.

WEST POINT

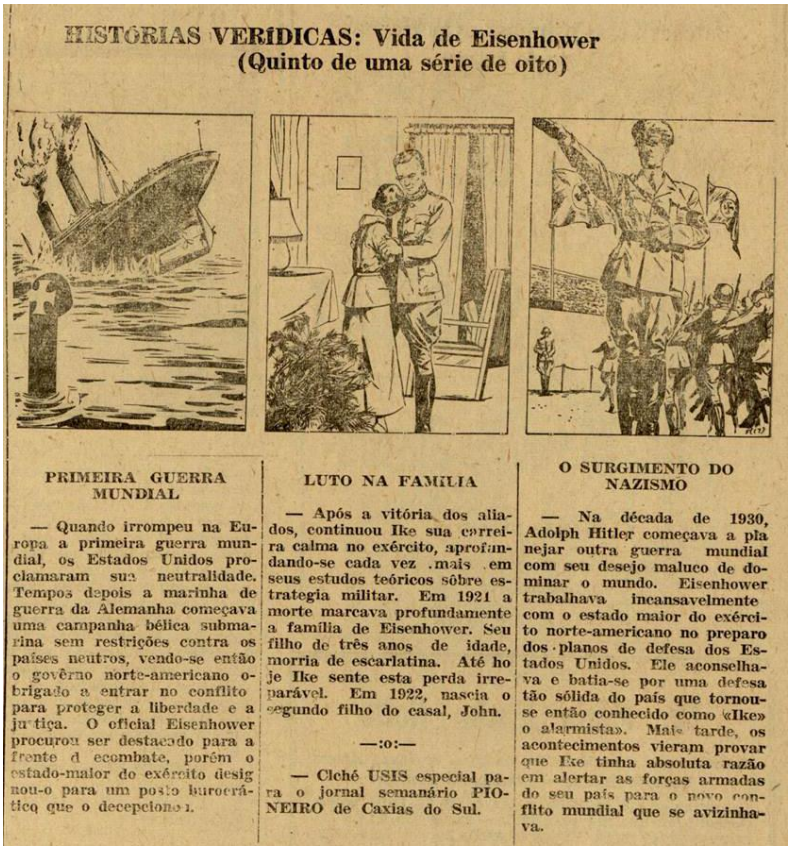
— Embora as primeiras semanas na Academias de West Point fossem difíceis para um jovem afastado do lar pela primeira vez, o cadete Eisenhower foi bem nos estudos e muito melhor nos esportes. Formou-se no ano de 1915, obtendo o terceiro lugar da turma.

— Cliché USIS especial para «PIONEIRO»).

MAMIE

— Logo após Ike recebia o posto de segundo-tenente, sendo destacado para servir na infantaria. Foi então que conheceu Mamie, sua futura esposa, cujo nome de solteira era Marie Geneva Doud. O tenente Eisenhower apaixonou-se pela encantadora jovem, sendo correspondido por ela. A primeiro de Julho de 1916 casaram-se.

Fonte: PIONEIRO, 16/03/1957, p. 05.



HISTÓRIAS VERÍDICAS: Vida de Eisenhower
(Quinto de uma série de oito)

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

— Quando irrompeu na Europa a primeira guerra mundial, os Estados Unidos proclamaram sua neutralidade. Tempos depois a marinha de guerra da Alemanha começava uma campanha bélica submarina sem restrições contra os países neutros, vendo-se então o govêrno norte-americano obrigado a entrar no conflito para proteger a liberdade e a justiça. O oficial Eisenhower procurou ser destacado para a frente de ecombate, porém o estado-maior do exército designou-o para um posto burocrático que o decepcionou.

LUTO NA FAMÍLIA

— Após a vitória dos aliados, continuou Ike sua carreira calma no exército, aprofundando-se cada vez mais em seus estudos teóricos sôbre estrategia militar. Em 1921 a morte marcava profundamente a família de Eisenhower. Seu filho de três anos de idade, morria de escarlatina. Até hoje Ike sente esta perda irreparável. Em 1922, nascia o segundo filho do casal, John.

—:o:—

— Cliché USIS especial para o jornal semanário PIONEIRO de Caxias do Sul.

O SURGIMENTO DO NAZISMO

— Na década de 1930, Adolph Hitler começava a planejar outra guerra mundial com seu desejo maluco de dominar o mundo. Eisenhower trabalhava incansavelmente com o estado maior do exército norte-americano no preparo dos planos de defesa dos Estados Unidos. Ele aconselhava e batia-se por uma defesa tão sólida do país que tornou-se então conhecido como «Ike» o alarmista». Mais tarde, os acontecimentos vieram provar que Ike tinha absoluta razão em alertar as forças armadas do seu país para o novo conflito mundial que se avizinhava.

Fonte: PIONEIRO, 30/03/1957, p. 07.

HISTÓRIAS VERIDICAS: Vida de Eisenhower
(sexto de uma série de oito)

CAMPANHA DA AFRICA

— A despeito dos revéses dos exércitos aliados, Ike planejou a invasão da Africa do Norte, onde as fôrças do general alemão Rommel dominavam violentamente. E quando o general inglês Montgomery venceu a batalha de El Alamein, no deserto africado, Eisenhower aproveitou-se da oportunidade para atacar também enquanto Romme lestava comprometido com a batalha contra os ingleses. Eisenhowlhas, conseguia libertar a Africa da ameaça do Eixo.

IKE NO COMANDO

— A esperança de Ike de participar pesosalmente do conflito parecia diminuta, pois seu gênio como organizador e estrategista miiitar tornavam-no pessoa indispensável junto ao alto comando norte-americano em Washington. Entretanto, em 1942 quando as coisas estavam correndo mal para os aliados, Ike foi designado para o comando das fôrças norte americanas no teatro de guerra europeu.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

— Em 1939 os exércitos nazi-fascistas quebraram a paz mundial. Ike comeou a trabalhar noite e dia num esfôrço gigantesco para rearmar a América ,antes que o país fôsse envolvido no conflito. Então, num domingo de Dezembro do ano de 1941, os japoneses atacaram Pearl Harbor, possessão norte-americana situada no Oceano Pacífico, obrigando assim os Estados Unidos a entrar na guerra.

Fonte: PIONEIRO, 30/03/1957, p. 14.

HISTÓRIAS VERÍDICAS: A Vida de Eisenhower
(sétimo e oitavo de uma série de oito)

COMANDANTE SUPREMO

— Ike então tornava-se Comandante Supremo dos exércitos aliados na Europa, ordenando a invasão em massa das práias da Normandia, na França, no dia 6 de Junho de 1944. A veloz ofensiva aliada no continente europeu levou os exércitos nazistas de roldão até Berlim e Hitler foi riscado da face da Terra. A paz mundial voltára.

Cliché USIS especial para o jornal «PIONEIRO».

UNIVERSIDADE DE COLUMBIA

— Com o mundo novamente vivendo em uma atmosfera de paz, Ike dedicou-se a uma outra carreira: a da educação. Foi nomeado presidente da Universidade de Columbia, uma das mais proeminentes dos Estados Unidos, e ali êle acreditou. Contudo, a tensão criada pelas ameaças e agressões comunistas em várias partes do mundo não o deixaram trabalhar em paz na sua missão de educador. Em 1950 foi chamado a organizar a OTAN

CANDIDATO A' PRESIDÊNCIA

— Quando Eisenhower completou a tarefa da NATO, o povo dos Estados Unidos viu nele um valioso dirigente do país. Aceitando a candidatura, era eleito pela primeira vez Presidente dos Estados Unidos em 1952. Ike é assim a personificação viva do que um cidadão livre pode fazer e vir a ser em uma democracia.

—:o:—

(Organização Defensiva do Tratado de Atlântico Norte).

MISSÃO DE PAZ

— Durante o seu primeiro têrmo presidêncial, Eisenhower trabalhou contínuamente pela causa da paz. As hostilidades na Coréia terminaram com a sua intervenão. Em 1953 apresentou seu famoso programa de «átomos para a paz». Em 1955 ,na Conferência de Genebra, apresentou seu plano de «Céus Abertos», isto é, inspeção aérea mútua entre as grandes potências com a finalidade de evitar a corrida armamentista e garantir a paz através da confiança recíproca.

OPOSIÇÃO COMUNISTA

— Os esforços de Eisenhower em prol da paz mundial foram dificultados e bloqueados pelos propósitos imperialistas da União Soviética. Viram-se então os Estados Unidos e os seus aliados obrigados a manter a sua enorme fôrça armada em prontidão afim de garantir a existência do Mundo Livre.

—:o:—

Cliché USI Sespecial para o jornal «PIONEIRO».

NOVAMENTE PRESIDENTE

— Ao início do seu segundo têrmo como presidente dos Estados Unidos, Ike surge aos olhos do mundo como um grande soldado, humanitário e, acima de tudo, defensor da paz. Ele deseja ardentemente a paz não só para o seu próprio país como para toda a humanidade.

—:o:—

— F I M —

Fonte: PIONEIRO, 06/04/1957, p. 05.

ANEXO C – *ZÉ CAIPIRA*

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 19/11/1958, p. 08.

12) Partiu e foi à cidade a fim de verificar o que havia de verdade em tudo aquilo que aquêles "camaradas" lhe haviam contado...

13) Cartazes e folhetos avulsos por tôda a parte. Era campanha eleitoral...

14) Diversos agitadores a sujar os muros com semelhantes dizeres...

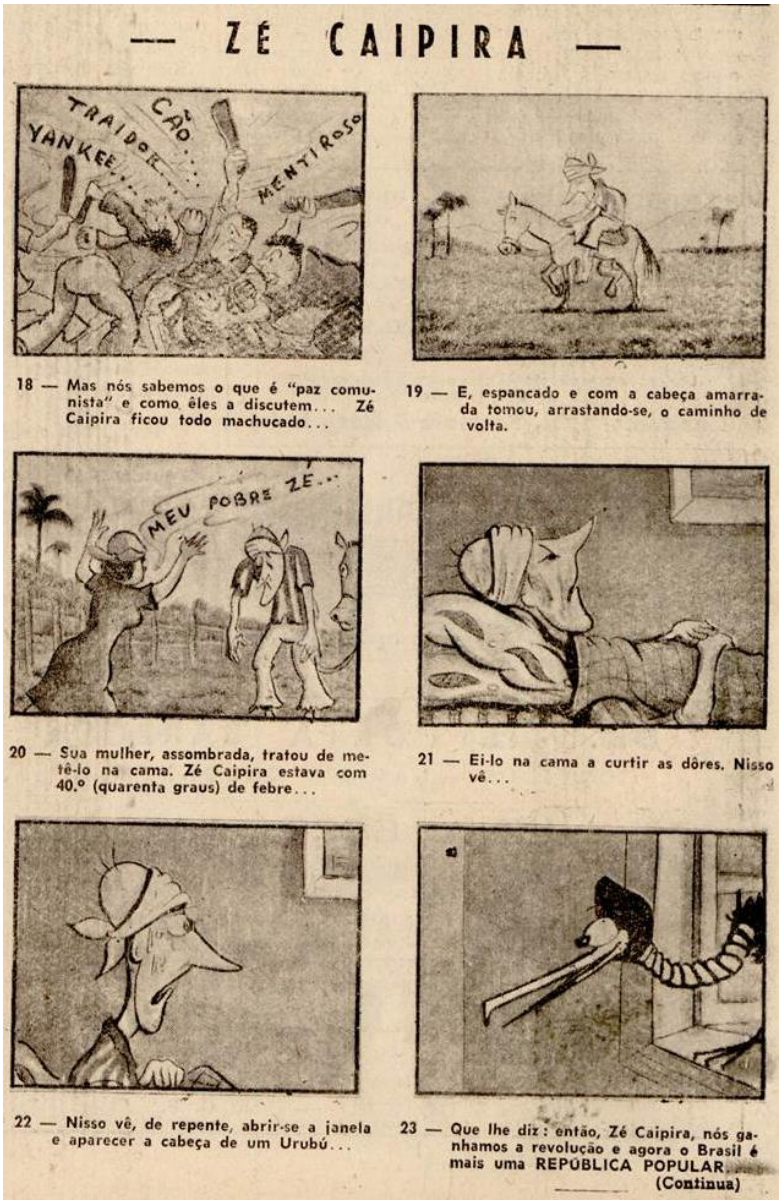
15) Aí está o intrigante... a falar asneiras... E o Zé a ouvir...

16) Zé Caipira encontrou-se com uma multidão de "entendidos" que discutiam o assunto e principalmente a expôr seus conhecimentos sôbre o problema.

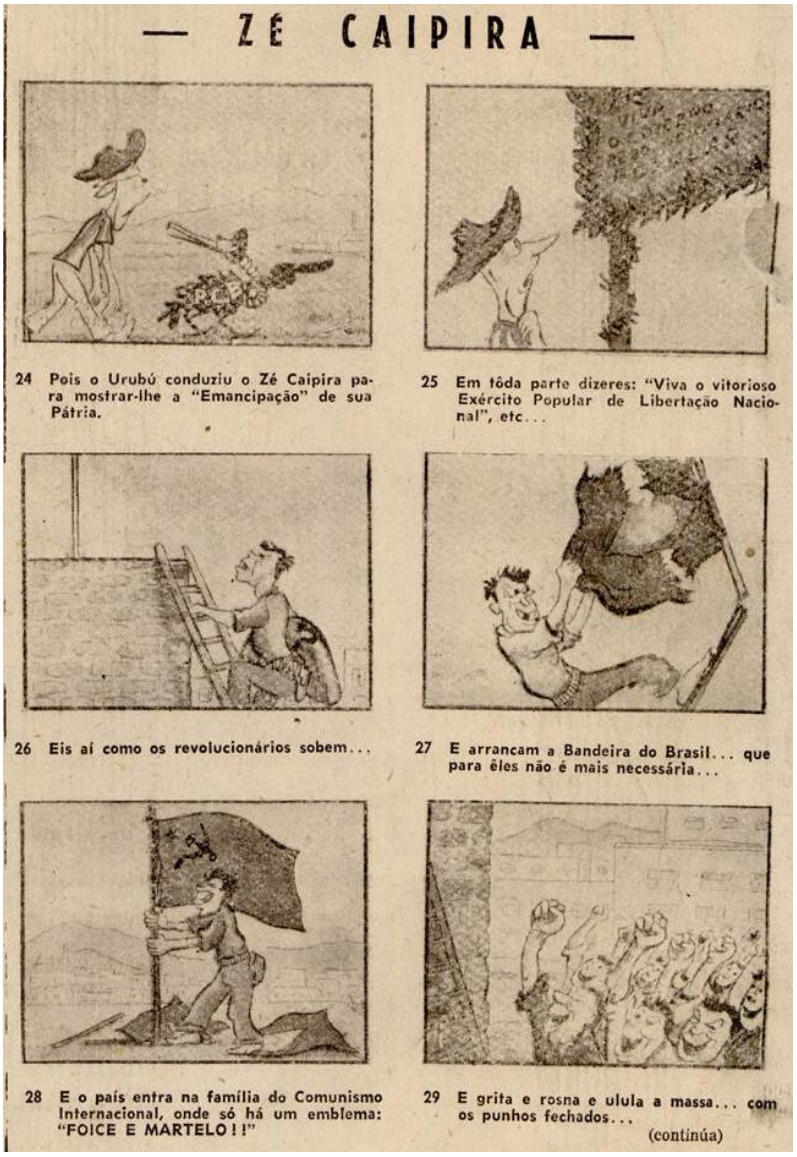
17) Zé Caipira quer maiores explicações dos "esclarecidos"... E caiu na discussão... Pra que!...

(Continua)

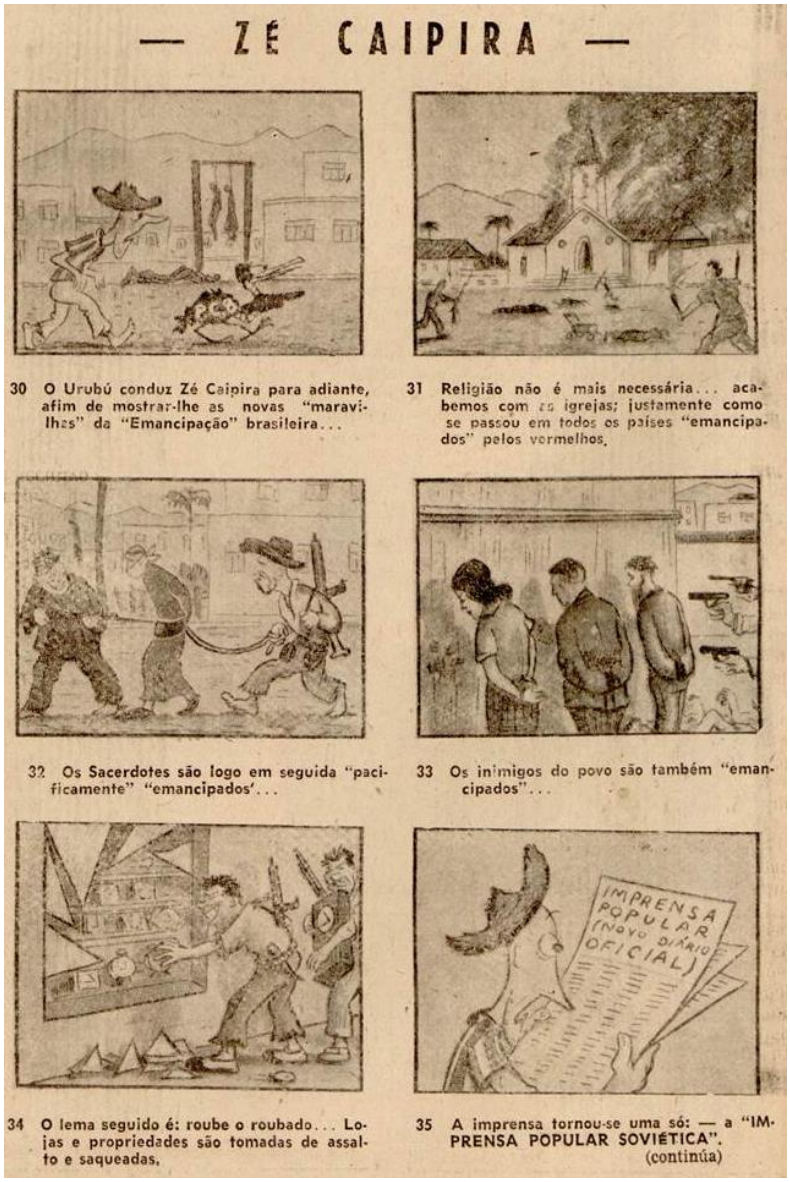
Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 10/12/1958, p. 08.



Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 17/12/1958, p. 08.

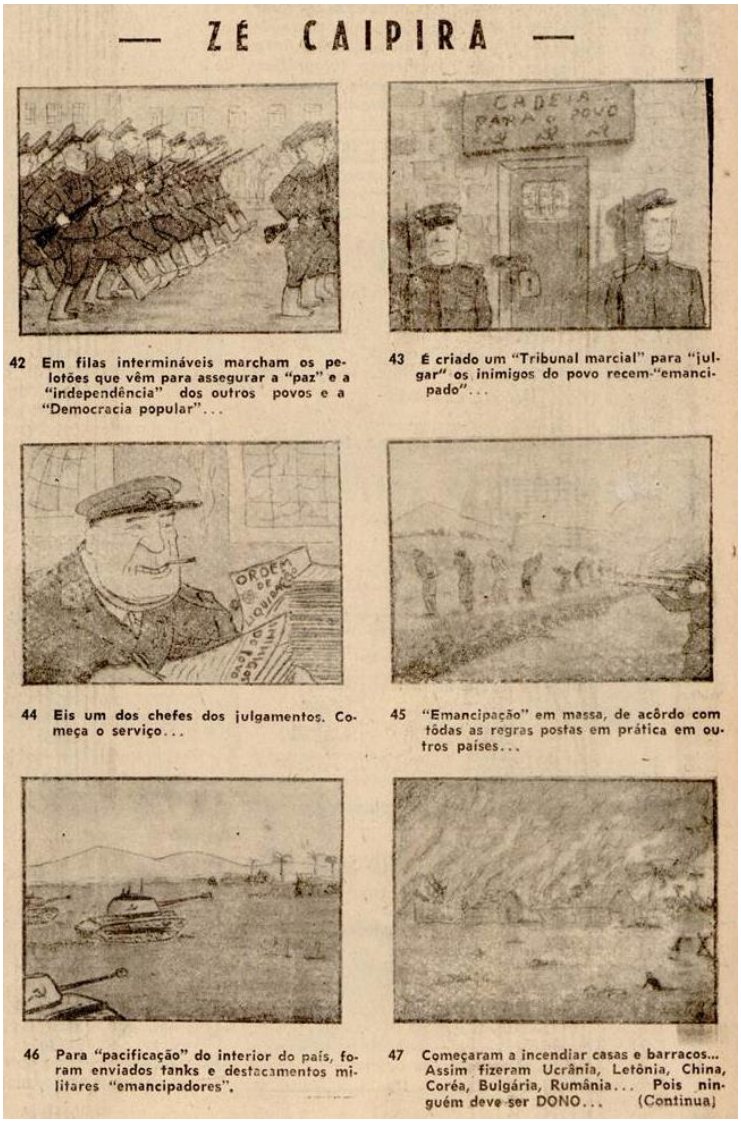


Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 24/12/1958, p. 08.



Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 07/01/1959, p. 08.

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 14/01/1959, p. 08.



Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 21/01/1959, p. 08.

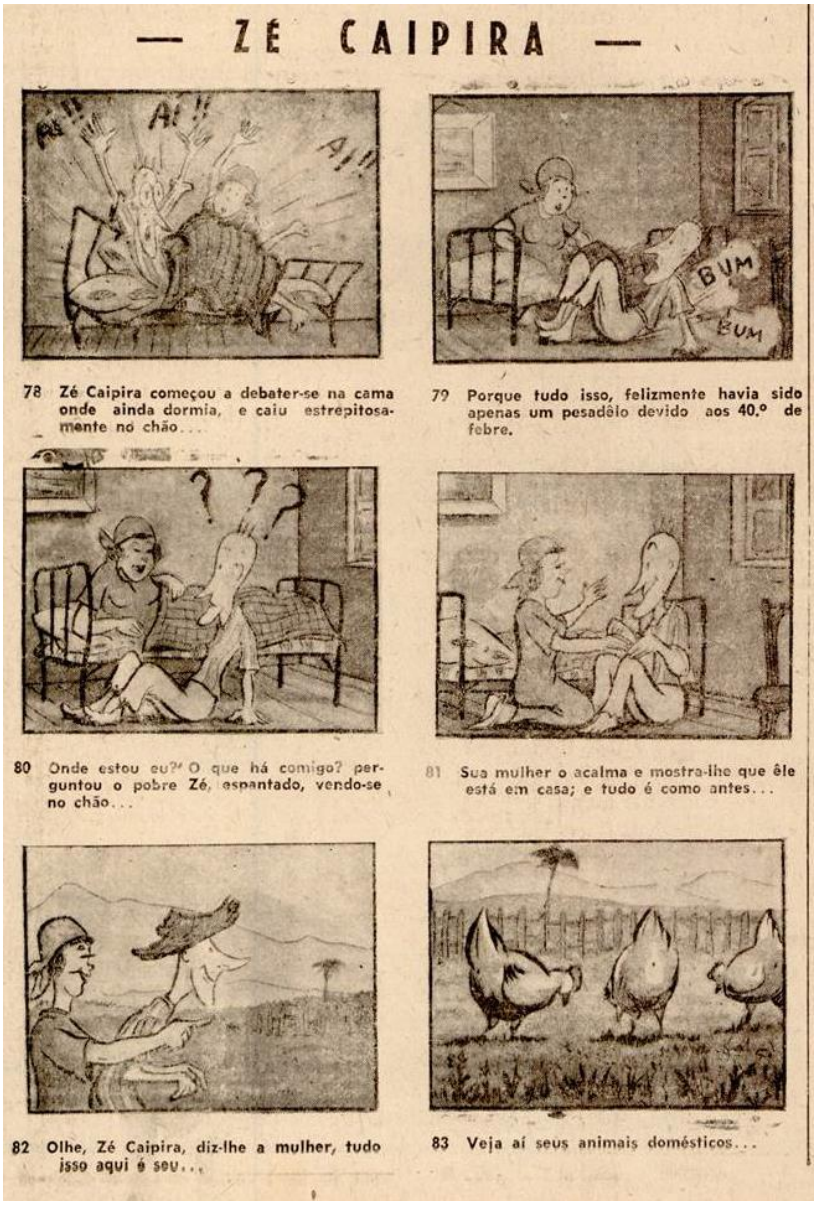
Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 28/01/1959, p. 08.

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 04/02/1959, p. 08.

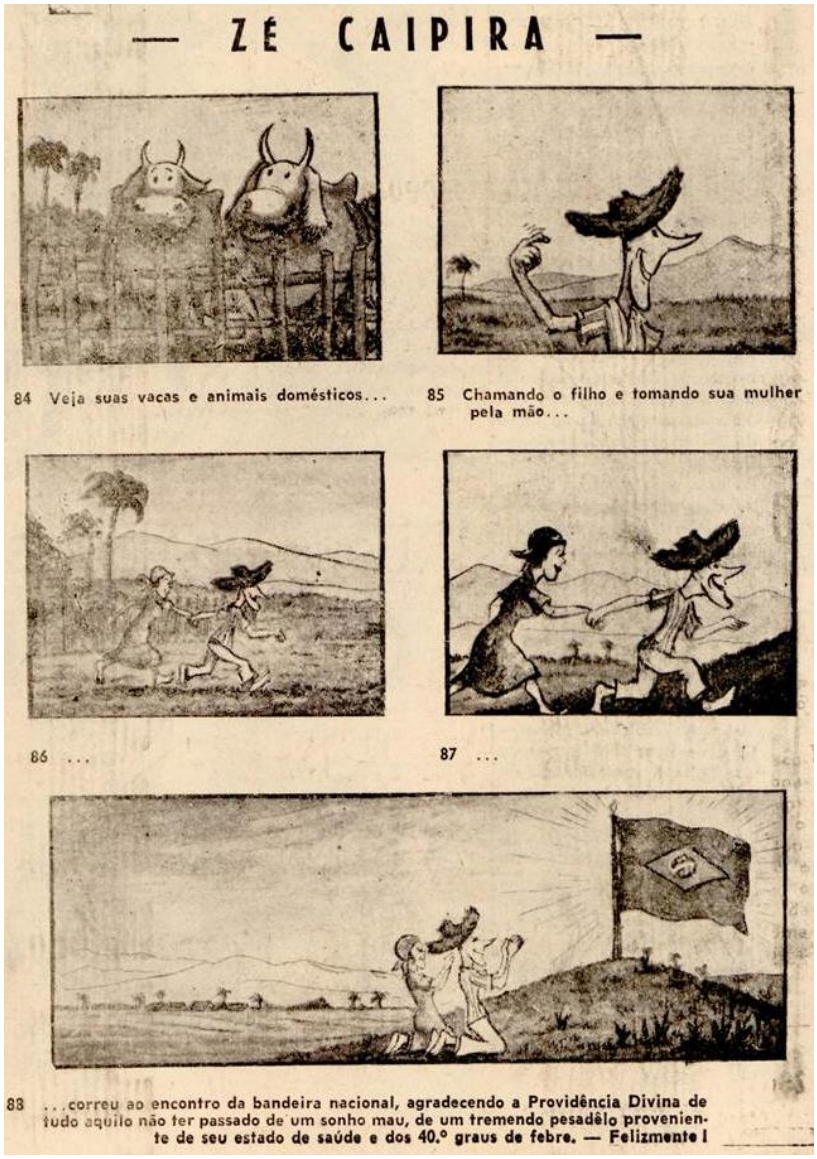
Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 18/02/1959, p. 08.

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 04/03/1959, p. 08.

Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 18/03/1959, p. 08.



Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 25/03/1959, p. 08.



Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE, 15/04/1959, p. 08.